

O OUTRO LADO DO EVANGELHO



ALEXSANDER OLIVEIRA

O outro lado do evangelho

*Comentários de Alexander Oliveira acerca de diversas questões
relacionadas às Sagradas Escrituras*

O outro lado do evangelho

Título original: *O outro lado do Evangelho*

Autor: *Alexsander Joaquim de Oliveira*

Ano de publicação: *2020*

Escrita, revisão e formatação: *Alexsander Joaquim de Oliveira*

Disponível em: professoralexanderol.blogspot.com

É PROIBIDA a reprodução, para fins comerciais, desta obra. É PERMITIDA e INCENTIVADA a reprodução e a distribuição, desta obra, somente de forma gratuita, sem modificações e desde que a fonte desta tradução seja citada (Art. 46, inc. III da lei nº 9.610, de 19/02/1998).

Referência bibliográfica desta tradução: OLIVEIRA, Alexsander Joaquim. **O outro lado do evangelho**. 2020. Disponível em: professoralexanderol.blogspot.com

ATENÇÃO!

ESTE e-book É INDICADO PARA TODOS AQUELES QUE SE CONSIDERAM CRISTÃOS E QUE ESTÃO ABERTOS PARA NOVOS APRENDIZADOS. SE VOCÊ NÃO SE ENCAIXA NESTE PERFIL, PARE A LEITURA POR AQUI MESMO.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão ao Pai Celestial, o Criador dos Céus e da terra. Graças a Ele pude escrever mais um *e-book*. O primeiro, *O que estão fazendo com a Educação?*, e agora esta obra intitulada *O outro lado do evangelho*, cujo objetivo é compartilhar as verdades das Sagradas Escrituras e do evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Agradeço à minha esposa, Marli Silva, minha companheira de todos os momentos e aos nossos lindos e preciosos filhos: Joabe e César. Minha família é minha inspiração.

Ao meu conterrâneo, irmão Edimilson Silva, por meio do qual fui informado e passei a conhecer a visão escatológica preterista. Depois de mais de uma década “preso” aos conceitos do *dispensacionalismo*, pude, em fim, pelo preterismo, compreender a escatologia bíblica condizente com a Palavra de Deus e a maneira correta de interpretar a mesma.

Ao irmão César Francisco Raymundo. Mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, posso dizer que é um amigo. Trata-se de um estudioso das Escrituras que sempre nos ajuda diante de dúvidas que surgem, principalmente, no que diz respeito ao *preterismo*. É editor da *Revista Cristã Última Chamada*, o maior e mais confiável portal escatológico na internet.

A todos aqueles que sempre me incentivam em meus escritos e a você, querido leitor, pelo voto de confiança. Peço-lhe que leia, releia, analise e tire suas conclusões a partir de tudo que estarei expondo por meio deste material.

Sumário

INTRODUÇÃO	6
Comentário 1 – <i>A bíblia</i>	9
Comentário 2 – <i>Evangelho Humanista</i>	15
Comentário 3 – <i>Igreja</i>	26
Comentário 4 – <i>Religião x Evangelho</i>	35
Comentário 5 – <i>Os males da Confissão Positiva</i>	51
Comentário 6 – <i>Salvação</i>	56
Comentário 7 – <i>“Teologia” da Prosperidade</i>	61
Comentário 8 – <i>Superstição e Misticismo</i>	64
Comentário 9 – <i>Desigrejados</i>	72
Comentário 10 – <i>Esclarecimentos sobre a Segunda Vinda de Cristo</i>	80
Comentário 11 – <i>Assuntos diversos</i>	88
Comentário 12 – <i>Uso de termos inapropriados</i>	125
Comentário 13 – <i>Dízimos</i>	165
Comentário 14 – <i>Legalismo</i>	177
Comentário 15 – <i>Marxismo “cristão”</i>	180
Comentário 16 – <i>Esperança do cristão: arrebatamento? Não, a ressurreição!</i>	185
Comentário 17 - <i>“Rasgando” o Antigo Testamento</i>	190
Comentário Final - <i>Palavra do autor</i>	192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196
SOBRE O AUTOR	197

Introdução

“Se a suprema alegria de um professor é a de poder abrir a seus alunos um amplo horizonte maior que a circunferência de um prato de lentilhas, a do organizador de sua obra é torná-la ainda mais atraente e acessível ao grande público, em prol da formação de uma elite pensante”. (Olavo de Carvalho)

A ideia de escrever algo com o propósito de trazer esclarecimentos a respeito de determinados textos e assuntos da *Palavra de Deus* que são muito mal interpretados pela religião, surgiu há cerca de uns três anos.

Fui alcançado por Cristo lá no início dos anos 2000. Desde então, fiz um compromisso de levar uma vida pautada na fé em Jesus, o Filho de Deus, nosso Salvador, contudo, confesso que durante muito tempo vivi muito mais como um religioso do que como um servo livre. Ao longo desse período, aprendi a maioria das coisas de forma distorcida, uma concepção totalmente desvinculada das Sagradas Escrituras sobre o que vem a ser fazer a vontade de Deus, fazer a obra de Deus, andar pela fé, ser obediente à Palavra, entre outras questões relacionadas ao evangelho de Jesus Cristo.

Não vou de forma alguma generalizar, mas, em boa parte das instituições religiosas que se denominam cristãs, seja católica ou igrejas evangélicas, a bíblia é bastante deturpada. Os ensinamentos de seus líderes não têm como foco o amor, que é a essência do evangelho de nosso Senhor Jesus, mas, uma enormidade de regras a serem cumpridas para se alcançar o favor de Deus, algo do tipo ‘*fazer para merecer*’, o que não tem amparo na Palavra de Deus e não condiz com o propósito do evangelho.

Entendo que alguns líderes religiosos são muito bem intencionados, amantes da Palavra e homens tementes a Deus, todavia, ainda assim acabam transmitindo aos membros de suas instituições as normas que recebem de seus superiores (presidentes de convenções, por exemplo) e, tais regulamentações não encontram respaldo nas Escrituras, além de se tornar um grande fardo para os fiéis.

Por mais que um líder religioso deva ser respeitado (muitos, em minha opinião, principalmente os famosos da TV, não são dignos de nenhum respeito), toda e qualquer pessoa é livre para questionar aquilo que lhe é ensinado. O Senhor Jesus e os apóstolos orientaram a análise de todo tipo de “comida” que nos é oferecida. E é aqui que me deparo com um grande problema, se não o maior no tocante às igrejas que se denominam cristãs em nosso país: a maioria das pessoas não conhecem a bíblia! Gosta de recitar versículos isolados para justificar

suas credences e aceita tudo que recebe de seus líderes como verdade absoluta, todavia, não questiona, não estuda, não examina. Confia cegamente no que é dito pelos “ungidos do Senhor”.

Como disse lá no início, durante muito tempo, mesmo acreditando estar agradando a Deus com minha maneira de “fazer a obra”, eu descobri que não estava passando de um mero religioso e ignorante e, foi justamente depois de começar a questionar muita coisa e estudar com mais afinco a Palavra, que passei a entender o que é a *graça salvífica* de nosso Senhor Jesus, os *pilares do evangelho* e descobri que o ‘fazer para merecer’ é antibíblico! E é isso que desejo compartilhar com os amados leitores.

O outro lado do evangelho se ampara na *sã doutrina* ou *doutrina de Cristo e dos apóstolos*; não se trata daquilo que ‘eu acho’, mas, se propõe a esclarecer pontos mal interpretados, conforme já dito. Sugiro a você que leia esse e-book *tendo uma bíblia ao lado* para fazer a análise dos textos que serão citados para embasamento.

O outro lado do evangelho não tem por objetivo atacar instituições evangélicas ou católicas, até porque, sou membro de uma igreja evangélica; apenas ressaltar que os rótulos não são importantes e, infelizmente, muitas pessoas os colocam acima do próprio evangelho. Também não é propósito do livro defender ou propagar qualquer doutrina que seja. Não faz sentido levantar “bandeiras”: tradicional, arminiano, pentecostal ou calvinista. Tal ideia não é agradável aos olhos do Senhor. O necessário e suficiente é a pessoa se posicionar como cristão e, caso tenha que defender algo, que seja *a doutrina de Cristo e dos apóstolos*. Cabe, entretanto, observar que, dentre muitas das visões apresentadas pelo sistema religioso, há algumas que são mais consistentes e se aproximam do padrão bíblico, ainda que, não em sua inteireza.

Por fim, *O outro lado do evangelho* recebeu esse nome no intuito de realçar a ideia de que há algo ainda não descoberto por muitos cristãos, algo não percebido por falta de maior dedicação na análise das Escrituras. Chegou o momento de mudar isso e conhecer o “outro lado” do evangelho.

A inspiração para a escrita de *O outro lado do evangelho* se fundamenta no exame de passagens das Escrituras que considero primordiais para nosso entendimento de que o evangelho do Senhor Jesus consiste em algo extremamente simples, não necessitando que pratiquemos rituais, liturgias ou atividades que tenham como objetivo alcançarmos o favor de Deus e a salvação, até porque, tais coisas não são obtidas mediante sacrifícios, obras ou algo semelhante que tenha como parâmetro evidenciar em nós algum merecimento.

Alguns textos iniciais apenas para nosso aquecimento: *João 3.16: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho Unigênito para que todo **aquele que nEle crê**, não pereça, antes, tenha a vida eterna!”*

Colossenses 2.14: “Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e **a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz.**”

Efésios 2.8: “Porque **pela graça** sois salvos, mediante **a fé, E ISTO NÃO VEM DE VÓS**, é dom de Deus, **para que ninguém se glorie.**”

Gálatas 4.3-7: “Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo **dos primeiros rudimentos** do mundo. Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, **Para remir os que estavam debaixo da lei**, a fim de recebermos a adoção de filhos.”

Dito isto, vamos aos comentários.

Os grifos são meus.

Comentário 1 – A bíblia

“Qualquer ensinamento que não se enquadre nas Escrituras deve ser rejeitado, mesmo que faça chover milagres todos os dias.” (Martinho Lutero)

Para início de conversa e para que não haja dúvidas diante do que estarei externando a respeito do tema em questão, já quero afirmar o seguinte: A BÍBLIA É A PALAVRA DE DEUS! Independente de se tratar da bíblia utilizada por católicos, aquela que contém alguns livros que não constam no cânon judaico, chamados *apócrifos*, ou das diversas bíblias e suas variadas traduções, que são utilizadas pelos evangélicos, não deixa de ser a Palavra de Deus. Pode ser que haja (e há) muitas bíblias por aí com livros a mais, rodapés tendenciosos, cartilhas de instituição religiosa anexada, entre outras coisas do tipo, contudo, mesmo nesse emaranhado todo, as *Sagradas Escrituras* se fazem presentes.

Não são poucas as pessoas que têm questionado a veracidade e autenticidade das Escrituras dizendo, por exemplo, que nem todos os livros da bíblia podem ser considerados inspirados e que diversos textos foram adulterados de maneira tendenciosa pela igreja católica para justificar seus interesses particulares, entre outras afirmações. Colocações desse tipo devem ser ignoradas. *Em hipótese alguma devemos duvidar da inspiração divina* existente nas Escrituras. De acordo a análise do irmão César Francisco Raymundo, editor da *Revista Cristã Última Chamada*, a bíblia não foi adulterada ao longo dos tempos como pensam alguns. Veja o que ele diz: *“Como eu sei que a Bíblia não foi adulterada? É muito simples! Primeiro, eu já li a Bíblia inteira centenas de vezes em três décadas de estudos. Por isto, sei do que estou falando! Segundo, a Bíblia sem esconder nada retrata fielmente o que é a maldade humana. Terceiro, a Bíblia manda amar a Deus e ao próximo, fazer o bem a todos, a não se sujeitar a tirania da religião e a não tolerar religiosos e governantes corruptos. Quarto, a Bíblia diz que os nossos pecados já foram pagos por Cristo e que nada devemos a Deus. Quinto, a Bíblia em nada privilegia líderes religiosos escravizadores e, em nenhum momento, diz que devemos dar grandes quantias em dinheiro para sistemas religiosos. Se isto for adulteração, então, quem adulterou fez serviço porco.”*

Esses que afirmam que a Palavra foi adulterada são os mesmos que asseguram que a bíblia não é a palavra de Deus, mas, que contém a palavra de Deus. Esse fato tem acontecido até mesmo em religiões institucionalizadas: a utilização do argumento de que nem tudo o que está na Bíblia é Palavra de Deus.

Atualmente, também tem sido uma constante, determinados grupos da sociedade citarem a bíblia de forma seletiva de acordo aquilo que lhes interessa, todavia, isso não é exclusividade de

grupos seculares, mas, também envolve muitos que se dizem cristãos. Aliás, desde os tempos de Jesus na terra, isso era feito pelos fariseus e nosso Senhor denunciou o modo sorrateiro como agiam e negavam a Palavra de Deus para satisfazer seus interesses. Observe, por exemplo, a passagem de *Marcos 7.5-13*.

Ao considerar a bíblia sujeita ao juízo do leitor para decidir o que nela é ou não Palavra de Deus, qualquer um fica muito à vontade para escolher as passagens que lhe agradam, as quais evidentemente não serão as mesmas de pessoas com outros gostos e opiniões.

Os que negam a inspiração divina dos escritos sagrados ignoram que a bíblia foi e é inspirada por Deus para revelar a Palavra. Esses tipos de pessoas são chamados nas Escrituras de *indoutos*. Existem diversas passagens bíblicas com alertas semelhantes contra os que distorcem as Escrituras ou as negam sem qualquer pudor, entretanto, para uma alma sujeita ao Senhor e que teme Sua Palavra, não há dúvidas quanto à sua veracidade. Os cristãos genuínos creem que *toda a Palavra é inspirada por Deus, e não apenas as passagens que convêm às coisas deste mundo.*

A bíblia é a Palavra de Deus e o principal livro que existe no mundo. Estatísticas comprovam que é o livro mais lido no planeta. Apesar desta informação, vejo uma discrepância neste sentido, pois, leitura e análise da bíblia não parecem condizer com o perfil dos religiosos que, em sua maioria, simplesmente a usam como uma espécie de amuleto, mas não fazem o principal que é lê-la. Isso mesmo: a bíblia é o livro mais lido, porém, *não é instrumento de leitura da maioria dos crentes*. Particularmente, penso que esse seja o principal motivo pelo qual existem tantas heresias no meio cristão evangélico que tem impedido as pessoas, por exemplo, perceberem os abusos exploratórios cometidos por seus líderes que tem mercadejado através da fé alheia. Coisas dessa natureza não acontecem com quem anda bem informado, ou seja, com quem lê. Como diz uma passagem encontrada na própria bíblia: *o povo perece por falta de conhecimento*. Isso é uma triste realidade: o povo que diz andar conforme a bíblia orienta não conhece essa mesma bíblia, no máximo, gostam de usar textos isolados para tentarem justificar suas crendices.

Pois bem, a bíblia não é um livro para ser utilizado como amuleto. Muitos, por exemplo, gostam de tapar os olhos e, abrindo-a, colocam o dedo na página em que se abriu e leem a passagem sorteada acreditando que Deus estará dando algum aviso naquele momento. Não é um livro para ser colocado ao lado da cama ou em cima do criado mudo como uma espécie de amuleto da sorte. Outros entendem que, se por um acaso não levar a bíblia para a reunião ou culto, Deus pode até penalizá-los por isso. Definitivamente, nada disso faz sentido.

Vamos à compreensão acerca da bíblia e sua importância: ela é de fato a inerrante Palavra de Deus, mas, não deixa de ser um livro e, por se tratar de um livro, todo misticismo deve ser deixado de lado no tocante à nossa relação com as Escrituras. *A bíblia não é um manual com recados de auto-ajuda.* Primeira coisa que precisamos entender é que a bíblia não foi escrita para nós, para essa geração do século XXI. Não estou dizendo com isso que ela deixa de ser um livro com aplicabilidade para os dias de hoje; o que acontece é que a grande maioria dos sessenta e seis livros que compõem as Escrituras Sagradas foi escrita por pessoas de uma determinada época com o objetivo de transmitir uma mensagem para pessoas que não são da atual geração ou deste presente século.

Os evangelhos, as cartas paulinas e demais epístolas, por exemplo, tinham como destinatários irmãos do primeiro século, a geração daqueles que traspassaram o Cristo. No caso dos livros do *antigo testamento*, a maioria se trata de acontecimentos históricos sobre a nação de Israel, detentora de uma promessa da parte do Criador. Tais livros também são uma representação fiel que aponta para o Messias que haveria de vir para a referida nação. O antigo testamento foi escrito por patriarcas e profetas no período de 1.500 a 400 a.C (antes de Cristo); o objetivo maior era relatar à nação de Israel os ocorridos do período patriarcal, dos juízes, reis e dos atos dos profetas de Israel que profetizavam a respeito do Messias vindouro, o Filho de Deus, enquanto que o *novo testamento* foi escrito pelos apóstolos por volta de 45 a 60 d.C (depois de Cristo) no intuito de anunciar às *pessoas do primeiro século* (gentios e judeus convertidos ao cristianismo) o fim das práticas da Lei e do judaísmo, bem como as boas novas de salvação da parte do Senhor Jesus Cristo!

Percebe-se, portanto, neste sentido, que a bíblia não foi escrita para nós, para a geração atual. Então, a bíblia não serve para nós? Óbvio que não é isso. É evidente que muitos textos bíblicos podem e devem ser aplicados aos dias atuais como parâmetro para nosso procedimento; porém, o sujeito não pode, por exemplo, ler o texto de 2^o *Crônicas* 7.14 que diz: “*E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra*” e achar que seja um recado válido para a igreja de Jesus, porque não é. Ali Deus falava com a nação (rebelde) de Israel, foi algo específico para aquele povo, para aquela situação, para aquele momento. O povo em questão é Israel e não a igreja. Outro exemplo é quando o líder religioso diz aos fiéis que devem levar mensalmente o dízimo (dez por cento de suas rendas) pelo fato de estar escrito na bíblia. Não é por algo estar escrito na Palavra que tal afirmação, ainda que vinda de Deus, deva ser aplicada para a igreja e que a mesma deva praticar. Outro detalhe é que o dízimo bíblico não era necessariamente dinheiro, ou

seja, há uma série de erros nesta interpretação. O que está escrito no livro de Malaquias se trata de uma advertência divina *contra os sacerdotes da época*. Nada tem a ver com a igreja de Cristo. Mais à frente comentarei sobre o *dízimo bíblico*.

Para citar um último exemplo, há uma passagem que muitas pessoas gostam de recitar como sendo uma mensagem de Deus para os crentes no sentido de que sempre serão socorridos por Ele nos momentos de problemas e adversidades: aquela em que o apóstolo Paulo usa a expressão *somos mais que vencedores*. Pois bem, não é um texto de auto-ajuda, é preciso ler o *contexto* para entender o que o apóstolo quis dizer aos irmãos de Roma. Em fim, os textos bíblicos não podem ser lidos fora de seus contextos.

A palavra contexto será bastante usada no decorrer deste *e-book*. O *contexto* é *peça chave para a hermenêutica bíblica*, ou seja, para a interpretação correta. Um dos princípios da hermenêutica é o de que textos claros facilitam o entendimento dos textos obscuros. Por exemplo: a carta escrita às sete igrejas da Ásia (Apocalipse) contém textos cheios de figuras e símbolos difíceis de entendimento em uma primeira leitura sem a devida análise (texto obscuro), porém, as palavras de Jesus descritas em *Mateus*, capítulo 24 (texto mais claro), nos levarão a compreender que o Mestre estava ali fazendo referência aos acontecimentos do apocalipse. Outro exemplo de texto obscuro é o que está registrado no livro do profeta Joel, capítulo 2, a respeito do derramamento do Espírito Santo e julgamento sobre os judeus. Um dos textos no novo testamento (texto claro) que ajuda nesta compreensão é o de Atos 2. O ponto da hermenêutica é o de que a bíblia interpreta a própria bíblia.

A verdade é que a Palavra não pode ser lida de forma isolada e seletiva dando a entender que em qualquer parte vai haver ali uma mensagem motivacional de Deus para nós; muitos acreditam que a bíblia funciona assim, porém, não é nada disso. As Escrituras Sagradas compõem um livro que foi escrito por diferentes autores em uma determinada época, cujos destinatários eram pessoas daquelas mesmas épocas ou de gerações que antecederiam o Messias. Volto a salientar que há, de fato, passagens que são aplicáveis para nós, para tanto, é muito importante no momento da leitura de determinado texto bíblico o leitor fazer algumas análises, como: perguntar *quem escreveu, por que escreveu, quando escreveu, para quem escreveu e como esse texto pode ser aplicado hoje para a igreja*, ou seja, observar o que diz o contexto.



Encerro esse comentário sobre a bíblia deixando algumas citações do irmão Mateus Fonseca, escritor e comentarista, que vão ajudar o leitor a compreender ainda mais o tema deste primeiro comentário: *“A Bíblia é literatura. É a infalível Palavra de Deus, **mas também é literatura**. Ela usa linguagem poética, apocalíptica, simbólica e literal. É imperativo do estudante determinar o gênero literário de cada passagem, a fim de compreender o verdadeiro significado. A Bíblia não pode ser lida como um jornal. Lembre-se que a Bíblia é um livro de aliança de Gênesis a Apocalipse. **Ela não está preocupada com o físico e literal tanto quanto é com o espiritual e com a aliança**. A criação e porções proféticas da Escritura são principalmente de aliança, não literal e nem físicas. Considere que o Novo Testamento ou Novo Pacto - conforme Hebreus 9:16 e 17 - só inicia na morte do Salvador e em Sua ressurreição - conforme João 2:20 ao 22. Sendo assim, é de grande importância lembrar que grande parte dos evangelhos narram ainda o período inter-testamentário. Comparar Escritura com Escritura, isso nos ajuda a determinar se a linguagem é literal ou simbólica. Por exemplo, podemos saber que a linguagem do sol, da lua e das estrelas em Mateus 24 é simbólica porque é usada simbolicamente em outras partes da Bíblia. Esta regra permite que a Bíblia se defina por si própria.”*

O irmão também faz outra análise extremamente importante: *“Nada da Bíblia foi escrita para nós. Foi escrito para nós, mas não diretamente para nós. Por exemplo, quando João escreveu o Apocalipse, ele estava escrevendo para sete igrejas históricas que existiam naquele tempo. Ele não estava se dirigindo a cristãos na América no século 21. Quando lemos as epístolas do Novo Testamento estamos lendo literalmente uma carta de uma pessoa escrita a outra pessoa. Como o público original leu determinado livro na Bíblia? O que isso significou para eles? Devemos ler a Bíblia **através de um ponto de vista do antigo Oriente, não com olhos modernos do século 21, ou com um ponto de vista da cultura ocidental**. A Bíblia deve ser lida através de uma mente hebraica (aliança), ao invés de uma mente grega (científica).”*

Para concluir, encerro afirmando que a bíblia é a palavra de Deus, porém, literatura. Trata-se de um livro factual. O antigo testamento basicamente está centrado no relato do antigo pacto que apontava para Jesus Cristo, enquanto que o novo testamento proclama o evangelho do novo pacto/aliança no que diz respeito à morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Você perceberá nos próximos comentários a importância da análise do contexto bíblico, o que reforçará ao amado leitor sobre a maneira correta de se ler a bíblia. Vamos esclarecer diversas questões a respeito de determinados assuntos contidos na Palavra de Deus.

Em fim, a bíblia é, como dizem alguns, nosso manual de regra e fé, nossa bússola, nossa fonte de informação a respeito do Criador e Seu Filho. Devemos lê-la constantemente e

incessantemente, todavia, tendo a compreensão de que não é livro de auto-ajuda ou coisa do tipo.

Os grifos são meus.

Comentário 2 – Evangelho Humanista

“A principal função do evangelho não é distribuir bênçãos, e sim de nos reconciliar com Deus”. (Dr. Loid Jones)

Evangelho é o mesmo que boa mensagem, bom anúncio, boa notícia ou boas-novas. Essa palavra deriva da palavra grega euangelion (eu = bom, angelion = mensagem). De forma bem resumida, dentro do contexto bíblico, o evangelho se refere às boas novas de salvação. Desse modo, pregar o evangelho é anunciar que Cristo é o Filho de Deus, o Messias que foi ofertado pelo Criador para o resgate da humanidade perdida, é dizer que somente através dEle o homem pode ser salvo, é dizer ao próximo: Cristo vive, creia nEle e serás salvo! Evangelho é, portanto, uma mensagem que tem a pessoa de Cristo como foco central, ou seja, Cristo é a boa notícia da parte de Deus para o homem pecador. Observe os textos a seguir: “Mas o anjo lhes disse: Não tenham medo. Estou trazendo boas-novas de grande alegria para vocês, que são para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” (Lucas 2:10-11); / “Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galileia, proclamando as boas-novas de Deus. “O tempo é chegado”, dizia ele. “O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!” (Marcos 1:14-15); / “Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação”. (Romanos 10:9-10);

Observe que nestas passagens bíblicas que falam a respeito das boas novas, a referida expressão aponta para Jesus como sendo essa boa notícia, mostrando que Ele é o autor da salvação e o único que tem poder para perdoar os pecados do homem arrependido que vai até Ele. Conforme vimos, não é difícil compreender o conceito de *evangelho*, na verdade é algo até simples, porém, boa parte das denominações que se intitulam cristãs, espalhadas por esse Brasil, tem feito questão de distorcer o verdadeiro conceito do *evangelho*: tiraram Cristo do centro da mensagem e colocaram o homem como personagem principal. A esse tipo de atitude eu denomino *evangelho humanista*. A maioria das instituições religiosas não expõe mais aos fiéis os temas essenciais do evangelho de Cristo como: *arrependimento, salvação, graça, fé e soberania divina*. Em vez disso, preferem focar fervorosamente em mensagens que tratam das necessidades humanas e, os temas em pauta, geralmente, são sempre *mensagens de auto-ajuda* que vêm acompanhadas pelos jargões: *‘Deus vai te abençoar, não desanime, tua vitória chegará, Deus é contigo, hoje é o dia do teu milagre, receba’...* entre outras coisas do tipo. E o pior de tudo nessas mensagens é que, Deus passa a ser condicionado à vontade e desejo humanos. Às vezes, Deus já é condicionado à vontade do homem no título de um trabalho, quando dizem, por

exemplo: '*culto de libertação*'. Dar certeza que haverá "libertações" naquele dia é o mesmo que determinar o que Deus irá fazer. Infelizmente corromperam o evangelho de Cristo. Certamente existem instituições sérias, que prezam pela verdade das Escrituras e tratam a mensagem do evangelho com responsabilidade, todavia, conforme já dito, são minoria.

O evangelho humanista está em evidência no Brasil, principalmente nas instituições *neopentecostais*. Os líderes dessas denominações anunciam às pessoas que, se frequentarem seus templos, receberão Jesus em suas vidas, afirmam que as mesmas nunca mais sofrerão, serão felizes, crescerão financeiramente, terão os projetos e sonhos realizados, que Deus tem diversas promessas para elas e que cumprirá todas. Acontece que tudo isso é mentira, uma falácia interesseira que não condiz com o verdadeiro evangelho, pois, coloca o homem e suas vontades como centro da mensagem que eles chamam de cristã.

O evangelho no Brasil clama e pede socorro! Líderes inescrupulosos gostam de fazer um "carnaval" de invencionices utilizando passagens isoladas das Escrituras e interpretando-as como bem querem para atingir seus objetivos escusos. Obviamente que toda regra tem exceção, sei que há líderes religiosos, poucos, é verdade, que procuram ensinar as verdades das Escrituras, mas também é verdade que líderes desse tipo certamente encontram resistência dentro do próprio sistema que, por meio de suas cartilhas não aceita o evangelho na sua simplicidade, como ele é de fato. Para o sistema, os artifícios são necessários!

Dentre os inúmeros erros do evangelho humanista, um certamente é a ideia de exaltação ao fundador da "obra". Há instituições onde a imagem do fundador é estampada em placas luminosas em suas fachadas. Em outras há celebrações de aniversário e cultos em homenagem ao "grande líder". Perceba que a glória que deve ser exclusiva de Cristo acaba sendo dividida com a figura do líder denominacional.

No evangelho humanista, geralmente as expressões mais utilizadas são: "*hoje é o dia da tua vitória*", "*receba a tua bênção*", "*Deus não desiste de você*", "*hoje é o dia do teu milagre*", "*tome posse*", entre outras frases deturpadas. Perceba que todas essas expressões focam no homem, Deus ou Jesus são apenas instrumentos para atender os desejos e resolver os problemas das pessoas, uma espécie de gênio da lâmpada. O momento da reunião entre dois ou três no nome do Senhor deve ter como propósito primordial *o louvor a Deus , a gratidão ao Criador e a honra ao Senhor Jesus*.

A oração é uma forma de render ação de graças ao Criador, mas, no evangelho humanista ela é um mecanismo que acaba colocando Deus "contra a parede", pois, as pessoas ficam determinando que aconteça isso ou aquilo "em nome de Jesus" e, nesse caso, Deus tem que atender a tal determinação. Logicamente que num ajuntamento em uma comunidade cristã, além

de render ação de graças, os irmãos devem orar pelos necessitados, por aqueles que estão enfrentando dificuldades e também por si próprios, todavia, essa oração é feita por meio de súplica, pedindo a Deus, e não determinando; é pedindo segundo a Sua vontade. *Ele faz se quiser!* O nome de Jesus não é uma espécie de senha que acionamos para obter aquilo que desejamos. Alguns hereges tentam justificar esse tipo de atitude usando de forma totalmente distorcida o texto de *João 14*, na parte que diz: *“e tudo quanto pedirdes em Meu nome...”*, além de outras passagens semelhantes. O referido texto nada tem a ver com determinar ou pedir a Deus, por exemplo, o carro do ano, acreditando que Ele assim vai fazer; trata-se de *pedir algo que esteja de acordo com a vontade dEle*, algo pelo qual Ele venha ser glorificado. Do contrário, não faz sentido. Há um comentário interessante do irmão Mário Persona a esse respeito que diz: *“João 15:7 explica que a oração eficaz vai sempre depender de uma comunhão eficaz. Ali Jesus diz: “Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito”. A chave para esse “tudo” está em 1 João 5:14: “E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, **segundo a sua vontade**, ele nos ouve”. Percebeu a ordem das coisas? Primeiro, devemos estar em Cristo e a sua Palavra estar em nós. Segundo, precisamos pedir de acordo com a sua vontade.”*

Sobre os jargões usados por líderes neopentecostais que “encostam Deus no canto da parede”, o pastor Adenilso Farias diz algo interessante para nossa análise: *“Chavões tais como: “Eu declaro”, “Eu ordeno”, “Eu profetizo”, “Eu decreto”, são pronunciados sem a menor reflexão ou sentido de responsabilidade. Os crentes e, infelizmente, muitos líderes, comportam-se como se fossem Deus; colocam o “EU” na frente e soltam palavras que não fazem parte das alianças divinas, das promessas divinas, dos oráculos divinos, dos estatutos divinos, da graça divina, da misericórdia divina, do amor divino. Falam da forma como Deus não mandou falar, declaram o que Deus não mandou declarar. “Eu declaro”, “Eu ordeno”, “Eu profetizo”, “Eu decreto” são expressões despidas da espiritualidade ensinada na palavra de Deus; são frases que revelam a altivez do coração humano, são palavras que, por não terem respaldo bíblico, não mudam situação alguma. Os cristãos precisam entender que não podem dar ordens a Deus! É Deus quem determina; é Deus quem decreta; é Deus quem declara; é Deus quem abençoa. É Deus; não sou eu. Ele é tudo; eu sou nada! Eu sou servo; Deus é Senhor! Ele é soberano; eu apenas obedeço à sua Palavra. A Deus, toda a glória! Assim, não é a minha vontade que deve prevalecer. Jesus não só nos ensinou a orar: ... Seja feita a tua vontade (Mt 6:9 e 10), como também pôs em prática o que ensinou: ... Todavia, faça-se a tua vontade... (Mt 26:42). Pronunciar uma frase por deliberação própria e dar a entender que está autorizado por Deus, sem, na*

verdade estar, é enganar o rebanho do Senhor. Deus não opera onde há engano; não compactua com enganadores e não terá por inocente aquele que tomar seu nome em vão (Êx 20:7)."



Agora vou tocar em outro ponto que também tem se tornado um dispositivo para a divulgação do evangelho humanista: o *louvor*. É impossível não relatar o que acontece com as músicas evangélicas atuais, em sua grande maioria, infelizmente.

Há um verdadeiro show de *antropocentrismo* (forma de pensamento que atribui ao homem centralidade e destaque) na área do louvor que vale a importante observação: os cantores evangélicos têm sido muito mais artistas do que cantores. A maioria desse pessoal deveria assumir sua condição de artista em vez de se colocarem como “ministros do evangelho”. Cobram valores surreais para se apresentarem, seja em igrejas ou praças públicas. A essas cobranças dão o nome de “ofertas”. Para citar valores, os que ficam mais em conta para as igrejas estão na casa dos vinte mil reais. Incrível, mas é isso que acontece. A maioria dos *cantores gospel* faz exigências absurdas para o traslado, hotel e atendimento *vip* durante suas apresentações nos cultos, que, na verdade se parecem muito mais com *shows*.

Voltando a falar especificamente sobre as músicas e suas letras: uma verdadeira distorção bíblica em suas composições. Tudo isso é de entristecer muito, pois, o objetivo da música cristã é divulgar a mensagem do evangelho; o louvor deve ser, de igual modo, uma ferramenta de pregação da Palavra de Deus no intuito de alcançar almas perdidas. A palavra *louvor* vem do hebraico e significa *elogiar, exaltar, reverenciar*. Exaltar a quem? Ao homem? De modo algum. Cristo tem que ser o foco do louvor, porém, não é isso que a gente observa na grande maioria das canções evangélicas.

A verdade é que para se ouvir louvores que são, de fato, cristocêntricos, precisamos fazer uma minuciosa seleção. Ainda assim, dá trabalho para se encontrar boas músicas.

Vou expor agora trechos de algumas canções bastante conhecidas entre os cristãos brasileiros para que o leitor analise comigo:

Exemplo 1: “você é um espelho que reflete a imagem do Senhor... você é precioso, mais raro que o ouro puro de oufir...”

Exemplo 2: “Hoje o meu milagre vai chegar...”

Exemplo 3: “Agora é só vitória, agora é só vitória, agora é só vitória...”

Exemplo 4: “Deus vai realizar os teus sonhos mesmo em tempo de seca...”

Exemplo 5: “Recebe a cura... recebe a unção, unção de ousadia e de multiplicação.”

É claro que não poderia esquecer da “clássica” música *Sabor de Mel*: “E vão dizer que você nasceu pra vencer... quem te viu passar na prova e não te ajudou quando ver você na bênção vai se arrepender, vai estar entre a platéia e você no palco... a minha vitória hoje tem sabor de mel, tem sabor de mel, tem sabor de mel, tem sabor de mel...” Eu poderia continuar citando aqui vários e vários outros exemplos.

Note que em todos os trechos que expus acima há a evidência de calorosa veneração ao *ego humano* e, o pior de tudo é ver que Deus aparece apenas como o “gênio da lâmpada” que vai satisfazer as vontades humanas. No caso da música *Sabor de Mel*, ela é tão antibíblica que chega ao cúmulo de fazer apologia à vingança! Creio que você percebeu. Em fim, o cenário musical no contexto evangélico cristão no Brasil é simplesmente desastroso!

Imaginemos os apóstolos, primeiros cristãos e desbravadores do evangelho como, por exemplo, Martinho Lutero, autor do hino *Castelo Forte*, ouvindo esses “louvores” de hoje. Certamente, antes mesmo de sofrerem por meio de torturas ou serem martirizados como foram, morreriam de desgosto e tristeza.

A realidade é que esses cantores gospel *não conhecem a Palavra*, não entendem nada de bíblia e não sabem em que consiste a essência do evangelho de Cristo. Tudo isso é reflexo do comportamento de seus líderes que são oportunistas e mercadejantes da fé; ou seja: pregar-se e canta-se aquilo que atrai as massas, que faz os templos encherem e que satisfaz o ego do homem, já que a mensagem da cruz não é atrativa.

No cenário musical evangélico-cristão, ainda que com alguma dificuldade, dá para encontrar um ou outro cantor que não seja oportunista, herege e que de fato entoe louvores cristocêntricos. No que se refere à música gospel no território nacional, ainda vejo como boas opções Antônio Cirilo e Rodolfo Abrantes. Boa parte das músicas compostas e cantadas por eles tem como objetivo glorificar o nome de Cristo. São dois que se salvam dentro do mercado gospel quando o assunto é música cristocêntrica. Internacionalmente falando, a banda norte americana *Petra* é uma boa escolha. Particularmente, gosto muito de suas canções.

Observe agora a diferença nas letras das músicas a seguir e faça a comparação com as anteriores:

Exemplo 1: “O amor é paciente, o amor é gentil
Não há olhos de inveja, o amor verdadeiro é cego
O amor é humilde, não conhece orgulho

*Nenhum motivo egoísta escondido por dentro
 O amor é gentil, não exige
 Apesar de tudo errado, o amor verdadeiro ainda permanece
 O amor é sagrado, o amor é puro
 Dura para sempre, vai perdurar
 O amor sabe quando deixar ir
 O amor sabe quando dizer não
 O amor cresce à luz do filho
 E o amor mostra ao mundo que o Filho do Amor chegou”
 - Love: PETRA*

*Exemplo 2: “Eu acredito em Deus Pai, criador do céu e da terra.
 E em Jesus Cristo, seu único filho, creio no nascimento virginal.
 Eu acredito no Homem das Dores, machucado por iniquidades.
 Eu acredito no cordeiro que foi crucificado e pendurado entre dois ladrões.
 Eu creio na ressurreição, no terceiro e glorioso dia
 Eu acredito no túmulo vazio, e a pedra que o anjo rolou para longe”
 – Eu acredito: PETRA*

*Exemplo 3: “Quem poderá se comparar a Ti?
 Deus criador tão sublime
 Quem brilhara mais que tua face
 Lindo Senhor, ilumina-me
 Se eu me esconder nas profundezas do mar
 Mesmo ali Tu me encontras” – Tão Sublime: RODOLFO ABRANTES*

*Exemplo 4: “Jesus, o, o, Jesus, grande e exaltado acima de tudo (2x)
 Jesus, o, o, Jesus, grande e exaltado acima de todos (2x)
 Pois tomaste Teu poder e passaste a Reinar
 E os filhos dos homens se submetem a Ti aqui neste lugar
 Principados e potestades reconhecem a Tua autoridade Tu és o Senhor
 Pois triunfaste em justiça nos céus e na terra...” – Triunfo de Cristo: ANTÔNIO CIRILO*

*Exemplo 5: “Não há Deus maior, não há Deus melhor, não há Deus tão grande como o
 nosso Deus. Criou os céus, criou a Terra, criou o sol e as estrelas...” - Marcus Vinícius*

Canções como estas são cada vez mais raras no meio cristão evangélico, tudo por conta do evangelho humanista; um evangelho não regido pela fé em Cristo, onde a fé não é o modo de vida ou causa pela qual o “cristão” vive e morre, mas um meio para se alcançar coisas usando o nome de Deus, uma espécie de moeda no mercado religioso. A fé tem sido apenas um meio para se alcançar *vitórias*, como gostam de dizer.

Muitos anunciadores do evangelho humanista não aceitam serem questionados e, até utilizam textos bíblicos para embasar suas mensagens antropocêntricas. Um texto muito usado, por exemplo, é o de *Deuteronômio 28*, que trata sobre a obediência e desobediência dos israelitas. Associam esse texto à igreja afirmando que, quem obedece aos mandamentos é recompensado em todas as áreas da vida, já aqueles que não obedecem se dão muito mal.

Uma clara proclamação de um discurso que passa a ideia de que com Deus as coisas funcionam na base da barganha. Há, inclusive, louvores baseados nesta passagem, cantados constantemente nas igrejas/templos, o que reforça ainda mais, infelizmente, esse tipo de mensagem. Analisemos o texto em questão que se encontra em Deuteronômio 28. 1-47:

“E será que, se ouvires a voz do SENHOR teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu hoje te ordeno, o SENHOR teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra. E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, quando ouvires a voz do Senhor teu Deus: Bendito serás na cidade, e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais; e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas. Bendito o teu cesto e a tua amassadeira. Bendito serás ao entrares, e bendito serás ao saíres. O Senhor entregará, feridos diante de ti, os teus inimigos, que se levantarem contra ti; por um caminho sairão contra ti, mas por sete caminhos fugirão da tua presença. O Senhor mandará que a bênção esteja contigo nos teus celeiros, e em tudo o que puseres a tua mão; e te abençoará na terra que te der o Senhor teu Deus. O Senhor te confirmará para si como povo santo, como te tem jurado, quando guardares os mandamentos do Senhor teu Deus, e andares nos seus caminhos. E todos os povos da terra verão que é invocado sobre ti o nome do Senhor, e terão temor de ti. E o Senhor te dará abundância de bens no fruto do teu ventre, e no fruto dos teus animais, e no fruto do teu solo, sobre a terra que o Senhor jurou a teus pais te dar. O Senhor te abrirá o seu bom tesouro, o céu, para dar chuva à tua terra no seu tempo, e para abençoar toda a obra das tuas mãos; e emprestarás a muitas nações, porém tu não tomarás emprestado. E o Senhor te porá por cabeça, e não por cauda; e só estarás em cima, e não debaixo, se obedeceres aos mandamentos do Senhor teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e cumprir. E não te desviarás de todas as palavras que hoje te ordeno, nem para a direita nem para a esquerda, andando após outros deuses, para os servires. Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, para não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições, e te alcançarão: Maldito serás tu na cidade, e maldito serás no campo. Maldito o teu cesto e a tua amassadeira. Maldito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e as crias das tuas vacas, e das tuas ovelhas. Maldito serás ao entrares, e maldito serás ao saíres. O Senhor mandará sobre ti a maldição; a confusão e a derrota em tudo em que puseres a mão para fazer; até que sejas destruído, e até que repentinamente pereças, por causa da maldade das tuas obras, pelas quais me deixaste. O Senhor fará pegar em ti a pestilência, até que te consuma da terra a que passas a possuir. O Senhor te ferirá com a tísica e com a febre, e com a inflamação, e com o calor ardente, e com a secura, e com crestamento e com ferrugem; e te perseguirão até que pereças. E os teus céus, que estão sobre a cabeça, serão de bronze; e a terra que está debaixo de ti, será de ferro. O Senhor dará por chuva sobre a tua terra, pó e poeira; dos céus descera sobre ti, até que pereças. O Senhor te fará cair diante dos teus inimigos; por um caminho sairás contra eles, e por sete caminhos fugirás de diante deles, e serás espalhado por todos os reinos da terra. E o teu cadáver servirá de comida a todas as aves dos céus, e aos animais da terra; e ninguém os espantará. O Senhor te ferirá com as úlceras do Egito, com tumores, e com sarna, e com coceira, de que não possas curar-te; O Senhor te ferirá com loucura, e com cegueira, e com pasmo de coração; E apalparás ao meio-dia, como o cego apalpa na escuridão, e não prosperarás nos teus caminhos; porém somente serás oprimido e roubado todos os dias, e não haverá quem te salve. Desposar-te-ás com uma mulher, porém outro homem dormirá com ela; edificarás uma casa, porém não morarás nela; plantarás uma vinha, porém não aproveitarás o seu fruto. O teu boi será morto aos teus olhos, porém dele não comerás; o teu jumento será roubado

diante de ti, e não voltará a ti; as tuas ovelhas serão dadas aos teus inimigos, e não haverá quem te salve. Teus filhos e tuas filhas serão dados a outro povo, os teus olhos o verão, e por eles desfalecerão todo o dia; porém não haverá poder na tua mão. O fruto da tua terra e todo o teu trabalho, comerá um povo que nunca conhecestes; e tu serás oprimido e quebrantado todos os dias. E enlouquecerás com o que vires com os teus olhos. O Senhor te ferirá com úlceras malignas nos joelhos e nas pernas, de que não possas sarar, desde a planta do teu pé até ao alto da cabeça. O Senhor te levará a ti e a teu rei, que tiveres posto sobre ti, a uma nação que não conhecestes, nem tu nem teus pais; e ali servirás a outros deuses, ao pau e à pedra. E serás por pasmo, por ditado, e por fábula, entre todos os povos a que o Senhor te levará. Lançarás muita semente ao campo; porém colherás pouco, porque o gafanhoto a consumirá. Plantarás vinhas, e cultivarás; porém não beberás vinho, nem colherás as uvas; porque o bicho as colherá. Em todos os termos terás oliveiras; porém não te unguirás com azeite; porque a azeitona cairá da tua oliveira. Filhos e filhas gerarás; porém não serão para ti; porque irão em cativo. Todo o teu arvoredo e o fruto da tua terra consumirá a lagarta. O estrangeiro, que está no meio de ti, se elevará muito sobre ti, e tu mais baixo descerás; Ele te emprestará a ti, porém tu não emprestarás a ele; ele será por cabeça, e tu serás por cauda. E todas estas maldições virão sobre ti, e te perseguirão, e te alcançarão, até que sejas destruído; porquanto não ouviste à voz do Senhor teu Deus, para guardares os seus mandamentos, e os seus estatutos, que te tem ordenado; E serão entre ti por sinal e por maravilha, como também entre a tua descendência para sempre. Porquanto não serviste ao Senhor teu Deus com alegria e bondade de coração, pela abundância de tudo.”

É realmente lamentável ver líderes e pregadores utilizarem essa passagem para afirmar que quem obedece é abençoado e quem assim não faz é amaldiçoado. Acho interessante que essas mesmas pessoas pregam também sobre a graça divina em determinados momentos, mas, será que entenderam mesmo o que é a graça? Vamos à análise: em primeiro lugar, há uma clara distinção entre o Antigo e o Novo Testamento. No primeiro, de fato havia promessas de Deus na esfera material, bênçãos prometidas aos filhos de Israel, caso andassem em obediência aos mandamentos da Torá: esposa, filhos, terras, gado, ouro, prata, dentre outras coisas. Já no *novo testamento*, ou seja, a partir da morte do Messias, não há mais bênçãos materiais prometidas. No antigo testamento haviam as bênçãos materiais prometidas ao *Israel segundo a carne*. Na *nova aliança*, não há mais essas promessas, há apenas uma promessa: a *promessa de salvação para todo aquele que crê no Filho de Deus*. Não é tão difícil de entender isso.

O próprio Cristo, personagem principal da Nova Aliança, o Homem perfeito, não tinha onde recostar a cabeça, era alimentado por mulheres que o ajudavam e, quando foi indagado se era certo pagar impostos, precisou pedir emprestado de alguém uma moeda porque Ele mesmo, provavelmente, não tinha. Quando morreu, sua herança não passou da roupa do corpo. Ao ler *Atos dos apóstolos* e as cartas de Paulo você perceberá que este talvez tenha sido o maior entre os apóstolos e um dos cristãos de maior destaque na época da igreja primitiva, porém, levou uma vida péssima do ponto de vista físico e material. Na segunda carta

aos *Coríntios*, no capítulo 11, ele conta seus sofrimentos: açoites, prisões, fome, apedrejamento, frio, nudez, fadiga, perigos constantes, entre outras atrocidades, como o tal do espinho na carne. Mesmo com esse estilo de vida, Paulo se considerava um homem abençoado por Deus e, sabe por que ele se sentia abençoado? Porque as bênçãos prometidas por Deus para os seus servos não são materiais, são celestiais. As bênçãos prometidas na nova aliança não são para os habitantes de Israel, como no Antigo Testamento, mas, para os que habitarão nos lugares celestiais, para a igreja. (Leia *Efésios cap. 1*).

Jesus disse aos seus discípulos que eles iriam enfrentar aflições no mundo. Essa é uma palavra que também se aplica a nós. Todos, mesmo sendo cristãos e cumpridores dos maiores mandamentos, que são *amar a Deus* e *amar ao próximo*, estão sujeitos a enfrentar dores, doenças, acidentes, perda de emprego, pobreza, mortes na família ou qualquer tipo de adversidade. *Não tem essa de ser abençoado materialmente e sentimentalmente pelo fato de ser cristão. Não há uma troca de favores, não há barganha. Deus não trabalha assim.*

Entendamos de uma vez por todas que, no texto apresentado acima, que se encontra em *Deuteronômio 28*, Deus prometeu a Israel que: se obedecesse e seguisse fielmente aos mandamentos da lei, seria colocado acima das outras nações da terra, sendo abençoado com saúde e prosperidade, enquanto que a desobediência traria o inverso: doenças, pobreza, maldições. Em contrapartida, nosso Senhor deixa claro que a salvação não vem da obediência para justificação própria. Não é questão de obedecer, é questão de *ter fé*. E quem tem fé, conseqüentemente cumpre os mandamentos de Cristo, ou seja, ama a Deus e ao seu próximo. *A fé é resultado da graça e quem justifica é Deus.*

Em boa parte das instituições religiosas há uma espécie de doutrinação por parte do clero para com os membros. Não estou generalizando, mas, muitos “líderes espirituais”, apóstolos e bispos do século XXI se sentem acima do bem e do mal e gostam de exercer domínio sobre os outros, da mesma forma como age a imensa maioria dos políticos para com o povo, bem como muitos professores para com estudantes universitários, por exemplo. Esses líderes não querem que os fiéis pensem “fora da caixa” e, assim, cauterizam as mentes dos mesmos por meio de ordenanças que dizem virem de Deus ao afirmarem que precisam “devolver” o dízimo, se sujeitar ao “líder espiritual”, não faltar aos cultos, cooperar com os trabalhos da “Casa do Senhor”, fazer a “obra” e mais uma série de regras e imposições, utilizando, para isso, o pretexto da obediência a Deus e, *Deuteronômio 28* é um dos textos bastante usados para isso, mas, volto a dizer: *não é por obediência, não é pelo fato de fazer coisas, é por fé!*



Pensando no apóstolo Paulo, o qual devemos tomar como exemplo, já que somos igreja e não Israel, como o cristão pode ser feliz mesmo vivendo num lugar ou de modo infeliz? A resposta é: andando na mesma certeza que Paulo tinha de que o Senhor cuidava dele: "Já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade".

Pois é, pregar que só seremos abençoados se formos obedientes é mais uma falácia do evangelho humanista, mas, apesar desta triste realidade, quero encerrar esse comentário dizendo que o verdadeiro evangelho está mais vivo do que nunca. É promessa registrada nas Escrituras que o evangelho do Reino de Jesus crescerá a cada dia até conquistar todas as nações da terra (Leia *Salmo 22. 27 ao 30 / Isaías 2.4,5*).

Os verdadeiros crentes, aqueles que têm o nome de Cristo como tesouro maior em suas vidas, que O amam de verdade e adoram ao Criador, independente de estabilidade ou dificuldade financeira, conta bancária gorda ou não, saudável ou cheio de enfermidades; estes estão espalhados pelos quatro cantos do planeta vivendo segundo a reta justiça e levando o evangelho do reino aos corações dos necessitados. A bíblia é categórica em afirmar que o Reino de Cristo foi estabelecido nesta terra quando Ele aqui esteve na forma de homem para cumprir Sua missão através de Seu ministério, morte, ressurreição e assunção aos céus, enviando posteriormente o Espírito Santo. De lá para cá, este Reino, conforme as Escrituras, vem crescendo paulatinamente até que Ele tenha domínio sobre todas as nações! (*Confira Daniel 2.34, 35, 42 / Mateus 3.2 / Mateus 4.17 / Mateus 12.28 / Atos 2.33-36 / Hebreus 1 / 1ª Coríntios 15.25-26 / Mateus 13.31-33 / Isaías 9.7*).

Assim, apesar dos gananciosos de plantão que barganham e inventam em nome da fé deturpando o evangelho, colocando o ser humano e seus desejos pessoais no centro da mensagem para atrair pessoas, divulgando músicas antropocêntricas como cristãs e causando escândalos através dos vários ensinamentos errôneos, a verdadeira igreja de Cristo (o conjunto dos salvos) está na terra espalhando as boas novas e, certamente, chegará o tempo em que as

peçoas abrirão os olhos para a verdade do evangelho deixando todas essas meninices de lado. Amém!

Comentário 3 – Igreja

“Quando surge o desejo de pensar a igreja, talvez um dos caminhos adequados para começarmos nossa reflexão deva ser a consciência do significado comum do termo igreja nos tempos de Jesus”.

(Alexandre O. Chaves)

Há um pensamento bastante equivocado por parte de muitas pessoas: achar que *igreja* é o prédio onde acontecem as reuniões de louvor e oração. Não somente o simples prédio em si, mas, acreditam que só é igreja se for uma instituição denominacional com sua razão social, CNPJ junto à Receita Federal, estatuto, mesa diretora e, é claro, um pastor presidente. Gostam de se referir a este lugar como *casa do Senhor, casa de oração* ou *templo*.

Sinto desanimar quem pensa assim, mas, igreja não é um local, não é um prédio, não é o templo, *igreja são pessoas*. Trata-se do conjunto dos salvos, dos servos fiéis ao Filho de Deus espalhados por esta terra, pessoas que foram alcançadas pela graça salvífica, é o organismo vivo, o sacerdócio real *formado por pessoas*. (*confira João 8.12 / 1 Coríntios 12.27 / Atos 11.19 / 1 Pedro 2.5 ao 9 / Joel 2.28 ao 32 / Gálatas 6.16, 2 Timóteo 2.19 ao 22, entre outros textos*).

Observe essa mensagem do apóstolo Paulo aos irmãos de Éfeso: *“Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), E nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”*. (*Efésios 2. 4 ao 6*).

É bem perceptível que *igreja* se refere àqueles que foram alcançados pela graça de Cristo, *ressuscitados com Ele* e que tem assentos garantidos *nos lugares celestiais*. Nem um mortal pode decidir quem faz ou não parte da igreja de Cristo, apesar de que, pelo fruto (testemunho) dá pra se conhecer a árvore (pessoa), todavia, ainda assim ninguém tem o direito de se auto justificar perante o outro, condenando-o. Digo isso porque é um costume no meio evangélico/católico cristão.

É verdade que mesmo entre os irmãos do primeiro século havia por parte de alguns o hábito de se referir ao local de encontros ou a uma localidade como igreja, todavia, eles tinham a compreensão adequada de que eles eram a igreja. Com base nisso, deixo claro ao leitor que não vejo problema algum em se referir ao local das reuniões como *igreja*. Não há nada demais no fato das pessoas falarem, por exemplo: *vamos à igreja*. O problema é que, atualmente, *diferentemente da época dos irmãos dos primeiros séculos*, os crentes não possuem o mesmo entendimento deles e acabam adotando assim o *templocentrismo*: veneração, admiração

exagerada e, até mesmo adoração ao templo. Desse modo, atribuem àquilo que deveria ser um simples local de reunião o conceito de igreja e passam a reverenciar esses locais de maneira assustadora. É comum ouvirmos de irmãos: *não posso ficar sem ir à igreja (templo) / a igreja (templo) é a casa de Deus / a igreja é um local sagrado / ninguém pode subir no altar da casa do Senhor de qualquer jeito / quem não congrega (ir ao templo) fica fraco espiritualmente...* percebeu a grande diferença? *Hoje em dia espiritualizam o local dando a ele uma importância igual ou até maior que o próprio Cristo, não tendo o discernimento de que o local de reunião é um simples lugar de quatro paredes que serve para abrigar a igreja, mas não é a igreja.*

Há aqueles que dizem que o templo não é sagrado apenas quando está vazio, mas que a partir do momento em que a igreja ali se reúne, tal local se torna santo; mas, tal afirmação também não faz sentido. Nenhum local se torna sagrado, mesmo com cristãos reunidos ali. Não há amparo bíblico para esse tipo de ideia, não há mais local santo ou sagrado. *Os crentes é que são os templos do Espírito Santo.* O único templo que já teve o aval de Deus para ser considerado lugar sagrado não existe mais: o templo de Jerusalém, local de cultos aos moldes do judaísmo que foi destruído por intervenção divina, pelo próprio Cristo, no ano 70 d.C (*leia Mateus 10.23, Mateus 16.28, Mateus 25.35 e 36, Mateus 24, 1 Coríntios 10.11, 1 João 2.18, Tiago 5.8*). Foi um sistema que Deus rejeitou. Ele não habita em templos feitos por mãos humanas e não está restrito a um local específico. Na *Nova Aliança*, o Espírito Santo habita nas pessoas e estas, para celebrar o nome do Criador podem se reunir normalmente em casas, numa praça, num bosque, numa praia, num salão, ou em qualquer outro lugar: ali estará a igreja, simples assim! (Confira *1ª Coríntios 3.16*).

Essa atitude de venerar templos, além de não ser adequada, é antibíblica. Após Sua obra redentora, Cristo rejeitou cabalmente o *judaísmo* e a ideia de templo como casa do Senhor. Insistir nisso é desconsiderar o que foi estabelecido pelo próprio Cristo.

De acordo o pesquisador Thiago Nascimento: *“O Criador sempre foi contra a construção de templos. Até mesmo o templo de Salomão não fora solicitado por Ele. A construção de templos para rituais litúrgicos não tem respaldo bíblico. O templo de Salomão nada mais foi do que um tipo de sombra de coisas futuras, como a maior parte do Antigo Testamento.”*

O *templocentrismo* é mais um, dentre os males que tem assolado o cristianismo no Brasil: primeiro, a começar por aquilo que conhecemos como *sistema denominacional*. Se observarmos atentamente as Escrituras, pegando como base as igrejas do primeiro século, vamos perceber que não eram organizadas em forma de instituições e nem possuíam um líder fundador, aliás, *o fundador da igreja é Cristo*, Ele é a cabeça. Não havia, por exemplo, na

cidade de Corinto, a *Igreja Assembleia de Corinto*, *Igreja Mundial de Corinto*, *Primeira Igreja Batista de Corinto*, *Corintanos*, ou coisa do tipo. O que havia era a igreja de Cristo naquela localidade. Segundo: hoje podemos ver atitudes exacerbadas em torno de um templo: comemoração de aniversário da “obra”, construções de templos luxuosos, reconstrução do “templo de Salomão”, líderes proibindo fiéis de frequentarem outras “igrejas” porque só a sua está de acordo o padrão bíblico, somente “ungidos” podem subir no altar da congregação porque ali é “lugar santo”, entre outras.



Além dessas questões, há outros problemas relacionados ao sistema denominacional. Um sistema estabelecido por homens e, ainda que conte com pessoas que são verdadeiramente salvas, não é o melhor modelo para o cristão. A sua teologia é altamente tendenciosa, bem como sua mania de adotar o *marketing* como estratégia. O sistema denominacional tem como um de seus, se não, o principal objetivo, *lucrar nas costas dos mais simples e desavisados*. Os fiéis são treinados para defenderem a denominação onde frequentam e não o Evangelho que afirmam crer. Basta observar alguém fazer uma crítica à denominação deles, a reação é forte; em contrapartida, não há a mesma veemência em defesa do Evangelho de Jesus quando necessário.

Se voltarmos no tempo, iremos perceber que tudo isso se deve à institucionalização que houve com a igreja por parte de Roma no século III; a igreja do Senhor como corpo orgânico, formado de pedras vivas que é o verdadeiro templo e morada do Espírito Santo perdeu o seu devido valor e foi esquecido o motivo pelo qual Jesus a estabeleceu neste mundo que é viver uma vida de santificação, ganhar almas e prepará-las para o reino dos céus. Roma não apenas institucionalizou a igreja, como também criou as diretrizes para que ela fosse regida e dominada por homens.

Ao institucionalizar a igreja, *Roma estabeleceu o sistema clerical copiando o modelo do sistema sacerdotal levita do antigo concerto, onde Arão era o sumo-sacerdote, sendo auxiliado pelos filhos e os demais levitas. Como o modelo de hierarquia foi copiado do sistema levítico, Roma também estabeleceu seus ministros e, para sustentá-los, criou o sistema de manutenção de obreiros conforme era no antigo concerto – em dízimos e ofertas.*

Em relação aos ministros, mudaram-se apenas os títulos ou as nomenclaturas dos obreiros, mas, *conservou-se o mesmo sistema e ordem hierárquica como Roma criou*, assim como a manutenção dos mesmos. Depois da reforma, essa institucionalização abriu espaço para que novas igrejas fossem criadas de acordo com a conveniência e o desejo das pessoas (*Leia 2ª Timóteo 4:3*).

Na carta dirigida aos Coríntios, Paulo demonstrou preocupação com a possível divisão da igreja como corpo de Cristo. *"Está Cristo dividido? foi Paulo crucificado por vós? ou fostes vós batizados em nome de Paulo?" (1ª Coríntios 1:13)*. Mas o que o apóstolo tanto temia, Roma conseguiu fazer e hoje, quase que todo dia nasce uma nova igreja com sua nomenclatura e doutrina peculiar. Cada uma com seu regimento interno, regras e estatutos específicos, porém, o mais controverso de tudo isto é que todas reivindicam para si o título de ser a "igreja do Senhor", muito embora, muitas delas sejam exclusivistas não permitindo que seus membros tenham qualquer tipo de comunhão com membros de outras. Quando ganham um prosélito, batizam-no para o tornarem membro e mantenedor daquela instituição.

A institucionalização da igreja também resgatou o modelo de congregar-se em um templo como era praticado no antigo concerto. Templos esses que também são chamados de "casas de Deus", ignorando o que está escrito, que *Deus não habita mais em templos feitos pelas mãos dos homens (Atos 7:48; 17:24)*. Assim, esse modelo também exige que sejam separados homens para oficiarem nestas "casas de Deus". Alguns fundadores de igrejas institucionais se auto intitulam *pastores, apóstolos, bispos*, entre outros, mas, outras mais "organizadas" criaram suas convenções particulares, elegendo seus presidentes e dando autonomia a estes para escolher e separar seus obreiros.

A igreja denominacional, não generalizando, é coordenada por homens orgulhosos, não santificados, falsamente libertos e cheios de interesses pessoais que falam mais alto nos templos que a própria voz do evangelho. Quero, contudo, salientar que é inegável que, mesmo dentro dos sistemas religiosos, o Espírito Santo continua agindo por meio da sua Palavra, de modo que pessoas são salvas, consoladas, edificadas e alimentadas. Deus não faria o contrário, porque ele ama os que Lhe pertencem. O problema é que muito do alimento que essas ovelhas recebem ali está misturado com os dogmas e erros doutrinários do sistema, mas mesmo assim algum alimento elas recebem.

Pois bem, voltando a falar sobre a igreja de Jesus: como já exposto, ela é o corpo de Cristo, do qual fazem parte todos os salvos. De acordo a *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, no tocante à *etimologia*, o significado da palavra *igreja*, no Novo Testamento é traduzido pela palavra grega *ekklēsia*, que possui duas idéias: *pessoas chamadas para fora e*

assembléia pública. No primeiro caso, se refere a pessoas chamadas para fora do mundo pecaminoso e do sistema religioso. No segundo, diz respeito à assembléia do povo de Deus (ver *Atos 19.32, 39, 41*), designando a igreja cristã universal (ver *Mateus 16.18; Atos 20.28; 1ª Coríntios 12.28; 15.9; Efésios 1.22*), bem como uma igreja local (ver *Mateus 18.17; Atos 15.41; Romanos 16.16; 1ª Co 4.17; 7.17; 14.33; Colossenses 4.15*). Falando em *igreja local*, conforme registrado em *Atos dos Apóstolos*, os irmãos se reuniam em locais fechados para externar gratidão a Deus, orar e ouvir a Palavra.

Gary Fisher aborda o tema *igreja* de forma esclarecedora: *“Há três usos comuns da palavra “igreja”. Dois são das Escrituras e um não é. Nas Escrituras, todos os cristãos formam a igreja de Deus (Efésios 1:22-23; 5:22-33). Do mesmo modo, os cristãos que trabalham e adoram juntos num determinado lugar são uma igreja (1ª Coríntios 1:2). Estes dois usos classificam-se como igreja universal e igreja local. O uso que não é das Escrituras se aplica a um grupo de igrejas que poderíamos chamar igreja denominacional. Uma igreja denominacional é uma instituição que possui filiais e trabalham juntas como se fosse uma, sob uma organização nacional ou internacional. Agora você pode perguntar: O que há de errado com a existência de uma igreja denominacional? Muitas coisas: primeiro, a única organização que Deus deu aos cristãos foi a igreja local, segundo: não há autoridade bíblica para qualquer presidente, sínodo ou convenção se colocar acima de qualquer grupo de igrejas e terceiro: não encontramos na bíblia a existência de várias igrejas locais em um local, o que encontramos era a igreja formada pelos cristãos que viviam naquela determinada localidade/cidade.”*

Um último esclarecimento para encerrar este comentário é o seguinte: a igreja não é uma continuidade ou substituição do povo de Israel, seja como povo ou de forma espiritual, como é interpretado por boa parte dos evangélicos. De fato, Deus teve um tratado particular com a nação de Israel, conforme relata as Escrituras, em especial, o Antigo Testamento, entretanto, a igreja não é uma representação de Israel. Deus tem um só povo: a Sua igreja! Ainda que em algumas passagens no AT a expressão “meu povo” é utilizada com referência a Israel, a verdade é que Deus não tem dois povos. É comum vermos pregadores dizendo que a igreja é uma representação de Israel, também afirmam que as coisas que Deus falou para Israel no passado servem para a igreja hoje, fazem aqueles paralelos cheios de fantasias entre Israel e a igreja, aplicando à igreja promessas que foram feitas para a nação israelita no Antigo Testamento. Isso não procede.

O irmão Antônio Carlos diz algo esclarecedor a esse respeito: *“A igreja de Cristo não é uma substituição nominal de Israel. A igreja de Cristo é permanente e eterna, nela não se encaixa as promessas da Israel terrena, mas a espiritual. A religião está cada vez mais forte*

nesta ideia: de que tudo o que foi pra Israel terreno é para a igreja, como se Cristo, apenas trocasse o nome Israel por igreja e que nela "continua" os termos terrenos de promessas, prosperidade, terras e vitória em guerras, como se Deus tivesse a igreja em separado de outras nações, como teve Israel. Nada disso!"

Frank Brito, em um de seus artigos faz as seguintes observações:

*"...Como já demonstramos, a promessa do Senhor, "para te ser por Deus" (Gn 17:7) não incluía Israel somente, mas também os gentios. A vantagem de Israel foi o de ser o primeiro chamado (cf. Rm 2:10, 9:1-5) para que, por meio daquilo que Deus faria neles, **os gentios também fossem incluídos no mesmo pacto** (Gn 12:13,18:18, Gn 22:18, Gn 26:4, Gn 17:5).*

"O primeiro detalhe que devemos observar é que no Antigo Testamento nós não encontramos o termo "igreja", e é exatamente por isso que muitos tendem a dizer que a igreja só passa a existir a partir do Novo Testamento. MAS, como nós cremos em uma teologia pactual, ou seja, o Antigo Testamento e o Novo Testamento fazem parte de um mesmo pacto feito por Deus, cremos também que a igreja existe tanto no Antigo como no Novo Testamento, com características diferentes."

"A principal diferença entre o Antigo e o Novo Testamento é que no Antigo, a igreja não está claramente definida e a imagem que nós temos é a imagem de um povo, uma nação escolhida e separada por Deus para representá-lo aqui na terra. E este povo é o povo de Israel. Então, no Novo Testamento, a igreja é revelada no dia de Pentecostes quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos de Jesus, em Atos 2."

"Deus escolheu um povo específico, uma nação, para ser instrumento de propagação das bênçãos e do poder restaurador de Deus para o mundo todo. As nações seriam atraídas para Deus a partir dos israelitas. E nós vemos essa realidade em Salmo 9.11: "Cantai louvores ao SENHOR, que habita em Sião; proclamai entre os povos os seus feitos." É através dos israelitas que Deus propaga seu propósito redentor e restaurador".

Outra afirmação muito importante para nosso entendimento é a seguinte: *"O evangelho veio para os gentios, os quais, agora, através da fé, participam das bênçãos aos pais e se unem com os crentes judeus para constituir o verdadeiro Israel de Deus: A IGREJA DE JESUS CRISTO!"*

Mais um texto que considero interessante acerca da igreja encontra-se no site igrejasimplesorganicanoslares.blogspot.com. Diz o seguinte:

"Quanto à natureza, as igrejas de hoje ou são institucionais ou não-institucionais. A igreja institucional, como o próprio nome denota, é uma instituição. Descrevendo-a sinteticamente, podemos dizer que ela é uma pessoa jurídica, registrada nos órgãos estatais, composta por seus fundadores, e por outros associados, e tendo seu início marcado por meio de uma ata de fundação. Porque ela é uma instituição, possui obrigatoriamente um local fixo de reunião, ao qual chamam templo (ou

inadequadamente de “igreja”). Possui um estatuto ou documento semelhante, que rege a instituição como sua lei. É bastante semelhante, em sua natureza (mas não no seu propósito), a uma organização não governamental sem fins econômicos. As pessoas entram efetivamente para a igreja institucional quando manifestam sua livre vontade e participam de seus rituais de iniciação, geralmente uma declaração pública de aceitação dos estatutos (doutrinas) da instituição e o batismo nas águas. Como ela é institucional, ela organiza um rol de membros. Além disso, possui funcionários e prestam serviços religiosos. Tem cargos, que são preenchidos por uma elite espiritual (clero), que detém certos privilégios, e o restante dos associados são tidos como cristãos comuns. Já a igreja não institucional ou orgânica é mais como uma família. Entende-se a si mesma como um organismo vivo, espiritual. **Não é fundada por homens**, mas, como todo organismo vivo, nasce (de Deus). Não é uma pessoa jurídica. Não é uma organização (**embora não seja desorganizada**). A igreja não institucional é composta simplesmente de crentes que amam a Deus e resolvem caminhar juntos, compartilhando a vida, edificando-se e servindo-se mutuamente. Os irmãos se reúnem principalmente nos lares dos seus membros. Nas igrejas não institucionais não há estatuto; as regras são as da própria Bíblia. Não há um ritual de iniciação para que pessoas façam parte dela. Porém, para ser parte dessa família, a pessoa tem que ter nascido de novo (espiritualmente) e ter sido adotada por Deus como filho. Batismos são realizados quando um novo (ou antigo) convertido deseja se batizar. Não há um rol de membros, nem é necessário, pois todos que são irmãos vivem juntos e se conhecem. Também como ocorre nas famílias saudáveis, **as pessoas ajudam-se umas às outras** e não permitem que nenhum de seus membros passe necessidade. Neste aspecto, como era a igreja do Novo Testamento (A igreja primitiva)? Era institucional ou não institucional? Ela era registrada em algum órgão estatal (oficial)? Possuía alguma licença legal para funcionamento? Não. Ela era muito mais como uma grande família, sem qualquer licença ou vínculo com o Estado. Na realidade, os apóstolos recomendavam que se respeitassem as autoridades mundanas e as suas leis (Rom. 13.1; Tito 3.1), naquilo que não entrassem em choque com a Palavra de Deus, mas, a igreja primitiva era um movimento não institucionalizado. Alguém poderia aqui argumentar que naquela época não havia este tipo de registro cartorial, portanto, é inadequado comparar a igreja primitiva com a de hoje, neste aspecto. Certamente não existiam cartórios para registro de associações ou organizações no primeiro século. Porém, será que não existiam corporações organizadas ou reconhecidas pelo império, com suas próprias regras e estatutos? Existiam sim. Essa é a opinião abalizada dos historiadores e dos eruditos do Novo Testamento. William L. Coleman, por exemplo, em seu livro “Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos” (p. 140), nos diz: “Nos dias de Jesus, a sociedade já era constituída de grupos rurais e urbanos. Uma sociedade urbana exigia muitos tipos de serviços, e indivíduos com todo tipo de habilidade profissional. Numa sociedade complexa, as necessidades básicas de um trabalhador eram muitas, e isso os levou a organizar corporações. Já no tempo em que Cristo viveu na terra, havia em vários lugares corporações de trabalhadores bem organizadas e bem conceituadas.” Wayne A. Meeks, da Universidade Yale, também afirma em seu livro *The first Urban Christians* que havia diversos tipos de corporações no primeiro século. Meeks afirma que nos tempos paulinos havia associações diversas, além das sinagogas judaicas e das escolas retóricas/filosóficas. Interessava ao império

controlar todos os movimentos, portanto ele apoiava a formalização dessas organizações. Movimentos não institucionalizados eram muito mal vistos pelo Império Romano. Aliás, os estados modernos herdaram essa mesma atitude. Essas citações nos mostram que, embora não existissem cartórios, existiam organizações formalizadas nos tempos da igreja primitiva. O escopo deste artigo não nos permite acrescentar outras citações, contudo, uma coisa fica certa: havia instituições no primeiro século. A igreja primitiva, portanto, era não institucional, não por falta de modelos institucionais em sua época, mas sim, porque ela era orgânica por opção, ou melhor, por natureza. A igreja não começou com uma ata de fundação ou documento semelhante, elaborado por homens. Nasceu com um derramar do Espírito Santo nos fiéis, que estavam em oração, em uma casa (Atos 2.2). Não possuía funcionários. Sustentava os apóstolos (que eram plantadores de igrejas, missionários itinerantes), mas não empregava nenhum funcionário local. Era uma família de irmãos e irmãs, cujo pai era o Senhor Jesus. (conferir Atos 2.42-47). Assim, a igreja do Novo Testamento, a igreja bíblica, era orgânica. O modelo bíblico era não-institucional. A igreja institucional não é um modelo bíblico. Ela pode ser uma boa organização, possuir uma boa estrutura, muitas outras qualidades, mas, quanto à sua natureza, este modelo não se encontra na Bíblia. Não é bíblico. A história nos mostra que a igreja cristã começou a se tornar institucional a partir do Imperador Constantino (313 d.C.), o qual não oficializou o Cristianismo como religião de Roma (quem o fez foi Teodósio, o imperador seguinte, em cerca de 360 d.C.), mas, Constantino cessou a perseguição aos cristãos e os apoiou financeiramente, inclusive construindo os seus primeiros templos de tijolos. Aí começou a grande decadência da igreja. Os interesses de Constantino e Teodósio na igreja cristã não eram nada “cristãos”. **Eram políticos**, imperiais, movidos pela sede de poder e controle. Constantino só foi batizado em seu leito de morte, pois levava uma vida de luxúria e imoralidade. Os imperadores passaram a controlar os cargos de liderança das igrejas, o que levou na idade média a igreja a até conceder esses cargos mediante pagamento em dinheiro ou em troca de outras riquezas. O modelo encontrado no Novo Testamento, o modelo bíblico de igreja, no tocante à natureza da igreja, é o modelo não institucional de igreja nos lares. (Os grifos são meus).

Por fim, uma consideração bastante relevante do irmão César Francisco Raymundo: “O Reino é uma realidade! Se não fosse, não seríamos nem mesmo sacerdotes de Deus Pai. A caracterização de reino e sacerdotes era aplicada a Israel conforme Êxodo 19.6. Agora, vemos aqui uma aplicação aos crentes coletivamente. A igreja é constituída como Reino e Sacerdócio de Deus. Israel perdeu sua posição especial e, infelizmente, este é um ponto esquecido entre os cristãos de hoje. Sendo a igreja de Jesus Cristo o povo de Deus, o Israel segundo a carne deixou lugar para o Israel de Deus, ou seja, a igreja. A igreja agora é o verdadeiro Israel de Deus em contraste com os israelitas étnicos, que afirmam serem verdadeiros “judeus, mas não são, mas são sinagoga de Satanás” (ver Apocalipse 2.9), e são “mentirosos” (3.9). Aliás, o verdadeiro Israel de Deus sempre foi a igreja, desde a eternidade e os primórdios da história humana!”

O comentário 9, sobre os *desigrejados*, também vai tratar mais um pouco acerca dessa questão da *igreja de Cristo x templo*.

Comentário 4 – Religião x Evangelho

A religião é o que o homem faz para Deus; o Evangelho é o que Deus fez pelo homem.

(Glênio Fonseca)

A religião é um grande empecilho para que possamos compreender o evangelho de Cristo. Na verdade, ela não só é um empecilho, mas, um malefício.

Em algumas situações a palavra *religião* pode ser usada, figuradamente, representando algo bom; nesta questão específica em que estou abordando, estarei me referindo à religião no sentido de *religiosidade*, aspecto que tem sido predominante no comportamento da maioria daqueles que fazem parte das instituições religiosas.

Qualquer curso de teologia vai dizer que a palavra *religião* vem do latim: *religare*, que possui a ideia de *religar o homem a Deus*, sendo essa religação uma necessidade, por conta das consequências ocasionadas pelo pecado do primeiro homem: Adão; porém, algumas questões precisam ser analisadas: é possível que o homem possa ser religado a Deus? de acordo a mensagem do evangelho, não há essa possibilidade, pelo menos, não pelo esforço humano, que é a ideia transmitida pela religião.

Algo que é *ligado* ou *religado* pode ser desligado, desatado novamente, por isso, prefiro dizer que em vez de religado, o ser humano é *resgatado*. Todo aquele que é salvo, é colocado nesta condição por causa da ação divina, pela graça, soberania e vontade do Criador, trata-se de algo que parte de Deus, de Sua ação. Portanto, essa ideia de *religação* acaba tendo algumas incompatibilidades diante do ensino das Escrituras. Agora, analisemos alguns outros aspectos negativos atrelados e provenientes da *religiosidade*.

1º: Divisão. Se tem algo que a religião mais faz é dividir, causar contenda entre as pessoas. Observe que todo líder religioso ou membro de uma determinada instituição tem o hábito de defender sua *religião* com “unhas e dentes”. Geralmente, para o evangélico, católico ou *testemunha de Jeová*, por exemplo, sua religião é a única correta, aceita e com aval de Deus. Gosta de debater com os integrantes de outras esferas religiosas para provar que a sua é a melhor. Discute, debate, briga. Esse tipo de situação também é comum entre os próprios evangélicos de instituições diferentes: o da *Assembleia* contende com o *Batista* que contende com o da *Deus é Amor* que contende com o da *Congregação Cristã* que contende com o *neopentecostal* e assim por diante. A verdade é que, para cada instituição religiosa, ela é a única que contém o amparo legal da parte de Deus para falar em nome dEle e procura mostrar às outras que estão erradas. Esse tipo de comportamento é puramente religioso e não leva a

lugar algum, não produz nada de interessante em termos de propagação das boas novas. (leia *Marcos 3.24 e 25*).

Nas Sagradas Escrituras nós vamos encontrar o Senhor Jesus Cristo orientando seus discípulos a baterem a poeira dos pés e saírem das casas onde não fossem bem recebidos durante a divulgação das boas novas. O texto deixa subtendido que não era da vontade do Senhor que os apóstolos entrassem em discussões com a pessoa que, porventura, não recebesse a mensagem do evangelho. (Leia *Marcos 6.5-12*)

O apóstolo dos gentios, o irmão Paulo, tinha o mesmo tipo de visão, tanto que vamos encontrar na epístola que ele escreveu ao irmão Tito uma orientação nesse sentido: “*Evita, no entanto, todo tipo de questões tolas, genealogias, discórdias e discussões inúteis a respeito da Lei, porquanto essas contendas são vazias e sem valor.*” (*Tito 3.9*). Outros textos para reflexão são: *Tito 1.14 / I Timóteo 1.3-7 / I Timóteo 4.7 / II Timóteo 2.23 / II Timóteo 2.14 / 1ª Coríntios 8.1 / 1ª Coríntios 13.2 / Tiago 4.1*.

Não há dúvida de que quanto mais eu debato para mostrar que minha religião é a certa, mais divisão eu promovo. Alguns podem não concordar, mas, afirmo, sem nenhum exagero que, a religião foi um dos fatores que muito contribuiu para as guerras que já ocorreram ao longo da história. Apenas para citar alguns exemplos: *as cruzadas dos séculos XI a XIII, as guerras da França no século XVI entre católicos e protestantes e a guerra dos Trinta anos na Alemanha, também entre católicos e protestantes*. Cada religião se considera a única pura, santa e imaculada e, para defender aquilo que propaga entra em conflitos intermináveis com a religião adversária. Algumas cometem coisas terríveis em nome da “fé”: como não mencionar a *religião islâmica* que se considera detentora de todo o poder e verdade e comete as piores atrocidades possíveis em nome de seu deus, *Alá*, por meio do *jihad*, que significa guerra “santa”?

Jesus não gostava de debates e Ele é a minha referência. Perceba que, quando Jesus confrontava os fariseus, Ele não perdia tempo em querer provar teses ou defender uma ideia, Ele usava a Palavra para mostrar aos hipócritas os seus erros. Se quisessem reconhecer, bem, se não quisessem, vida que seguia. No caso de Jesus, como Ele era (e é) onisciente, sabia que aqueles homens não se convenceriam de seus atos errôneos, vindo posteriormente a torturá-IO, crucificá-IO e matá-IO em uma cruz. Certa feita, Cristo disse a esses mesmos fariseus: “*vocês já têm o que merecem*” (que no caso, era se aparecerem diante dos outros). Da mesma maneira, entendo que o cristão, conhecedor do verdadeiro evangelho, não deve dizer que tem uma religião e nem entrar em debates com ninguém querendo provar algo. A

Palavra deve ser anunciada. O Espírito Santo certamente convencerá do pecado aqueles que a ouvem.



O escritor e combatente do tráfico de órgãos, Paulo Pavesi, afirma algo que considero bastante interessante acerca dos debates. Ele diz: *“Não há sentido em debates. Num debate cada um defende sua ideia sem analisar a realidade e sem reconhecer seus erros, ninguém se convence e cada um vai para casa pensando do mesmo jeito mesmo depois de muita discussão. O debate não está comprometido com a busca pela verdade e com o respeito à lógica, é apenas um mero embate com objetivos obscuros onde o que menos se deseja é encontrar a verdade, mas sim, utilizá-lo para objetivos fanáticos. Em fim, se não vai se chegar a lugar algum nem haver consenso no final, pra que debates?”*

2º: Hipocrisia. A religião é hipócrita! Embora haja líderes religiosos compromissados com a verdade, de bom caráter e responsáveis quanto ao anúncio do evangelho, a maioria age com hipocrisia: exigem dos afiliados o cumprimento de uma série de regras, colocam ‘fardos’ pesadíssimos e explanam sermões cheios de imposições, enquanto eles próprios nada fazem daquilo que ordenam a seus súditos. Para dar um exemplo do que digo, há um líder religioso de renome no cenário nacional que faleceu há alguns anos. Nas instituições sob sua liderança, dentre as muitas exigências da cartilha da denominação, uma é que ninguém pode assistir TV, porém, em contrapartida, o sujeito possuía um verdadeiro cinema dentro de casa.

É bem comum vermos presente no sistema religioso a exploração da fé alheia para se atingir objetivos pessoais: a barganha em nome da fé tem sido uma constante. Líderes que se colocam como “autoridades espirituais” ou “ungidos do Senhor” e abusam da inocência de muitas pessoas dizendo-lhes para colocarem a fé em prática e depositarem no “altar do Senhor” quantias e mais quantias para que sejam abençoadas financeiramente e prosperem em todos os sentidos. Usam textos isolados e fora de contexto para amedrontar os fiéis e estes, acabam se submetendo, pois, não possuem conhecimento das Escrituras e veem a palavra desses líderes como infalível, acreditam piamente naqueles que “representam” Deus

na terra. Esses líderes religiosos de hoje em dia em nada se diferem dos fariseus da época de Cristo, são hipócritas de igual modo e, certamente, prestarão contas de seus atos.

Também é corriqueira na religião a hipocrisia entre irmãos. Se tem algo que é característico do religioso é o fato de se colocar em condição de maior grau de santidade em relação a seu semelhante e apontar os erros deste. Isso recebe o nome de *legalismo*. O religioso gosta de falar da vida alheia; isso, pelas costas, pois, perante a pessoa que ele tanto critica para seu irmão, pastor ou padre, age como se a mesma fosse a criatura mais simpática e amável que conhece. Apenas para esclarecimento: a orientação bíblica é julgar o irmão segundo a reta justiça. Se houver, por acaso, alguém em situação de pecado numa comunidade cristã, o irmão que quer ajudar adverte com amor, orienta em particular e é realista *em frente à pessoa*. Mas, infelizmente, dentro da religião, tudo é contrário aos ensinamentos bíblicos! Essa forma de agir na base do “disse me disse”, “leva e traz” e fofquinhas vai ao encontro do que é relatado em *Provérbios 12 e 15* e em *Tiago 3*, que falam sobre a insensatez dos que não freiam suas línguas.

Como não descrever também a questão *religião x política*? Outra situação bastante recorrente por parte de muitos líderes religiosos é o apoio que dão em nome das instituições sob suas lideranças a candidatos políticos. Alguns são mais cometidos, enquanto outros não pedem segredo chegando ao extremo de levar os candidatos e apresentá-los no templo, fazem orações fervorosas pelos mesmos, diz ao povo que eles estarão ajudando na “obra”; declaram apoio total em troca de favores, o famoso “toma lá dá cá”; um grande teatro em nome da fé. O líder religioso é cidadão como qualquer pessoa e não há problema algum em apoiar este ou aquele candidato, porém, usar a comunidade cristã e falar em nome dela, por conta de seus interesses próprios é, além de antiético e desrespeitoso. Depois, esse mesmo líder estará dando sermão para os irmãos “ensinando-lhes” a como se comportar em época de política. Muita hipocrisia!

Ainda nesse aspecto da política, algo que líder religioso gosta bastante é levantar a voz, seja no templo ou principalmente em praça pública, para orar por candidatos. Por que será? Seriam os holofotes, o fato de serem vistos de forma destacável perante a multidão? (Leia *Mateus 6.5*). Alguém pode questionar que há na bíblia orientação para orar pelas autoridades. Sim, há; porém, o texto não diz que essas orações devem ser feitas na presença das referidas autoridades, e muito menos, diante de multidões; todavia, é claro que, para um líder religioso, orar por uma autoridade em seu quarto, onde ninguém está vendo, certamente não é muito interessante...

Observemos mais alguns textos da Palavra de Deus que nos ajudam acerca dessa questão:

*Guardai-vos de fazer a vossa caridade e obras de justiça **diante dos homens, com o fim de serem vistos por eles**; caso contrário, não tereis qualquer recompensa do vosso Pai que está nos céus. (Mateus 6.1)*

*Quando jejuardes, **não vos mostreis** com aspecto sombrio como os hipócritas; pois desfiguram o rosto com a intenção de mostrar às pessoas que estão jejuando. (Mateus 6.16)*

*Tudo o que realizam **tem como alvo serem observados pelas pessoas**. Por isso, fazem seus filactérios bem largos e as franjas de suas vestes mais longas. (Mateus 23.5)*

*Ai de vós, doutores da Lei e fariseus, hipócritas! Porque devorais as casas das viúvas e, para disfarçar, **encenais longas orações**. E, por isso, recebereis castigo ainda mais severo! (Mateus 23.14)*

*E estando todo o povo a ouvi-lo, Jesus advertiu aos seus discípulos: 46“ Tende cuidado com os mestres da lei. Pois eles **fazem questão de andar com roupas especiais, e muito apreciam serem saudados nas praças, ocupar as cadeiras mais importantes nas sinagogas e os lugares de honra nos banquetes**. 47 Contudo, eles devoram as casas das viúvas, e, para não dar na vista, **fazem longas orações**. Sem dúvida, estes homens sofrerão condenação mais severa!” (Lucas 20)*

É preciso ficar claro que a recomendação bíblica sobre orar por autoridades é, antes de tudo, uma orientação para *orar por todos os homens*. Esse ato consiste em *interceder* e não em *se aparecer*. (Confira *1ª Timóteo 2.1-4*). Aproveitando o assunto (*orar pelas autoridades*), quero abrir um pequeno parêntese para esclarecer alguns pontos que são extremamente pertinentes a esse respeito: muitos líderes religiosos afirmam que cristãos não podem criticar autoridades constituídas, ainda que sejam corruptas, pois, atestam que o texto de *Romanos 13* deixa claro que nossa função é somente orar por elas e abençoá-las. Vejamos a passagem: “Toda a alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto,

imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra. A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. (Romanos 13. 1 ao 8).

Observando as partes destacadas neste texto, a sensação que dá ao lermos o mesmo é que as autoridades governamentais não podem, de fato, serem criticadas; que devemos tolerar todas as suas atitudes, ainda que sejam más, e amá-las sem fazer nenhum questionamento sequer. Então, surge a pergunta: *Deus coloca ladrões, corruptos, enganadores e aproveitadores para governar uma cidade, estado ou país e não deseja que seus filhos se manifestem contra tais dissolutos e imorais?* O cenário atual de nossa nação mostra um conjunto de autoridades assaltando os cofres públicos, roubando o dinheiro destinado ao serviço público, enquanto muita gente sobrevive com salário de migalhas. Há alguns anos a coisa ainda era pior, já que as divisas financeiras nacionais eram estocadas em massa em paraísos fiscais. Realmente, fica difícil aplicar, a grosso modo, o texto de Romanos citado acima. Vamos então compreender como funciona essa situação do *sujeitar às autoridades*. Ela é facilmente explicada em *Atos capítulo 5, versículos 25 a 29*. O texto relata os ensinamentos do apóstolo Pedro, quando, na ocasião ele se posicionou diante dos sacerdotes em Jerusalém. Veja: *“E, chegando um, anunciou-lhes, dizendo: Eis que os homens que encerrastes na prisão estão no templo e ensinam ao povo. Então foi o capitão com os servidores, e os trouxe, não com violência (porque temiam ser apedrejados pelo povo). E, trazendo-os, os apresentaram ao conselho. E o sumo sacerdote os interrogou, Dizendo: Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina, e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem. Porém, respondendo Pedro e os apóstolos, disseram: Mais importa obedecer a Deus do que aos homens.”*

Deus instituiu as autoridades como sistemas constituídos de leis e nós devemos estar sujeitos a elas, isso é fato, porém, Ele não instituiu assassinos como Hitler, Lênin, Stalin ou Fidel Castro, por exemplo. Ele instituiu sistemas de governos. Estes sistemas gerenciam as nações. Estes sistemas têm a função de punir os maus, mandar para a cadeia os bandidos, conforme o que é descrito em Romanos 13. Estas instituições, a quem nós pagamos nossos impostos, devem saber gerenciar o dinheiro público de forma a proporcionar bem estar ao povo. A situação começa a ficar clara para nós e fica fácil compreender a revolta de muita gente, inclusive, cristãos, por meio dos desabafos nas redes sociais quando governantes desonestos tentam nos fazer aprovar seus atos ilícitos. Não queremos políticos corruptos e não

foi Deus quem os colocou para governar as nações. Neste caso, devemos ouvir as palavras de Pedro: *Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens*. Simples assim.

Estar contra a corrupção, ser contra atos de roubo e de bandidagem é saudável, é defender o que Deus nos ensinou, é obedecer a Deus mesmo desobedecendo aos homens. Por isto, a necessidade de orarmos para que Deus faça uma limpeza nas lideranças constituídas no poder brasileiro. Nós queremos obedecer às autoridades sim. Queremos ter orgulho de sermos governados por pessoas honestas que punem os maus e nos dão segurança. Importa para nós que estas autoridades sejam dignas de respeito, que mereçam nosso apreço e louvor. Deus jamais colocaria corruptos para roubarem um país, roubarem um povo. Jamais! Observemos agora o mesmo texto com algumas observações importantíssimas que servirão para corroborar o que acabo de esclarecer:

“Toda a alma esteja sujeita às autoridades superiores (ou AUTORIDADES AUTORIZADAS conforme o original da palavra, ou seja, SISTEMA DE GOVERNO, POTESTADE); porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus. Por isso, quem resiste à autoridade (DESOBEDECE ÀS LEIS) resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação (ESTARÃO SUJEITOS À PUNIÇÃO. APLICAÇÃO DAS LEIS GOVERNAMENTAIS). Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más (NOVAMENTE REFERÊNCIA AO DESCUMPRIMENTO DAS LEIS OU ATOS DE DESORDEM E INJUSTIÇA). Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem (TEM O DEVER DE PROTEGER E FAZER JUSTIÇA AO CIDADÃO DE BEM). Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada (SENTENÇA, REFERÊNCIA A UM INSTRUMENTO QUE SERVE PARA FAZER JUSTIÇA EM PROL DOS INJUSTIÇADOS); porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos (MODO DE VIDA BASEADO NO CUMPRIMENTO DAS LEIS), não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra. A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor (FORMA DE VIDA DO CRISTÃO) com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. (Romanos 13. 1 ao 8).”

Antes de prosseguir, vou externar aqui um posicionamento particular a respeito do que penso sobre a maioria dos políticos brasileiros, que alguns crentes insistem em chamá-los de autoridades constituídas por Deus. Por exemplo: um professor gera para o Estado entre dois a quatro mil reais por mês, muitos, com uma imensa carga horária de trabalho, já um político que geralmente “trabalha” dois dias na semana gera para o Estado um gasto de mais de trezentos mil reais. O cidadão trabalhador e pai de família não tem à sua disposição saúde, transporte público, segurança e nem ensino de qualidade. O professor ganha mal, as escolas são mal equipadas e em muitos estabelecimentos de ensino os professores apanham de alunos desordeiros e vândalos. Aproveito a colocação para lhe indicar que faça a leitura de minha obra *O que estão fazendo com a Educação?*. Pois bem, diante dessa realidade em nosso país, eu pergunto: será que esses políticos brasileiros com seus super-salários se encaixam nesse perfil dos ‘magistrados que reprovam as obras do mal e praticam as obras do bem’ descrito no texto de Romanos 13? Nós devemos nos sujeitar a esses homens? Eles merecem ser vistos como autoridades constituídas por Deus?

Voltando ao texto de Romanos, acredito ter ficado claro para o amado leitor. Quando o texto diz que Deus instituiu autoridades devemos compreender como se estivesse dizendo assim: *Deus instituiu sistemas governamentais!* Não se trata de referência a esta ou àquela pessoa específica (político). Devemos estar sujeitos às leis estabelecidas e não a homens corruptos, inescrupulosos, ditadores e sedentos pelo poder. E qualquer lei existente em uma cidade, estado ou país, ainda que estabelecida com o pretexto de manutenção da ordem, se for anticristã, deve ser ignorada pelos crentes, ainda que isto custe suas vidas, pois, antes importa obedecer a Deus do que aos homens.

Para terminar, vamos à análise de mais alguns textos da Palavra que muitos utilizam para embasar a ideia de que os políticos são homens instituídos por Deus:

Tito 3:1 - *Recomende aos irmãos que respeitem as ordens dos que governam e das autoridades, que sejam obedientes e estejam prontos a fazer tudo o que é bom. (a ideia aqui não é de submissão a pessoas que ocupem função parlamentar, mas, uma recomendação de Paulo ao irmão Tito no sentido de que era importante manter o bom comportamento como cidadão e boas relações com as instituições civis, já que não era um costume dos crentes – veja o versículo 10, por exemplo).*

1 Timóteo 2:1-2 - *Em primeiro lugar peço que sejam feitos orações, pedidos, súplicas e ações de graças a Deus em favor de todas as pessoas. Orem pelos reis e por todos os outros que têm autoridade, para que possamos viver uma vida calma e pacífica,*

com dedicação a Deus e respeito aos outros. (aqui nesse caso pode ser entendido como uma referência direta àqueles que possuem cargos governamentais, entretanto, não fala de submissão. O início do texto é claro em dizer que devemos orar por todos os homens, o que inclui políticos corruptos. A atitude de orar por todos os homens nos faz lembrar que Deus é o Grande e Soberano do universo).

1 Pedro 2:13-15 - Por causa do Senhor, sejam obedientes a toda autoridade humana: ao Imperador, que é a mais alta autoridade; e aos governadores, que são escolhidos por ele para castigar os criminosos e elogiar os que fazem o bem. Pois Deus quer que vocês façam o bem para que os ignorantes e tolos não tenham nada que dizer contra vocês. (Obedecer às autoridades humanas tem a ver com aquilo que já relatamos: obedecer às regras e às leis).

1 Pedro 2:18 - Vocês, empregados, sejam obedientes aos seus patrões e os respeitem, não somente os que são bons e compreensivos, mas também aqueles que os tratam mal. (O foco nessa fala de Pedro é o respeito que todo funcionário deve ter em relação ao seu patrão).

Pois bem, a questão da hipocrisia é algo muito sério. Como já mencionei, era algo que o Senhor Jesus mais combatia. Os sacerdotes, autoridades judaicas e líderes religiosos da época de Cristo eram os que mais agiam de forma hipócrita, nada muito diferente em relação aos líderes religiosos do século atual.

3º: Elevação de status (o clero): outro sério problema da religião é a questão do *clero*, um corpo formado por pessoas consideradas especiais, que são, segundo o pensamento religioso, os representantes de Deus na terra, intermediários, homens com títulos “nobres” como: *pastor, reverendo, bispo, sacerdote, presbítero, apóstolo, padre, papa, ancião*, dentre outros. É verdade que muitos desses termos aparecem na bíblia, porém, quando mencionados nas Escrituras, tais palavras não se referem a um título ou posição de destaque, mas, a dons. Também, em alguns casos, se referem a ofícios, como, por exemplo, *presbítero* e *bispo*, todavia, em hipótese alguma você encontrará amparo nas Escrituras para dizer que Deus possui pessoas diferenciadas entre os que compõem Sua igreja e, que tais pessoas, por conta disso, devem ter títulos especiais. Sempre encontraremos nas recomendações de Paulo e do escritor aos hebreus as referidas palavras no plural: *pastores, bispos, presbíteros*, entre outras, isso porque em uma comunidade cristã vamos encontrar, por exemplo, vários pastores, e não apenas um.

O desejo por fazer parte de um clero só faz com que as pessoas busquem elevação de status, um patamar de prestígio e visibilidade dentro da instituição religiosa da qual fazem parte ou perante a sociedade. Nas denominações evangélicas muitas pessoas que estão na condição de simples membros desejam um dia serem obreiros, oficiais, sacerdotes, presbíteros, entre outros. Utilizando as Escrituras de modo equivocado, as instituições orientam a buscarem isso. Há uma série de exigências e, aqueles que passam pelos testes são promovidos paulatinamente aos diversos cargos no intento de um dia atingirem o ápice: ser pastor ou padre.

Segundo o escritor Tiago Nascimento, muitas denominações religiosas enfatizam muito a questão dos cargos fazendo com que seus fiéis busquem a elevação de sua condição dentro da entidade como um funcionário de uma empresa que se esforça para ser promovido. É possível perceber em muitos cultos ou missas pessoas que clamam bem alto, mais exaltadas, gostam de falar em tonalidade mais forte, mudam a voz. Não generalizando, mas, entendo que muitas fazem isso para chamar a atenção, mostrar que tem o perfil para assumir um cargo na igreja/templo. Observe que Jesus condena esse tipo de comportamento voltado para a elevação de status. Leiamos o seguinte texto: ***“Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus. Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo. O maior dentre vós será vosso servo. E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado.”*** (Mateus 23. 8-12).

Percebe-se que Cristo deixa bem claro que não há hierarquia entre os seus servos. Entendo que essa palavra é válida para a igreja como organização local. Particularmente, penso que não deveria haver em uma comunidade cristã nenhum tipo de divisão na organização dos assentos, como por exemplo, lugares exclusivos para pastores e líderes naquele local que chamam de púlpito ou altar. Alguns, inclusive, espiritualizam este altar que existe nas denominações colocando-o como uma parte sagrada dentro do templo, de modo que não é permitido que seja ocupado por qualquer um. Em Santa Catarina, por exemplo, há um grande movimento realizado todos os anos em Camboriú, o maior congresso pentecostal do Brasil, onde o principal destaque do evento é o “altar dos homens de Deus”, que reúne, segundo os organizadores, os maiores pastores do país. São cerca de mais de cento e vinte pregadores convidados, um verdadeiro teatralismo que, dentre os objetivos principais, está o de mostrar à massa que, naquele palco montado onde ocorre a “pregação” da palavra, estão os *semi-deuses* da igreja brasileira. Mediante essa tradição de colocar pessoas em destaque

em cadeiras no altar, atrás do local onde ocorre a pregação, o referido movimento se torna um verdadeiro celeiro para revelar “grandes” pregadores. O lugar ideal para quem quer status no *meio gospel*.

Toda essa ideia de *templo, altar, lugar sagrado* é oriunda do *judaísmo* e não faz sentido sua aplicação para a igreja. Interessante que, quando há pessoas da elite como políticos e empresários, por exemplo, em muitos desses lugares, são convidados para se assentarem no “local sagrado” sem nenhuma restrição. Por que será?

Mas, voltando à questão da divisão existente nas instituições religiosas, sou totalmente contrário ao tratamento diferenciado que ocorre em relação a cada um desses grupos: clero, oficiais, obreiros, membros e não inscritos. Os integrantes da igreja de Cristo estão todos no mesmo nível, ninguém pode ser considerado e nem tratado de maneira diferenciada que outro, não deve haver posições de destaque. (leia *Mateus 23.1 ao 12*).

Conforme a análise do irmão Mário Persona (da qual compactuo): *“Nenhum cristão no Novo Testamento trazia títulos como os que hoje trazem os "Pastores" antes do nome, tipo "Pastor Fulano", "Pastor Sicrano". Pastor era um dom dado por Cristo, conforme Efésios 4:11. A cristandade adotou essa maneira de qualificar pessoas como fazem com "Doutor Fulano", "Engenheiro Sicrano", "Deputado Beltrano", "Comendador Tal", em sua volúpia por dividir os cristãos entre clérigos e leigos. Com a adoção de escolas de teologia — algo também estranho à doutrina dos apóstolos — essas pessoas passaram a sair da faculdade com títulos assim, do mesmo modo como um advogado que sai de seu curso de direito com direito ao título por ter estudado e se esforçado para obtê-lo. Estes títulos honoríficos fazem sentido numa escala humana, como no caso de médicos, professores, advogados, políticos etc., mas nada têm a ver com os dons dados por Cristo. no Novo Testamento só encontramos pessoas identificadas pelo dom no caso de apóstolos, profetas e evangelistas. Mas, repare que, em nenhum caso o dom vem antes do nome como se fosse um título honorífico. Me corrija se eu estiver enganado, mas em buscas na Bíblia encontrei diversas vezes a forma "Paulo, apóstolo...", mas, nenhuma vez "Apóstolo Paulo". Aliás, quando Pedro o menciona, usa a forma "irmão" antes do nome, "como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu" (em 2 Pedro 3:15). Isso está bem ao modo como o Senhor Jesus pediu que nos considerássemos mutuamente (Mateus 23.8). Apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores não eram tratados como títulos honoríficos ou eclesiásticos, mas eventualmente era citado o dom apenas para indicar a capacidade que Cristo havia dado àquela pessoa. Era apenas para diferenciar o dom, e isso obviamente era mais expressivo no caso de apóstolos e profetas, que não existem mais, por terem sido eles as pedras do alicerce da casa de Deus. A alegação de alguns hoje de*

que podem ou devem ser chamados de pastor antes do nome, só porque Paulo era identificado como apóstolo, Ágabo como profeta e Filipe como evangelista, é no mínimo pedante. O que esses que querem ser chamados assim procuram? Crédito por possuírem um dom? Ninguém pode se orgulhar de um dom porque é algo que recebeu sem merecer. (Leia 1 Coríntios 4.6 e 7).”

AS DIFERENÇAS ENTRE JESUS CRISTO E O PAPA



JESUS	O PAPA
Era pobre	Ama fortunas
Tinha uma coroa de espinhos	Usa uma coroa de ouro
Lavou os pés de seus discípulos	É beijado por reis
Pagava os impostos	Os cobra
Amava as crianças	Protege quem as viola
Usava um pedaço de madeira	Tem um bastão de ouro
Pregou a paz	Abençoa ditadores e a guerra
Se locomovia em um burro	Tem um papamóvel blindado

Jesus instituiu apóstolos para um trabalho específico: seriam aqueles que lhe representariam na Terra para dar continuidade à Sua missão. O que as pessoas precisam entender é que *não há mais apóstolos* (falarei sobre isso mais à frente com maiores detalhes), não existem líderes espirituais, não há hierarquias, por isso, não faz sentido estabelecimento de cargos; todos na comunidade cristã são irmãos, consertos de Cristo, todos em um mesmo grau onde a única cabeça é Cristo. *Cargos não servem para outra coisa senão para mexer com os egos.* Hoje é muito comum vermos líderes que, por conta de suas posições, se sentem no direito de humilhar os outros rogando para si os títulos de *ungidos do Senhor* e *autoridade espiritual*. Compactuo do pensamento do escritor Tiago Nascimento, que diz que “o fato do véu do templo de Jerusalém ter se rasgado simbolizou o fim do modelo de relacionamento com o Criador, que consistia na intermediação através de um sacerdote humano. A partir daquele momento nosso Sumo Sacerdote e Salvador passou a ser nosso intermediário entre o Pai e os homens.”

As instituições religiosas, para justificarem a necessidade de um *clero*, homens com títulos, cargos, hierarquias e exigência de obediência às “autoridades espirituais”, utilizam alguns textos, como o de 1 Timóteo 3 que fala sobre a *busca pelo episcopado* e Hebreus 13 que fala sobre a *obediência aos pastores*. Pois bem, no caso de 1 Timóteo 3, a recomendação dada pelo apóstolo Paulo foi no sentido de orientar aqueles que queriam administrar ou fazer a

obra de Cristo com intrepidez, não se tratava de cargo. Paulo estava mostrando que, quem assim desejasse, deveria ser irrepreensível, monogâmico, sóbrio, honesto, hospitaleiro, capaz de ensinar, não beberrão, não contencioso, não apegado ao dinheiro, cuidadoso em relação à família, não fosse novo convertido e desse um bom testemunho diante dos incrédulos, simples assim. Isso deve ser perfil de qualquer cristão. Associar isso a cargos é coisa da religião.

A palavra *episcopado*, que aparece em *1 Timóteo 3*, é um termo grego, ‘*episkopos*’, que significa *supervisar, cuidar, pastorear*. Não há dúvidas de que é importante bispos e presbíteros qualificados na igreja local, mas, *Paulo não está oferecendo a Timóteo sugestões para a escolha desses homens*, ele *apenas apresenta as qualificações*, dizendo o que é necessário, ou seja, quem não tiver todas estas qualidades não deve ocupar a função de bispo ou presbítero. Logo, as palavras *pastor, bispo, e presbítero* descrevem a mesma função ou ofício e a distinção feita entre elas por homens não tem base bíblica. Assim, o que é necessário para ser bispo é necessário também para ser pastor ou presbítero. *As qualificações do bispo ressaltam seu caráter provado como servo fiel a Deus, e nada tem a ver com posição hierárquica. Bispo, presbítero, pastor, não são títulos de honra*, dados a alguém mediante uma escolha feita por uma junta de líderes de uma convenção, mas, referem-se a uma obra de muita responsabilidade espiritual (*Leia Atos 20:28-32*).

Enquanto ao texto de *Hebreus 13*, sobre a obediência aos pastores, é outro caso que não se trata de homens com títulos, mas do dom de *pastor*. Os pastores mencionados em *Hebreus* eram pessoas responsáveis localmente por uma comunidade cristã ou igreja local, designados pelos apóstolos. Precisamos entender que a carta aos hebreus foi escrita no objetivo de alertar os hebreus convertidos ao cristianismo que *não havia mais necessidade de continuarem praticando os ritos da Lei de Moisés. Foi uma carta de esclarecimento e orientações aos judeus novos convertidos*. Nesse caso, o pastor, bíblicamente falando, se referia àquela pessoa com mais experiência para orientar os irmãos, alguém que promovia a paz, um homem de fé, pioneiro, instrutor dos judeus que se agregavam à igreja. Esse tipo de sujeito devia ser amado, respeitado e é claro, os irmãos deviam obedecê-lo e escutar seus conselhos; essa foi a recomendação na carta aos hebreus. Portanto, há na igreja homens com tais características, e os mesmos precisam ser respeitados pelos demais.

A religião gosta de se utilizar de textos sem contextos para espiritualizar as coisas e manter pessoas presas em dogmas sem sentido algum. A questão de títulos e cargos é um desses casos. No tocante ao clero nas instituições religiosas, há um comentário de Mário Persona muitíssimo relevante:

“Não encontramos na Palavra de Deus essa função de um homem liderando uma congregação local. O que não existe na Palavra de Deus nós não devemos inventar. Eu tenho certeza de que existem muitos irmãos sinceros ocupando essa posição nas denominações e Deus os tem usado também. Porém o sistema que os homens criaram mais atrapalha do que ajuda. Conheço um pastor presbiteriano que tem um dom muito especial de evangelista e gosta mesmo de sair pregar o evangelho. Ele próprio me confessou que prefere estar em campo pregando do que dirigindo a congregação que lhe foi designada. Agora veja você que situação: por fazer parte do sistema ele seguiu o caminho que a tradição ditou: estudou teologia, foi ordenado pastor e assumiu a liderança de uma congregação ou "igreja" em uma pequena cidade. Como seu dom é de um evangelista, aquela congregação não escuta mais que o evangelho todas as semanas e fica assim privada de aprender aquilo que Deus tem preparado para ensinar por intermédio dos que tem o dom de pastor ou mestre (lembre-se de que ele reconhece não ter o dom de pastor, mas de evangelista). Naquela congregação podem existir outros irmãos que tenham recebido do Senhor o dom de pastor ou de mestre (ou doutor), porém o sistema determina que é o "pastor ordenado" quem deve ficar à frente da congregação, pregar, ensinar, pastorear etc. Então todos perdem: esse "pastor", por reconhecer que não tem o dom e acaba fazendo menos do que poderia; os outros dons, que não têm tantas oportunidades de se manifestarem como teriam se estivessem se congregando segundo 1 Coríntios 14; e a congregação como um todo, que não será alimentada com mais do que a mensagem básica do evangelho, que é o que o "pastor" sabe pregar bem. Resumindo, a profissão ou cargo de "pastor" que você encontra nas denominações na figura de um homem dirigindo o culto e responsável por uma congregação não existe na Bíblia. Na Bíblia o pastor é um dom, como é o evangelista e o mestre. O evangelista sai pregar o evangelho, as pessoas se convertem e o pastor as incentiva a permanecerem no Senhor, enquanto o mestre ensina doutrina a elas. Você encontra os diferentes dons em ação em Atos 11. A responsabilidade de uma assembleia local não está sobre um só homem (como costuma ser o "pastor" das denominações), mas sobre vários irmãos que a Bíblia chama de anciãos, bispos ou presbíteros (ou guias). Estes não são dirigentes das reuniões, mas funcionam como zeladores do rebanho. Quanto ao que disse de Davi, escolhido por Deus para ser o líder de Israel, ele é uma figura de Cristo Rei para Israel (nas epístolas dadas à igreja Cristo nunca aparece como rei da Igreja, mas sempre como Senhor). Mas no início Deus não queria dar um rei para Israel, mas queria que o Seu povo dependesse somente de Deus como seu Líder. O povo pediu um rei porque queria ser como as outras nações e Deus lhes deu Saul. No que diz respeito à Igreja de Deus, o próprio Senhor é o Sumo Pastor, o Espírito Santo o dirigente das reuniões e os próprios crentes são o templo ou casa espiritual de Deus e

exercem um sacerdócio santo. Percebe o quão diferente tudo isso é do modelo que o protestantismo copiou do catolicismo que, por sua vez, emprestou de Israel? Inventaram um clero formado por homens em uma posição intermediária entre a congregação e Deus, arranjaram para esses homens vestes distintas, deram a eles títulos honoríficos como "padre", "pastor", "bispo", "sacerdote", "reverendo" etc. e chegaram ao ponto, no catolicismo, de chamar um homem de Sumo Pontífice ou Sumo Sacerdote."

Alguns indivíduos dentro do sistema religioso afirmam que o fato dos apóstolos terem escolhido pessoas para serem discípulos ou presbíteros está registrado na bíblia para servir de exemplo para nossos dias, todavia, o que essas pessoas precisam compreender é que esse atributo de nomear pessoas foi *exclusivo dos apóstolos* ou de outras pessoas que eles autorizavam para tal, como o irmão Tito, por exemplo (leia *Tito 1.5*). *Hoje não existem mais anciãos, presbíteros ou bispos ordenados.* Depois da era apostólica, pessoas com os ofícios de bispo, presbítero, ancião ou aqueles que possuem o dom de pastor *são levantados pelo Espírito Santo*, somente pelo Espírito Santo (leia *Atos 20. 28 ao 30* e perceba o apóstolo Paulo deixando isso bem claro). Em resumo, bispo, presbítero e ancião são aquelas pessoas que, na comunidade cristã, atuam como uma espécie de síndico, *alguém que verifica se tudo está funcionando bem*, aquele que confere as lâmpadas, que providencia materiais em falta, que é prestativo, que proporciona o bem estar. *Um verdadeiro presbítero e pastor não são identificados pela carteirinha ou pelo crachá, mas, pelos seus trabalhos!*

Pra finalizar esse tópico, há ainda o texto de *Efésios 4*, também utilizado pelo clero para sua autodefesa, onde diz que: *"Cristo deu uns para apóstolos, outros para pastores, outros para bispos, outros para profetas, outros para evangelistas, outros para doutores objetivando o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério e edificação do corpo de Cristo."* Pois bem, essa questão se resume da seguinte forma: os apóstolos foram aqueles escolhidos por Cristo para continuarem Sua missão e formar o fundamento da igreja; *eles não existem mais!* Os profetas também não existem mais, porém, podem ser considerados profetas nos dias de hoje aqueles que levam a mensagem das boas novas, que anunciam e pregam a Palavra. *Não tem nada a ver com sair por aí fazendo adivinhações.* No caso dos *bispos, presbíteros, mestres, evangelistas, missionários, pastores ou doutores*, se trata de dons e ofícios. Dons que determinadas pessoas possuem para cooperarem para a edificação da igreja. Não são dons que restringem a pessoa a atuar em uma denominação ou cidade apenas, mas, para todo o corpo de Cristo.

Portanto, que fique claro que essa coisa que acontece em muitas instituições de eleger uma junta de oficiais eclesiásticos para “ungirem” pessoas dando-lhes algum título é característica do sistema religioso que não condiz com as características do corpo de Cristo. Obviamente que, uma comunidade cristã deve ser organizada e é normal que tenha pessoas mais experientes à frente (pastores e presbíteros) para conduzir as coisas e orientar os irmãos, o que não significa que esses homens possuam privilégios espirituais ou sejam “coberturas espirituais” para os demais. Todos na igreja estão no mesmo patamar!



Se quisermos usar o termo “religião” no dia a dia, façamos como o apóstolo Tiago quando disse: *A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como sincera e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e, especialmente, não se deixar corromper pelas filosofias mundanas. (Tiago 1.27).*

Comentário 5 – Os males da *Confissão Positiva*

“Nos vários seguimentos religiosos onde o termo ‘palavra profética’ tem sido usado, a tal palavra profética é utilizada tão somente como afirmação do que se deseja. Isto é, afirma-se o que se deseja e atribui-se a afirmação a uma obrigação de Deus em realizá-la”

(Júlio Zamparetti)

O assunto agora é uma grande heresia que impera dentro do *sistema denominacional cristão evangélico* que é a *confissão positiva*. Não são poucas as bobagens, barbaridades e distorções da Palavra de Deus que acontecem hoje em muitas igrejas evangélicas, principalmente, nas neopentecostais, por terem ‘abraçado’ a *confissão positiva*.

A *confissão positiva* é uma linha de interpretação que nasceu com o nome de *Teologia do Pensamento Positivo*, entre o final dos anos 1.800 e início dos anos 1.900, nos Estados Unidos, através do pregador norte americano *Essek Kenyon*. Kenyon é considerado o primeiro pai do movimento. O segundo pai, aquele que deu continuidade ao movimento herético foi *Keneth Hagin*, um ministro evangélico que foi muito aclamado nos Estados Unidos, líder da *Igreja Assembleia de Deus Americana*.

Por haver muita coisa a ser falada sobre esse movimento, eu recomendo ao amado leitor que busque estudar o assunto de forma mais detalhada para entender a respeito de todo o contexto histórico da *Confissão Positiva* (deixarei algumas referências no final). Estarei abordando aqui o conteúdo de maneira mais resumida, porém, acredito que já será o suficiente para que você compreenda o assunto.

Talvez a história da igreja pentecostal brasileira tenha começado com a melhor das intenções no tocante à divulgação das boas novas de Jesus, entretanto, a partir do momento em que o *evangelho humanista* ganhou campo e adentrou às igrejas, as coisas foram perdendo o rumo. A *confissão positiva* é mais uma heresia incorporada ao *evangelho humanista* que tomou conta de muitas denominações brasileiras.

A *Confissão Positiva* interpreta a bíblia e a relação da humanidade com Deus. *As ênfases nas pregações são prosperidade e saúde. Segundo essa visão, a vida cristã correta está livre de qualquer sofrimento se o fiel tiver fé.* Essa forma de pensamento “teológica” recebeu esse nome devido à doutrina de que *ao declarar determinada coisa, o desejo está garantido, basta crer e esperar que se cumpra.* Para quem a defende, o fundamento da *confissão positiva* é o uso da fé. A meu ver, aqui está o grande erro: a interpretação incorreta e proposital do termo *fé*. *A fé não consiste em chamar as coisas à existência* em nome de Deus, mas, crer em Deus. *Não se trata de crer para ter; o cristão crer porque Deus é.*

A Confissão Positiva diz que o crente deve declarar com fé que já tem o que Deus prometeu na bíblia e, assim, a confissão trará saúde, curas e prosperidade financeira. Os pregadores do movimento de Confissão Positiva usam versículos e passagens bíblicas, foras de contexto, para fundamentar seus argumentos, inclusive, se dizem profetas que recebem diretrizes diretamente de Deus. Contudo, se fizermos um simples estudo sobre suas pregações, veremos que *eles manipulam a Bíblia* e seu significado para iludir e enganar os leigos.

O Movimento de Confissão Positiva também ficou conhecido como *Teologia da Prosperidade*, *Palavra da Fé* ou *Movimento da fé*. A confissão positiva se refere literalmente ao *trazer à existência* o que declaramos com nossa boca, dizem isso assegurando que a fé é uma confissão. É a versão cristianizada do movimento do pensamento positivo que, essencialmente *substitui a fé em Deus pela habilidade de ter fé em si mesmo*. O simples fato de confessar positivamente o que se crê faz com que o desejo confessado aconteça. Definitivamente, isso não é bíblico! Não vejo Cristo e nem os apóstolos transmitindo tal tipo de ensino.

A origem do referido movimento surgiu por meio de algumas pessoas que, *com base em suas experiências, visões e filosofias extra bíblicas*, desenvolveram essa “teologia”. Os pioneiros dessa desgraça foram: Essek Kenyon, Keneth Hagin, T. L. Osborn, Willian Braham, Mary Backer Eddy, Frederick Price, entre outros.

Keneth Hagin foi o porta-voz do movimento. Suas experiências o nortearam para o desenvolvimento da heresia. Logo depois começou seu ministério de pregador batista e pastoreou uma igreja. Devido à sua experiência de cura, associou-se com os pentecostais. Em 1937, relata que foi batizado com o Espírito Santo e recebeu o dom de línguas. Ainda nesse ano, foi licenciado como ministro da Assembléia de Deus (1937-1949), pastoreando várias igrejas dessa denominação no Texas. Posteriormente, envolveu-se com pregadores independentes, como William Branham, T. L. Osborn e outros, onde difundiu mais ainda o movimento.

Como quase tudo referente ao *gospel*, que se inicia nos Estados Unidos, acaba se massificando aqui no Brasil, não demorou para as igrejas evangélicas brasileiras seguirem esse movimento que chegou aqui com o nome de *Teologia da Prosperidade*. É o caso, por exemplo, da *Igreja Universal* e da *Igreja Internacional da Graça de Deus*, cujo missionário, R.R. Soares, é adepto e maior incentivador dessa doutrina ao publicar os livros de Hagin e praticar a referida teologia em sua congregação, bem como outras igrejas neopentecostais.

Aqui no Brasil, a *Confissão Positiva* ganhou força depois que as igrejas neopentecostais adotaram como inspiração o pastor, escritor, missionário e televangelista neopentecostal

Benny Hinn, autor do livro *Bom dia Espírito Santo*. Ele é conhecido por suas frequentes *Cruzadas de Milagres*, que são realizadas em estádios nas grandes cidades e, veiculadas mundialmente em seu programa de televisão. Benny Hinn, pelo menos em meu ponto de vista, está mais para um bruxo do que para um pastor. Gosta de promover o famoso *cai-cai efeito dominó*, algo bem ridículo e sem sentido algum, mas, por incrível que pareça, muita gente gosta e vê esse tipo de coisa como ‘poder de Deus’.

É lamentável e espantoso como as pessoas são levadas por qualquer tipo de bobagem sem fundamento algum, sem ao menos fazer um questionamento sequer. Se você, amigo leitor, desejar ler um livro repleto de heresias e blasfêmias, pode ficar à vontade para ler *Bom dia Espírito Santo*, de Benny Hinn, mas, se você quiser ler algo que realmente traga edificação, sugiro que dispense-o e procure outras literaturas.

Para que o leitor tenha ideia, veja só alguns absurdos que Benny Hinn ensina em *Bom dia, Espírito Santo*: o Espírito Santo é um amigo imaginário; o Espírito Santo é quem implora pela presença do homem (no caso, Benny Hinn); Benny Hinn não faz menção sobre a cruz e nem sobre a redenção de Cristo, o foco são experiências sobrenaturais; ensina que o homem é um pequeno deus; relata um caso em que visitou pessoas mortas para receber unção de seus ossos; ensina que a Trindade é composta por nove pessoas, pois, afirma que o Pai, Filho e o Espírito Santo tem espírito, alma e corpo cada um; relata que gostaria de ter uma ‘arma do espírito’ para poder explodir a cabeça de seus críticos; lança maldição sobre seus críticos; defende a teologia da prosperidade e diz que pobreza é uma maldição, entre outros pontos que aparecem em seu famoso livro.

A *Confissão Positiva*, em consonância com a Teologia da Prosperidade, é forte no Brasil porque tem uma mensagem que facilmente agrada o ouvinte e o incentiva a alcançar a sua bênção. Basta ter fé e determinar e você já recebe o que deseja, pois, Deus tem que lheabençoar. É uma heresia extremamente perigosa porque faz uso da bíblia para enganar pessoas, distorce completamente o sentido do termo *prosperidade*. Mas não se engane, como diz D.S. Floriano: *teologia é um estudo sobre Deus e prosperidade é viver com Deus!*

São usados quatro passos na Confissão Positiva: 1 - Diga a coisa: positiva ou negativamente, tudo depende do indivíduo. 2 - Faça a coisa: o que nós fazemos irá determinar a nossa vitória. 3 - Receba a coisa: a fé irá dinamizar a ação e Deus tem que responder, pois está preso a “leis espirituais”. 4 - Conte a coisa: para que outras pessoas possam crer. Deve-se usar palavras como: *decretar, exigir, reivindicar, declarar, determinar*. Agora pisme: dizem que não se pode pedir usando a expressão “se for da Tua vontade”, pois, isso destrói a fé.

Portanto, muito do que você vê por aí em muitas igrejas/templos como: “*tome posse*”, “*receba*”, “*traga à existência*”, “*reivindique o que é seu*”, “*determine*”, “*profetize*”, “*coloque a fé em ação e Deus lhe responderá*”, entre outras expressões semelhantes, tem origem na *confissão positiva*, “irmã gêmea” da *teologia da prosperidade*. Muitos fiéis não sabem e participam desses movimentos acreditando que estão agradando a Deus.

A *Confissão Positiva/Teologia da Prosperidade* “penetrou” tão profundamente na religião cristã que, questionar esse tipo de coisa como estou fazendo através desse *ebook* chega a ser motivo de escândalo para muitos que se consideram cristãos; acreditam cegamente em tal heresia que colocam quem a questiona na condição de incrédulo ou herege. Evidente que isso se dá pelo fato de desconhecerem as Escrituras e tomar toda doutrina que lhes é ensinada por seus líderes como verdade absoluta!



Parabenizo as denominações de linha tradicional e reformada que têm como base doutrinária os *cinco solas das Escrituras* e repudiam a Confissão Positiva/Teologia da Prosperidade. Além disso, ao contrário da maioria das instituições neopentecostais, os preletores reformados pregam de forma contextual, expositiva e analítica, assim como os apóstolos faziam, o que coopera significativamente para que a comunidade aprenda e aplique as verdades bíblicas, o que é muito mais significativo do que ficar aos berros usando textos, fora de contextos, para pregar mensagens de *autoajuda* com foco na *bênção* e na *vitória* dos ouvintes, mediante exibicionismos. Por conta da difusão da *Confissão Positiva* nas igrejas brasileiras, onde Deus é condicionado às vontades do homem, os cultos têm sido realizados de acordo tal propósito: *culto da vitória*, *culto de libertação*, *culto da vitória financeira*, *culto do agir de Deus*, e assim por diante. Em programações desse tipo, o que fica subtendido é que, Deus agirá conforme a vontade de seus organizadores, pois, estará sujeito à vontade dos mesmos.

Outra herança da confissão positiva são as *campanhas de oração*. Sei que muitos vão discordar de mim nesse momento e podem até estar pensando: “*Você está querendo dizer que orar é ruim? onde está o mal em fazer campanhas?*”. Eu explico: o problema não é a oração em si, é o motivo. Orar durante um determinado período de dias em prol de se obter alguma coisa é barganhar com Deus. Fazer algo (a campanha) para se obter um benefício em troca

não deixa de ser um ato que condiciona Deus às nossas vontades, por isso, assim como o ato de *reivindicação*, por exemplo, é fruto da confissão positiva. Se há alguém enfermo, passando por dificuldades ou se o momento da cidade e do país não é bom, o que devemos fazer é clamar a Deus, *sem combinados*. Pode-se até determinar o período de dias para estar orando por uma causa específica, porém, tendo a consciência de que Deus responderá *se Ele quiser*.



Outro aspecto bastante explorado pela *Confissão Positiva/Teologia da Prosperidade* é o dízimo (óbvio, se trata de algo que envolve dinheiro!). Na verdade, o dízimo já era prática existente na igreja institucional, começou por volta dos anos 1.500 a partir do *Concílio de Trento*, todavia, a Teologia da Prosperidade reforçou mais ainda a ideia de obrigatoriedade do dízimo dando destaque para a questão da barganha através da pregação de que a pessoa precisa ser fiel na entrega dos dez por cento para receber algo de Deus. Dizem, por exemplo, que além de jamais lhe faltar alguma coisa ao sujeito, Deus pode colocá-lo em altas posições de destaque. Além de toda essa artimanha, há também o que eles chamam de *desafio do altar de Deus*, que funciona da seguinte forma: quanto mais a pessoa dar, mais ela receberá, desde que determine através da fé. Agora pasmem: são muitos os casos de pessoas espalhadas por este Brasil que perderam e têm perdido muitas propriedades e dinheiro, vítimas de golpes neste sentido por parte de líderes inescrupulosos. E sabe o que tem acontecido por conta disso? Nada! Os tais líderes simplesmente dizem aos extorquidos que não tiveram fé. E nada acontece que esses estelionatários. A que ponto chegamos.

Minha oração e meu desejo é que o Pai Celestial tenha misericórdia. Que os integrantes da religião cristã no Brasil se libertem dessa maldição denominada *Confissão Positiva*, retornando para o evangelho verdadeiro e simples de nosso Senhor Jesus Cristo! Amém!

Comentário 6 – Salvação

“Os salvos são escolhidos não por seus próprios méritos, mas, pela graça do Mediador.” (Lutero)

A salvação é um tema bastante controverso entre os cristãos estudiosos. A igreja católica e a linhagem evangélica pentecostal defendem a ideia de que a salvação está ligada ao esforço do homem, de forma que a pessoa precisa, a cada dia, zelar por ela, andar corretamente segundo a vontade de Deus através do cumprimento de várias regras e mandamentos; segundo essa forma de pensar, caso o cristão cometa algum pecado, estará colocando a salvação em risco, ou seja, a pessoa pode estar na condição de salvo agora e daqui dez minutos perder a salvação por conta de seus atos que, porventura sejam desagradáveis a Deus. Essa forma de pensar se baseia no mérito, onde a salvação depende do esforço do homem. A salvação pelo mérito é um dos cinco pontos de destaque da doutrina conhecida como *arminianismo*, elaborada por Jacobus Arminius (1560-1609), teólogo da Igreja holandesa que, na época, refutou o sistema de Calvino. No tocante à salvação, o *arminianismo* aborda a possibilidade de que o homem pode decair da graça, sendo necessário que persevere até o fim para ser salvo. O *arminianismo* se encontra presente em boa parte das igrejas evangélicas, bem como no catolicismo.

Para os defensores da *salvação pelo mérito*, haverá um *arrebatamento secreto* da igreja no final dos tempos e, para ser raptada por Cristo neste dia, a pessoa tem que se esforçar continuamente zelando por sua salvação, do contrário, não será arrebatado e só será salvo, numa espécie de segunda chance, pela morte física, na época da grande tribulação, onde terá que ‘bater de frente’ com aquele que será o governador mundial do final dos tempos rejeitando suas imposições. Todo esse cenário é fictício, *hollywoodiano* e antibíblico. Mais à frente falaremos a respeito dessa questão.

Há de se observar ainda que, no caso dos católicos, no que se refere ao processo de salvação do homem, há a crença no *purgatório*, pensamento instituído à fé católica no *Concílio de Florença e de Trento*, entre 1546 a 1563. A tradição católica do purgatório tem uma história que remonta, antes de Jesus, à crença encontrada no *judaísmo*, de rezar pelos mortos. Um tipo de condição e processo de purificação ou castigo temporário em que as almas daqueles que morrem em estado de graça são preparadas para os céus. Como toda heresia, no caso do purgatório também são utilizados textos bíblicos para embasar tal pensamento, mas, por se tratar de uma doutrina que reforça a ideia de um *lugar intermediário* e *oração pelos mortos*, por si só já é altamente refutável, de forma que não há necessidade de se alongar nesta questão.

No caso dos tradicionais e reformados, em sua maioria tem como base o *calvinismo*, ou seja, creem na predestinação, já que o reformador João Calvino pregava que a salvação não é baseada no mérito do homem, mas, que Deus escolhe aqueles que são salvos e estes, uma vez salvos, são salvos para sempre. Ou seja, Deus escolhe e elege os seus.

No entanto, a pergunta a ser feita é: *e o que as Escrituras dizem a respeito da salvação?* Antes de responder a esta indagação, quero deixar registrado que não sou arminiano e nem calvinista, não gosto de rótulos, porém, é preciso dizer que entre essas duas abordagens sobre a salvação, a que mais se enquadra nas Escrituras é a do reformador João Calvino. De acordo as Escrituras, a salvação acontece *pela graça divina* e não por mérito humano. Por mais que você possa se assustar nesse momento, saiba que essa é a verdade: *uma vez salvo, salvo para sempre! Deus escolhe os seus! Não há nada que o homem possa fazer para ser salvo. A predestinação*, que você certamente combate e que eu também combati durante anos é bíblica sim.

Vamos à análise: particularmente falando, hoje entendo que não dá para acreditar numa salvação que dependa do esforço humano. Acredito profundamente na graça, na dependência total do homem em relação ao Criador, em todos os aspectos. No caso da salvação não é diferente, *consiste em algo que Deus dá aos homens* e não que o ser humano consiga por seus méritos. Mas, independente do que penso, vamos ver o que as Sagradas Escrituras dizem. O texto chave para essa questão está em *Efésios 2.8* onde é relatado que a salvação não vem das obras (esforço humano) para que o homem *não se glorie*, mas, consiste em um dom de Deus, ou seja, uma dádiva, um presente dado ao sujeito, ainda que este não mereça (aspecto da graça). Além deste texto chave, há vários outros que reforçam a ideia da salvação como uma dádiva de Deus. Vou citar alguns: *João 5.24*: aquele que crê *tem* a vida eterna; *Efésios 5.13*: no momento de sua salvação o homem *é selado*; *Efésios 1.14*: o Espírito Santo é a *garantia* da nossa herança; *João 14.16 e 17*: o Consolador estará com aqueles que O recebem *para sempre*; *Romanos 3.11*: *não há um justo* sequer sobre a terra, logo, não há merecimento, não há o que o homem possa fazer; *Romanos 7.18*: em nossa carne *não habita bem algum*; *João 3.16*: *uma vez* o homem crendo, basta para ser salvo; *João 16.8*: é o Espírito Santo quem convence o homem (*ato divino*) e *1 Pedro 5.10*: o próprio Cristo fortalecerá e fortificará aqueles *que o Pai chamou* para Sua eterna glória.

Há outros textos, mas, creio que a lista acima é suficiente para nossa compreensão em relação ao tema. O aspecto da graça de Deus é algo tão maravilhoso e inexplicável que no *capítulo 3 de Apocalipse*, ao fazer menção dos vencedores, a Palavra diz que *eles serão vestidos de vestiduras brancas*, ou seja, é a graça de Deus em ação, a iniciativa é dEle e não

do homem, Deus é o agente ativo, Ele quem veste os salvos, já que o homem não pode fazer nada para se sagrar vencedor, ele é vencedor somente pela graça. Observe que lá no início de tudo, quando Adão caiu no pecado, *Deus fez vestimenta de peles para ele e sua mulher. DEUS FEZ!* Confira *Gênesis 3.21*.

Depois dessa explicação, alguém ainda pode discordar e utilizar determinados textos que, aparentemente contrariam o que expus. Observemos agora alguns desses textos e seus respectivos assuntos, acompanhado dos esclarecimentos, pois, nunca devemos esquecer que os *contextos* precisam ser levados em consideração:

* *perseverar até o fim / permanecer firmes na fé (Mateus 20, Mateus 24, 1 Coríntios 13, entre outros textos)* - Nestes casos, as palavras de Jesus ao pedir perseverança aos discípulos era no sentido de que não desanimassem diante dos eventos que aconteceriam dentro de alguns anos (a perseguição por parte do império romano a partir do ano 70 d.C). Em relação a *1 Coríntios* e outros textos das epístolas, a orientação dos apóstolos ao pedir que alguém permanecesse na fé trata-se de um incentivo, não significa que estavam dizendo para que os irmãos tomassem cuidado para não perder a salvação. *A perseverança na fé é algo que deve fazer parte da caminhada cristã e é natural esse incentivo de uns para com os outros.* Porque eu sou salvo, conseqüentemente eu persevero, oro, me reservo do mal, vigio e intercedo. Permanecer na fé é um comportamento intrínseco ao homem nascido de novo.

* *Guarde o que tens para que ninguém roube a tua coroa...* Texto muito usado em pregações alertando sobre o cuidado de não perder a salvação, todavia, essa passagem do Apocalipse é outro caso em que o contexto deve ser analisado. Aqui não se trata de perder a salvação; é uma palavra de ânimo de Jesus para os irmãos do primeiro século no sentido de que receberiam galardão por conta da fidelidade diante daquela situação de tribulação em que estavam prestes a enfrentar. Coroa aqui não é salvação, é galardão!

* *alguns se desviaram da fé (1 Timóteo 6)* – aqui Paulo não está falando que essas pessoas perderam a salvação, mas, que *abandonaram a comunhão por amor ao dinheiro*. Pode ser que sejam pessoas que de fato nunca foram salvas, religiosas apenas, já que acabaram dando mais valor ao dinheiro. O dinheiro é o assunto desse texto, confira e veja: **“Porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo *conhecimento do Senhor* e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior do que o primeiro. *Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado; Deste modo sobreveio-lhes o que por um verdadeiro provérbio se diz: **O cão voltou ao seu próprio vômito, e a porca lavada ao espojadouro de lama.**”* (2 Pedro 2.20-22).** Esse texto

é muito usado por alguns para justificar que alguém pode estar salvo hoje e perder a salvação amanhã. Já ouvi muitas pregações com base nessa passagem onde diziam que, se a pessoa se afastar da igreja (templo) ela deixa de estar no estado de salvação e é tomada por demônios pelo fato do texto dizer que seu estado se torna pior do que no começo. Pois bem, todo o contexto do capítulo 2 da segunda carta de São Pedro se refere aos *falsos mestres* da época, Pedro não entra no mérito da salvação. Esse '*conhecimento do Senhor*' que o apóstolo fala se trata de conhecimento intelectual a respeito de Jesus. Aliás, isso é muito normal hoje em dia: pessoas que possuem conhecimento intelectual da bíblia, mas, totalmente desprovidas da graça. Em resumo, Pedro está dizendo que, no lugar de receber conhecimento intelectual sobre Jesus e não se converter de verdade seria melhor para a pessoa *nunca ter tido tal conhecimento*.

Há pessoas que afirmam que Deus seria injusto escolhendo uns e rejeitando outros e que a predestinação não é bíblica. Talvez o leitor esteja pensando isso também. O que dizer diante disso? Simples: não há nada de injusto. Deus não faz acepção de pessoas, Ele não escolheu ninguém por ser bonzinho ou bonitinho e nem desprezou outros por serem malignos. Aliás, todos nós somos maus, não há um justo sequer, ninguém merece nada da parte de Deus. Ele é justo em tudo. Por mais que a predestinação seja algo difícil de explicação, fato é que as Escrituras deixam claro o ensino a seu respeito. Tem coisas na Palavra de Deus que jamais entenderemos de maneira clara, entretanto, devemos simplesmente aceitar; a *Trindade*, por exemplo, é uma dessas coisas.

Todos são merecedores do inferno, porém, Deus demonstra Seu amor e misericórdia no fato de querer salvar alguns destes trastes imundos, como eu e você. Ninguém poderá jamais acusar Deus de injustiça! Ao morrer naquela cruz Jesus demonstrou um ato de amor inexplicável para com o ser humano, e este não tem o direito de questionar Seus métodos. Observemos mais alguns textos:

Eféios 1:3-5: *Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual NOS ABENÇOOU com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; Como também NOS ELEGEU nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; E NOS PREDESTINOU para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade.*

Eféios 1:11: *Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, HAVENDO SIDO PREDESTINADOS, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da SUA VONTADE [não nossa];*

Romanos 9:14-16: *Que diremos pois? que há injustiça da parte de Deus? De maneira nenhuma. Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Assim, pois, ISTO NÃO DEPENDE DO QUE QUER, NEM DO QUE CORRE, MAS DE DEUS, QUE SE COMPADECE.*

Outra passagem que faz associação com a predestinação é o conhecido texto do livro do profeta Isaías que diz que o Messias levou o pecado de *muitos* (e não de todos).

Sobre a certeza da salvação penso se tratar de algo bem particular. Muitos afirmam terem certeza de sua salvação apenas por serem membros assíduos e ativos em determinada denominação religiosa, outros asseguram que quem não faz parte da mesma religião que a sua não está salvo.

Acredito que mesmo com todos os erros existentes no sistema denominacional, há muitas pessoas salvas dentro das instituições religiosas, assim como há também pessoas salvas que nem sequer frequentam alguma instituição. A igreja (os salvos) é formada por aqueles que creem. Cristo, a cabeça da igreja conhece e sabe quem são os Seus melhor que ninguém. Os salvos em Cristo Jesus estão espalhados pelos quatro cantos da terra levando as boas novas em todo tempo, anunciando a verdade das Escrituras, andando pela fé e vivendo em comunhão, de maneira exemplar como todo cristão deve fazer, o que não significa que precisa estar, obrigatoriamente, inscrito no rol de membros de uma denominação.

Para finalizar, o que deve ficar claro é que, assim como a *Trindade*, o *jardim do Éden*, a *Arca da Aliança*, *nascimento virginal e Jesus*, entre outras questões, a *salvação* também é um assunto da bíblia que talvez, não tenhamos todas as respostas a seu respeito, entretanto, o que as Escrituras nos mostram é o suficiente para compreendermos que ninguém a consegue por seus esforços, ela é um presente do Criador. Deus é quem salva, *o que não anula a responsabilidade humana*, já que o homem *precisa crer* (Leia João 3.16). Portanto, se alguém disser que tem certeza de sua salvação, mas vive na prática do pecado, como bem quer, fazendo tudo que tem vontade e se submetendo a todos os desejos e vontades da carne, essa pessoa apenas estará demonstrando que nunca foi salva.

Mesmo com a certeza da salvação, o crente em Jesus não se exhibe, antes, persevera em todo o tempo.

Todos os grifos são meus!

Comentário 7 – “Teologia” da Prosperidade

“Apesar de até o momento só ter melhorado a vida dos seus pregadores e fracassado em fazer o mesmo com a vida dos seus seguidores, a teologia da prosperidade continua a influenciar as igrejas evangélicas no Brasil.” (Augustus Nicodemus)

Como relatei no *comentário 5*, creio que ficou claro para o leitor que a *Teologia da Prosperidade* é uma vertente ou extensão da *Confissão Positiva*, de modo que, justamente por isso, serei breve nesta seção onde discorrerei com um pouco mais de ênfase sobre esse movimento que se alastrou pelas denominações evangélicas nas últimas décadas.

Aqui no Brasil, a *teologia da prosperidade* ganhou força nos anos 80. Os principais disseminadores desse ensino herético foram os líderes da *Igreja Renascer Em Cristo*, todavia, hoje são muitos os que propagam esse método que provoca uma verdadeira ‘lavagem cerebral’ nos fiéis, pois, os mesmos acreditam piamente que, entregando dez por cento de seus salários, ofertas voluntárias e estipuladas, além de, principalmente, cumprir os *desafios* propostos por seus líderes de entregarem o “melhor” no altar “de Deus”, estarão sendo recompensados por Ele na área financeira.

Se observarmos atentamente os líderes neopentecostais conhecidos da mídia, não há um sequer que não seja propagador da Teologia da Prosperidade. Da mesma maneira, é possível perceber que todos esses líderes são homens milionários. Daí, o tamanho interesse por parte deles em relação à “teologia” em questão. Além dos super pastores da mídia, há muitos líderes pentecostais que abraçaram esse ensinamento e, da mesma forma, ludibriam os fiéis sob suas lideranças.

Talvez o caso mais decepcionante seja o do conhecido pastor Silas Malafaia, pentecostal raiz, estudioso das Escrituras que, durante bom tempo foi contrário ao ensino do determinismo e da barganha com Deus; contudo, acabou se enveredando por esse caminho ao se relacionar com o guru da teologia da prosperidade, Morris Cerullo, e com outros estrangeiros adeptos dessa heresia como Mike Murdock e Myles Munroe. Malafaia, que em outras épocas fora referência entre os evangélicos, hoje, pode ser considerado, sem nenhuma dúvida, um verdadeiro herege: prega a teologia da prosperidade constantemente e gosta de utilizar os famosos chavões: *profetize, determine, semeie na “casa” do Senhor, comerás o melhor desta terra, desafio com Deus (quem não se lembra da bíblia de R\$ 900,00?)*, diz que se um crente vive em miséria é porque está em pecado... Também prega heresias como a *autoridade espiritual* (gosta de aterrorizar os fiéis, psicologicamente, dizendo-lhes: “não mexa

com o ungido do Senhor!)". Arroga para si a autoridade de ser representante da igreja evangélica brasileira.

Assim como acontece em relação a qualquer heresia, a falta de conhecimento das Escrituras é o grande problema das pessoas, de modo que são enganadas por quem prega a Teologia da Prosperidade. Infelizmente, por conta desse desconhecimento do que diz a bíblia, as pessoas têm sido atraídas cada vez mais para esse movimento satânico. Os defensores da teologia da prosperidade a apresentam como sendo algo fundamentado na Palavra. Talvez um dos textos mais usados seja o de *Isaías capítulo 9*, onde fala sobre *comer o melhor da terra*. Há outros textos, igualmente muito utilizados para justificar o ensino, como o de *Exôdo 19*, *1ª Crônicas 22.13*, *II Crônicas 26.5* e alguns salmos que falam sobre *receber bênçãos de Deus* em caso de obediência. É com base nestas passagens que eles articulam a manipulação utilizando a questão da barganha: *faça isso para receber aquilo!*

Como já mencionei no decorrer do *ebook*, texto isolado sem contexto não pode ser base para embasar uma ideia, mas, apenas uma brecha para heresia. Houve uma promessa de prosperidade e riquezas da parte de Deus para com um povo, a nação de Israel. Deus de fato tinha um tratado com aquela nação (leia *Gênesis 12. 1 ao 9 / Deuteronômio 4.5 ao 8 e 30. 1 ao 20 / Gênesis 17. 1 e 2, 18.18, 22.18, 26.4, Êxodo 6. 2 ao 8*, entre outros), mas isso na época do *antigo pacto*. *Não tem nada a ver com a igreja!*

Vou deixar um comentário do irmão e escritor Mário Persona que vai tornar o tema *prosperidade* bastante claro para o leitor. Leia atentamente:

Não existe nada na Bíblia que indique que um cristão deva pedir prosperidade a Deus. A maioria das pessoas não entende isso por falharem em seguir o conselho de Paulo a Timóteo: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade." (2 Tm 2:15). As promessas de prosperidade no Antigo Testamento foram feitas a Israel, um povo terreno de Deus. Para a igreja, *todas as promessas são celestiais*, assim como sua cidadania que é celestial. Pedir e buscar prosperidade quando você tem o necessário para viver é mostrar um coração ingrato pelo que já recebeu de Deus. Não é errado um cristão ser próspero, pois Deus pode lhe dar mais do que necessita para poder repartir com os menos favorecidos e ajudar na obra do evangelho. *Mas é Deus quem decide isso*, pois sabe quais são os que irão agir de maneira liberal, e os que querem ficar ricos pelo simples amor ao dinheiro e propriedades. As passagens a seguir nunca são pregadas nas igrejas da teologia da prosperidade pois condenam pregadores de prosperidade e também seus seguidores, que estão ali só para buscar bens materiais. A oração ensinada pelo Senhor em Lucas 11:3 — "Dá-nos cada dia o nosso pão cotidiano" — é pelo pão de cada dia, não por uma padaria ou um

caminhão de pães. *Tiago 4:3* mostra que o desapontamento por orações não respondidas pode ser da falta de comunhão e consonância com a vontade de Deus: "Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites." A *teologia da prosperidade*, pela qual os estelionatários pregam para obter fortunas, pode *muito bem ser definida pelas palavras do apóstolo Paulo em 1 Timóteo 6:3-11: Trata-se de uma "outra doutrina" que não se conforma com "a doutrina que é segundo a piedade". Quem a prega (e também quem dá ouvidos) "é soberbo... cuidando que a piedade seja causa de ganho (ou lucro)" e a admoestação é para que se fique longe desses que agem assim.* A passagem continua falando daquilo que é lucro aos olhos de Deus: "Piedade com contentamento. Então fique longe da teologia da prosperidade e seus pregadores mercenários. *"Porque muitos há" — escreve o apóstolo Paulo aos Filipenses — "dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas."* (Fp 3:18-19). A Palavra de Deus não diz que o dinheiro seja a raiz de todos os males, mas que "o amor ao dinheiro" é. O desejo de enriquecer fez com que "nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores".

É lamentável ver o que a "teologia" da prosperidade, herança da maldita *Confissão Positiva*, fez com a igreja evangélica brasileira. Nas "igrejas" neopentecostais (*Renascer, Mundial, Universal, Internacional da Graça e Plenitude do Trono*), por serem adeptas desse ensino, sempre foi natural a teatralidade do *desafio do altar de Deus* e outras semelhantes, porém, de uns tempos para cá, isso tem ocorrido com frequência em várias igrejas pentecostais. Acredito que as exceções ainda sejam as igrejas reformadas. No comentário sobre *Assuntos Diversos* estarei discorrendo a respeito de mais alguns conteúdos relacionados ao cenário evangélico brasileiro e à *Teologia da Prosperidade*.

Comentário 8 – Superstição, misticismo e idolatria

“A superstição transforma a divindade em ídolo, e o idólatra é muito mais perigoso, pois é um fanático.”

(Johann Von Herder)

Vamos agora tratar de algo que é, infelizmente, uma prática comum no meio evangélico cristão e católico e que não encontra nenhum amparo nas Escrituras: a *superstição*.

De início, vou falar da superstição em seu sentido mais amplo, já que se trata de um comportamento típico do brasileiro. Para exemplificar, vamos mencionar aquelas pessoas que gostam de usar branco na virada do ano porque entende que trará sorte no ano novo, tem os que assistem aos jogos do time de coração sempre com a mesma cueca porque acredita que dará sorte ao seu time, os que não passam por cima de quem está deitado porque pode lhe trazer azar, os que não deixam sandália virada, que batem na madeira três vezes para espantar o mal, que não passam por baixo de escadas, entre outras coisas do tipo. Aqueles que se consideram cristãos, depois de terem praticado esses hábitos supersticiosos algum dia, deveriam deixá-los de lado a partir da nova vida com Cristo. Pois é: deveriam! Mas esse é o problema: boa parte dos “cristãos” não deixa de ser supersticiosa e, mesmo tendo confessado a Cristo, continua vivendo presa aos costumes antigos.

Alinhados à *superstição* estão o *misticismo* e a *idolatria*. Vamos analisar por partes: *superstição* é a crença que a pessoa tem de confiar em coisas insignificantes e de transformar qualquer objeto ou símbolo em uma espécie de amuleto que, na sua concepção, lhe dará sorte ou concederá benefícios. Muitas pessoas que tem esse tipo de comportamento, mesmo quando começam a carreira na fé e passam a afirmar que foram libertas de todo mal, ainda continuam apegadas e essas simpatias. Para complicar tudo, a religião, que pela lógica deveria combater esse tipo de coisa, faz é “alimentar” no indivíduo o gosto pela superstição. Basta lembrar-se do exemplo que dei anteriormente ao mencionar as atitudes que muitos têm em passar a virada de ano vestidos de brancos. Isso acontece em muitas igrejas evangélicas, por incrível pareça.

Ainda sobre virada de ano, vou citar mais dois exemplos de superstição que acontece no *meio gospel*: é costume de muitos líderes religiosos programarem para que os irmãos estejam todos orando à meia noite e recebendo o novo ano em oração. O problema não é orar, o problema é acreditar que a igreja precisa, obrigatoriamente estar em oração à meia noite para que o ano vindouro seja bom. Há também a famosa campanha realizada em muitas denominações: *doze dias de oração para doze meses de bênção*, uma mistura de superstição

com confissão positiva. Meu intuito não é esmorecer você que tem o costume de orar e participar de campanhas deste tipo, continue orando por sua família, país, por tudo que você acredita necessitar de intervenção divina e sendo fervoroso na busca por aquilo vem de Deus, entretanto, entenda que, orar a Deus visando prosperidade financeira e material através de um período estipulado (campanha) é uma barganha com o Criador.

A coletividade na igreja local é algo bom. A união dos irmãos é algo louvável diante de Deus, mas, ainda assim, essa coisa de fazer campanhas é um problema sério, sabe por quê? Por causa da motivação. Não vejo problemas no fato dos irmãos reunirem, por exemplo, para fazer campanhas de oração sem nenhum título relacionado a *bênçãos*. Até aí poderíamos ver como uma forma de incentivo. E se é pra colocar um título ou uma causa específica porque ninguém coloca, por exemplo, *campanha do arrependimento*? Por que só campanhas *da vitória, da prosperidade, dos doze meses de bênção, da conquista, do milagre (às vezes dizem: milagre urgente!)*, entre outras semelhantes a estas?

Todas as campanhas dessa natureza estão voltadas para a realização e conquista pessoal dos crentes. O principal foco é a solução de problemas da vida particular da pessoa como casamento, finanças, enfermidades... Ao se reunir para prestar gratidão e honra ao Criador, a comunidade cristã precisa ter em mente que o objetivo ali é a adoração ao Senhor Jesus e não fazer cultos para que Deus entregue bênçãos. Em resumo: nós cultuamos para entregar nossa adoração, não para buscar bênçãos. (Leia atentamente *Mateus 4. 8 ao 11*).

Há também os casos em que líderes fazem oração por copos com água, “ungem” objetos das pessoas como fotos e peças de roupa. Outra simpatia que tem “virado moda” ultimamente é aquela em que os pastores neopentecostais e, alguns pentecostais, vão a Israel e realizam ‘atos proféticos’ como mergulhar sete vezes no rio Jordão com a bandeira do Brasil, além de trazerem objetos, água e resíduos sólidos e arenosos de Jerusalém para vender aos fiéis dizendo serem sagrados, simplesmente por serem de uma terra que Jesus percorreu. E não se espante: as pessoas compram, pois, acreditam que serão abençoadas!

O *mundo gospel*, como gosto de chamar, já que não considero tudo que é gospel como verdadeiro evangelho, está repleto de atos carregados de superstição, verdadeiros rituais que deixam Cristo em segundo ou terceiro plano e faz os crentes acreditarem em objetos “mágicos” ou simbolismos fajutas totalmente fora de conexão com as Sagradas Escrituras, um “mar” de heresias. Vou listar alguns destes atos e coisas supersticiosas presentes na igreja brasileira. E já adianto: a lista é grande:

1. *Unção extravagante (e outros tipos de unção);*
2. *Ato profético;*

3. *Arca da aliança;*
4. *Mistério;*
5. *Maldição hereditária;*
6. *Experiência com Deus (visões, arrebatamentos...);*
7. *Pisar na cabeça do inimigo;*
8. *Pagar preço;*
9. *Decretos de Deus;*
10. *Tapete de fogo;*
11. *Estar em outra dimensão;*
12. *Banho de óleo;*
13. *Reteté;*
14. *Templo de Salomão;*
15. *Tocar no altar;*
16. *Banho do descarrego;*
17. *Carnê da multiplicação;*
18. *Pulseira, fronha, tijolinho da Mundial;*
19. *Cair no Espírito;*
20. *Camisa ungida;*
21. *Unção do cartão de crédito;*
22. *Quebra de maldição;*
23. *Lenço ungido;*
24. *Unção do leão;*
25. *Sessão espiritual;*
26. *Desencapetamento;*
27. *Toque do Shofar;*
28. *Fechar entradas da cidade;*
29. *Está amarrado;*
30. *Casa de oração;*
31. *Culto da vitória;*
32. *Promessas de Deus;*
33. *Grito da vitória;*
34. *Uso do sal para queimar inimigos;*
35. *Transferência de unção;*
36. *Queima de envelopes com pedidos;*

37. *Fogueira santa;*

38. *Lavar os pés;*

39. *Salmo do dia;*

40. *Óleo da unção;*

41. *Cair no poder;*

Poderia continuar expondo várias outras superstições da igreja moderna que não possuem respaldo bíblico, mas, vamos continuar a explicar o conteúdo.

Relatando agora sobre o *misticismo*: este é mais voltado para a ideia de crer em *experiências sobrenaturais*. A pessoa em vez de encarar o cristianismo de forma equilibrada e centrada por meio da leitura das Escrituras, prefere viver de experiências (*visões, arrebatamentos, sonhos*) “com Deus”. Tem se tornado comum em muitas denominações a prática de rituais estranhos às Escrituras em vez do evangelho da graça. Com frequência podemos ver pregadores e líderes que alegam terem sido levados por Deus ao inferno para poder alertar as pessoas. Há aqueles que possuem o “dom” de ouvir a voz “de Deus” de forma audível durante os cultos e assim entregar recados aos fiéis; estes, por sua vez, gostam demais daqueles pregadores que possuem experiência “com Deus” e fazem revelações; quando ficam sabendo que tem alguém com esse perfil (de revelação) em algum lugar, vão a esses cultos com enorme expectativa de serem ‘revelados’, para ouvirem a “voz de Deus”. É um negócio absurdo a falta de discernimento de muitos “cristãos”.

Lembrando que o movimento que deu origem ao fenômeno da *experiência “com Deus”* foi a maldita *Confissão Positiva* (sempre ela). Um dos conferencistas de renome que difunde essa heresia é o canadense Benny Hinn, autor do famoso livro *Bom dia, Espírito Santo*, que fez muito sucesso entre os cristãos evangélicos nos anos 2000. Benny Hinn sempre vem ao Brasil realizar seus espetáculos místicos (e arrancar dinheiro dos idiotas), geralmente, a convite do charlatão e herege, líder da *Igreja Plenitude do Trono*, Agenor Duque. Um verdadeiro show de misticismos onde as pessoas são colocadas em fila para receberem o “poder de Deus” através do paletó do bruxo que é passado por cima de um por um e todos vão caindo num efeito dominó. As conferências de Benny Hinn tem lhe rendido uma arrecadação absurda. Veja esse comentário de seu sobrinho: “*Ao longo dos anos não foram poucas as denúncias de inconsistências e demonstrações de contradições nas pregações do evangelista Benny Hinn, adepto da teologia da prosperidade e rituais sincréticos a outras religiões. Agora, um sobrinho do pregador decidiu revelar detalhes dos bastidores das cruzadas promovidas em nome da fé cristã. Em um artigo para o portal Christianity Today, o pastor Costi Hinn revelou que viveu uma vida de luxo enquanto esteve alinhado ao pensamento do tio, que reuniu em torno de si toda a*

família. Hoje, olhando para trás, Costi admite que a mensagem pregada por Benny Hinn é um “grande negócio” travestido de Evangelho.” (site: noticiasgospelmais.com.br).

Os pregadores místicos, famosos ou não, tentam justificar suas espiritualizações ridículas utilizando passagens bíblicas como a que fala sobre a visão de Pedro ou aquela que relata o arrebatamento de Paulo ao terceiro céu. *Foram situações específicas dentro da missão apostólica*, onde Deus permitiu tais experiências aos seus servos, para o estabelecimento da igreja. Não se pode utilizar esses textos como base para se fazer espetáculos que não trazem nenhum benefício ou edificação para o crente.

Falemos agora da terceira praga, a *idolatria*. A palavra de Deus é bem contundente em mostrar que é algo que Senhor odeia. Desde os tempos mais remotos, na época dos patriarcas, passando pelo período dos juízes, dos reis e, por fim, dos profetas, iremos encontrar o Criador se indignando por causa do pecado de idolatria. A nação de Israel, especificamente, aborreceu demais ao Senhor neste sentido. Já no período final da Lei, Cristo, durante Seu ministério, continuou advertindo a esse respeito, orientando Seus discípulos e às multidões acerca do que a idolatria representa. Na *nova aliança*, os apóstolos deixavam claro em suas pregações que viver segundo o evangelho de Cristo é viver longe da prática da idolatria.

Infelizmente, a *idolatria*, assim como a *superstição* e o *misticismo*, é forte no meio cristão evangélico e católico, formam um tripé que ocorre de forma concomitante. Talvez o leitor acredite que a idolatria está associada apenas à inclinação diante de imagens de esculturas. Esse é o grande problema, inclusive, é um fator histórico a condenação que muitos protestantes sempre atribuíram aos católicos afirmando serem idólatras e pecadores diante de Deus pelo fato de se prostrarem diante de imagens de escultura. É evidente que não há amparo nas Escrituras para a utilização de imagens; a Palavra é bem clara no tocante ao fato de que Deus não aceita que o homem faça imagem, de qualquer coisa que seja, para adorá-la e fazer dela um deus, não faz sentido; porém, o que quero esclarecer a você, leitor, é que idolatria não se resume a isso apenas. Vai muito além de se prostrar diante de imagens. Idolatria é o amor excessivo e exagerado às coisas, é tudo aquilo que toma o lugar de Deus em nossas vidas! Para nossa decepção total, essa maneira de agir ocorre de forma frequente no meio evangélico. É nítido o apego de muitos crentes por coisas materiais fazendo com que elas ocupem o lugar de Deus, ou seja, idolatria. Nas igrejas neopentecostais um fator que chama a atenção e é característico desses ambientes são as campanhas em prol de se adquirir prosperidade e conquistas na área financeira. Não tenho dúvidas de que isso é idolatria e, o deus cultuado nestes casos é *Mamom*, uma divindade pagã dos tempos antigos. O termo

mamom é usado para descrever riqueza material ou cobiça, personificado como uma divindade. A própria palavra é uma transliteração da palavra hebraica *Mamom*, que significa literalmente *dinheiro*. Encontramos o termo *Mamom* nas Escrituras, no evangelho de *Mateus*, capítulo 6. 19 ao 25, onde Cristo ensina sobre não se apegar aos tesouros da terra, mostrando que não há como servir a Deus se o coração estiver preso às riquezas.

Dessa forma, não há justificativa para quem age assim querer criticar os católicos pela questão de imagens de escultura, já que vivem um evangelho baseado em campanhas de busca por prosperidade financeira, campanhas visando bênçãos, queima de envelopes no monte almejando prosperidade, participação em *desafios diante de Deus* com o objetivo de conseguir dinheiro, falam no culto o tempo todo sobre *vitória financeira* como se esse fosse o propósito do evangelho, entre outras situações semelhantes. Tudo isso só demonstra apego excessivo ao material, ao terreno, ao dinheiro, ou seja, idolatria e culto a *Mamom*.

E como não mencionar os objetos ungidos como lenços, rosas, mantos, toalhinhas, cajados, martelos? Qual a diferença disso para as imagens de escultura? E os pregadores da revelação que fazem adivinhações? Quantos não correm atrás desses indivíduos na enorme expectativa de serem ‘revelados’, demonstrando, dessa forma, adoração a um simples mortal. Diante dessa observação, vale lembrar que os verdadeiros apóstolos de Cristo não aceitavam nenhuma adoração para si, enquanto aqueles que hoje se intitulam apóstolos e os demais conferencistas da atualidade arrogam para si o título de “grandes homens de Deus”, sem disfarçarem o fato de que gostam de serem reverenciados pelas pessoas. Triste realidade!

O pecado de idolatria, segundo as Escrituras, é um mal comparado à feitiçaria e à rebeldia contra Deus. No livro de *1 Samuel*, capítulo 15, por exemplo, vamos encontrar o Criador repreendendo o rei Saul por intermédio do profeta Samuel. Saul havia guardado para si o melhor dos rebanhos dos amalequitas, povos inimigos de Israel e do próprio Deus. A ordem de Deus para Saul foi para que destruísse tudo, porém, o rei estava com interesse em preservar aquilo que possuía grandes valores, pois, seu coração estava apegado às riquezas terrenas.

Agora observemos, mesmo de maneira resumida, o que as Sagradas Escrituras dizem a respeito dessas três ‘irmãs’: *superstição*, *misticismo* e *idolatria*? Alguns textos para nossa leitura e análise:

1º: Condenação ao misticismo: vamos encontrar orientações e análises a respeito do misticismo em alguns textos como: *Colossenses 2.18,19* / *I Coríntios 14.33* / *Deuteronômio 29.29* / *Efésios 1.3-14* / *Ezequiel 13.18-21* / *2 Tessalonicenses 2.9,10*.

2º: Condenação às superstições: *Deuteronômio 4.19 / 2 Reis 21.6 / Isaías 2.6 / Apocalipse 21.27 / João 8.44 / Apocalipse 12.9 / Eclesiastes 9.5-10 / Atos 14.15 / Atos 8, entre outros.*

3º: Condenação à idolatria: *Deuteronômio 5.8-10 / João 4.24 / Isaías 44.16,17 / Mateus 22.37 / Romanos 1.22,23 / Atos 17 / 2 Timóteo 4.3 / Colossenses 3.5 / 1 Timóteo 6.9,10 / Mateus 6.24 / 2 Coríntios 13.5, entre vários outros textos.*

Sobre as passagens acima, não deixem de ler todo o contexto de cada uma delas, isso é muito importante. Para finalizar, mais alguns pontos de vista sobre o assunto:

“O misticismo pode ser encontrado em muitas religiões. Frequentemente envolve o ascetismo de algum tipo e busca a união com Deus. Certamente é certo querer aproximar-se de Deus, mas a união mística com Deus é diferente do tipo de intimidade com Deus à qual os cristãos são chamados. O misticismo tende a buscar a experiência e às vezes é visto como secreto ou elitista. Os cristãos estão conscientes e engajados em realidades espirituais (Efésios 1:3; 6:10-19) e o cristianismo bíblico envolve a experiência espiritual, mas a intimidade com Deus é destinada a todos os cristãos e não é coberta por qualquer tipo de prática misteriosa. Aproximar-se de Deus não é nada misterioso ou elitista, mas envolve coisas como a oração regular, o estudo da Palavra de Deus, a adoração a Deus e a comunhão com outros crentes. Nossos esforços empalidecem em comparação com o trabalho que o próprio Deus faz em nós. De fato, nossos esforços são mais uma resposta ao Seu trabalho do que algo que se origina em nós.” (análise do assunto no site gotquestions.org).

“Com frequência, as pessoas que hoje dizem ter tido visões celestiais ou experiências fascinantes estão simplesmente inchadas com vãs noções, usando suas alegações para intimidar os outros a exaltá-las. Como escreveu o apóstolo Paulo aos crentes em Colossos, esse tipo de misticismo é o produto de uma mente orgulhosa e não-espiritual. Aqueles que o abraçam apartaram-se da suficiência que possuem em Cristo, o qual produz a verdadeira espiritualidade. Não seja intimidado por eles”. (Josemar Bessa)

“O misticismo é a idéia de que o conhecimento direto acerca de Deus ou da realidade máxima se consegue através da intuição ou da experiência pessoal e subjetiva, à parte de ou até mesmo em contradição ao fato histórico ou a objetiva revelação divina.” (Ronaldo P. Mendes)

“O teólogo Wemerson Marinho, em sua análise “Pontos Discutíveis do Movimento Neopentecostal” citado pelo jornalista Johhny Bernardo diz que nas igrejas neopentecostais existe a falta de uma liturgia eclesial e a pouca atenção dada às Escrituras Sagradas como a única regra de fé e conduta. Não somente isso, mas também a falta de estudo e discipulado consistente fazem com que os indivíduos que recorrem aos templos neopentecostais permaneçam adeptos de credices e continuem a praticá-las. Marinho explica que os místicos são induzidos a prescindir da Bíblia e a se basear apenas em suas experiências. “Este é um dos grandes problemas dos neopentecostais, pois eles colocam suas experiências acima da Bíblia e dão a ela uma interpretação particular fora dos recursos hermenêuticos.” (Jussara Teixeira).

*“No reinado de Cláudio César, certo samaritano de nome Simão, realizou vários rituais mágicos pela operação de demônios. Foi considerado deus em vossa cidade imperial de Roma e foi por muitos tendo uma estatua entre as duas pontes no rio Tibre com uma subscrição em latim: *Simoni Deo Sancto*, ou seja, Simão, o santo deus. Muitos*

eram os samaritanos e povos de outras nações que o cultuavam!” (Hermes C. Fernandes).

“Não sabemos detalhes específicos de como a imagem da besta (do Apocalipse) pôde falar, todavia, todo o palco esteve aramado desde o primeiro século da era cristã para que o engano pudesse se espalhar como um vírus. Segundo J. Massyngberde Ford, a superstição de falar ou mover estátuas foi generalizada neste momento. O ventriloquismo ou um operador escondido explica o fenômeno.” (César Francisco Raymundo).

Pois bem, vamos então ao próximo comentário que também é muitíssimo interessante e trata de um assunto em bastante evidência: os desigrejados.

Comentário 9 – Desigrejados

“Pelo crescimento de práticas religiosas absurdas, abusivas e exploratórias, também cresceu exponencialmente o número de cristãos não frequentadores de templos”. (Valter Lemos)

O termo *desigrejado* tem sido bastante utilizado nos últimos anos, principalmente, por líderes religiosos, para se referir àquelas pessoas que deixam de ser membros em suas instituições, por entenderem que, para servir a Deus ou ser um cristão de verdade, não é necessário, obrigatoriamente, estar ligado a alguma denominação institucional, ou seja, são pessoas que optam por abandonar o sistema denominacional e passam a se reunir de outras formas: em família na própria casa, em casas com outros irmãos, ou simplesmente optam por não fazer culto, já que muitas pessoas que abandonam o sistema denominacional entendem que o principal culto é o da vida, baseado na fé em Jesus, na retidão, no bom testemunho, no caráter e no amor ao próximo.

Há uma importante observação a se fazer: não se pode confundir os que são rotulados de *desigrejados* com aqueles que os líderes intitulam de *desviados*; estes, são aqueles que deixam o sistema denominacional e abandonam por completo qualquer atividade religiosa. Pois bem, *desigrejados* é um tema que tem provocado polêmica e, a respeito do mesmo, vou abordar alguns pontos que entendo serem os mais necessitados de esclarecimentos.

Em primeiro lugar, penso que o termo *desigrejado* nem deveria existir, não faz sentido, pois, quando alguém passa a ser integrante da igreja de Cristo, salvo por Sua graça, jamais deixará de ser da igreja, independente de fazer parte ou não de uma denominação, não há como o salvo em Jesus se desvincular ou se soltar da igreja; ninguém pode ser da igreja hoje e deixar de ser amanhã. Uma vez que alguém é alcançado por Cristo, automaticamente se torna membro da noiva do Cordeiro, selado por Deus, portanto, não há como se *desigrejar*. Confira alguns textos: *Efésios 2.8, Joao 5.24, Efésios 1.13 e 14, João 14.16 e 17, Romanos 3.11, Romanos 7.18, João 3.16, João 16.8, I Pedro 5.10, Apocalipse 3.5 e 6, I Pedro 2.5, 1 Corintios 3.16 e 17, 1 Corintios 6.19, II Corintios 6.16, Gálatas 2.9, II Corintios 1.21 e 22*, entre outros.

Em segundo lugar, conforme mencionado no parágrafo inicial, o termo foi criado pelos líderes religiosos. Acontece que, de uns tempos para cá, muita gente tem deixado o sistema denominacional e isso tem preocupado muito a linha de frente das instituições religiosas; um dos principais pontos que tem provocado indignação é a diminuição no valor das arrecadações nas instituições sob suas lideranças. Como já relatei, para muitos líderes, quem deixa a instituição por conta de alguma insatisfação e abandona a prática religiosa é um *desviado*,

enquanto aquele que a deixa e opta por outra forma de procedimento como cristão, fora do sistema denominacional, é chamado de *desigrejado*. Este, geralmente deixa o sistema depois de questionamentos e, conseqüente descoberta através da Palavra, de como as coisas realmente devem funcionar em uma comunidade cristã, enquanto que aquele abandona a denominação simplesmente por enjoar de 'ser crente'; por isso, é compreensível a ira de muitos líderes religiosos com quem é *desigrejado*, pois, não gostam de ser questionados e confrontados, enquanto que, no caso dos *desviados*, há a esperança de que um dia possam voltar para a igreja/templo e se submeterem às suas vontades novamente.

Terceiro: é preciso esclarecer que, aquele que deixa o sistema denominacional e passa a atacá-lo e endemonizá-lo, como muitos têm feito, também não está procedendo corretamente, pois, mesmo dentro de instituições, ainda que mal orientadas e ensinadas por muitos líderes, há diversas pessoas que fazem parte da igreja de Cristo, pessoas que verdadeiramente creem no Senhor Jesus, puras de coração, amantes do evangelho. Como já relatei, igreja não é templo, edifício, *igreja são pessoas*, são os salvos, e há muitas pessoas salvas e cristãs de verdade dentro das instituições religiosas, portanto, quem opta por abandonar o sistema denominacional deve manter o respeito, o que não significa deixar de confrontar os erros do sistema, mas, entender que há muitos irmãos em Cristo mesmo nestes ambientes. Como tenho relatado neste ebook, o grande problema das instituições, a meu ver, são as liturgias e imposição de regras, que vão de encontro com a essência do evangelho que é a graça, uma vez que não há mais necessidades desses tipos de ritos (*leia Colossenses 3.14, Gálatas 6.15, Gálatas 5.1 ao 6*).

Quarto: a igreja de Cristo é organismo vivo, formada por todos os salvos, o povo de Deus que peregrina aqui na terra. Seus membros estão espalhados pelos quatro cantos do globo terrestre. A igreja de Jesus não é composta somente quem congrega em uma instituição religiosa mas, são todos aqueles que *nasceram de novo*, os vencedores, os que creem no Cristo ressurreto! E, somente Ele conhece essas pessoas e sabe quem é ou não integrante do Seu povo. Que fique, portanto, bem claro, conforme já mencionei no comentário sobre a igreja: não há problema chamar o local de reunião de uma comunidade cristã de *igreja*, inclusive, nas Escrituras nós encontramos locais de ajuntamento de irmãos sendo chamados de *igreja* (é a ideia de *igreja local*) – o que não pode é haver o *templocentrismo*.

Quinto: Ao invés de se comportarem com arrogância, se achando donos da verdade, murmurando e até maldizendo contra os que deixam o sistema denominacional chamando-os de *desigrejados*, os líderes religiosos deveriam conduzir as comunidades cristãs sob suas responsabilidades sem pressionar os fiéis e se aprimorarem mais no entendimento das

Escrituras objetivando instruir o povo de forma correta, deixando de lado a imposição de regras baseadas no *judaísmo* e superstições, bem como a barganha em nome do evangelho. Se o número de “*desigrejados*” tem aumentado consideravelmente, muito se deve por conta disso. Deixando bem claro que não pretendo generalizar a respeito dos líderes, pois, mesmo que em número pequeno, ainda há bons dirigentes à frente das denominações.

Conclusão: Não importa se dentro do sistema religioso denominacional, em formato de cultos domésticos, em células, igreja na rua, ou qualquer outro modo semelhante ou ainda que seja o simples ato de congregar na vida: os integrantes do Corpo de Cristo estão espalhados nestes ambientes. Não existe o lugar correto para servir a Deus, o que caracteriza um verdadeiro cristão é sua fé no Filho de Deus, e quem a possui, conseqüentemente, é alguém perseverante, temente e que já assimilou que o culto é racional e que ele próprio é o templo e morada do Espírito Santo. (leia *João 4.19 ao 24*).

O ajuntamento para prestar honra, louvor e gratidão a Deus é muito bom e válido, mas, transformar isso num ato obrigatório para poder ser considerado um cristão, para se obter a salvação e o favor de Deus, é monopolizar o ato de congregar, e digo mais, é invalidar o sacrifício de nosso Senhor Jesus Cristo. O véu do templo de Jerusalém se rasgou de alto a baixo simbolizando que Cristo nos libertou de todo tipo de obrigatoriedade litúrgica.

Para complemento do assunto vou deixar agora um trecho muito importante do ebook: *Manual do desigrejado*, do irmão César Francisco Raymundo. Este material certamente vai esclarecer e tirar todas as dúvidas existentes a respeito do tema *desigrejados*. Recomendo.

*** Trecho do ebook *MANUAL DO DESIGREJADO*:**

Os teólogos que são formadores de opinião não devem se esquecer que a prática dos “desigrejados” se reunirem nas casas é tão ou mais legítima que aqueles que frequentam os templos. Veja isto no ensino do Novo Testamento:

“E Saulo assolava a igreja, **entrando pelas casas**; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão.” (Atos 8:3);

“E todos os dias, no templo e **nas casas**, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo. (Atos 5:42); O “templo” aqui em questão é o templo de Herodes que ainda estava em pé naqueles dias. Essa obra monumental foi destruída no ano 70 d.C.”

“E, considerando ele nisto, foi **à casa** de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos, onde muitos estavam reunidos e oravam.” (Atos 12:12);

“E, saindo da prisão, entraram **em casa** de Lídia e, vendo os irmãos, os confortaram, e depois partiram.” (Atos 16:40);

“Saudai a Asíncrito, a Flegonte, a Hermes, a Pátrobas, a Hermas, e **aos irmãos que reúne com eles em sua casa**.” (Romanos 16:14);

“Saudai a Filólogo e a Júlia, a Nereu e a sua irmã, e a Olimpas, e a **todos os santos que reúnem com eles em sua casa**.” (Romanos 16:15);

“Todos os santos vos saúdam, mas principalmente **os que se reúnem na casa de César.**” (Filipenses 4:22);

“Saudai também **a igreja que está em sua casa.** Saudai a Epêneto, meu amado, que é as primícias da Acácia em Cristo.” (Romanos 16:5);

“Como nada, que útil seja, deixei de **vos anunciar, e ensinar publicamente e pelas casas.**” (Atos 20:20);

“As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor áquila e Priscila, **com a igreja que está em sua casa.**” (1ª Coríntios 16:19);

“Saudai aos irmãos que estão em Laodicéia e a Ninfa **e à igreja que está em sua casa.**” (Colossenses 4:15);

Aos quais convém tapar a boca; homens que **transtornam casas inteiras ensinando o que não convém,** por torpe ganância.” (Tito 1:11);

“E à nossa amada Áfia, e a Arquipo, nosso camarada, **e à igreja que está em tua casa.**” (Filemom 1:2);

“Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, **não o recebais em casa,** nem tampouco o saudeis”. (2ª João 1:10);

“Como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar, e ensinar publicamente **e pelas casas.**” (Atos 20:20);”

Para finalizar, uma reflexão:

Diálogo, por Ed René Kivitz.

- *Quem são vocês?*
- *Somos seguidores de Jesus Cristo.*
- *Então vocês são cristãos, como dizem por aí?*
- *Isso.*
- *Onde estão seus sacerdotes?*
- *Não temos sacerdotes.*
- *Mas todas as religiões têm seus homens sagrados.*
- *Isso nós temos.*
- *"Isso" o quê?*
- *Homens sagrados.*
- *Quantos são?*
- *Não fazemos a menor ideia.*
- *Como assim? Onde eles estão?*
- *Espalhados pelo mundo.*
- *Onde, por exemplo?*
- *Aqui.*
- *"Aqui" onde?*
- *Nós.*
- *"Nós" quem? Vocês?*
- *Isso.*
- *Ah, tá bom!*
- *...*
- *Quer dizer que vocês são os homens sagrados da religião de vocês.*
- *Não, não somos os homens sagrados da nossa religião. Somos apenas homens*

sagrados.

- Então vocês são sacerdotes?
- Mais ou menos.
- Mais ou menos como?
- Somos sacerdotes, mas não como você está pensando.
- E como eu estou pensando?
- Você está pensando que somos autoridades religiosas.
- E não são?
- Não.
- Por quê? Vocês são contra as autoridades?
- Não.
- Mas acabaram de dizer que não têm autoridades religiosas.
- Não, não foi isso o que dissemos. Você entendeu errado.
- Então o que é que vocês estão dizendo?
- Estamos dizendo que não somos autoridades religiosas.
- Mas são sacerdotes.
- Sim.
- Não estou entendendo.
- Não, não está.
- Então expliquem.
- Todos os seguidores de Jesus Cristo são sacerdotes.
- E quem é o maior entre vocês?
- Jesus Cristo.
- Mas ele está morto.
- Não, está vivo.
- "Vivo" como?
- Vivo, oras.
- Como "vivo, oras"?
- Vivo em nós, no meio de nós, sobre nós, exatamente aqui e agora.
- Aqui?
- Também.
- Em todo lugar?
- Isso.
- Somente Deus está em todo lugar.
- Então...
- Como assim? Vocês pensam que ele é Deus?
- Sim.
- Então vocês não são apenas seguidores de Jesus Cristo. Na verdade, são adoradores de Jesus Cristo.
- Isso.
- E onde fica o templo de vocês?
- Não temos templo.
- Como não têm templo?
- Não precisamos de templo.
- Por que não?
- Precisávamos de templo quando oferecíamos sacrifícios a Deus.
- E vocês não prestam mais culto ao seu deus?
- Daquele jeito, não.
- Que jeito?
- Sacrificando animais.
- E por que vocês não sacrificam mais ao seu deus?
- Nós sacrificamos.
- Mas acabaram de dizer que não oferecem mais sacrifícios de animais.
- Isso.
- "Isso" o quê?
- Não sacrificamos mais animais.

- E por que não?
- Porque não é mais necessário.
- E por que não é mais necessário?
- Porque Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.
- Então vocês não precisam mais prestar culto ao seu deus?
- Você ainda não entendeu.
- Então expliquem!
- Não precisamos mais ir ao templo oferecer sacrifícios de animais. Mas isso não significa que não prestamos culto ao nosso Deus.
- E que tipo de sacrifício vocês oferecem ao deus de vocês?
- Nós mesmos.
- Como assim?
- A nossa vida toda é um sacrifício a Deus.
- Como assim?
- Tudo o que fazemos, fazemos para a glória do nosso Deus.
- "Tudo" o quê?
- Tudo. A vida toda é um culto a Deus.
- Tudo, tudo?
- Pelo menos é o que tentamos.
- Mas há uma coisa especial que vocês fazem como um ato de adoração ao seu deus?
- Sim e não.
- Como assim?
- Não, porque, como dissemos, tudo o que fazemos é ato de adoração. Porque na verdade não é o que fazemos ou deixamos de fazer que é o ato de adoração, mas nós mesmos, isto é, a nossa vida em si.
- Como assim?
- Você não ouviu a gente dizer que somos seguidores de Jesus Cristo?
- Sim. E daí?
- Daí que seguimos os passos dele. E se ele morreu, também morremos. E se ele ressuscitou pelo poder de Deus, nós também ressuscitamos. E agora não vivemos mais para nós mesmos, mas para o nosso Deus, que nos deu vida.
- Acho que estou entendendo.
- Mesmo?
- Sim. Vocês não têm sacerdotes, não têm templo, não oferecem sacrifícios de animais.
- Isso.
- Mas vocês têm uma coisa especial que fazem como ato de adoração ao seu deus?
- Sim e não.
- Já entendi a parte do "não". Vocês não têm uma coisa especial porque tudo o que fazem é adoração. Na verdade, vocês mesmos são o ato de adoração, porque agora vivem para o deus de vocês.
- Isso.
- Mas e a parte do "sim"?
- A parte do "sim" é que temos, sim, uma coisa especial que fazemos para o nosso Deus.
- O quê?
- Cuidamos das pessoas.
- Quais pessoas?
- Aquelas de quem somos próximos.
- Como assim? Quem são elas?
- Todas as que cruzam o nosso caminho.
- Eu, por exemplo?
- Sim, você.
- Mas, como assim, cuidam das pessoas como ato de adoração? Então vocês adoram as pessoas?

- Não, não é isso. É que vemos Jesus Cristo nas pessoas, especialmente naquelas que estão sofrendo, nas que têm fome, sede, estão presas, doentes, por exemplo.
- Acho que está ficando mais claro...
- Que bom que está entendendo.
- Deixa eu ver se entendi.
- Fala.
- Vocês não têm templo porque não precisam mais fazer sacrifícios, e por isso não precisam mais ir ao templo.
- Isso.
- Pelo mesmo motivo não têm sacerdotes, pois não precisam mais de pessoas que façam os sacrifícios por vocês, já que vocês, isto é, a vida de vocês é que é o sacrifício.
- Muito bem.
- De fato, tudo o que vocês fazem é para o deus de vocês, especialmente cuidar das pessoas que precisam.
- Isso.
- Tenho mais uma pergunta.
- Pois não.
- Qual é o dia sagrado de vocês?
- Também não temos.
- Vai dizer que vocês vivem desse jeito todos os dias?
- Nossos antepassados tinham um dia sagrado: o sábado. Mas isso era no tempo quando precisávamos ir ao templo levar os animais para que os nossos sacerdotes fizessem os sacrifícios. Agora que nos entregamos ao nosso Deus como sacrifício vivo, o verdadeiro ato de adoração é viver para ele.
- E como é que vocês vivem para Deus?
- Vivendo para o próximo.
- Então todos os dias são sagrados para vocês?
- Isso.
- Essas coisas que vocês disseram têm um nome?
- Explique melhor.
- Isso aí é o que chamam de Cristianismo?
- Não.
- Mas o Cristianismo não é a religião de Jesus Cristo?
- Não.
- Como não?
- Cristianismo é a religião de Constantino.
- O imperador romano?
- Isso.
- Por quê?
- Porque foi Constantino quem começou a montar de novo tudo o que Jesus Cristo havia desmontado.
- Como assim?
- Jesus ensinou que não precisamos mais de templos, sacerdotes, sacrifícios e dias sagrados. Ensinou que Deus é espírito e importa que os que o adoram, o adorem em espírito e em verdade.
- Isso é o que vocês dizem que é fazer da própria vida um ato de adoração?
- Isso mesmo.
- E o tal do Constantino?
- Então: foi ele quem começou a construir templos dedicados a Deus, oficializou um dia da semana para os cultos, inventou que prestar culto a Deus é uma coisa que se faz nos templos, nomeou sacerdotes, e começou essa confusão que você está vendo.
- Então isso que vocês explicaram não tem nome?
- Tem.
- E qual é?
- Evangelho.

- *Ah, já ouvi falar, mas pensava que era a mesma coisa que Cristianismo.*
- *Mas não é.*
- *Sei.*
- *...*
- *Mas tem mais uma coisa que não estou entendendo.*
- *O que é?*
- *Só mais uma pergunta.*
- *Pode fazer.*
- *Por que é que inauguraram um Templo de Salomão em São Paulo?*
- *Não sabemos.*
- *Mas eles também não são seguidores de Jesus Cristo?*
- *Também não sabemos, pergunte para eles.*

Comentário 10 – Esclarecimentos sobre a Segunda Vinda

“...assim também Cristo, tendo se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, **aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação**”. (Bíblia Sagrada – Carta aos Hebreus 9.28)

A análise desse comentário será a respeito de mais um tema bastante abrangente entre os cristãos. Um assunto que, infelizmente, como vários outros, é igualmente muito mal interpretado: *a segunda vinda de Cristo*.

Nosso Senhor Jesus Cristo exerceu Seu ministério terreno por pouco mais de trinta anos. Cumpriu Sua missão, conforme projetada pelo Pai, ao realizar diversos sinais e maravilhas entre os judeus, exercer absoluta autoridade sobre o mundo espiritual, anunciar a ineficiência do sistema de sacrifícios do *judaísmo*, pregar as boas novas, escolher os apóstolos, morrer e ressuscitar pelo resgate de muitas almas. Após Sua assunção aos céus, enviou o Espírito Santo para ser personagem principal no estabelecimento da igreja na terra e habitar permanentemente no cristão, auxiliando-o e animando-o na caminhada. Esses foram alguns dos importantes atos de Cristo descritos na Palavra, que também afirma que um dia Ele voltará à terra pela segunda vez, aliás, o próprio Cristo deixou claro que ele voltaria mais uma vez, de forma corpórea, a essa terra. Leia, por exemplo, *Atos 1.10 e 11, Hebreus 9.28 e 1 Tessalonicenses 4.13 a 17*. Aqui é que entra o X da questão: quais são os detalhes e o que a bíblia fala a respeito dessa segunda vinda de Cristo? São inúmeras as interpretações equivocadas a esse respeito por parte de muitos líderes religiosos que seguem fielmente a cartilha do *dispensacionalismo* e de suas instituições, ignorando a hermenêutica bíblica a respeito do assunto. Falando em *dispensacionalismo*, dentre as várias visões distorcidas acerca do tema em questão, acredito que esta seja a principal. Eu mesmo, durante muito tempo acreditei nessa linha de pensamento.

A *escatologia dispensacionalista* afirma que haverá *uma série de eventos antes da segunda vinda*, que obedece a seguinte sequência: cumprimento de sinais: aumento de mortes, guerras, terremotos, abalos na terra, atos de desumanidade, declínio do amor, aumento de pestes, entre outros, que mostrarão que a volta de Cristo está próxima, arrebatamento secreto da igreja, período de sete anos chamado de grande tribulação, onde governará a terra um ditador mundial conhecido como anticristo, descida de Cristo à terra acompanhado da igreja *para guerrear* contra satanás e seus anjos, prisão de satanás, período milenar (interpretado literalmente como mil anos) com Cristo reinando e tempos de muita paz,

soltura e derrota de satanás no final do milênio, vitória sobre a morte, juízo final e triunfo dos redimidos!

O que acontece é que toda essa descrição está mais para ficção de *Hollywood* do que para a realidade contida no *Apocalipse de João* e outras epístolas da Palavra de Deus. É exatamente isso que você acabou de ler: os eventos relacionados à segunda vinda não serão dessa maneira que é apresentada pelo *dispensacionalismo* e que, infelizmente, é ensinado na maioria das instituições religiosas.

Agora, vamos por partes para melhor compreensão: *escatologia* é o estudo das *últimas coisas* ou do final dos tempos. A *escatologia dispensacionalista*, como o nome já sugere, utiliza uma interpretação baseada em supostos eventos que ocorrerão nas *dispensações* da graça e do milênio. *Dispensação* se refere a um período de tempo em que Deus agiu de uma determinada maneira para com a humanidade. Segundo os que defendem essa teoria, as dispensações são: período da *inocência*, era da *consciência*, *governo humano*, *promessa*, *Lei*, *graça* e *reino milenar*.

O ensinamento no sentido de que Deus dividiu a história da humanidade em épocas tratando com o homem de uma maneira diferente em cada um desses períodos pode até possuir certa relevância em alguns aspectos. Algumas formas de interpretação das Escrituras, por mais erros que possam conter, pode, em alguns pontos ter algo de proveito. Dito isto, respeito aqueles que defendem a ideia das dispensações e, acredito que não é o fato de crer ou não nelas que tornará alguém melhor ou pior cristão, todavia, vejo alguns problemas (heresias) na exposição deste ensino e, particularmente, prefiro a *teologia do pacto* e a *escatologia preterista* por serem, em meu ponto de vista, mais coerentes e fundamentadas na Escrituras.

Em resumo, a *teologia do pacto* refere-se ao evangelho apresentado no contexto do plano eterno de Deus de comunhão com o Seu povo e seu desenvolvimento histórico *nos pactos das obras e da graça*; ela explica o significado da morte de Cristo à luz da plenitude do ensino bíblico sobre os pactos divinos, provê a explicação mais completa possível dos *fundamentos de nossa segurança*, esclarece nosso entendimento sobre *expição* (o significado da morte de Cristo), *segurança* (a base de nossa confiança de comunhão com Deus) e a continuidade da história da *redenção* (o plano unificado de salvação de Deus). A *teologia do pacto* é também uma hermenêutica; uma abordagem do entendimento das Escrituras – uma abordagem que tenta explicar bíblicamente a unidade da revelação bíblica, ou seja, *a bíblia interpreta a própria bíblia*.

A *escatologia preterista* ou *preterismo* é um método de ensino mais popular para o exame do Apocalipse e dos Livros proféticos do Antigo Testamento entre os eruditos críticos. Essa escola é também conhecida como a contemporânea-histórica. Expõe que a grande maioria das profecias *cumpriu-se a partir da destruição de Jerusalém, em 70 dC*. Para que o leitor entenda bem a respeito da *escatologia preterista* deixarei algumas fontes muito boas na bibliografia.

Apenas para resumir, o que estou afirmando é que, ao contrário do que a maioria dos líderes religiosos ensinam e que a gente já viu em vários filmes sobre o *apocalipse, o evento da segunda vinda de Cristo não será precedido por arrebatamento secreto da igreja, não haverá grande tribulação (já aconteceu), não haverá um anticristo ditador mundial e não haverá um período literal de mil anos*. É exatamente o que você acabou de ler! Quando tomei conhecimento dessas coisas pela primeira vez, após a leitura de alguns materiais, confesso que fiquei um pouco assustado; talvez, como você esteja agora, afinal de contas, no meu caso, foi mais de uma década aprendendo tudo de maneira distorcida da Palavra de Deus, já que, nossas igrejas ensinam tudo com base no dispensacionalismo, acompanhado de uma “boa dose” de sensacionalismo, contudo, ao tomar conhecimento e passar a estudar a *escatologia preterista* com mais aplicação, fui percebendo que de fato se trata de uma linha interpretativa muito mais coerente e respaldada nas Escrituras, ao contrário do *dispensacionalismo*.

Pois bem, o que diz a *escatologia preterista*? Conforme esclarecido pelo irmão César Francisco Raimundo, especialista no assunto, *preterismo não é doutrina, é apenas hermenêutica de interpretação. Preterismo não é doutrina católica. É interpretação antiga na igreja. Preterismo não é religião, nem seita e nem heresia. Preterismo não explica doutrinas bíblicas, mas ajuda a procurar as respostas entre os primeiros ouvintes da Palavra. Preterismo apenas trata da escatologia bíblica. Em fim, no preterismo aprendemos que o passado com suas profecias cumpridas é mais importante que o futuro, para que vivamos no tempo presente com o temor de Cristo no coração, pois, o mesmo Senhor que veio em juízo no passado, vem no futuro presente e virá no futuro*.

Nas palavras de Todd Dennis, “preterismo vem do tempo pretérito [passado perfeito] do idioma hebraico”. É a idéia de que algumas ou todas as profecias foram cumpridas na geração que estava viva quando Jesus pregou, isto é, elas *foram cumpridas no passado*. Ele toma a inspiração divina da Bíblia séria e literalmente. Algumas pessoas têm alegado que algumas das profecias de Jesus estavam erradas, entretanto, o que acontece é que *as profecias de Jesus de fato foram cumpridas nesta geração (isto é, na geração dEle), mais notavelmente pela destruição de Jerusalém em 70 d.C.* O preterismo interpreta os seguintes versículos-chave

literalmente: *Mateus 10.23, Mateus 16.28, Mateus 23.35-36, Mateus 24.34, Mateus 26.63-64.*

Também vale salientar ainda que, segundo o referido autor, é muito importante distinguir entre o *preterismo parcial*, ou moderado, o qual particularmente defendo, e o *preterismo completo ou radical*. O *preterismo parcial* diz que a maioria das profecias se realizaram na geração dos dias de Jesus, enquanto o preterismo completo diz que todas foram cumpridas. O preterismo completo é problemático porque afirma que a segunda vinda (*parousia*), a ressurreição, o arrebatamento, o dia do Senhor e o dia do juízo ocorreram no ano 70 d.C não havendo mais nada para ocorrer. E é neste ponto que o *preterismo completo* se encaixa como uma heresia, pelo fato de ser altamente radicalista ao relatar que a segunda vinda corpórea e visível de nosso Senhor já tenha acontecido, uma vez que a Palavra de Deus é clara em mostrar que isso se dará no final das eras, nos últimos dias de existência do planeta Terra. De maneira contrária, o preterismo parcial diz que Cristo veio em *juízo* sobre Jerusalém em 70 d.C. e que este foi *um dia do Senhor* (vinda em juízo) e não o *dia do Senhor* (segunda vinda corpórea - no final dos tempos). A respeito dos tipos de vinda de Cristo, o leitor só terá a clara compreensão após ler os materiais (artigos e ebooks) sobre o preterismo parcial.

O que me fascinou no *preterismo parcial* não foi apenas o fato de compreender melhor a escatologia bíblica, mas, a forma como ele facilita nosso entendimento acerca das Escrituras. O preterismo nos faz discernir com muito mais clareza o que os apóstolos quiseram dizer através dos evangelhos e epístolas que escreveram, assim como nos ajuda a interpretar corretamente o significado de muitas passagens contidas nos livros dos profetas, uma vez que tais passagens possuem relação direta com a vinda de Cristo em juízo contra Jerusalém no ano 70. O preterismo parcial ainda nos faz perceber que, não faz sentido ler a bíblia de maneira mística ou como um livro de autoajuda, pois, o leitor das Escrituras deve ter em mente que, para a compreensão da mesma, é necessário se reportar à época dos escritores e do público alvo dos mesmos e, nesse ponto, o preterismo é fundamental.

Como já mencionado, alerto o amado leitor que, para um maior entendimento acerca do assunto, é necessário um aprofundamento nos estudos referentes ao tema. Recomendo que você navegue pelo *website: revistacrista.org*. Os materiais expostos ali são imprescindíveis. Mas, continuando: o *preterismo parcial* se refere à crença de que a maioria das profecias bíblicas que se referem ao “fim dos tempos” foi, na realidade, cumprida no ano 70 A.D, tendo como ponto de destaque a destruição do templo de Jerusalém. Segundo o *preterismo parcial*, apenas do capítulo 20 em diante do Apocalipse é que há relatos a respeito do que acontecerá nos últimos dias da humanidade. O ponto chave da questão está nas expressões últimos

tempos ou últimos dias que aparecem nas citações de Jesus no sermão do monte, no Apocalipse e em outras passagens dos evangelhos e epístolas e na expressão esta geração.

Preste atenção nisso: quando as profecias bíblicas mencionam últimos dias, ou termos parecidos, está na verdade se referindo aos últimos dias da antiga aliança ou *da era judáica*, não aos últimos dias do mundo cósmico. O nascimento de nosso Senhor Jesus, por exemplo, aconteceu nos últimos dias. Quando encontramos nas Escrituras o Senhor Jesus usando a expressão esta geração, se tratava de uma referência direta à geração do primeiro século, ou seja, *a geração de seus discípulos e daqueles que O traspassaram, uma geração próxima dEle*. Se fosse pra se referir aos tempos atuais, certamente nosso Senhor usaria termos como *àquela geração, haverá uma geração...* tudo é uma questão de compreender o uso do pronome *esta*, que demonstra que o ser referido está *próximo de quem fala*, algo, de certa forma, simples de compreensão para qualquer leitor que não seja um analfabeto funcional.

O apóstolo João escreveu o Apocalipse *para as sete igrejas da Ásia menor*, alertando-as a respeito de tudo que aconteceria em breve, ou seja, num tempo próximo daqueles irmãos; *se tratava dos eventos relacionados ao juízo divino sobre a nação de Israel no ano 70 d.C.* Não há cabimento em concordar com as interpretações que dizem que os eventos do Apocalipse ainda acontecerão, mais de mil e novecentos anos depois de João. Isso é simplesmente contradizer tudo que foi colocado pelo próprio Cristo. O *dispensacionalismo* deturpou o propósito central do Apocalipse.

O termo *apocalipse* vem do grego e significa *revelação, tirar o véu*, uma revelação no sentido literal, portanto, não é propósito do livro esconder os significados dos símbolos descritos, mas, que qualquer cristão pudesse e possa entender a mensagem. O *dispensacionalismo* deixou obscuro o sentido real do título da epístola de João às igrejas da Ásia usando a ideia de *fim do mundo*, quando, na verdade, apocalipse é uma *revelação* aos cristãos do primeiro século.

É fato que a bíblia trata do evento da *Segunda Vinda* de Jesus como último dia, onde haverá a *ressurreição dos mortos, arrebatamento dos vivos* e o *juízo final*, o que não pode ser confundido com os *últimos dias* (do judaísmo).

Desse modo, eis a diferença: o *dispensacionalismo* interpreta 'últimos dias' e 'fim dos tempos' como *últimos dias da igreja na terra* e 'esta geração' como a geração que estará na terra nos dias próximos à segunda vinda, enquanto que o preterismo mostra que últimos dias são os últimos dias da era judáica e 'esta geração' é uma referência à geração do primeiro século. Eu fico com a segunda interpretação, muito mais sensata e condizente com o relato bíblico.

Para quem cresceu ouvindo nas denominações o ensinamento escatológico que sempre deu ênfase a um *rapto da igreja, grande tribulação, Anticristo, marca da besta*, entre outras coisas, há algumas afirmações interessantes do irmão César Francisco Raymundo, editor da *Revista Cristã*, maior (e melhor) portal escatológico da internet, que trazem uma luz acerca dessas questões:

‘Há diversos textos indicadores de tempo do Novo Testamento, os quais usam as expressões "em breve", "próximo", "as portas" etc. São cerca de 78 passagens que indicam que a profecia escatológica iria se cumprir ainda naquela geração do primeiro século da era cristã (Veja alguns: Mateus 16:27-28; Mateus 24:34; Marcos 13:30; Lucas 21:32; 1ª João 2:18-19; 1ª Pedro 4:7, 17; Hebreus 10:25; Tiago 5:7-8; Apocalipse 1:1-3; 22:6-7, 10, 12, 20).’

“Os versos ensinados e interpretados pelo dispensacionalismo como se referindo a um rapto ou arrebatamento secreto da igreja são na verdade referências À RESSURREIÇÃO FINAL, no último dia, que está ainda em nosso futuro!”

“Os versos que são interpretados como uma grande tribulação vindoura pela qual a humanidade passará e a igreja será raptada antes na verdade se referem a um evento já acontecido, a grande tribulação ou guerra judaica, período de sete anos (66 a 73 d.C.); período de juízo divino contra a nação apóstata de Israel. O ponto marcante desse evento foi a destruição do templo de Jerusalém no ano 70 d.C.”

“A palavra "anticristo" é bíblica, mas a doutrina citada [...] não é. Nas únicas passagens bíblicas em que aparece a palavra anticristo (1 João 2.18 / 1 João 2.22 / 1 João 4.2,3 / 2 João 7) podemos perceber alguns fatos importantes: 1º: A Bíblia não fala de uma só pessoa conhecida como o Anticristo, mas de muitos anticristos. 2º: A última hora, no contexto dos anticristos, não se refere ao fim do mundo, porque João disse que a última hora já havia chegado no primeiro século. 3º: Estes textos não falam de um Anticristo futuro, mas de muitos que já saíram do meio dos cristãos do primeiro século. 4º: Um anticristo é qualquer pessoa que nega Cristo, ou que nega que este veio na carne.”

No caso da emblemática figura do *Apocalipse, capítulo 13*, que pela interpretação futurista e dispensacionista é vista como o Anticristo do final dos tempos, na verdade, trata-se de um líder do império romano do primeiro século, mais especificamente, *Nero César*. O número 666 é uma referência a Nero César. *Apocalipse capítulo 13 e versículo 8* identifica a besta com o número equivalente ao nome do imperador Nero: 666.

Partindo para o final deste comentário, mais alguns pontos a serem esclarecidos:

1º: a Escritura Sagrada ensina sobre pelo menos seis tipos de *vindas de Cristo*. Infelizmente este é um assunto de desconhecimento geral dos cristãos. São elas: *A vinda em Teofanias* (Gênesis 3:8; Gênesis 17:1); *A Vinda de Belém*, sua manifestação humana (Mateus 2:6; 1ª João 3:5-8); *A última vinda ou Segunda Vinda* (o tema em foco - Atos 1:11; 1ª Tessalonicenses 4:13-17); *A vinda - ou ida ao Pai - A Ascensão* (Daniel 7:13); *a vinda através do Espírito Santo* no dia de Pentecostes (João 14:16-18) e *as vindas em julgamento* contra nações, igrejas e

contra Israel (*Apocalipse 2:5; Salmo 18:7-15; 104:3; Isaías 19:1; Joel 2:1, 2; Mateus 21:40-41, 43-45; Mateus 22:6-7; Mateus 23:33-39*).

2º: A proximidade da vinda de Cristo em juízo contra aquela geração é afirmada repetidamente. Tiago expressou isto ao dizer que "a vinda do Senhor está próxima", e também "eis que o juiz está às portas". (*Tiago 5.8-9*). O apóstolo Paulo também enfatizava (*1ª Coríntios 7.29*), Pedro: (*1ª Pedro 4.7*), o escritor aos hebreus (*Hebreus 10.25*), o apóstolo João (*1ª João 2.18 / Apocalipse 2.5-16, 3.11, 22.12-20 / 3.3; 16.15 / Apocalipse 1.1; 22.6*) e, é claro, nosso Senhor Jesus (*Mateus capítulo 24*).

3º: Diferente da *vinda em juízo*, os textos que falam da Segunda Vinda de Cristo são escassos, distantes entre si, e extremamente curtos em detalhes. Com relação a essa *vinda* não encontraremos textos usando expressões tais como "próximo", "as portas" ou "em breve". Pelo contrário, *a data da Segunda Vinda de Cristo é o maior mistério da história futura da humanidade.*

4º: *A ressurreição dos mortos está intimamente relacionada com a Segunda Vinda de Cristo.* Se quisermos compreender quando será essa Vinda sem termos dificuldades com a linguagem dos textos escatológicos, temos que observar sempre a presença da *ressurreição dos mortos* nos mesmos. Um exemplo claro de que a ressurreição dos mortos está associada com a Segunda Vinda de Cristo está em *Filipenses 3.20, 21* que diz: "*Mas a nossa pátria está no céu, de onde também aguardamos um Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o corpo da nossa humilhação, para ser semelhante ao corpo da sua glória, pelo seu poder eficaz de sujeitar a si todas as coisas.*"

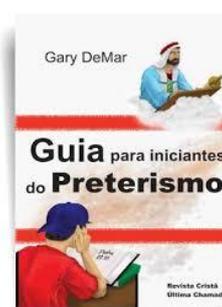
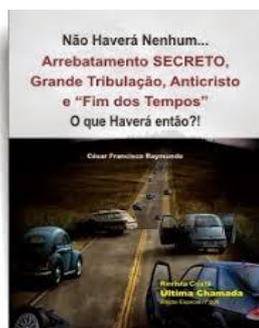
5º: *A subida de Jesus aos céus foi literal. Os discípulos o viram subir.* Quando o anjo disse que Jesus "virá do modo como o vistes subir", podemos ver um efeito reverso, ou seja, na volta, Ele desce dos céus. *Se a Sua subida foi literal, sua descida também o será!* Note que em nenhum momento é dito quando será essa volta, como também não dá para saber se está perto ou longe, ou se aqueles discípulos que O viram subir, O veriam descer também. Nada é dito em que possamos ter alguma noção de quando será a Segunda vinda de Cristo. Em *Atos dos Apóstolos* nos é informado que o efeito do avanço do Reino através da pregação das *boas novas* é progressivo na história. Jesus não volta enquanto tudo não estiver restaurado. "*É necessário que o céu o receba até o tempo da restauração de todas as coisas, sobre as quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio.*" (*Atos 3.21*).

6º: A expressão *segunda vinda* é uma referência a um "tipo" de vinda, ou seja, *vinda corporal*. Na primeira vez Jesus veio em carne e osso, nascido de mulher. Agora Ele virá corporalmente

com o mesmo corpo que foi ressuscitado no terceiro dia. Não virá para ser sacrificado e morto por causa dos pecadores, mas para aqueles que já foram salvos em vida.

Finalizo com mais um comentário do irmão César Francisco: *“Uma vez que não haverá um arrebatamento SECRETO, haverá sim um arrebatamento conforme a Bíblia, que não é de forma alguma um escape, mas a chegada definitiva do Rei da Glória para restaurar todas as coisas. Não haverá uma Grande Tribulação, porque já houve no passado, no primeiro século. Não haverá um Anticristo porque na verdade já existiu e ainda existem muitos anticristos. E, por fim, não haverá fim dos tempos ou últimos dias conforme o conceito de muitos atualmente, porque esse conceito refere-se a toda era da igreja até o final. Mas, o que haverá então? O que nos reserva o futuro? O futuro nos reserva o crescimento glorioso do Reino de Deus conquistando TODAS as nações da terra até que TUDO esteja subordinado a Cristo. Somente então, Ele virá segunda vez para revelar-Se visivelmente para a Sua igreja e para o mundo (1 João 3.2), para concluir Sua obra de redenção (Romanos 8.21-23 / Filipenses 3.21 / Atos 3.21) e para julgar os vivos e os mortos (Atos 10.42 / João 5.27-29 / João 11.24 / Mateus 25. 31,32 / 2 Coríntios 5.10 e 1 Pedro 4.5). Estamos AGORA no “milênio” de Apocalipse 20, aguardando a ressurreição final (referenciada em João 5, 1Coríntios, 1 e 2 Tessalonicenses.”*

Quer passar a entender sobre escatologia bíblica: *fim dos tempos, segunda vinda de Cristo, ressurreição, Apocalipse, ultimo dia, marca da besta, grande tribulação*, entre outros assuntos? LEIA, para começar, os seguintes materiais:



* *Guia para iniciantes do preterismo (Gary Demar)*

* *Não haverá nenhum... arrebatamento, grande tribulação, anticristo... (César Raymundo)*

* *O Apocalipse já se cumpriu. E agora? Pra que serve esse livro? (César Raymundo)*

* *Comentário Preterista sobre o Apocalipse (César Raymundo)*

Todos disponíveis em www.revistavcrista.org

Comentário 11 – Assuntos diversos

“Não basta mostrar a verdade, é preciso apresentá-la amavelmente.” (François Fénelon)

Nesta seção estarei comentando, ainda que de um modo mais objetivo, alguns assuntos que são de bastante destaque no meio religioso e que, assim como outras questões já relatadas neste e-book são, da mesma maneira, mal interpretados e carecem de esclarecimentos.

1. BATALHA ESPIRITUAL E LEGALIDADE AO DIABO

A existência de uma batalha entre Deus e as forças do mal é uma ideia antibíblica. O ensino de *batalha espiritual* é algo bastante difundido nos templos religiosos. É evidente que vamos encontrar nas Escrituras alguns episódios nos quais são relatados pelejas entre anjos e demônios, todavia, não há respaldo bíblico para admitir, em hipótese alguma, que nosso Senhor Jesus mantém uma disputa com Satanás, uma espécie de queda de braço ou enfrentamento com o capiroto. Não há necessidade de que Cristo trave batalha com ninguém. O movimento de *batalha espiritual* nada mais é que outra heresia oriunda da *Confissão Positiva*, alimentado por líderes e conferencistas religiosos, que não possui outro objetivo senão enganar as pessoas por meio do artifício da fé para manter-lhes dominadas e, é claro, arrancar-lhes dinheiro. Tudo que existe, inclusive o diabo, foi criado por Deus, com participação direta de nosso Senhor Jesus. Isso mesmo, o diabo é o diabo de Deus! (Leia *João 1.1 ao 3*).



A imagem acima retrata bem a maneira como muita gente interpreta o plano espiritual. Mas, vamos raciocinar juntos: o Unigênito de Deus e Todo Poderoso, o Alfa e o Ômega, o Supremo Sumo Sacerdote e Salvador do homem ter que medir forças com satanás para poder fazer alguma coisa não é uma ideia, no mínimo, estranha? Ele faz o que quer, a hora que quiser, e não há quem possa impedi-LO! Não existe batalha alguma! (Leia *Lucas 10.18,19 / Romanos 16.20 / 1ª João 4.4 / 1ª João 3.8 / Apocalipse 12.11 / Efésios 1.7 / Gênesis 3.14 e 15 / Romanos 8.31*). Segundo a bíblia, uma batalha que existe e carece de atenção, é a batalha

que o crente trava consigo mesmo para resistir às investidas do diabo, já que ele é acusador; a batalha da vigilância e perseverança. Os textos de *Tiago 4.7, 2ª Timóteo 1.7, 2ª Coríntios 12.9 e 10, Filipenses 4.13, Efésios 6.12, 2ª Coríntios 10.4 e 1ª Pedro 5.8* falam a esse respeito.

Assim como não há *batalha espiritual*, não há, do mesmo modo, a *legalidade espiritual*, ensinamento também transmitido em muitas igrejas. É comum vermos líderes falando que se a pessoa tiver em pecado ela estará dando *legalidade* para o diabo “bagunçar” sua vida. A orientação bíblica é que o cristão seja vigilante, pois o diabo anda ao redor buscando a quem possa tragar, ou seja, pronto para acusar, tentar ou até mesmo fazer o mal, desde que tenha a permissão de Deus para tal, entretanto, isso não significa, de modo algum, dizer que se alguém “tropeçar”, falhar ou cometer alguma transgressão na sua caminhada, estará vulnerável e sujeito às investidas de satanás. Pensar assim é admitir que o ser humano não possa errar em hipótese alguma, e o pior de tudo: essa atitude deixa subtendido que o sacrifício de Cristo foi em vão, já que Ele se entregou por pecadores!

É notório que precisamos ser vigilantes e cuidadosos para não pecarmos, mas, ainda assim, é certo que iremos falhar todos os dias e vamos continuar falhando. A questão é vigilância, e não, infalibilidade. Na carta *Aos Colossenses* está escrito: *A vós, estando mortos pelos vossos delitos e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, tendo-nos perdoado todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era contrário, removeu-o inteiramente, cravando-o na cruz; e tendo despojado os principados e potestades, os exibiu abertamente, triunfando deles na mesma cruz.* (capítulo 2.13-15). Esse é um texto que deixa claro nosso estado de imperfeição e mostra que a graça de Deus é constante sobre o nascido de novo. Estaríamos todos em um beco sem saída se fôssemos tomados pelo diabo toda vez que cometêssemos algum delito. O *escrito de dívida* que era contra nós, que consistia em cumprir rituais, ordenanças e uma série de regulamentos para que não fôssemos punidos e que não nos dava o direito de errar foi cancelado por Cristo na cruz. O *escrito de dívida* é uma clara alusão à lei de Moisés e a todas as liturgias do *judaísmo*. Não há o menor sentido alimentar essa ideia de *legalidade espiritual*; é apenas mais uma dessas fantasias criadas pelo movimento de *batalha espiritual*.

Os líderes adeptos da *Confissão Positiva* gostam de propagar o movimento de batalha espiritual dando bastante ênfase ao diabo e veem demônios atuando em tudo. Muitas “igrejas” por aí falam mais de *demônios* do que de Deus, falam sobre necessidade de ungir territórios, quebrar maldições, mapear lugares, amarrar isso e aquilo, não usar determinados objetos que podem atrair maldições, não montar árvores de natal, entre várias outras coisas que, segundo

eles, dão legalidade e abrem as portas para o diabo. Isso sem falar naquele negócio de divulgar a lista de demônios que atormentam ou possuem uma pessoa dando, inclusive, o nome de cada um de acordo sua área de atuação: *pomba gira, tranca rua, echu caveira, Zé pilintra*, entre outros. Realmente é muito devaneio e pouquíssimo entendimento das Escrituras.

Um texto bíblico bastante usado por aqueles que disseminam a questão do *princípio da legalidade* é o de *Efésios 4.27*, que diz: “Não deis lugar ao diabo”. Outro se encontra em *2ª Coríntios 2.11*: “Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios”. O que está em discussão não é o fato de satanás ser ardiloso, pois, ele é. Além de ardiloso e astuto ele também busca formas para tumultuar a vida de quem serve a Deus, isso é fato. A questão é que as pessoas que ficam preocupadas com o diabo e acreditam no princípio de *legalidade* se esquecem que nossa vida está amparada pela *graça*. Lembrando que a graça não é justificativa para cometer erros, é favor imerecido para aquele que erra, o que é bem diferente. É mais que óbvio que o crente deve buscar santidade cada vez mais em sua vida, entretanto, é preciso observar a motivação: deve-se buscar a santificação com interesse que o diabo não tenha legalidade sobre a vida ou deve-se buscar a santificação por amor e temor a Deus? A santificação, que é fruto do trabalhar do Espírito santo na vida do crente, tem como fim maior o agradar a Deus (leia *Levítico 11:44; 19:2; Efésios 1:4; Hebreus 12:14; 1 Tessalonicenses 4:7*), ela traz os benefícios de estar em paz com Deus e consigo mesmo.

Quando as Escrituras relatam passagens exortando-nos a buscar a santidade, ela o faz pensando no sucesso do relacionamento entre o homem e Deus e, também, pensando no nosso bem estar. O crente busca por santidade porque ama o Senhor e não porque se preocupa com o fato de que o diabo venha ter legalidade sobre sua vida. *Quando nossa conduta não está de acordo com os padrões de Deus para nós, temos que nos ver com Deus e não com o diabo.* É por isso que somos exortados a buscar o *arrependimento*.

Assim, quando uma pessoa comete pecado não significa dizer que ela será necessariamente tomada ou atormentada por demônios. A recomendação bíblica é para que se arrependa. O episódio em que Simão, o mágico, foi advertido por Paulo mostra bem isso. Paulo não expulsou nenhum demônio do sujeito, apenas lhe disse que precisava se arrepender (leia *Atos 8. 9-23*).

Por fim, não existe *batalha espiritual*, já que o diabo não está no mesmo nível que Jesus. Satanás é um farelo insignificante que só faz alguma coisa quando o Senhor lhe permite. Vamos falar um pouco mais sobre nosso acusador e inimigo no próximo tópico.

2. SATANÁS

Satanás ou diabo é um personagem das Escrituras Sagradas que ganha bastante protagonismo dentro de muitas instituições religiosas por meio do movimento de *batalha espiritual*. Ele é visto, de acordo esse movimento, como aquele que envia demônios para possuir e atormentar as pessoas, um terrível ser maligno que busca em todo o tempo atrapalhar os planos de Deus e que, no final dos tempos, travará uma grande batalha contra o Senhor Jesus. Certamente que as Escrituras mostram a ação de satanás e sua oposição a Deus desde o *Gênesis* até o *Apocalipse*. No evangelho de Mateus, por exemplo, satanás é um dos principais temas do livro. A questão, entretanto, é que o diabo não possui todo o destaque e poder conforme propagado pelo movimento de batalha espiritual, que o coloca no mesmo patamar de Jesus, como se fosse um ser que pudesse medir forças com o Filho de Deus.

Satanás não pode, de forma alguma, atrapalhar os planos de Deus, só possui ou atormenta alguém se Deus permitir e, jamais travará batalha com Jesus, pois, nosso Senhor não precisa batalhar com ninguém. No próprio episódio da cruz, como podemos perceber em alguns filmes, como o conceituado *Paixão de Cristo*, de Mel Gibson, que por sinal é um belo filme, talvez um dos melhores a respeito de Jesus, o diabo acompanha o sofrimento de Jesus se satisfazendo e passando para nós a falsa impressão de que tudo que Jesus está acontecendo ali é por conta de sua ação como grande adversário do Messias, quando na verdade, foi Cristo quem entregou Sua vida de livre e espontânea vontade, se sacrificou pelo homem perdido e pecador. Não foi por causa de Satanás que Ele passou o que passou na cruz do calvário (Leia *Gálatas 1.3 e 4 / Mateus 20.28 / Marcos 10.45 / João capítulo 10 / Efésios 5.2 / 1 Timóteo 2.6 / Tito 2.14 / Hebreus 9.14 / 1 João 3.16*).

Dito isto, vamos esclarecer algumas questões a respeito do diabo: primeiro: acreditar que Deus deixou um ser solto por aí para corromper as pessoas (Suas criaturas) é isentar o ser humano de suas maldades deixando toda a culpa e responsabilidade em cima de satanás, o que faria do homem apenas uma vítima. Afirmar que os homens só fazem coisas más por causa do diabo ou influência demoníaca é contrariar a ideia de que o ser humano passará pelo juízo final, pois, desta forma, qualquer um estará no direito de questionar a Deus e alegar que foi usado pelo diabo. *A bíblia é clara em dizer que cada homem prestará conta por seus atos*. De acordo o texto de *Apocalipse 20.12*, por exemplo, a visão de João deixa claro que todos os seres humanos de todas as eras estarão presentes no *grande dia*. *Haverá da parte de Deus o julgamento das obras de cada um*, e o mesmo será baseado no que estará escrito nos livros; haverá graus de punição e recompensa. Algo importante sobre a *prestação de contas* de todos os homens é dito pelo irmão César Francisco Raymundo em uma de suas obras: *“Todos os que estão em pé diante do trono, justos e injustos, serão ressuscitados ao mesmo tempo num*

só dia. Cristo foi claro a esse respeito (ver João 5.28-29). Em Mateus 13.26-30, Jesus fala do joio e trigo. “O seu servo quer separar um do outro agora, mas o mestre proíbe e diz que devem ser autorizados a crescer até a colheita, quando ambos são colhidos ao mesmo tempo. Embora o texto de Mateus 13.47-50 possa ser aplicado primeiramente à queda de Jerusalém no ano 70 d.C., a separação de peixes bons e maus ali descrita será feita ao mesmo tempo, e isto também se aplica ao dia da ressurreição final. No grande julgamento das nações descrito em Mateus 25 o Senhor também fala da separação das ovelhas e dos cabritos acontecendo ao mesmo tempo: (Mateus 25.32). Em resumo, esse juízo será a representação de que “tudo o que os homens têm feito é gravado, e será exibido no julgamento final e, constituirá a base do juízo final”.

Segundo: demônios só atormentam ou possuem alguém com a permissão de Deus. São várias as passagens nas Escrituras que mostram que, quando espíritos maus perturbam alguém, eles são enviados da parte de Deus. (1ª Samuel 16.14 / Juízes 9.23 / 2ª Crônicas 18.19-22 / Jó 1.6). Terceiro: no texto de João 10.10, quem veio para roubar, matar e destruir não foi o diabo. Isso mesmo, ali não está falando do diabo, mas sim, sobre falsos mestres, uma referência a líderes judeus ou fariseus hipócritas da época. O contexto do capítulo é sobre o bom pastor, Jesus. Sendo assim, o ladrão em questão é o mau pastor. Essa associação pode ser feita com muitos líderes religiosos dos tempos atuais: a cada dia roubam (explorando por meio da fé), matam e destroem (psicologicamente) ovelhas inocentes que são verdadeiras massas de manobra em suas instituições. Na referida passagem, o diabo se faz presente, mas, é simbolizado pela figura do lobo, observe com atenção e perceberá. Evidente que, para líderes hipócritas e de mau caráter sempre fica mais fácil mostrar para os fiéis que em tudo a culpa é do diabo.

Quarto: o diabo não pode atrapalhar Deus. Tudo de ruim que acontece é porque Deus permite. Foi Deus quem endureceu o coração de Faraó para continuar maltratando o povo de Israel; foi Deus quem destruiu Sodoma e Gomorra; foi Deus quem enviou o dilúvio; foi Deus quem mandou pragas ao Egito; foi Deus quem permitiu espíritos maus atormentarem Saul, assim como foi Deus quem permitiu que satanás arrebetasse a vida de Jó. (Leia: Romanos 1.24, 2 Tessalonicenses 2.11, Isaías 45.7, Lamentações 3.28, Deuteronômio 30.1, Jeremias 22.25, Êxodo 10.20). Alguém pode dizer que estes ocorridos fizeram parte de um propósito que Deus tinha para cada um desses envolvidos (Jó, os israelitas, Saul...) e questionar o porquê das desgraças de hoje em dia. Simples: em relação às desgraças que ocorrem no mundo hoje, há duas explicações: acontecem como *resultado do pecado* e servem para mostrar ao ser humano o quanto ele é *dependente de Deus.*

Quinto: a palavra *satanás* significa: *adversário, opositor, acusador, obstáculo*. Dessa forma, é preciso entender que toda vez que essa palavra aparece na bíblia, há uma dessas ideias como pano de fundo, tudo depende do original em que foi escrito e o que o escritor quis dizer. Sexto: mesmo sendo o *anjo da morte* e acusador, *satanás* é um ser que não tem poder para fazer nada, *a menos que Deus lhe permita*. (Jó 1. 6 ao 12 / 1ª Tessalonicenses 2.4 / Deuteronômio 8.2,3).

Sétimo: sendo Deus onisciente, será que Ele faria um ser que, posteriormente, se rebelaria contra Si, tornando-se Seu inimigo e ainda tendo igualdade ou poder semelhante para enfrentá-LO? Oitavo: quando o Senhor Jesus chamou alguém de *diabo*, caso do apóstolo Pedro (Mateus 16.23) - Ele não estava dizendo que Simão estava possuído, mas, que estava se opondo, traíndo ou sendo obstáculo à obra de Cristo. Pedro, posteriormente, se arrependeu de seu erro. Se fosse um caso de possessão, bastaria Jesus expulsar os demônios e tudo estaria resolvido, mas fica claro que a advertência de Jesus foi por conta do *comportamento* do discípulo. Jesus o chamou de *satanás* por se comportar como opositor, não por estar possuído. Pedro foi totalmente responsável por seus atos, não era uma influência maligna. Vale observar que outro discípulo que nosso Senhor chamou de *diabo* foi Judas Iscariotes (João 6.70), mas, ao contrário de Pedro, a questão de Judas foi sim um caso de possessão (João 13.27), todavia, tratava-se de uma questão específica referente àquele que iria trair o Mestre, alguém que seria tomado por *satanás* para entregar o Messias aos seus captores. A questão de Judas foi um caso à parte.

Nono: a tentação de Jesus: o episódio da tentação (Mateus 4) é outra passagem bíblica que dá a falsa sensação de um *satanás* poderoso, o grande inimigo de Deus e de Seu Filho Jesus, que em todo tempo trava uma batalha com Deus pelas almas dos seres humanos. Pois bem, precisamos entender que ali não foi *satanás* quem levou Jesus àqueles lugares para tentá-LO, mas, tudo aconteceu por *ação do Espírito Santo* (veja o versículo 1). Na continuidade do texto é verdade que aparece a expressão "*então o diabo o levou*", todavia, O levou com a *permissão de Deus*, isso precisa ficar claro, como já citei. Ali não se tratava de um teste, pois, Jesus era incapaz de pecar. Um pouco antes, em Mateus 3.17 você vai perceber que Deus declara que Jesus é o Seu Filho que O enche de alegria e, então, no capítulo 4, com a permissão desse mesmo Deus, *Satanás* aparece para tentá-LO querendo colocar dúvidas em Seu coração, como fez com Adão no Éden. Em resumo, um dos propósitos de Deus no episódio da tentação foi mostrar que temos um Sumo Sacerdote capaz de compreender as nossas fraquezas. Jesus se submeteu a essas fraquezas e nos deixou o exemplo de como devemos reagir diante das tentações. *Satanás* não é o dono do mundo, como ele próprio

afirma de acordo a referida passagem; ele pode até se sentir, mas não é. Ele não passa de um anjo condenado, caído e totalmente submisso à vontade do Criador. Precisamos deixar de viver mais preocupados com o diabo e procurar exercer nossa fé no Filho de Deus. Cristo tem que ser o foco!

Décimo: Resisti ao diabo e ele fugirá de vós... esse é outro texto muito usado para dar ênfase ao poder do diabo. Encontra-se na epístola de São Tiago. A ideia aqui é a mesma: resistir às tentações, aos obstáculos da vida e a qualquer investida de satanás, caso Deus permita seus ataques sobre nós. E como resistir? A resposta para essa pergunta está bem clara no próprio texto. Perceba que antes de Tiago dizer “*resisti ao diabo, e ele fugirá de vós*”, ele diz: “*Portanto, sujeitai-vos a Deus*”. Isso significa que a *única maneira possível de resistir ao diabo é se sujeitando a Deus*. Como eu já disse: *Cristo deve ser nosso foco e não o diabo*.

Décimo primeiro: *Paulo recomendou entregar homens desobedientes a satanás...* No caso dessa passagem bíblica que se encontra em *1ª Timóteo*, quando Paulo disse: “*entregue a satanás*” ele não estava incentivando os irmãos a excomungarem Himeneu e Alexandre e, muito menos afirmando que esses homens iriam passar a viver atormentados por demônios com destino certo para o inferno. O que acontece é que o apóstolo estava desistindo daqueles maus obreiros que estavam propagando heresias e já não queriam mais andar por caminhos corretos, deixando claro para eles que deixassem a comunidade cristã e passassem a viver conforme suas próprias vontades, pois, é o que o procedimento deles deixava transparecer. O contexto indica que esses obreiros estavam envolvidos com questões pertinentes ao *gnosticismo*, sendo que Himeneu é citado por Paulo em *2ª Timóteo 2.17,18* como que ensinando que a ressurreição já tinha acontecido, alegorizando-a e minando a esperança futura dos irmãos. A sentença para eles seria que fossem “entregues a Satanás”, o que a maioria dos estudiosos das Escrituras entende como *uma espécie de disciplina ou exclusão da comunhão com a igreja local*.

Décimo segundo: O diabo se transforma em anjo de luz – Talvez você esteja pensando: agora quero ver esse escritor se explicar e dizer que satanás não tem super poderes. Explico sim, e de forma bem objetiva: nesta passagem de *2ª Coríntios 11.14* o apóstolo Paulo está falando dos *falsos mestres*, pode observar o contexto do capítulo. Trata-se apenas de uma *figura de linguagem* se referindo aos falsos mestres da época relatando que os mesmos possuíam muita *astúcia* e *habilidades* para enganar os outros. Observe o contexto e perceba que o assunto do capítulo é sobre os *falsos apóstolos* do primeiro século.

Pois bem, satanás ou diabo sempre será uma criatura e não possui a mínima condição de se colocar em pé de igualdade com o Criador. É fugitivo, atormentador e adversário, mas,

sempre será o anjo caído, criatura de Deus. O *capítulo 2* do livro de *Jó* é uma passagem bastante pregada nas igrejas e, com base na mesma, muitos pregadores dão uma ênfase desnecessária à figura do diabo como o implacável inimigo e destruidor dos servos de Deus, porém, analisando o texto com mais atenção, veremos que, além de tudo ter sido *permissão de Deus*, o próprio Jó atribuiu o mal que sofria naquele momento a Deus (*Veja o versículo 10*), desconsiderando a ação do diabo. Jô sabia que Deus estava no controle de tudo e que não receberia dEle somente o bem, mas também o mal. Assim também deve ser nosso entendimento. Há um propósito para tudo e, no caso de Jó, o Criador permitiu a ação do diabo, que é totalmente submisso à Sua vontade.

Agora outro questionamento: diante de tudo que foi exposto, há ou não razões para acreditar e se preocupar com possessões demoníacas? Qual o papel do diabo nestes casos? Pois bem, aqui já é outro tipo de situação. Há algumas passagens que falam claramente sobre *possessão* nas Escrituras; como se explica isso? Esse é nosso próximo assunto.

3. POSSESSÃO DEMONÍACA

É muito comum em várias instituições religiosas, principalmente, nas neopentecostais, “demônios” se manifestarem, possuírem pessoas e serem entrevistados (entrevistas bem longas, por sinal) antes de serem expelidos dos corpos dos indivíduos.

Antes de entrar firme no assunto, quero apenas deixar uma reflexão para você, leitor: um fato curioso, pelo menos em meu ponto de vista é que, dificilmente a gente vê nos templos em que esse tipo de trabalho de “libertação” é habitual, uma cena de expulsão de demônios onde a pessoa possuída seja alguém rico ou da elite; pelo contrário, estes são muito bem recebidos nestes locais e colocados em cadeiras de destaque. Pode observar que os ‘endemoninhados’ sempre são pessoas mais pobres e de pouco instrução. É só para você pensar um pouco. Seria porque aqueles possuem posições de destaque na sociedade e alta capacidade de investirem na “obra” enquanto estes são mais vulneráveis e propensos a acreditarem neste tipo de coisa adquirindo assim o papel de verdadeiras cobaias? Deixando bem claro que pobreza não é sinônimo de ignorância; minha observação e constatação, neste sentido, se dão pelo fato de que, realmente pessoas ricas não são expostas a este tipo de situação. Entenda que o foco aqui na minha análise não é a pobreza, mas, os interesses que geralmente estão em jogo; mas é óbvio que há pobres bastante intelectuais.

No que se refere aos estelionatários da fé de destaque na mídia, é notório que as cenas de expulsão e entrevista de demônios que vemos em seus programas de TV não passam de um verdadeiro teatro onde tudo é devidamente combinado! Tudo um jogo de interesses para

ludibriar desinformados. Mas, voltando à análise da questão: existe possessão demoníaca ou não? Sim, existe. Podemos ver nas Escrituras alguns casos de pessoas possuídas por demônios, principalmente, no Novo Testamento. A bíblia é clara ao relatar que existem espíritos maus; eles são numerosos e muito mal intencionados. Há algumas expressões encontradas na Palavra de Deus como *espíritos imundos*, *espíritos malignos*, *anjos caídos*, *principados*, *hostes espirituais do mal*, entre outras, que são uma referência a esses seres que podem sim possuir e atormentar pessoas.

Há relatos no Novo testamento de diferentes graus de atuação de espíritos maus sobre as pessoas: *sugestões mentais*, *emocionais*, *casos de inclinação para pecar*, *opressão*, *casos de domínio da pessoa (possessão)*, entre outros. Portanto, casos de possessão demoníaca podem sim acontecer. A seguir, alguns comentários esclarecedores a respeito do assunto:

*“Quando examinamos as situações que ocorrem em algumas igrejas, ficamos um pouco desconfiados do que aquilo vem a ser realmente. Tomam uma pessoa supostamente endemoniada e a expõem, dando-lhe um microfone e perguntando qual o nome do tal demônio... crente nenhum deve dar microfone para demônio. Da mesma forma, interromper o culto público A DEUS para que uma pessoa supostamente possua seja liberta é algo que não encontra base bíblica. Quando lemos os evangelhos e Atos **não vemos** reunião de libertação de demônios. Os apóstolos **não andavam buscando pessoas endemoniadas para expulsar os espíritos malignos, muito menos queriam conversa com eles**. Quando Jesus encontrava alguém com tais espíritos, Ele simplesmente dizia: SAI! Os apóstolos, por sua vez diziam: sai, em nome de Jesus! – Somente uma única vez Jesus perguntou a um endemoniado qual era o nome dele e ele respondeu dizendo que era Legião, foi o caso do gadareno. Depois, Jesus nada mais perguntou. Os apóstolos não tinham essa prática de entrevistar demônios.” (AUGUSTUS NICODEMUS)*

*“O episódio da profetisa consultada por Saul em 1 Samuel 28 pode também ser o caso de uma mulher que incorporava um demônio para fazer suas adivinhações. É importante lembrar que uma possessão demoníaca não ocorre apenas quando alguém tem seu corpo tomado por um demônio e fica se debatendo. Pessoas que invocam os mortos e **se deixam incorporar** por espíritos estão, na verdade, servindo de receptáculo de demônios, algo que sempre existiu em todas as épocas, culturas e religiões do mundo.” (MÁRIO PERSONA)*

“A possessão demoníaca é uma realidade, mas não acredito que tudo que se considera como tal, nas igrejas neopentecostais, é de fato possessão. Há muita mistificação e engano, muita confusão de sintomas de doenças mentais e distúrbios psicológicos com demonização.” (AUGUSTUS NICODEMUS)

*“Por qual razão existem manifestações demoníacas em nossos dias? De onde vêm as desgraças que abatem sobre o mundo? Precisamos entender que Satanás está “amarrado”, ou seja, não está inativo, ainda age no mundo. Ele está amarrado no sentido de não poder coibir o avanço do Evangelho, nem impedir que as almas lhe sejam saqueadas. Ele opera **nos filhos da desobediência** (Ef.2:2b). Sua jurisdição ficou circunscrita aos incrédulos. É como um cão que está preso por uma coleira. Mesmo preso, ele tem à sua volta um espaço para mobilizar-se. Qualquer que **se aproximar dele** poderá sofrer um ataque.” (HERMES FERNANDES)*

Desse modo, possessão diabólica é uma realidade, um estado no qual o demônio se apodera das faculdades da pessoa e age por meio delas, independentemente da vontade de tal indivíduo. Tal situação é distinta do estado de pecado grave, pois, não supõe necessariamente culpa da parte do possessor. Os evangelhos atestam a questão da possessão demoníaca, entretanto, algumas questões precisam ficar bem claras: *primeiro*: nosso Senhor praticou exorcismo algumas vezes, conforme relato das Escrituras, todavia, como diversos outros sinais e milagres que realizou, *fazia parte das ações que seriam desencadeadas por Ele como parte de Sua missão*, conforme proposto no plano divino. *Segundo*: não podemos ver o *diabo* em tudo e achar que todas as más ações praticadas pelo homem seja influência maligna. O homem é responsável por seus atos e terá que prestar contas a Deus por todos eles; ver o diabo em tudo é eximir o ser humano de toda e qualquer culpa, colocando-o como inocente, não havendo assim nenhuma necessidade de que este sofra algum dano, como por exemplo, perder sua salvação. *Terceiro*: os casos de possessão demoníaca que vemos nos grandes templos neopentecostais e em outras igrejas, em sua imensa maioria, não passam de encenação. Questiono-me por que os 'super pastores' não realizam seus milagres de libertação em hospitais e manicômios? Por que não saem das quatro paredes dos templos, indo até as pessoas que realmente estão presas por algum mal? Seria porque nestes lugares não há platéia para presenciar seus shows de curandeirismo? Deixo a indagação para sua análise.

Por fim, quando alguém, de fato, for tomado por demônio, cabe aos servos de Deus terem discernimento quanto à procedência de caso de possessão e orar pela pessoa pedindo a Deus que ela seja liberta. Outra coisa que precisa ficar clara é que não é correto usar expressões como *eu te repreendo, eu determino* ou *eu te amarro*, como alguns fazem, pois, elas representam uma terminologia anti-cristã. Tais palavras passam a ideia da que há algum poder mágico que acaba forçando uma ação divina e, não é assim que funciona. O necessário é usar uma palavra de autoridade: *Saia, em nome de Jesus!* ou *O Senhor te repreenda!*

Podemos citar dois casos em que Jesus expulsou demônios. Observe a atitude do mestre diante dos mesmos: (*Marcos 1.25*): 'E repreendeu-o Jesus, dizendo: "Cala-te, e sai dele".' (*Mateus 17.18*): "E repreendeu Jesus o demônio, *que saiu dele* [do lunático], e desde àquela hora o menino sarou".

4. EVANGELHO DO ENTRETENIMENTO

Não é de hoje que muitas inovações, modismos e credices vêm tomando conta de muitas instituições religiosas do Brasil. É o que eu chamo de *entretimento gospel*. Uma das

razões para isto, se não a principal, é que as igrejas evangélicas são muito fracas, teologicamente falando e, por isso, sofrem com um evangelho falso e sem limites onde tudo é permitido. Para dar alguns exemplos dos modismos mais conhecidos podemos falar dos atos de pular, gritar, dançar desenfreadamente, assoviar e fazer trezinhos que, segundo alguns que defendem esse tipo de coisa, servem para expressar a alegria do cristão. Tem também os *stand ups gospel* e contação de piadas. Não poderia deixar também de citar os *cultos/shows*, onde a adoração é *extravagante* e tudo é feito basicamente com o objetivo de entreter a galera; a pregação é mais uma *palestra motivacional* voltada para o bem estar dos expectadores. Nestes formatos não há exposição da sã doutrina. Há também os *arraiás* e *festivais gospel* e, pasmem: agora existe o *halloween gospel*, onde adotaram a “estratégia” de alterar o nome para *Elohim*. É realmente muita “criatividade” em prol do evangelho; é como se o Espírito Santo precisasse de uma ajudinha, de todas essas “estratégias”, para poder convencer o homem de seus pecados.

Uma das bobagens recentes é a *igreja preta*, iniciativa de alguns cantores e pastores do *mundo gospel*, que resolveram copiar igrejas australianas, como a *Hillsong*, por exemplo. Consiste em pintar as paredes de preto e apagar as luzes durante os períodos de pregação e louvor. Além das luzes apagadas, há canhões de *led* e cortinas de fumaça. A justificativa é que se trata de uma estratégia (tudo é estratégia) pensando no público jovem, uma forma de entrar em contato com Deus tendo mais privacidade sem que haja destaque para as roupas das pessoas, o que facilitaria a vida de alguém tatuado ou de bermuda, por exemplo, além de evitar distrações. No Brasil a primeira instituição a aderir à pintura preta e show de luzes foi a renomada *Igreja Batista da Lagoinha*; hoje já existem inúmeras.

A respeito do evangelho do entretenimento, o pregador batista, o britânico *Charles Spurgeon*, declarou lá na segunda metade dos anos 1.800: “*O diabo raramente criou algo mais perspicaz do que sugerir à igreja que sua missão consiste em prover entretenimento para as pessoas, tendo em vista ganhá-las para Cristo.*”

A pergunta a ser feita é: há necessidade de se usar técnicas e truques humanos para levar a mensagem das boas novas? (Leia *Gálatas 1.10,11*). Fato é que o povo religioso é, tendencialmente, de modismos; basta lembrarmos de outras fases mais antigas como *usos e costumes*, também denominada de *santificação*, *técnicas de evangelismo*, *crescimento da igreja*, *teologia da prosperidade*, *igreja contemporânea*, *G-12*, *mega-igreja*, *igreja na política*, *Tenda do Encontro*, entre outras.

Evidente que a comunidade cristã deve ser contextualizada ao seu tempo e espaço próprios, como não pode deixar de ser, contudo, não há necessidade de andar a reboque da

sociedade copiando suas técnicas e cultura. O que a igreja cristã do século XXI precisa é, urgentemente, voltar às Escrituras!

5. O PODER DA PALAVRA

Os religiosos também são apegados a uma coisa que chamam de *o poder das palavras*, uma mistura de superstição com dizeres provenientes da *confissão positiva*.

Quem não já presenciou alguém fazer as seguintes declarações: “*cuidado com suas palavras*”, “*não profetize coisas ruins para seus filhos, profetize coisas boas*”, “*de tanto você falar palavrão acabará atraindo coisas ruins para sua vida*”, entre outras coisas do tipo?

Não são poucos os que creem nestes mitos, seja por desconhecimento ou por ser supersticioso de natureza. Há ainda aqueles que fazem isso acreditando haver respaldo bíblico para tal e utilizam passagens sobre benção e maldição dos livros de *Êxodo* e *Deuteronômio* ou alguns textos que falam sobre o poder da língua.

A verdade é que *não há base alguma para se acreditar que existe poder nas nossas palavras*. É evidente que *as palavras podem ter consequências*, porém, isso é totalmente diferente da crença que usa do misticismo para afirmar que devemos profetizar coisas boas ou que atraímos coisas negativas para nós dependendo daquilo que falamos. Fosse assim, bastaria começarmos a decretar o fim da violência, da corrupção, de doenças e, é claro, profetizar coisas super positivas como um bom emprego de grande retorno financeiro, carros do ano, riquezas... e nossos problemas estariam todos resolvidos. Perceba que esse ensino do ‘*há poder em nossas palavras*’ é bem semelhante ao que apregoa a *Confissão Positiva* que transmite o ‘*trazer à existência*’ e ‘*gerar realidades*’ pelo *poder da fé*.

Em resumo, as palavras podem ter consequências, como já afirmei, quando, por exemplo, um pai que somente critica o filho, certamente lhe prejudicará a confiança, um marido que nunca elogia sua esposa poderá trazer problemas ao seu casamento ou quando alguém que usa as palavras de forma ríspida, poderá entrar em confusão ou magoar outra pessoa. No caso de quem fala demais, certamente terá má reputação por ser uma referência entre os fofoqueiros. Diante de situações como estas, certamente devemos ter muito cuidado com aquilo que falamos, mas, acreditar que há poderes mágicos em nossas palavras não passa de falácia e superstição.

6. DOR E SOFRIMENTO

Muitas pessoas questionam o porquê de Deus permitir dor, sofrimento e tragédias no mundo. Eu penso que é pelo simples fato de que o ser humano precisa compreender sua

necessidade de dependência do Criador. Também é uma situação que exige que o homem busque conhecimento a respeito dEle e da salvação e entenda que a vida não se resume somente em alegria. Não podemos esquecer que tudo de ruim que acontece no mundo é, sem dúvidas, consequência do pecado.

Deus, o autor da vida, já nos deu prova suficiente de Seu amor e não tem que fazer ou provar nada pra quem quer que seja. Ao simples mortal só resta crer nEle.

7. LIVRE ARBÍTRIO

Segundo o dicionário *Google*, arbítrio é uma tomada de decisão que depende da vontade do sujeito, ou seja, faz o que quer de acordo o que deseja. Neste sentido, o conceito pode até ser aceitável. Por exemplo: eu escolho comer ou não uma porção de abóbora na hora do almoço; todavia, biblicamente falando, a ideia de *livre arbítrio* não pode ser aplicada a tudo, principalmente no quesito *salvação*. Como já disse no comentário sobre a salvação, a mesma *não depende* da vontade do homem, pois, todo desejo e inclinação do ser humano são maus. A vontade do homem é má, *ele não quer Deus* (Leia Romanos 8.5).

Se o homem realmente fosse livre ou tivesse vontade própria, não necessitaria de libertação e, somente o Espírito Santo reverte a inclinação que temos para o mal. Esclarecendo: sempre que o homem tiver que escolher alguma coisa de acordo o desejo de seu coração, *certamente vai escolher pecar e isso não é livre arbítrio*. O irmão Mário Persona faz uma importante colocação acerca desse assunto: “*A idéia de livre-arbítrio é estranha na Palavra de Deus. Somente Deus tem o livre-arbítrio. O homem não. Arbítrio é uma vontade gerada por uma determinada escolha. Agora pergunto, O homem no seu estado natural deseja Deus? Ama a Deus? Quer ir para o céu? Não, não, e não. Toda a inclinação do homem natural é pecado. "a inclinação da carne é inimidade contra Deus" Ele odeia a Deus e ama o pecado. Quando tem que escolher, o que escolhe? O pecado. Isto é livre-arbítrio? Seria se ele estivesse totalmente livre de preferências ou de inclinações. Mas não esta', portanto "não há quem faça o bem" (Romanos 3.11). Nenhum! Ficamos escravos de Satanás com a queda. Nascemos servos do pecado (Romanos 6:16). Assim nem nosso arbítrio é livre pois, sendo inimigos de Deus por natureza, como escolheríamos a Deus? Quem pode então reverter tal inclinação? Deus pode. E Ele escolheu fazer isto comigo por uma razão que só Ele conhece, e que só a Ele resultará em glória. Aí entra a tão massacrada eleição (Romanos 4 e Efésios 1). Massacrada pois quando você aceita que só pode ser salvo por ter sido eleito, isso não deixa nenhuma margem para o homem se gloriar”.*

8. MILAGRES

Os grandes sinais, milagres e maravilhas realizados por Cristo quando esteve aqui na terra fizeram parte daquilo que eu chamo de “o pacote de ações de Jesus”. Fazia parte do plano de Deus para Seu Filho. Os diversos milagres de Jesus eram alguns dos requisitos que tinham o objetivo de comprovar que Ele era o Messias prometido, conforme dito pelos profetas. Os judeus pediam sinais (*1 Coríntios 1.22 a seguir*) e o Filho do Deus Altíssimo certamente iria realizá-los, ainda que não precisasse provar nada para ninguém.

Quando o Senhor Jesus subiu aos céus, enviou Seu Espírito Santo para capacitar os apóstolos para estabelecerem as bases da igreja. Dando continuidade na missão de Cristo, os apóstolos, que faziam obras maiores que as dEle, também foram grandes instrumentos de Deus para que ocorressem muitos sinais, prodígios e maravilhas por intermédio do Espírito Santo, contudo, a partir de sua formação no dia de pentecostes, a principal missão atribuída à igreja não foi realizar milagres, mas, *dar testemunho da ressurreição, anunciar as boas novas a toda criatura, pregar o arrependimento dos pecados, ensinar a doutrina de Cristo e dos apóstolos, apregoar e viver a comunhão e o amor ao próximo* (Leia *João 14.11-13, 2 Coríntios 5.14 e 15, Romanos 6.5 e 6, Hebreus 13.20 e 21, Marcos 16.15, Atos 9.15, Lucas 24.47, Romanos 10.13 ao 15, Isaías 61.1, Mateus 28.19 e 20, Romanos 8.29 e 30, Tito 2.11 ao 14, Atos 2.12 ao 42, Atos 3.19, Atos 4.12, 32 e 33, Atos 9.15, Atos 26.18, Romanos 1.16, Efésios 2.19, 1 Pedro 4.17, 1 Timóteo 3.1 ao 15, Tito 1.5 ao 9*, entre outros textos).

O que a maioria dos que se denominam cristãos nos dias de hoje não entende é que realização de milagres, nos dias atuais, *não é prioridade na obra de Cristo*, ainda que isto não signifique que Cristo não continua operando milagres. O grande problema é que muitos líderes religiosos prometem às pessoas que possuem algum tipo de deficiência física, por exemplo, que elas receberão a cura caso exerçam a fé, e isso não é verdade; há vários erros neste tipo de mensagem: primeiro que Deus estaria condicionado à vontade do indivíduo, segundo que, fé não é o mesmo que *trazer à existência*, como já falei aqui; fé é o ato de *crer em Cristo como o Filho de Deus, independente do que Ele faça ou não por mim*. Quando Jesus disse para algumas pessoas depois de curá-las, conforme registro bíblico: *‘a tua fé te salvou’*, Ele se referia à conversão e salvação daquela alma, até porque este era e é até hoje o maior milagre que alguém pode receber; a cura física nestes episódios era apenas uma consequência. Não podemos esquecer que fazia parte da missão de Jesus realizar milagres por onde passasse por conta da incredulidade do povo judeu. Os textos de *1ª Coríntios 1.22* e *1ª Coríntios 14.22* nos trazem essa confirmação.

Uma coisa é certa e todo cristão precisa entender: havia um propósito específico para que Deus realizasse os diversos milagres e sinais descritos nas Escrituras. No antigo testamento: *a libertação dos judeus no Egito* e no novo testamento: *missão do Messias e formação da igreja*. Depois da igreja formada e estabelecida, sua missão consiste, prioritariamente, no anúncio do evangelho. A ocorrência de milagres, hoje em dia, consiste em algo mais privativo e pessoal, não acontece com a frequência mostrada na narrativa bíblica. Portanto, ao ouvir qualquer líder religioso dizer às pessoas que se crerem serão tocadas pelo “poder de Deus”, como se isso fosse algo obrigatório ou uma regra que Deus tenha de cumprir, simplesmente, não dê crédito, trata-se de uma artimanha para atrair adeptos, uma tática corriqueira utilizada por esses homens cheios de interesses pessoais que não condizem com o propósito do evangelho.

Hoje é comum vermos em muitas instituições religiosas líderes que determinam o que vai acontecer ao anunciarem, por exemplo: “culto de libertação”, “culto de cura”, “culto de milagres”, “noite dos milagres”, entre outros. Tudo isso não passa de enganação e marketing religioso; Jesus, o Cristo de Deus não está condicionado à vontade do homem e faz milagres quando quiser; isso hoje é exceção e não regra.

Os milagreiros do evangelho gostam de shows, de se exibirem, e um dos artifícios que usam é o de que Jesus continua realizando milagres na vida das pessoas como realizou no passado, o que não é verdade. Jesus continua realizando milagres sim, com a mesma frequência, NÃO!

Uma passagem extraída do ebook *Comentário Preterista sobre o Apocalipse*, muito importante para nossa reflexão, diz o seguinte: *Em relação aos “sinais” convém “lembrar que a Bíblia nunca atribui a capacidade de operar sinais e prodígios somente aos servos e profetas de Deus. As Escrituras continuamente avisam sobre o perigo de não ser enganado por falsos profetas que também manifestam a capacidade de operar sinais e prodígios. Os magos do Egito eram capazes de transformar varas em serpentes: (Êxodo 7.11- 12). Veja também: Atos 8 / Atos 13.8 / Atos 16.16 / Atos 19.19.*

O homem deve crer em Cristo não visando receber cura física, mas a cura da alma. Portanto, não acredite naqueles que dizem que Jesus vai te curar ou te libertar de seus problemas a qualquer custo, até porque, esses supostos homens de Deus que querem se colocar na mesma posição dos apóstolos do passado não saem curando ninguém de forma ocasional como fazia nosso Senhor e os apóstolos; eles precisam de uma aglomeração de pessoas em suas igrejas/templos para “realizarem” os milagres e, quando estes não

acontecem colocam a culpa na pessoa pela qual oraram afirmando que não teve fé suficiente para receber.

9. APÓSTOLOS

De maneira bem direta começo esse assunto dizendo: *não existem mais apóstolos nos dias atuais!* Simples assim.

Se tem algo que é possível contemplarmos no cenário religioso atual é o grande número de pessoas que possuem alguma nomenclatura por se considerarem os ‘mensageiros’ de Deus: *bispo, presbítero, pastor, apóstolo, reverendo...* É impressionante como os homens gostam de títulos e lutam para conseguí-los, aliás, é uma das marcas do brasileiro: o culto ao diploma e aos títulos. Na esfera religiosa não seria diferente: fazer parte do clero significa adquirir destaque e notoriedade.

Particularmente, não vejo problema algum em tratar respeitosamente a pessoa com mais experiência na comunidade cristã chamando-a de *pastor*, pois, este é o ofício daquele que orienta os irmãos mais novos, que discipula e ajuda na fé, bem como chamar de *missionário* aquele que possui as características e dons específicos nessa área de atuação, mas daí alguém se autodenominar ou ser denominado por uma junta de líderes como *apóstolos, reverendos* ou *bispos*, já foge dos princípios bíblicos.

Pois bem, o *apostolado* foi um ministério concedido pelo Senhor Jesus *aos doze* homens que Ele escolheu para andarem consigo durante Seu ministério terreno, e, posteriormente, *ao irmão Paulo de Tarso*. No total, podemos dizer que existiram *13 apóstolos*. A missão deles já foi realizada. Para que fique bem claro para o leitor, a seguir apresentarei *sete pontos*, amparado nas Escrituras, referentes à missão apostólica, que *comprovam que hoje em dia não há mais apóstolos* em nosso meio:

1. *Um apóstolo é alguém chamado diretamente por Jesus, alguém que tenha andado com Ele durante Seu ministério terreno;*
2. *Apóstolo é alguém que tenha presenciado a morte de Cristo e atuado como testemunha de Sua ressurreição;*
3. *Apóstolo é alguém que participou da transição da antiga para a nova aliança;*
4. *Apóstolo é alguém que recebeu poder para fazer milagres e sinais (fora dos templos e sem sensacionalismo);*
5. *Alguém que atuou ativamente na formação e fundação da igreja;*
6. *Alguém que participou ativamente na escrita do Novo Testamento;*

7. *Alguém que sofreu de forma massacrante pelo nome de Jesus para que as bases da igreja fossem consolidadas;*

Alguns textos para embasamento: *Mateus 16. 13 ao 18, Mateus 16. 19 ao 20, Mateus 18. 15 ao 20, Joao 20. 19 ao 23, João 14. 16 e 17, Mateus 15. 26 e 27, Atos 1. 21 e 22, Atos 1.8, Atos 2.32, Lucas 1.1 e 2, tos 2. 42, 1ª Corintios 12.28, Efésios 4.11, Apocalipse 21.14, Atos 5.12, Atos 8.14 ao 16, Atos 4.23, Atos 5.12, Hebreus 2.1-3, Mateus 10, Marcos 3.15, Lucas 6, Atos 5.19 e 20, Atos 10.9-16, Atos 23.11, 2 Corintios 12.1, 2 Pedro 3.2, Atos 1.8, Efésios 3.20, Atos 2.42, Efésios 2.20, entre outros...*

Ainda que o amado leitor possa contestar o fato das Escrituras mostrarem outras pessoas que também foram chamadas de apóstolos ou associadas aos apóstolos, como *Barnabé, Apolo, Silas, Timóteo, Andrônico, Júnias, Epafrodito* e os intitulados “*apóstolos das igrejas*”, a questão é que esses irmãos possuíam forte ligação com os apóstolos originais e, quando designados para uma missão eram cordialmente, da mesma forma, tratados e até reconhecidos pela igreja como apóstolos, apenas isso; nada que signifique colocá-los no mesmo patamar dos doze e de Paulo.

Preciso ser sincero com você e dizer que o fato de haverem homens que possuem títulos de *apóstolos* em nossos dias não passa de estratégia de *marketing religioso* e artimanha para enganar pessoas, que, em sua maioria não conhecem as Escrituras e são atraídas por qualquer tipo de coisa que afirma estar falando em nome de Deus.

Para maiores esclarecimentos a esse respeito, volte no capítulo 4 (*Religião x Evangelho*) e encontrará tudo bem explicado acerca do *clero* e dos *títulos* que possuem aqueles que estão à frente ou inseridos nas denominações religiosas. Há ainda o excelente livro: *Apóstolos*, de Augustus Nicodemus. Mesmo não concordando com todos os posicionamentos de Nicodemus, essa obra eu recomendo a você. Muito importante para sua compreensão acerca da questão do apostolado bíblico.

10. DONS ESPIRITUAIS / DONS DE LÍNGUAS

Dons espirituais são dádivas concedidas pelo Espírito Santo aos cristãos para benefício da igreja de Cristo (Leia *1ª Corintios 12*). A distribuição de dons ocorre da forma que apraz ao Senhor; nem todos possuem os mesmos dons, mas eles são diversos e distintos entre os que fazem parte da igreja. O objetivo é que sejam utilizados como ferramentas que contribuam para o crescimento do corpo de Cristo.

Possuir determinado dom espiritual não significa ser mais santo ou puro diante de Deus do que aquele que não possui. O problema em relação a esse assunto é que no meio religioso

colocaram o fato de possuir dons como parâmetro, algo que “mede” a santidade e, em alguns casos, até como uma espécie de medidor da salvação. Na doutrina evangélica pentecostal, por exemplo, há uma interpretação equivocada no sentido de que o *dom de línguas* é a principal evidência de que alguém seja batizado com o Espírito Santo. Também afirmam ou, pelo menos deixam transparecer que, se alguém possui dons de cura ou de “revelação”, é porque tal pessoa apresenta ter mais intimidade com Deus, o que não é verdade.

Aquele que crê em Jesus é batizado pelo Espírito Santo *no momento em que recebe o mesmo, no ato da salvação*, ocasião em que é selado por Ele. O batismo no Espírito Santo não tem ligação com experiências de êxtase sobrenatural nem ocorre por etapas onde o sujeito O recebe e, num segundo momento, necessite adquirir o dom de línguas para que comprove que de fato foi batizado. Para que fique bem esclarecido: a igreja de Jesus recebeu o Espírito Santo sendo batizada pelo Mesmo lá no primeiro século, após a assunção de Cristo aos céus. Isso ocorreu *em quatro momentos distintos*: o primeiro momento e, talvez o de maior destaque, foi o ocorrido de *Atos 2*, no dia de pentecostes, onde o Espírito Santo veio sobre os *judeus* que se encontravam reunidos no andar superior da casa. O segundo foi o recebimento por parte dos *samaritanos (Atos 8)*, o terceiro foi o recebimento por parte dos *gentios (Atos 10)* e, por fim, o quarto momento foi quando *os discípulos de João Batista* receberam o Espírito Santo (*Atos 18*); assim, concluiu-se o derramamento do Espírito Santo sobre os principais grupos que viriam a compor a igreja de Cristo. Cada cristão, mesmo aquele que é alcançado nos dias de hoje, já teve o Espírito derramado sobre si, individualmente, naquele momento. Agora, ao ser alcançado pela graça ele é automaticamente batizado, selado, restando-lhe apenas passar pelo batismo nas águas, que é um meio de confissão pública, e seguir sua vida perseverando e andando neste Espírito (Leia *Gálatas 5.16 / 1ª Pedro 5.7*). Há uma música bastante cantada nas igrejas evangélicas que diz: *“Espírito, Espírito, que desce como fogo, vem como em pentecostes e enche-me de novo...”* Infelizmente, por mais bem intencionada que seja essa canção, o pedido feito a Deus por meio da mesma não pode ser realizado: Deus não vai mais realizar derramamento do Espírito sobre ninguém; já ocorreu. O Espírito já foi derramado sobre a igreja (ou seja, sobre todos aqueles que a compõem) e isso não ocorrerá novamente!

As *línguas repartidas* as quais o texto de *Atos 2* menciona se referem a *idiomas* e ao modo como Deus operou naquele dia tornando tanto judeus como gentios, um em Cristo. Uma vez tendo sido formada a Igreja, *o batismo do Espírito Santo já não se repete em nossos dias como aconteceu no dia de pentecostes de Atos 2*. Os crentes agora são acrescentados, à medida que cada um recebe o Espírito Santo, individualmente, como consequência de sua fé em Cristo e na Sua obra (*Efésios 1.13 e 14*).

Outros textos importantes para esclarecimento sobre o batismo no Espírito Santo: *Atos 1.5, 1ª Coríntios 12.13 e João 14:16, 26; 15:26; 16:7*. Como declara o irmão Mário Persona: *Buscar que aconteça novamente o batismo com o Espírito Santo é como alguém que deseja seguir a carreira militar querer que o Exército Brasileiro seja novamente fundado. É impossível! O Exército já foi fundado. Agora cada novo soldado recebe a farda do Exército e é adicionado a esse "corpo" militar.*

Podemos ver nas Escrituras pessoas sendo batizadas como na conversão dos três mil e na conversão de Saulo, por exemplo, onde não há menção do *falar em línguas*. O batismo e poder do Espírito Santo consistem na capacitação dos crentes para *testemunharem de Cristo!* Outro fato importante é que *já* *jamais* *vamos* *encontrar* *na* *bíblia* *quem* *já* *é* *crente* *sendo* *encorajado* *a* *buscar* *o* *batismo* *no* *Espírito* *Santo*. O apóstolo Paulo encorajava e ensinava os irmãos a buscarem o enchimento constante do Espírito Santo no processo de santificação, o que é bem diferente. O mesmo apóstolo também orientava os irmãos a buscarem o dom da profecia, ou seja, a prática da exortação baseada nas Escrituras.

Em relação ao *dom de línguas*, apesar de Paulo não proibí-lo, fica claro, conforme ensino de *1ª Coríntios 14*, que *havia muitas limitações* sobre seu uso e, quando usado, acabava ocorrendo problemas, pois, não o executavam de maneira correta. Voltando ao ocorrido do dia de pentecostes, em *Atos 2*, os judeus que haviam vindo de muitas partes, como, por exemplo, da Mesopotâmia, da Judéia, da Capadócia, da Frígia, da Panfília, do Egito e de outras localidades (*Atos 2:5-11*), ficaram perplexos por ouvirem os discípulos falando nas suas próprias línguas maternas (*Atos 2:8*). Até aqui já ficou claro que os discípulos falaram nas línguas maternas dos ouvintes, todavia, há outro detalhe que carece de atenção: uma pergunta que esses homens fizeram a respeito do ocorrido que é fundamental para a conclusão: *Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando?* (*Atos 2:7*). Por que eles fizeram essa pergunta enfatizando que os discípulos tinham vindo da Galileia e demonstrando total admiração com esse fato? Eu explico: acontece que quem habitava na região da Galileia não era bem visto pelos judeus da capital, Jerusalém, pois lá era uma região onde tinha um número considerável de gentios, e por isso era chamada de *Galileia dos gentios* (*Mateus 4:15*). Além disso, os galileus não sabiam pronunciar o aramaico e o grego como os judeus que moravam na capital, por exemplo, pois, os galileus tinham um aramaico rude que ao pronunciá-lo ficava fácil de saber de onde eles eram (*Marcos 14:70*) e, provavelmente um grego capenga, *o que teria feito com que os ouvintes ficassem atônitos depois que os ouviram louvar a Deus em vários idiomas que eles não tinham aprendido e com uma eloquência jamais vista.* Ou seja, as línguas faladas em *Atos 2*, embora dadas pelo Espírito Santo, e de forma sobrenatural,

foram línguas terrenas, idiomas humanos. O que aconteceu ali foi uma *xenoglossia*, termo grego que significa: *xeno*=*estranho* e *glossa*=*língua*, ou seja, línguas (ou idiomas) estranhas. Essa, inclusive foi a conclusão de alguns desbravadores, estudiosos e teólogos de séculos passados como João Calvino, Charles Spurgeon, Orígenes, Eusébio de Emesa, Cirilo de Jerusalém, Rufino de Aquiléia, Pelágio, Agostinho, Philipp Melanchthon, Zwinglio, Thomas Müntzer, Martin Bucer, Johannes Bugenhagen, entre outros.

Em muitas denominações neopentecostais, o dom de línguas é muito valorizado em suas reuniões: é tido como evidência do batismo no Espírito Santo, sinal de autoridade e intimidade com Deus, entretanto, o detalhe é que nas referidas denominações, este dom tão valorizado não é praticado da mesma forma que ocorreu em *Atos 2*. Na verdade, a doutrina neopentecostal faz uma interpretação incorreta da passagem do pentecostes e, em vez de idiomas terrenos, os irmãos neopentecostais e pentecostais que possuem este dom, quase que de modo geral, o utilizam após entrarem em êxtase, agindo, muitas vezes, descontroladamente, pronunciando sílabas desconexas ou línguas ininteligíveis (o popular *labachurias*), geralmente ao mesmo tempo. Esse fenômeno é chamado *glossolalia*. Assim como a *xenoglossia*, o termo também vem do grego, mas a ideia é diferente: *glossa*=*língua* e *lalo*=*falar*, que significa *falar em línguas*, ou seja: para os que creem nesse fenômeno, a *glossolalia* é o ato de falar em línguas ininteligíveis e incompreensíveis ao entendimento humano, uma espécie de *língua dos anjos* ou *línguas celestiais*.

Agora, um pouco de história: não se sabe ao certo quando foi o surgimento da *glossolalia*. Há quem diga que esse fenômeno ocorreu já no primeiro século nas comunidades cristãs de Corinto, em Cesareia e Éfeso. Muitos gostavam de proferir sons ininteligíveis e palavras sem nexos, que se tornavam compreensíveis apenas para quem possuía o carisma da interpretação. Mas, de acordo com os *relatos históricos mais confiáveis*, o mais provável é que a *glossolalia* tenha surgido mesmo muito tempo depois, já nos anos de 1.880. Nessa época, foram fundadas várias denominações intituladas *holiness churches* (igrejas de santidade), como a *Church of God* (Igreja de Deus). No *Holiness Movement* havia a incerteza quanto a uma completa santificação, como pregava *John Wesley*. *As mensagens mais pautadas nas Escrituras foram sendo substituídas gradualmente* pela certeza de que havia um “sinal externo”; surge aí a ideia de *línguas* como marca do batismo do Espírito Santo. Depois do surgimento das igrejas de santidade, os líderes delas discutiam sobre o que seria o batismo do Espírito Santo. Um dos grupos concluiu que ocorria através de “algum poder sobrenatural, como o falar em línguas”. Provavelmente, deste grupo surge o *pentecostalismo*. *Charles Parham* e *William Seymour* (guarde esse nome), considerados pais

do pentecostalismo moderno, foram “pregadores de santidade” de bastante destaque e, por meio deles, se expande o movimento *das três ondas*.

Os referidos movimentos começam a dar destaque às manifestações de êxtase religioso e, possivelmente, até de *glossolalia*, isso por volta do final do século XIX. Mas é consenso que o pentecostalismo brotou forte no ano novo de 1.901, em Topeka, no Kansas, numa reunião de Charles Parham com seus estudantes. Após “pesquisaram” a bíblia, concluíram que o falar em línguas era a evidência física do batismo do Espírito. Assim, todos difundiram a *glossolalia* como sinal evidente do batismo do Espírito Santo.

O ápice da *glossolalia* veio em 1.906, com o pregador, *William J. Seymour*, que irrompeu o pentecostalismo em uma reunião, em Los Angeles. Na ocasião, um garoto de oito anos foi o primeiro a ‘falar em línguas’ em nove (9) de abril, numa igreja na Azusa Street, 312. Por três anos falaram em línguas, chegando a “gritar três dias e três noites seguidas”. O fato ficou conhecido como *avivamento da Rua Azusa*. Em 1.907, *W.H. Durham* falou em línguas, e tornou-se um dos expoentes do início do *movimento pentecostal*. A partir de 1.908, cria-se os três estágios da salvação: conversão, santificação e batismo do Espírito Santo, evidenciado pelas línguas.

Durham pregava dois estágios: conversão e santificação, que incluía o batismo do Espírito Santo. C. Parham e W. Seymour deram início à primeira das três ondas do movimento pentecostal. Em poucos anos, o pentecostalismo atraiu um número crescente de membros nos Estados Unidos e atingiu proporções internacionais. Na década de 1.960, ocorreu a *segunda onda*, quando a *glossolalia* penetrou as igrejas protestantes tradicionais e o catolicismo. A terceira onda surgiu vinte anos mais tarde, quando se acrescentou a ênfase em milagres e cultos de intensa celebração religiosa.

Para entendermos como o *movimento pentecostal* e a *glossolalia* chegaram ao Brasil, precisamos retomar mais uma vez o *avivamento da Rua Azusa*. Por conta da projeção que ganhou na mídia, o *avivamento na Rua Azusa* rapidamente cresceu e, de forma súbita, várias pessoas dos mais diversos lugares do mundo estavam indo conhecer o movimento. No começo, as reuniões aconteciam informalmente, eram apenas alguns fiéis que se reuniam em um velho galpão para orar e compartilhar suas experiências, liderados por William Seymour. Desse modo, grupos semelhantes foram formados em muitos lugares dos EUA, mas, com o rápido crescimento do movimento, o nível de organização também cresceu até o grupo se denominar *Missão da Fé Apostólica da Rua Azusa*. Alguns fiéis não concordaram com a denominação do grupo. Surgiram, então, grupos independentes que emergiram em denominações.

Também algumas denominações já estabelecidas adotaram doutrinas e práticas pentecostais, como é o caso da *Igreja de Deus em Cristo*. Mais tarde, alguns grupos ligados ao movimento pentecostal começaram a crer no *unicismo*, em vez da trindade. Com o crescimento da rivalidade entre os que criam no unicismo e os que criam na trindade, novas denominações nasceriam, como a *Igreja Pentecostal Unida* (unicista) e as *Assembléias de Deus* (trinitária).

Então, em 1910, chega ao Brasil o *pentecostalismo*, com a vinda do missionário Louis Francescon, que dedicou seu trabalho entre as colônias italianas no Sul e Sudeste do Brasil (realizando em 1910, o primeiro batismo de orientação pentecostal em solo brasileiro com a conversão de 11 almas), originando a *Congregação Cristã no Brasil*, em Santo Antônio da Platina - Paraná. Em 1911, *Daniel Berg e Gunnar Vingren* iniciaram suas missões na Amazônia e Nordeste, dando origem às *Assembléias de Deus*. Francescon, Berg e Vingren tiveram matriz pentecostal comum, ao receberem as novas doutrinas na *Missão de Fé Apostólica*, conduzida pelo Pastor William H. Durham, ex-pastor batista, em Chicago.

A *Assembléia de Deus* e a *Congregação Cristã no Brasil* se caracterizavam pelo anticatolicismo, pela ênfase na crença no batismo no Espírito Santo e por um ascetismo que rejeita os valores do mundo e defende a plenitude da vida moral e espiritual. Entre as igrejas da *primeira onda* encontra-se a *Missão Evangélica Pentecostal do Brasil*, fundada em Manaus, em 1939, de origem americana, mas que atualmente atua de forma independente com direção nacional e credo baseado no *Pentecostalismo Clássico*, de característica moderada quanto à questão de usos e costumes. Em 1.932, foi organizada a *Igreja de Cristo no Brasil* em Mossoró (Rio Grande do Norte), a primeira denominação pentecostal organizada por brasileiros. Em 1.950, com a propagação da *segunda onda*, chegaram a São Paulo dois missionários norte-americanos da *International Church of The Foursquare Gospel*. Na capital paulista eles criaram a *Cruzada Nacional de Evangelização* e, centrados na cura divina, iniciaram a evangelização das massas, principalmente pelo rádio, contribuindo bastante para a expansão do pentecostalismo no Brasil. Em seguida, fundaram a *Igreja do Evangelho Quadrangular*. No seu rastro, surgiram *Igreja Pentecostal Unida do Brasil*, *O Brasil para Cristo*, *Igreja Pentecostal Deus é Amor*, *Casa da Bênção*, *Igreja Unida*, *Igreja de Nova Vida* e diversas outras igrejas pentecostais menores. Com a terceira onda, surge o *neo-pentecostalismo*, que teve início na segunda metade dos anos 70. Fundadas por brasileiros, as mais antigas são a *Igreja Universal do Reino de Deus* e a *Igreja Internacional da Graça de Deus* (Rio de Janeiro, 1.980), ambas presentes na área televisiva com seus televangelistas. Posteriormente, temos o surgimento da *Renascer em Cristo* (São Paulo, 1.986) e da *Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra* (Brasília, 1.992).

Assim, temos por meio desse resumo, um relato de como o movimento pentecostal, propagador da glossolalia (que não é o que ocorreu em Atos 2), se originou nos Estados Unidos e, posteriormente, chegou ao Brasil.

Minha pretensão com tais esclarecimentos não é condenar quem faz uso da *glossolalia* acreditando estar falando as línguas que ocorreram em Atos 2, contudo, é fato que há muito emocionalismo e nenhum amparo das Escrituras no tocante a isso, já que o que aconteceu em Atos 2 foram idiomas humanos. Ainda no que se refere às línguas (idiomas) estranhas de Atos 2, vale salientar que na época da igreja primitiva, esse dom só era possível ser colocado em prática através de seis condições. Veja o que escreveu o apóstolo Paulo aos irmãos de Corinto e que, comprova essa tese: *primeira condição*: tinha que ser uma reunião de portas abertas não reservadas só aos crentes (1ª Coríntios 14.22). *Segunda condição*: tinha que ser no máximo três pessoas falando (1ª Co 14.27). *Terceira*: deviam falar um de cada vez (1ª Co 14.27). *Quarta*: devia haver interpretação simultânea (1ª Co 14.27). *Quinta*: mulheres não deviam falar (1ª Co 14.34). *Sexta*: era necessária presença de judeus (1ª Co 1.22 / 14.21). Então, eu pergunto: é possível a prática ou manifestação do dom de línguas numa reunião de cristãos do século XXI ou tal prática era restrita apenas aos irmãos da igreja do primeiro século? Fica para nossa reflexão...

A questão é que as pessoas não entendem que a bíblia, embora contendo as verdades de Deus e sendo parâmetro para nosso proceder aqui na terra, não foi escrita diretamente para nós, daí, a grande dificuldade de muitos crentes compreenderem que nem tudo que aconteceu no passado, na época do estabelecimento da igreja no primeiro século, vale, necessariamente, para a igreja nos dias de hoje. Muita coisa foi restrita para os primeiros irmãos dentro daquele contexto do *judaísmo*.

Portanto, analise, tire suas conclusões e reflita bem depois de expostas essas condições para o uso do dom de línguas se hoje é possível esse dom ser executado como era naquele tempo. Também observe bem se aquilo que você tem visto na maioria das denominações religiosas a respeito do dom de línguas está de acordo a descrição bíblica.



Conclusão: os dons espirituais existem, são importantes para a edificação do corpo de Cristo, mas em hipótese alguma são medidores para a salvação ou indicação de que alguém seja mais espiritual ou santo que seu irmão. A prova de que alguém é cheio do Espírito Santo não é possuir dons, mas, o *fruto do Espírito*, conforme relatado pelo apóstolo Paulo em *Gálatas capítulo 5*.

11. PROMESSAS DE DEUS

Vamos tratar neste momento de um termo que os religiosos dão bastante ênfase: as *promessas de Deus*. Ao entrar em um templo neopentecostal e, em muitos pentecostais, você dificilmente não ouvirá daquele que tiver pregando a referida expressão.

Particularmente falando, isso é uma das coisas que mais tem me entristecido de uns tempos para cá: a constatação de que a igreja brasileira tem se tornado o principal local propagador de mensagens de auto-ajuda. É um tal de “*as promessas de Deus se cumprirão na tua vida*” que chega a ser irritante. Um tipo de mensagem que só envergonha qualquer comunidade que se intitula cristã.

O termo *promessas de Deus* se tornou um dos grandes chavões que tem bastante associação com o evangelho humanista, pois, coloca Deus como aquele que, em tese, está mais preocupado com o bem estar do crente do que, propriamente, com sua salvação, contrariando o verdadeiro papel do Deus da bíblia. Realmente é uma lástima quando determinado pregador diz em uma reunião: “*as promessas de Deus se cumprirão na tua vida! Eita glória!!!*”

Embora seja da vontade do Criador que todo ser humano viva bem e seja abençoado, Deus não fez promessas de sucesso financeiro e material para o homem e não tem qualquer obrigação de fazer a pessoa prosperar nestas áreas, ainda que seja um crente. Aliás, Deus não tem qualquer compromisso que seja em relação aos projetos pessoais do homem. Deus fez um pacto neste sentido (bênçãos materiais e prosperidade) com o povo de Israel. Havia de fato promessas de Deus para a referida nação. O mesmo não se aplica em relação à igreja.

Os escritos referentes à Nova Aliança são contundentes em evidenciar que *há uma promessa*: a promessa de salvação eterna para quem crê no Filho de Deus! Os apóstolos de Cristo e demais irmãos da igreja primitiva tiveram uma vida de sofrimento intenso e morreram das piores formas possíveis pela causa do evangelho. Não houve para eles nenhuma mordomia ou garantia de vida boa. O escritor aos hebreus, ao falar sobre os heróis da fé, relata que homens e mulheres valorosos da época da antiga aliança sofreram e morreram sem terem

alcançado a *promessa*, ou seja, uma clara alusão ao *Filho de Deus*, Aquele que é a maior e melhor promessa da parte de Deus para quem crê.

Em relação aos projetos pessoais e vida de sucesso, não há promessas. A bíblia não é um livro motivacional, ela é a exposição da boa notícia para aquele que crê: Cristo! Quem quiser se dar bem na vida, precisa estudar, trabalhar e ser extremamente aplicado, assim, certamente terá sucesso. Nossa função, como pobres mortais que somos, é dar graças ao Pai Celestial em tudo. Não estou fazendo apologia e nem propagando uma “teologia da pobreza”. Estou apenas esclarecendo que Deus não é “*gênio da lâmpada*” para satisfazer nossos desejos pessoais e que a bíblia não é um livro de promessas e de auto-ajuda. É evidente que devemos orar ao Pai pedindo-lhe que nos ajude e não nos deixe faltar nada, contudo, a verdadeira prosperidade do crente não consiste em benefícios materiais.

Sugestão de textos para reflexão acerca do assunto: *1ª Timóteo 6.7,8 / Filipenses 4.11 e 12 / 2ª Coríntios 12.10 / Romanos 12.16 / Mateus 6.25 / Provérbios 16.8 / Lucas 12.15 / João 14.8 / Jó 1.20,21 / Hebreus 13.5 / Romanos 8.33 ao 39 / 1ª Tessalonicenses 5. 16 ao 18 / Mateus 11.28 / João 10. 9 e 10 / João 3.16 / João 6.24 ao 29.*

“O propósito do evangelho de Cristo não é poupar o homem de sofrimentos nessa vida ou garantir-lhe conquistas e sucesso; de forma alguma! O propósito do evangelho é poupar o homem do sofrimento eterno!” (autor desconhecido).

12. NÃO DEVEMOS JULGAR

Devemos sim. Ao contrário do que muitos religiosos gostam de falar, a verdade é que o próprio Cristo orientou seus discípulos a julgarem. A expressão “*não devemos julgar*”, bastante utilizada por muitos crentes é mais um daqueles jargões tirados de uma passagem bíblica, totalmente fora de seu contexto. Como sempre venho dizendo ao longo dessa obra: o *contexto* é peça fundamental para nosso entendimento acerca das Sagradas Escrituras.

Os que utilizam o ‘*não devemos julgar*’ o fazem para justificar a ideia de que não se pode criticar alguém. Isso, inclusive, dá margem para aquele que gosta de andar “abraçado” com o pecado usar esse artifício como mecanismo de defesa. Dizem: “*não devemos falar mal, somente orar. Deus é quem julga*” ou então: “*ao invés de julgar, ore.*”

Essa coisa de pedir aos irmãos que em vez de julgar orem pelos outros é uma grande tolice. Precisamos ser autênticos e confrontar o pecado. Óbvio que atacar a índole de alguém, difamando-o ou levantando falso testemunho realmente é um mau comportamento, porém, trata-se de algo totalmente diferente de julgar, senão, o próprio Cristo estaria cometendo pecado, já que Ele também julgou outras pessoas quando esteve aqui na terra.

Se lermos apenas o primeiro versículo de *Mateus 7* vamos ficar com a impressão que ninguém deve criticar o seu próximo, porém, analisando o contexto, a percepção certamente será outra. A passagem de *Mateus 7* deixa claro que *Jesus está criticando os fariseus por serem hipócritas; não praticavam a justiça e, ainda assim, gostavam, de apontar o dedo para os outros. Jesus não está proibindo o julgamento, mas, dizendo que, para julgar, a pessoa precisa estar em condições de fazer isso. Portanto, se estou “sujo” e aponto para a “sujeira” do meu irmão, logo, sou hipócrita. É claro que há aquele tipo de pessoa que em tudo vê erros e gosta de criticar tudo e todos. Não que o Senhor Jesus esteja dando aval para esse tipo de comportamento, até porque, todos temos falhas, não há um justo sequer. O foco nas palavras de Jesus é a hipocrisia, apenas isso.*

Algumas passagens que mostram que devemos julgar sim, tanto pessoas como coisas: *1ª Tessalonicenses 5.21, 1ª Joao 4.1, 1ª Corintios 14.29, Joao 7.24, Lucas 12.57, 1ª Corintios 10.15, Mateus 7.15, Romanos 16.17, 1ª Corintios 6. 2 e 5, entre outros.*

13. VOTOS E JEJUNS

Os votos a Deus eram uma prática do Antigo Testamento. Tratava-se do ato de fazer uma promessa para receber algo em troca (leia Gênesis 28.20 ao 22).

Os votos eram feitos com frequência no período da *lei mosaica* e, por essa razão, encontramos no *capítulo 30 de Números* várias orientações escritas por Moisés com respeito ao cumprimento de votos feitos a Deus. A pessoa deveria pensar bem antes de fazer um voto, analisando se conseguiria ou não cumprí-lo. Um voto feito a Deus não poderia ser considerado levemente e, portanto, não deveria ser feito precipitadamente (leia *Deuteronômio 23:21 e 22 e Eclesiastes 5: 4 e 5*).

No que diz respeito à *nova aliança* estabelecida por nosso Senhor Jesus, como muitos outros costumes do antigo pacto, a questão de fazer votos e jejuns também sai de cena. É verdade que no livro de *Atos* vemos Paulo fazendo votos, todavia, é possível perceber que ele agia como se ainda estivesse no *judaísmo*, o que não significa que estivesse certo.

Muitos líderes religiosos e pregadores gostam de mencionar a referida passagem do *Gênesis* (o voto de Jacó) para embasar a prática de fazer votos, porém, se atentarmos bem para o texto, veremos que Deus não pediu a Jacó que fizesse voto algum. Deus lhe prometeu algo de forma incondicional, *agindo em graça*, pois, mesmo na época da antiga aliança, Ele sempre foi um Deus de graça, mas, ainda assim Jacó resolveu inventar o voto, o que não era de se admirar, pois, sempre foi um sujeito que agia na base de truques e barganhas.

Portanto, essa idéia de fazer votos não faz sentido. Devemos apenas confiar na Sua graça, orar e pedir, mas sem querer fazer barganha. No tocante ao *jejum*, ocorre da mesma forma. O irmão Mário Persona define bem essa questão, observe o que ele diz: "O verdadeiro jejum para o Senhor não é aquele em que deixamos de comer, ou fazer qualquer coisa, para termos mais comunhão com Ele, mas, exatamente o contrário. Creio que é ter tanta comunhão com Ele que tudo o mais passa para o segundo plano, inclusive o comer. Lendo Isaías 58 você verá que o jejum verdadeiro é o despojar-se de si mesmo. O jejum verdadeiro é algo tão íntimo que se uma pessoa contasse a você como ela faz o jejum, já não seria um jejum sincero, pois o próprio Senhor disse: "Porém tu, quando jejuares, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto. Para não pareceres aos homens que jejuas, mas a teu Pai, que está em oculto; e teu Pai, que vê em oculto, te recompensará" (Mt 6.17,18). Portanto, desconfie da sinceridade daqueles que proclamam aos quatro ventos que estão jejuando. Deus não instituiu um jejum na Lei dada aos israelitas. O primeiro jejum que aparece na Bíblia é o de Moisés, quando subiu ao monte para receber. O jejum de Moisés, e também de Elias, em 1 Reis 19:8, significava uma separação da vida normal da carne para estar com o Senhor e dedicar-se exclusivamente a Ele."

A afirmação de William MacDonald também é fundamental acerca do jejum: "Jejuar é privar-se da gratificação de qualquer apetite físico. Pode ser voluntário, como em Mateus 6:16-17, ou involuntário (Atos 27:33; 2 Co 11:27). No NT está associado à tristeza (Mateus 9:14-15) e oração (Lc 2:37; At 14:23). Nestas passagens (Mt 6:16-18) o jejum é acompanhado de oração num reconhecimento da sinceridade em se discernir a vontade de Deus. O jejum não tem qualquer mérito no que diz respeito à salvação, e nem dá a um cristão uma posição especial diante de Deus. Um fariseu certa vez gabou-se de jejuar duas vezes por semana, porém aquilo não lhe deu a justificação que buscava (Lucas 18:12, 14). Mas, quando um cristão jejuar secretamente como um exercício espiritual, Deus vê e recompensa. Apesar de não ser ordenado no NT, o jejum é encorajado para vivificação e pode ajudar na vida de oração de alguém por afastar da pessoa a sonolência e o entorpecimento. Ele é valioso em épocas de crise quando se deseja discernir a vontade de Deus. E tem seu valor em promover a auto-disciplina. Jejuar é uma questão entre o indivíduo e Deus e deveria ser feito apenas com o desejo de agradar a Deus. Ele perde o seu valor quando é uma obrigação vinda de fora ou feito com o objetivo de se exibir."

14. BLASFÊMIA CONTRA O ESPÍRITO SANTO

A blasfêmia contra o Espírito Santo é outro conteúdo distorcido e mal interpretado pelos religiosos.

Alguns dizem que blasfemar contra o Espírito Santo é, por exemplo, brincar com aqueles que falam “línguas estranhas”, discordar de um determinado “líder espiritual”, viver de idas e vindas em uma denominação religiosa, ou qualquer outra bobagem do tipo. O pior de tudo é que, muitas pessoas vivem angustiadas e cheias de problemas de cunho emocional por acreditarem que cometeram esse tipo de pecado; isso, porque muitos líderes as acusam de terem cometido a blasfêmia contra o Espírito, e, nesse caso, não restaria mais salvação para essas pessoas. Mas, o que vem a ser a blasfêmia contra o Espírito Santo?

Vejamos o texto bíblico que fala sobre o assunto: *"Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir". (Mateus 12:31-32).*

Dois questões precisam ficar bem claras para o leitor: *'com quem Jesus estava falando?'* e: *'o que vem a ser o pecado imperdoável ou blasfêmia contra o Espírito Santo?'*

Pois bem, as palavras de Jesus foram dirigidas aos fariseus e escribas. Somente eles, por serem os mestres da Lei, poderiam ter cometido tal pecado, pois, tinham por obrigação mostrar ao povo quem era o Messias assim que Ele chegasse à terra de Israel, declarar publicamente que Jesus era o Prometido, baseados em toda evidência; todavia, os mestres da Lei preferiram rejeitar todos os indícios mais do que claros e incontestáveis que mostravam que aquele Homem era o Filho de Deus. Tudo para satisfazerem seus egos e interesses pessoais ilícitos, justificando ao povo que o poder de Jesus que operava todos os milagres vinha do próprio demônio (*Mateus 12.34 / Marcos 3.22*).

O pecado imperdoável, dentro do contexto das Escrituras, segundo a colocação de nosso Senhor Jesus Cristo não era um pecado individual, mas um pecado nacional. O pecado imperdoável foi cometido pela geração dos judeus, do tempo de Jesus, encabeçada pelos mestres da Lei, e não pode ser aplicado às gerações seguintes dos judeus. É aquele tipo de situação que já mencionei aqui: *nem tudo que está escrito na Palavra se aplica para as gerações posteriores àquele povo que fazia parte do contexto judaico do primeiro século*.

Conforme diz o irmão César Francisco Raymundo, editor da *Revista Cristã*: o conteúdo do pecado imperdoável foi a rejeição nacional de Israel ao Messias Jesus, *enquanto Ele estava presente, com a afirmação de que estava possesso do demônio*. Por que foi um pecado imperdoável? Porque a geração dos judeus, contemporânea de Jesus Cristo, insistiu no endurecimento do coração não reconhecendo-O como o Messias, rejeitando-O nacionalmente e negando todas as evidências que confirmavam essa verdade. Por perder essa sensibilidade

e não se arrependem de seus pecados e ainda atribuindo os sinais operados por Cristo a demônios, aquela geração cometeu o pecado de blasfemar contra o Espírito Santo, ou seja, um pecado imperdoável, do qual receberam a devida punição quarenta anos depois, no ano 70 d.C. Vale observar que em todo o contexto que trata do assunto ao qual estamos nos referindo, vamos ver a expressão esta geração sendo mencionada por Jesus, pois, se tratava de uma geração culpada por esse pecado que foi exclusivo dela. Nunca se esqueça: sempre que ler qualquer passagem dos evangelhos em que Jesus estiver falando esta geração, trata-se de uma referência à geração dos discípulos, do primeiro século.

A blasfêmia contra o Espírito Santo ou pecado imperdoável *não é um pecado que possa acontecer hoje*. Independentemente do tipo de pecado que alguém cometa hoje, todo pecado é perdoável a todo o indivíduo que for a Deus através de Jesus. Porém, para a nação de Israel como um todo, naquela geração particular, este único pecado tornou-se imperdoável.

Ainda segundo o irmão César Raymundo: *“Para cometer o pecado imperdoável é preciso que você chegue sem desculpas na plenitude do conhecimento que os contemporâneos de Jesus chegaram. Você teria que estar lá naquele tempo, para de fato cometer a blasfêmia contra o Espírito Santo. Este pecado é de “natureza específica”, pois é praticado como uma atitude persistente na maior luz possível, diante de todas as evidências. É como os escribas e fariseus fizeram, ou seja, eles quiseram o inferno ao invés de Deus e, assim, persistiram nesse caminho de dureza de coração que elimina toda a sensibilidade para o arrependimento e o conseqüente perdão.”*

Há também outra linha de pensamento acerca da blasfêmia contra o Espírito, apresentada por alguns líderes batistas e presbiterianos, que mostra uma interpretação diferente. Eles afirmam: *“blasfemar contra o Espírito Santo é rejeitar de forma consciente o Espírito Santo e a pessoa de Jesus e, uma vez que alguém rejeita o Espírito, não há mais nada que possa convencê-lo a se arrepender de seus pecados, sendo então, essa atitude, um pecado imperdoável.*

Particularmente, considero o fato do pecado imperdoável ter sido exclusivo da geração contemporânea de Jesus não podendo mais ser cometido nos dias de hoje, conforme a primeira análise, contudo, a segunda posição também não deixa de ter sua relevância e, faz muito mais sentido do que outras interpretações toscas que têm por aí a respeito do assunto.

Em fim, qualquer um pode ter os pecados perdoados, basta abrir o coração e se entregar ao Filho de Deus. Veja o que João diz em sua primeira carta: *“Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho de Deus. Aquele que não crê em Deus, o faz mentiroso,*

porque não crê no testemunho que Deus deu a respeito de seu Filho. E o testemunho é este: Deus nos deu a vida eterna, e esta vida está em seu Filho". (1ª João 5:10-11)

15. MÚSICA "DO MUNDO"

Esse é um assunto que os "senhores da santidade" também gostam de complicar, pois, acabam espiritualizando-o além da conta, ao proferirem dizeres do tipo: "*Não se pode ouvir música do mundo, só música de Deus. Ouvir música do mundo é pecado!*", todavia, é um conteúdo bem simples de compreensão.

O que seria mesmo uma música *do mundo*? A questão é que uma música não deve ser analisada por um cristão como boa ou ruim pelo fato de ser *gospel*, *católica* ou associada a qualquer outra religião, ou pelo fato de ser secular. Uma música deve ser considerada boa por causa de seu conteúdo. Do que adianta, por exemplo, uma música ser *gospel* e fazer apologia à *vingança*, à *ostentação*, à *barganha* com Deus e ao *evangelho humanista*? Casos de canções conhecidas do público evangélico como *Sabor de mel*, *Raridade*, *Restitui*, *Meu milagre*, *Promessas de Deus*, *A batalha do Arcanjo*, entre outras, são alguns exemplos. Da mesma forma, existe música secular que faz apologia ao amor fraternal e retrata as injustiças presentes no mundo, principalmente, por parte da elite e da classe política. É evidente que neste tipo de situação, esse tipo de música, mesmo considerada secular é interessante para se ouvir.

Falando especificamente da música sacra ou cristã, a composição precisa estar alinhada com as Escrituras. A música cristã é um mecanismo de evangelismo e de adoração a Deus, portanto, Deus Pai, Deus Filho e Espírito Santo devem ser o centro da canção; não pode haver espaços para egocentrismos, barganhas e auto exaltação.

Em resumo: posso ouvir música "do mundo", desde que seu conteúdo seja bom, assim como, nem toda música, ainda que seja *gospel*, deve ser digna de ser considerada boa música e, muito menos cristã, uma vez que não encontra amparo nas Escrituras! Simples assim!

16. REVELAÇÃO / SONHOS / VISÕES

Aqui estamos, me arrisco a dizer, diante de um assunto que é, sem dúvida, um dos que mais desperta interesse por parte da maioria daqueles que compõe o público evangélico no Brasil. Quer ver um religioso entusiasmado? Fale sobre *revelação*, *sonhos* ou *visões*.

A atividade de consulta a "espíritos" ou entidades que fazem *adivinhações* e dão respostas àqueles que estão à procura de resolução de seus problemas sempre foi uma prática fervorosa dentro do sincretismo religioso no Brasil. Posso afirmar que, em qualquer meio

religioso onde essa prática é realizada, seus defensores utilizam passagens bíblicas (isoladas) para justificá-la. Para dar alguns exemplos de atividades desse tipo podemos citar a *consulta às cartas, búzios, tarô, mapa astral e signos* no campo da *astrologia*, a *leitura das mãos* na *quiromancia*, *consulta aos espíritos* na *macumbaria* e *espiritismo*, *adivinhações* na *numerologia*, entre outras. Infelizmente, práticas semelhantes a estas chegaram (e com muita força) no meio considerado cristão, seja católico ou evangélico; a prática consiste no adivinho, também chamado de *profeta*, solicitar que alguém vá até ele para receber o “recado de Deus” que será entregue, claro, por ele, o profeta.

Como disse no início do tópico, muitas pessoas que se consideram cristãs adoram esse tipo de coisa. Quando é anunciado em uma denominação que um pregador que tem “dom de revelação” se fará presente, geralmente, boa parte dos irmãos, por falta de conhecimento das Escrituras, é óbvio, vai para o culto com uma expectativa enorme. Esses ‘crentes’ desejam ser apontados e escolhidos pelo tal pregador para receber o “aviso de Deus”. Isso é simplesmente lastimável! Uma ignorância muito grande: o povo que diz conhecer as Escrituras a coloca na condição de ser um instrumento insuficiente para adquirir conhecimento a respeito de Deus, como se a bíblia não tivesse as respostas de que precisamos. E o pior: aceitam e dão aval para uma prática totalmente pagã: *a adivinhação!*

Agora vamos aos esclarecimentos sobre *revelação/sonhos/visões*:

1º: Os *profetas bíblicos* foram homens escolhidos e separados por Deus para um propósito específico que era o de anunciar ao mundo antigo Aquele que viria para realizar a obra gloriosa de salvação dos homens: Cristo Jesus. E, dentro deste propósito, houve, de fato, alguns casos em que tais profetas foram usados para transmitir recados a algumas pessoas (reis, governantes, sacerdotes), mas, não tinha nada a ver com *fazer adivinhações* ou anunciar bênçãos materiais e palavras de vitórias e prosperidade para os ouvintes. *Foram situações que, de algum modo, tinham relação com a vinda do Messias!* Dentro desse cenário, os profetas de Deus tinham sonhos, visões e faziam revelações. Os profetas do antigo testamento tiveram missão semelhante à dos apóstolos do novo testamento, pois foram homens diretamente vocacionados por Deus (*Isaías 6.1 ao 9 / Jeremias 1.4 ao 10 / Ezequiel 2.1 ao 7 / Amós 7.14,15*), eram pessoas que falavam da parte de Deus. (Outros textos: *Lucas 1.70 / Hebreus 1.1 e 2 / Romanos 16.26 / 2ª Pedro 1.21 / 2ª Timóteo 3.16*).

2º: A *profecia* existe hoje, porém, no sentido de se falar por Deus, ou seja, quando alguém está fazendo a exposição da Palavra de Deus em uma reunião ou para um indivíduo em particular, ele está profetizando. Isto é bem diferente das revelações que eram dadas aos apóstolos do Novo Testamento. *Nada mais falta para nos ser revelado*, pois, se faltasse, a

Bíblia estaria incompleta e poderia ser considerada uma fonte insuficiente. Será que precisamos mesmo de sonhos e visões agora que somos habitados pelo Espírito Santo (antes de Pentecostes ninguém era) tendo a Cristo e o acesso à completa Palavra de Deus?

3º: Todo esse interesse por sonhos e visões acaba sendo uma prova de que as pessoas são amantes de superstições e misticismos e que não encontram satisfação com o que Deus revela em Sua Palavra. Quando nos falta comunhão com Deus e com Sua Palavra saímos procurando por informação em outras fontes, como sonhos, visões e fábulas. Se a Palavra de Deus já está em nós (João 15:7), *não precisamos recorrer a outros meios*.

4º: Nenhuma nova ordem, norma ou aviso pode surgir para a igreja ou a algum membro da mesma de forma pública, uma vez que toda a revelação está contida nas Sagradas Escrituras. Não há possibilidades de novos avisos ou doutrinas para a igreja. (Leia *Hebreus 1.1 e 2, Salmo 19.1, Romanos 1.20, Atos 14.17, 2 Timóteo 3.16, João 10.30, João 20.31*).

5º: No caso de uma *revelação particular*, trata-se de algo bastante restrito, entre a pessoa e Deus, portanto, é admissível que alguém possa receber um aviso de Deus por meio de um sonho ou visão, *mas isso não é regra*, não é algo que acontece toda hora. Mas, volto a reforçar: esse tipo de coisa *não tem aplicação pública!*

6º: *Tudo o que o Espírito Santo nos quis revelar está na Palavra de Deus e é dela que devemos falar*. Se meu irmão estiver em pecado, o Espírito Santo me dará discernimento para falar a esta pessoa, mostrando na Palavra de Deus onde ela está errando, por que está errando e como deve proceder. Tudo feito com amor.

7º: A revelação de Deus tem o propósito de mostrar ao ser humano o plano da salvação.

8º: O termo *revelação* usado pelo apóstolo Paulo no *capítulo 14 (versículos 6 e 26) da carta aos coríntios*, onde ele fala sobre a ordem nas reuniões, *não tem nada a ver com adivinhação*. O termo é usado como sinônimo de *profecia*, ou seja, o ato de alguém fazer menção dos escritos de Deus, a verdadeira revelação. O contexto vai deixar isso bem claro.

9º: Sobre a lista de dons espirituais descritos em *1ª Coríntios 12*, está bem claro que não há qualquer base ali para uso de dom de revelação/adivinhação. Além do fato de que *alguns* dos referidos *dons eram* uma prática para aquela ocasião, ou seja, *exclusivos para os cristãos do primeiro século*, não existindo mais nos dias atuais, como é o caso da *operação de maravilhas*, que era algo específico para aqueles dias dentro do plano estabelecido por Cristo (leia, por exemplo, *João 14.12 ao 14 e 1ª Coríntios 1.22 e 23*).

O amado leitor pode até se espantar com o que vou relatar agora, mas, essa coisa de *revelação* dentro das igrejas evangélicas não passam de técnicas de terrorismo psicológico. Sim, geralmente esses pregadores da revelação dizem que alguém (sujeito indefinido) fez um

'trabalho' (provavelmente macumba) e agora eles, os grandes e poderosos "homens de Deus" poderão desfazer isso através de um 'propósito', que muitas vezes *envolverá dar dinheiro* 'para Deus'. Outra estratégia é dizer que há alguém entre os presentes (às vezes apontam para a pessoa e a chama) com dor nas costas, na coluna, problema no trabalho, problema na família, frieza espiritual, entre outras. Esse tipo de técnica funciona porque pega pessoas que estão altamente vulneráveis, seja por falta de conhecimento ou por dificuldades na vida como casamento, negócios, saúde, entre outras. Esse tipo de prática torna a pessoa dependente de um intermediário ou mediador entre ele e Deus, mas, o que esses "profetas" querem mesmo é enganar as pessoas. Já aqueles casos de adivinhação do número do RG, conta bancária, nomes de pessoas da família e, também, casos de expulsão de caroços do corpo, geralmente é tudo combinação, e, quando não é, pode ter certeza que se trata de casos de operação maligna mesmo. E por que Deus permitiria operação maligna? Não sei, mas já acontecia dentro do contexto do primeiro século o fato de falsos profetas ludibriarem as pessoas e as enganarem dizendo serem homens que falavam em nome do Messias. (Leia, por exemplo, *Mateus 24.24 / Marcos 13.22 / 2ª Tessalonicenses 2.9 / 2ª Coríntios 11. 12 ao 15*).

No Antigo Testamento havia os sacerdotes, aos quais os israelitas entregavam dízimos, ofertas e sacrifícios. Hoje, porém, todo crente em Cristo é um sacerdote com igual acesso ao Pai *sem outros intermediários* além do Senhor Jesus. O problema é que herdamos do *clericalismo católico* e protestante, que por sua vez o emprestou do *judaísmo*, essa ideia de achar que existem pessoas com poderes espirituais e que revelam as coisas, das quais dependemos para proteção e auxílio nas necessidades. É daí também que vem a ideia de *santos* e *santas padroeiras* ou protetoras, na qual os vivos delegam aos mortos a proteção contra os males desta vida. *Ore você mesmo ao Pai pelos problemas que tem passado.*

Nos tempos do apóstolo João havia os falsos cristãos enganando as pessoas, inclusive, energizados por Satanás e aptos a operar maravilhas. João escreve: "*Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós.*" (1ª Jo 2:19). Paulo deixa claro que poderia existir poder satânico por detrás de manifestações espirituais como as que hoje se vê em muitas igrejas: "*Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras.*" (2ª Co 11:13-15).

Mais alguns textos para reflexão do amigo leitor: *Gálatas 1.8 / Hebreus 1.1 e 2 / 2ª Timóteo 4:2-4 / 1Tm 4:1-2 / Colossenses 2:18 / 2ª Timóteo 3:1 ao 9*).

Conclusão: crer na revelação continuada é declarar a bíblia como insuficiente e, declarar a bíblia insuficiente é 'abrir uma porta' para a entrada de heresias, como fez a igreja católica, por exemplo, ao criar o purgatório, sacrifícios, crismas, batismos e penitências. *Não devemos ter outros meios para a crença em Cristo e para a própria divulgação do evangelho além das Sagradas Escrituras.*

17. PENA DE MORTE / LEGÍTIMA DEFESA

Muitos cristãos são contrários à pena de morte por entenderem que somente Deus pode tirar a vida de alguém, mesmo que esse alguém tenha cometido as piores atrocidades possíveis e feito muita gente sofrer por conta de seus crimes e males. Alguns até usam textos bíblicos (claro, fora do contexto) para justificarem seus pontos de vista. Mas a pergunta é: *Deus é contrário à pena de morte? O que as Escrituras falam a esse respeito?*

Quando Deus criou o homem, este era um ser inocente e sem conhecimento do bem ou mal, todavia, não conseguiu conservar sua inocência e acabou pecando. Isso fez com que ele e, conseqüentemente, a humanidade, sofressem morte física e espiritual, além da expulsão da presença de Deus, ou seja, *uma espécie de pena de morte*. Depois da queda e da aquisição da consciência do bem e do mal, ainda assim, o homem *preferiu continuar em rebelião contra Deus*. No tempo de Noé, patriarca de uma nova geração, o homem recebeu autoridade para julgar e condenar seu semelhante (*Leia Gênesis 9.6*). O que acontece é que *tal autoridade, que consistia no derramamento de sangue de um homicida nunca foi revogada*, isso mesmo, nunca!

Antes mesmo que você pense em citar que isso foi uma ordem divina na época da antiga aliança, vale observar que nos tempos de Noé ainda não havia sido instituída nenhuma aliança e, a prova cabal que há validade por parte de Deus no tocante à aplicação de pena de morte por autoridades governamentais para com criminosos e perversos nós encontramos nas palavras de Cristo, quando Ele aponta as conseqüências pelas quais deveria passar um homicida (*Leia Mateus 26.52*). Jesus foi claro ao dizer que quem agisse pela espada, pela espada morreria. Da mesma forma, o apóstolo Paulo, já na época da *nova aliança*, ou seja, após morte e ressurreição de nosso Senhor, ao falar sobre a autoridade humana instituída por Deus, deixa claro que ela é ministro de Deus para o bem da pessoa, mas, *se a alguém fizer o mal, essa autoridade agirá como vingador para castigá-lo tendo o direito de tirar-lhe a vida*. (*leia Romanos 13:4*). Tanto no contexto da fala de Cristo quanto de Paulo, *espada* se refere a uma arma ou qualquer instrumento usado pelas autoridades para matar.

No caso do Brasil, minha opinião é que o *vitimismo* e a forma hipócrita de se fazer política que foram implantados durante décadas por governos socialistas têm sido os principais causadores de mudanças referentes ao conceito de autoridade. O que se pode ver atualmente é um cenário de frouxidão dos poderes constituídos, onde a autoridade do governo, da polícia, dos professores e até dos pais é diluída por discursos cheios de aparência de piedade totalmente contrários à penalização dos criminosos e que acabam resultando apenas no aumento da balbúrdia e da desordem. Como se pode ver, o conceito de *pena de morte* é bíblico e, penso que nosso país seria outro, com muito mais ordem e menos criminalidade caso a *pena de morte* fosse um instrumento amparado pelas leis e utilizado no combate ao crime. O problema do Brasil não é a corrupção, nem os crimes, violência ou homicídios, mas sim, a impunidade!

Alguém pode depois desse esclarecimento ainda fazer a seguinte consideração: “mas, e alma da pessoa?”. A esse respeito, vejo da seguinte forma: numa situação em que o sujeito tenha que enfrentar a *pena de morte*, ele que se arrependa, mesmo depois de determinada sentença, se acerte com o Criador, encare o corredor da punição e a cadeira elétrica (ou qualquer outra forma de extermínio) e tenha uma “boa” morte! Assim como todos os homens terão de prestar contas de todos seus atos a Deus, todos devem passar pela penalidade da lei dos homens. Ainda que um ser humano se arrependa dos males causados ao seu próximo, não significa que ele não deva pagar por isso dentro da esfera das leis humanas. O que não se pode é ter leis frouxas e brandas que acobertam quem gosta de fazer o mal e cometem crimes contra o seu próximo como, infelizmente, é a realidade do nosso país, pois, nosso congresso e judiciário estão tomados, guardadas as pouquíssimas exceções, por verdadeiros corruptos e criminosos.

A *legítima defesa* é outro tema polêmico entre os cristãos. Depois de um longo período de governos que instituíram o *Estatuto do Desarmamento* e incutiram na mente das pessoas que os homicídios dolosos são praticados por cidadãos comuns que conhecem e convivem com as vítimas e que a grande maioria dos homicídios no Brasil é praticada por arma de fogo, a *autodefesa*, que é um direito natural e, também constitucionalmente garantido ao cidadão, praticamente foi aniquilado pelo Estado. Os criminosos são detentores das melhores armas, tudo de forma ilegal, evidentemente, e podem “deitar e rolar” cometendo seus crimes e pregando um verdadeiro terror. As estatísticas comprovam o quanto a criminalidade tem aumentado no Brasil nos últimos anos. Contudo, um candidato de direita e conservador foi eleito presidente da nação na última eleição (2.018). Ele defende, entre tantas coisas importantes, o *direito à legítima defesa* por parte dos cidadãos de bem, mas, nem todos veem

com bons olhos esse posicionamento, inclusive cristãos, conforme dito no início do parágrafo. Mas, como já disse, a questão é que isso foi incutido na mente das pessoas que “compraram” essa ideia de que não se pode ter uma arma em casa. Muitos crentes até dizem: “arma é coisa do demônio”. Mas, e as Escrituras, o que elas dizem?

Pra início de conversa, vale registrar a seguinte observação: na época dos apóstolos e da igreja primitiva nenhum cristão andava armado, nem mesmo diante da perseguição imposta pelo império romano. Muitos foram vítimas de perseguição, violência e martirizados por causa da fé que tinham em Cristo. Os cristãos eram duramente perseguidos, presos, entregues à morte e suas esposas e filhas transformadas em escravas sexuais de prostíbulos. Vale também ressaltar a passagem de *Filipenses 2.5*, onde o conselho do apóstolo Paulo foi no sentido de que houvesse em todos o mesmo sentimento que tinha em Cristo Jesus, bem como *1ª Pedro 2.23*, onde Pedro relata que *"quando o injuriavam, ele não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente"*. Textos como esses, além de outras passagens onde Jesus disse para “amar os inimigos”, “dar a outra face”, “amar o próximo como a si mesmo”, podem ser usados por muitos para justificar uma ideia contrária à legítima defesa, reivindicando que Jesus nunca teve o sentimento por destruir vidas e, que esse deve também ser nosso comportamento. Mas, será que nos dias atuais devemos realmente nos comportar como os irmãos da igreja primitiva e não reagirmos em defesa da nossa família?

Entendamos: a questão é que as passagens mencionadas acima em que Jesus orientou *a não revidar e a amar os inimigos* têm a ver com a fé, ou seja, *amar aqueles que nos odeiam por causa da fé que temos nEle, por causa do evangelho*. No caso da igreja primitiva, mesmo com toda maldade do império romano com os cristãos, *eles não revidavam porque o próprio Cristo havia dito que seriam perseguidos e mortos por causa de Seu Nome, por causa da fé que carregavam em seus corações*. Todas essas expressões como “dar a outra face”, “amar os inimigos” e outras semelhantes ditas por Cristo *tinham como contexto principal os ocorridos pelos quais a igreja primitiva passaria naquela época*. Evidente que o amor deve ser a marca registrada do cristão, porém, uma reação, *quando necessário*, no sentido de defender alguém de sua família, não significa que esse cristão seja desprovido de amor.

Para ficar bem esclarecido: uma coisa é alguém alimentar um sentimento de vingança, movido por ódio e armar emboscada para tirar a vida de alguém. Outra, completamente diferente, é a pessoa possuir uma arma de fogo e utilizá-la para se defender caso algum marginal invada sua residência colocando sua família em risco. Numa situação como essa é óbvio que o sujeito, cristão ou não, não vai se ajoelhar e interceder para que o bandido se

arrependa e desista, acreditando que o impostor não fará algum dano com os de sua casa; *ele terá que agir, se defender e defender sua família*, e isso não poderá ser feito abrindo a bíblia em algum salmo; *será necessário abrir fogo!*

A grande mídia brasileira prega que armas de fogo só servem para matar, o que não é verdade, elas servem para o uso da legítima defesa. *O cristão genuíno, obviamente não tem desejo de matar e nem de andar com arma na cintura se exibindo. Estamos falando aqui da pessoa ter uma arma de fogo em casa sem o mínimo desejo em usá-la, a não ser que realmente se faça necessário.*

Agir em legítima defesa, pelo menos em minha concepção, é algo que não contraria as Sagradas Escrituras. Não se trata de defender atitude de vingança ou fazer justiça com as próprias mãos, apenas *defesa pessoal*. É fato que, como cristãos, devemos buscar a paz em todos os momentos, mas, como já dito, podem haver situações em nossas vidas que exigirão de nós reações e atitudes mais drásticas. Certa feita Jesus disse àqueles que O capturaram: “Vocês vêm com espadas e porretes para me prender como se eu fosse um bandido?”. Fica evidente nesta fala de nosso Senhor que, se Ele fosse um bandido, os porretes e as espadas seriam justificáveis. (Leia Mateus 26.55).

Assim, é possível concluir que as armas têm de fato um lugar na sociedade, embora tenhamos de ter cuidado. Passagens que falam sobre *amar os inimigos, abençoar os que amaldiçoam, fazer o bem aos que nos odeiam e orar pelos que nos desprezam e nos perseguem* são referências a agressões pessoais, ofensas e assassinatos de caráter. Acreditar que Jesus está dizendo: “Seja simpático e amável com os que estão tentando destruir você e sua família” é contraditório com essas Suas falas, algo realmente sem lógica.

O apóstolo Paulo diz a Timóteo que, se *“alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente”* (1ª Timóteo 5:8). Esse *cuidar* relatado pelo apóstolo implica em *defesa*, em todos os sentidos: emocional, espiritual, moral e também *física*. Compreenda de forma clara que não estou defendendo a violência ou a agressão. Estou defendendo coerência e coesão bíblica. O *contexto* deve sempre ser o fator principal.

Perdoar não significa ser passivo e, conceder graça não significa ser ingênuo. Temos o chamado de proteger nossas famílias e assim devemos fazê-lo.

Comentário 12 – Termos inapropriados

“Verdadeiramente, a causa principal de todas as dissensões no cristianismo decorre deste fato fundamental: interpretar um texto fora de contexto, uma frase fora do texto ou mesmo uma palavra fora de sua frase.” (Pedro Cordeiro)

“Vocês nos deram palha durante toda a vida e agora ficam irritados quando nos vêem buscando pão de verdade em igrejas calvinistas e sérias. O seu pecado é duplo: vocês quase nos mataram de fome e agora nos amaldiçoam quando descobrem que encontramos um lugar para comer.” (Palavras de um ex-pentecostal aos seus ex-pastores)

Nesta seção quero mencionar alguns termos que são frequentemente usados no meio religioso para designar alguém ou alguma coisa; expressões que não fazem o menor sentido. A maioria desses chavões, ainda que retirados das Escrituras, são muito mal interpretados por líderes apegados ao *judaísmo* e ao *sincretismo*.

1. O LADRÃO VEIO ROUBAR, MATAR E DESTRUIR

Essa é uma expressão bastante usada, extraída do texto de *João, capítulo 10*, muito recitada e atribuída ao diabo pela maioria dos pregadores e líderes em seus sermões nas instituições religiosas espalhadas por aí. Está mesmo a expressão *ladrão* se referindo ao diabo? Vejamos:

O contexto do capítulo fala sobre o *bom pastor* das ovelhas, ou seja, nosso Salvador Jesus Cristo: *Na verdade, na verdade vos digo que aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Aquele, porém, que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas, e as traz para fora.* (João 10.1-3).

O *aprisco* mencionado na passagem é uma referência à *tradição judaica* ou à Lei de Moisés, de onde o Salvador pretendia libertar as ovelhas (pessoas): “E, quando **tira para fora** as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz.” (versículo 4). As ovelhas, livres do aprisco, seguem o pastor: “... e as ovelhas **o seguem**, porque conhecem a sua voz.” (versículo 4).

O Salvador é a porta pela qual as ovelhas passam e se libertam dos *apriscos* (jugo da tradição e da lei). Fora dos apriscos elas encontram pastagens (alimento espiritual): *Mas de modo nenhum seguirão o estranho, antes fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. Jesus disse-lhes esta parábola; mas eles não entenderam o que era que lhes*

dizia. Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: *Em verdade, em verdade vos digo que **eu sou a porta** das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens.* (João 10. 5-9).

Agora preste atenção neste trecho: “Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram”.

É óbvio que *ladrões e salteadores* é uma referência aos *líderes judeus*, os *falsos mestres*, os *doutores da lei e hipócritas* que Cristo tanto criticava. O texto é claro: aqueles que vieram antes de mim. Observe que até este momento não há menção alguma ao diabo, somente a partir do verso 12 é que ele entra em cena, sendo representado pelo *lobo*, aquele que dispersa as ovelhas.

Resumindo: temos que concordar que o diabo é um ser que tem por objetivo destruir vidas, todavia, os textos bíblicos devem ser interpretados e ensinados de maneira correta e, no caso de *João, capítulo 10*, quem veio ali para roubar, matar e destruir, conforme o texto mostra, foi um mercenário, um falso profeta, um líder hipócrita, ou seja, um *falso pastor*, que representa os sacerdotes hipócritas e fariseus da época, já que o tema do capítulo é sobre o *bom e verdadeiro pastor*. Veja só que ironia: muitos líderes nos dias de hoje bradam nos altares de seus templos dizendo para as pessoas tomarem cuidado com o *ladrão* que quer matar, roubar e destruir, fazendo referência ao diabo, quando na verdade, o termo que foi utilizado por Jesus se referindo aos líderes religiosos da época da Lei de Moisés, se encaixa muito mais para eles mesmos do que para o próprio diabo.

2. TERMOS DO JUDAÍSMO

Em muitas instituições religiosas é comum vermos pessoas tratarem outras por meio de algumas designações que consideram ser corretas, pelo simples fato de tais expressões estarem na Palavra de Deus, contudo, *não é porque algo está escrito na bíblia que deve ser aplicado à igreja*. Já tratamos do termo *apóstolo*, que é um exemplo bem claro disso.

Agora quero mencionar alguns outros termos do *judaísmo* muito utilizados por aí e que não fazem o menor sentido.

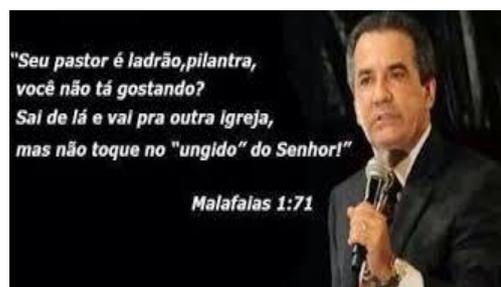
* *Levitas*: expressão usada como referência para aqueles que cantam ou tocam instrumento musical na denominação. Não convém o seu uso, pois, além de ser um termo *exclusivo* do judaísmo, os *levitas eram israelitas da tribo de Levi*. Essa tribo foi escolhida por Deus para cuidar do templo de *Jerusalém* e guiar o povo na adoração a Deus. Os sacerdotes do templo eram todos descendentes de Arão, que era levita. Os levitas faziam todo o trabalho ligado ao

templo. Os descendentes de Arão eram os *sacerdotes*, os únicos que podiam entrar no edifício do templo para oferecer sacrifícios a Deus (leia *Levítico 1.10 e 11*). Eles também abençoavam o povo, carregavam a Arca da Aliança e recebiam uma porção dos sacrifícios para seu sustento. Como trabalhavam para o templo, os levitas não receberam uma porção de terra como herança, como as outras tribos de Israel. Deus era sua herança. Seu trabalho no templo era muito importante para a nação, por isso o resto do povo tinha a responsabilidade de sustentar os levitas com seus *dízimos* (*Números 18:23-24*). Os levitas depois, davam o dízimo do que tinham recebido para o sustento dos sacerdotes. E hoje, existem levitas? É evidente que não, embora atualmente, entre os judeus, ainda há descendentes de Levi, todavia, eles já *não podem realizar todas as funções descritas no Antigo Testamento porque o templo foi destruído em 70 d.C.* A partir da formação da igreja, Jesus instituiu uma nova ordem. *Agora, todo cristão é dedicado a Deus e chamado para O servir (1ª Pedro 2:9).*

Não é preciso ser levita ou de uma família especial. Todos devem viver em consagração a Deus, refletindo Sua glória no mundo à sua volta. Apesar de ter se tornado popular chamar os membros de um grupo de louvor de levitas, de fato é algo que não faz sentido, pois, esses “novos levitas” *não são descendentes de Arão e não têm muito em comum com os levitas da Bíblia, que tinham outras funções.*

- *Ungido do Senhor:* esse é um termo que boa parte dos pregadores e líderes adoram. Trata-se da expressão mais utilizada por eles para se auto colocarem como seres quase que divinos, intocáveis, autoridades escolhidas por Deus para representá-IO aqui na terra e, principalmente, para mostrarem que são infalíveis e que não devem ser questionados por quem quer que seja, uma espécie de *foro privilegiado religioso*. Quem não já ouviu algum líder religioso dizer, principalmente quando é questionado, a seguinte frase: *“cuidado meu irmão, não toque no unguido do Senhor. Deixe que Deus trata com seu unguido”?*

Dos pastores famosos da televisão já ouvi muitos deles falarem algo deste tipo como forma de intimidação e ameaça aos outros. E o que é mais triste de se ver é que a maioria dos fiéis concorda e acredita piamente que tais líderes mercenários não devem mesmo ser questionados. Lamentável!



O texto geralmente usado para tal justificativa é o *Salmo 105.15*: "*Não toqueis os meus ungidos, e não maltrateis os meus profetas*". A questão é que essa é uma passagem isolada que, se analisada o contexto, vamos perceber que a realidade é outra. Como diz o irmão Mário Persona: "*Se os cristãos entendessem que hoje não existe um clero, mas apenas dons dados à igreja, e que não existe na doutrina dos apóstolos um homem dirigindo uma congregação (o dom de pastor é universal, não local), se libertariam desse jugo e das algemas de medo que esses líderes colocam. A manipulação religiosa é uma forma de lavagem cerebral que deixa sequelas terríveis, e muitos incrédulos acabam confundindo isso com o puro cristianismo encontrado na Palavra de Deus. É triste ver quantos têm sido vítimas desses lobos vestidos de cordeiro.*"

O versículo do *Salmo 105* que é largamente usado por esses líderes *foi escrito para as nações que ameaçavam Israel em seus primeiros dias*. Era um aviso para pessoas do tipo do Faraó e outros, que queriam escravizar os hebreus. *O alerta ali não era dirigido aos do povo de Deus, mas aos tiranos que queriam explorá-los, como Faraó fazia*. O verbo "ungir" significa aplicar azeite em alguém, e era assim que as pessoas no Antigo Testamento eram escolhidas para alguma função especial, como reis, os sacerdotes, etc. *O ato de ungir era uma prática do Antigo Testamento e o ungido de Deus é uma referência aos reis ou profetas escolhidos* por Ele, não tem nada a ver com líder religioso do século 21 que se auto intitula *ungido de Deus*. Hoje, *todo verdadeiro crente em Jesus é um ungido, pois foi selado pelo Espírito* (Leia Joel 2.28,29 / Atos 2.16 ao 18 / 1ª João 2.27 / 2ª Coríntios 1.21) .

Aplicar esta passagem do Antigo Testamento como um princípio para nossos dias não faz sentido algum, muito menos da forma como é utilizada por líderes tiranos para intimidar pessoas sem conhecimento, aliás, essa passagem pode até ser usada, porém, o alerta cabe aos que se colocam como Faraós do atual povo de Deus tentando explorá-los a todo custo, ou seja, o aviso é dirigido justamente a pregadores corruptos que exploram as ovelhas do rebanho do Senhor.

3. BATIZADO NO FOGO

Mais um texto mal interpretado é o que se refere ao "batismo no fogo". Muitos pregadores e líderes não fazem o uso da hermenêutica bíblica e, de maneira errônea, afirmam que a passagem de *Mateus, capítulo 3*, que fala sobre o *batismo com fogo*, se trata de uma confirmação de recebimento do Espírito Santo, sendo uma referência ao *falar em línguas*, como evidência do batismo no Espírito Santo. Realmente é um pensamento equivocados.

Pois bem, conforme já dito no comentário sobre a *salvação*, uma pessoa é batizada no momento em que é alcançada pela graça de nosso Senhor Jesus. *O batismo para a salvação é único, e não em etapas*. O batismo nas águas ocorre após o indivíduo se confessar

publicamente, é simbólico e representa sepultamento da velha vida e novo nascimento, sendo um *ato de confissão pública*. Então, o que João Batista quis dizer com “ser batizado com Espírito Santo e com fogo”?

João está se referindo a dois tipos de batismos diferentes, ou seja, ser batizado com Espírito Santo é uma coisa e ser batizado com fogo é outra. O que a passagem nos mostra é que o profeta comedor de gafanhotos estava discursando sobre *salvação* e *perdição*. O batismo com fogo, no caso em questão, é o *juízo eterno*. Trata-se de uma *linguagem figurada* que o profeta usou para se referir à *ira de Deus* sobre os fariseus. João Batista está se dirigindo *alternadamente* tanto a salvos como a perdidos, falando de *salvação* e *juízo*. O fogo representa o juízo de Deus. Observe o texto: *"Mas, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus que vinham ao seu batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento [os salvos]... E já está posto o machado á raiz das árvores; toda árvore, pois que não produz bom fruto [ou seja, os fariseus – uma representação dos perdidos], é cortada e lançada no fogo [o juízo/condenação]. Eu, na verdade, vos batizo em água, na base do arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu, que nem sou digno de levar-lhe as alparcas; Ele vos batizará no Espírito Santo [referência à graça salvífica], e em fogo [condenação/juízo]. A sua pá ele tem na mão, e limpará bem a sua eira; recolherá o seu trigo [os salvos] ao celeiro, mas queimará a palha [os perdidos] em fogo inextinguível". (Mateus 3.7 ao 12).*

Portanto, quem sempre achou que *batismo com fogo* fosse recebimento de dom de línguas deve, a partir de agora, rever seus conceitos e, nunca mais desejar ou pedir a Deus para ser batizado com fogo, pois, é o mesmo que desejar receber condenação sobre si. Claro que o Criador não leva em conta esses pedidos que são feitos por falta de conhecimento. Aliás, eu mesmo já desejei esse tipo de batismo durante uma época de minha vida e, tempos depois, acreditei ter recebido o mesmo, pois por um bom tempo pratiquei a *glossolalia*. Hoje, mais maduro e entendido acerca das Escrituras, sei que o Pai não considerou jamais os pedidos que havia feito neste sentido; tratava-se de um período de ignorância em minha vida, como acontece com muitos.

Mesmo com todo respeito que tenho pelos irmãos pentecostais, pelo fato de ter começado minha caminhada na fé numa igreja pentecostal e, principalmente, por ainda frequentar uma denominação pentecostal, a verdade precisa ser dita, e essa verdade é que o *batismo no fogo* como evidência de falar em línguas estranhas é um equívoco muito grande da *doutrina pentecostal*. A igreja recebeu o Espírito Santo há mais de dois mil anos, em quatro momentos diferentes, conforme relatos de *Atos 2*, *Atos 8*, *Atos 10* e *Atos 18*, abrangendo assim

os grupos representativos da igreja: *judeus, samaritanos, gentios e discípulos de João Batista*. Depois desses eventos, qualquer um que é salvo, automaticamente, é incluído no corpo de Cristo, selado e batizado no Espírito Santo, pois, o Mesmo já foi derramado. No momento em que alguém é batizado pelo Espírito Santo, não se entra em transe, não há arrepios, não há ‘falar em línguas’, não há experiências seguidas de êxtase, nada disso. Tudo funciona por meio da fé, no máximo, a pessoa pode sentir grande emoção ou coisa do tipo, por ser um momento que, de fato, marca e transforma o ser humano, porém, o que passar disso já não faz sentido...

4. CHEIO DO ESPÍRITO

Outro conceito equivocado por parte de muitos na religião é acreditarem que ser cheio do Espírito Santo é ‘falar em línguas’, rodopiar e sapatear durante os cultos ou possuir dons espirituais. Nada disso! Ser cheio do Espírito, conforme *Gálatas, capítulo 5*, é possuir o fruto do espírito na vida. Ser cheio do Espírito não é cair durante as manifestações “de poder” em reuniões, mas, **andar** de acordo as características descritas em *Gálatas 5* pelo apóstolo Paulo. Em resumo, ser cheio do Espírito é ser amoroso, piedoso, paciente, ter domínio próprio, ser fiel, não corrupto e temente ao Criador.

5. ÍMPIO

O salmo de *número 1*, que fala sobre *não andar segundo o conselho dos ímpios*, é muito usado pelos religiosos onde se referem aos *ímpios* como aqueles que não frequentam os templos.

Pelo simples fato de fazerem parte do rol de membros de uma instituição religiosa, muitas pessoas se acham no direito de se colocarem como mais santas que os outros e não considerarem os que não frequentam algum templo como *irmãos* tratando-os como *ímpios*. A lógica da religião é a seguinte: se é membro de alguma denominação, é de Deus e é santo, porém, se não faz parte, é tido como alguém *do mundo*, um *perdido* ou *ímpio*. Mas, daí vem a pergunta: o que é mesmo ser um ímpio? É não ser membro de uma instituição religiosa?

Tanto no dicionário do *Google* quanto no dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* vamos encontrar o significado da palavra *ímpio* da seguinte forma: *pessoa desumana, desprovida de piedade, cruel, impiedosa!* Ou seja, essa questão tem nada a ver com fazer parte ou não da lista de membros de uma instituição. Precisamos deixar de pensar pequeno. O ímpio é aquele sujeito que gosta de *praticar o mal*, a *impiedade* ou, como dizemos na linguagem popular: uma pessoa sem coração. E esse tipo de pessoa pode estar em todo lugar, inclusive dentro das instituições evangélicas, igreja católica, e assim por diante.

Ser ímpio é o oposto de ser justo e piedoso. Uma pessoa pode perfeitamente ter aparência de bondade, ser brincalhona e até carismática em alguns casos, demonstrar amizade, porém, falsa e profundamente hipócrita, mau caráter e ímpia em seu âmago. A prática (ou não) do fruto do Espírito é o que vai testificar de fato se alguém é ímpio ou justo.

A recomendação do Pai celestial e Seu Filho Jesus aos verdadeiros cristãos é que tenham muito cuidado com pessoas ímpias e se afastem das mesmas. Vejamos alguns textos:

“Então voltareis e vereis a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que não o serve.” (Malaquias 3:18) – Aqui, por meio do profeta Malaquias, Deus advertia acerca dos sacerdotes gananciosos e que agiam de má fé, verdadeiros ímpios!

“Bem aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios” (Salmo 1.1) – (Quem seriam esses ímpios? Pecadores de fora dos círculos religiosos como beberrões, homossexuais, assassinos, ladrões? Não! Esses ímpios de que trata o salmista são pessoas que não viviam em uma vida de piedade e temor ao Senhor).

*“Tendo **aparência** de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te” (2ª Timóteo 3:5).*

“Esta é a história da família de Noé: Noé era homem justo, íntegro entre o povo da sua época; ele andava com Deus.” (Gênesis 6.9) – (Deus via Noé como um homem justo. Por que freqüentava templos ou era religioso? Não!! Mas, porque ele era íntegro!).

*“Mas livrou Ló, homem justo, que se afligia com o procedimento libertino dos **que não tinham princípios morais**”. (2 Pedro 2.7).*

Outros textos para análise a respeito são *Mateus 7.21 a 23, Marcos 12.40, Jeremias 5.26, Malaquias 3.5, 2ª Timóteo 3.6, Jeremias 5.1-9, Daniel 6.1-28, Hebreus 13.11 e 12.*

O que precisamos entender é que o fato de frequentar uma denominação não é o que vai fazer de alguém um ser mais santo ou justo diante de Deus em relação àquele que não frequenta. Participar de uma comunidade cristã é algo muito bom, porém, é uma prática que ocorre como consequência do nosso desejo de expressar nossa fé no Filho de Deus e de estarmos em comunhão com os irmãos, mas não é isto que determina se alguém é ou não ímpio. *A verdadeira religião está na prática do temor a Deus, do amor e da justiça, e isso está além, muito além de frequentar templos incessantemente carregando uma bíblia, entregar dez por cento da renda mensal nestes lugares e possuir algum cargo eclesiástico. Aliás, o ato de congregar é nosso próximo assunto.*

6. NÃO DEIXE DE CONGREGAR

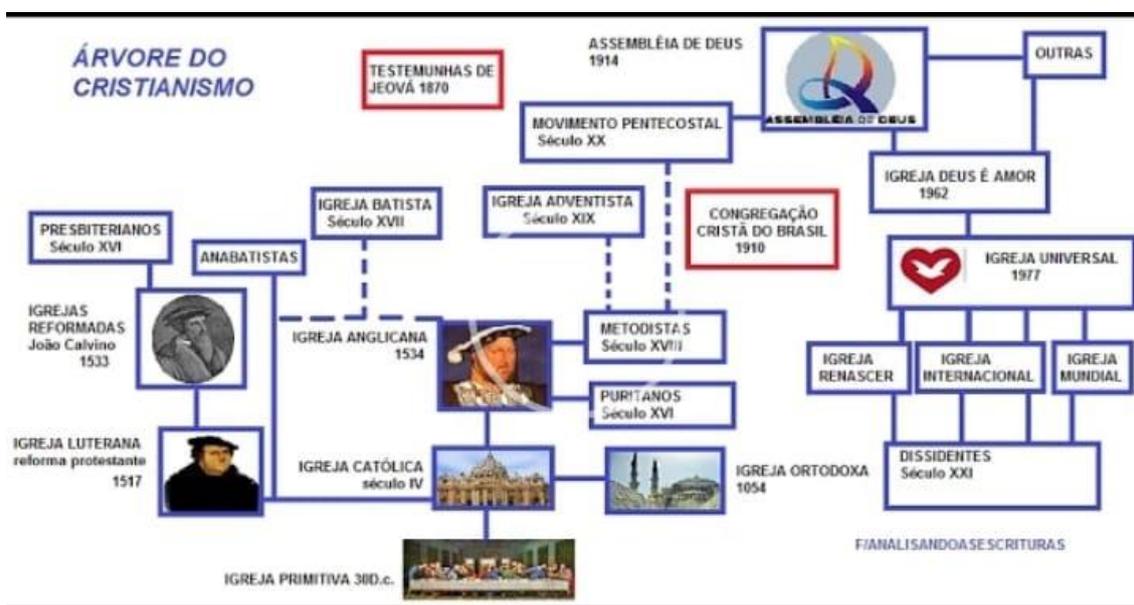
“O problema é que as pessoas não foram treinadas para viver a Palavra. Elas foram treinadas para frequentar igrejas!” - Esta é uma frase de autoria desconhecida que considero bastante relevante para iniciar este assunto.

A expressão “*não deixe de congrega*” da carta aos *Hebreus*, capítulo 10, versículo 25 é, sem dúvida, a mais utilizada por líderes religiosos para intimidarem aqueles que manifestam o desejo de saírem das instituições sob suas lideranças: seja no sentido de abandonar literalmente a prática religiosa (desviado), abandonar a instituição para congrega na vida ou fora de denominações (desigrejado) ou até mesmo quando a pessoa pensa em deixar a instituição no intuito de migrar para outra. Em ambos os casos, a maioria dos líderes não se simpatiza com a vontade do membro e acaba intimidando-o utilizando o referido texto. Sim, o intuito é esse mesmo: intimidar! Mas é óbvio que nunca vão assumir isto, geralmente fazem tal afirmação dizendo se tratar de uma recomendação bíblica. Com base em *Hebreus 10.25*, claro, totalmente fora de contexto, asseveram que uma pessoa não pode deixar de frequentar o templo e nem sair da instituição a qual faz parte e migrar para outra, ou seja, deve ficar até o fim onde ele “se converteu”, pois, segundo eles, Deus não apóia que alguém mude de instituição, que no entendimento deles é a igreja.

Não faz o menor sentido atribuir a passagem em questão para justificar que uma pessoa não pode deixar a primeira instituição onde se filiou. Pior ainda é afirmar isso dizendo se tratar de uma orientação divina. Se realmente fosse assim, basta uma análise com mais calma e vamos chegar à conclusão de que todos deveriam ser católicos. Isso mesmo, pois, institucionalmente falando, a *igreja católica* foi a primeira igreja da religião cristã. Ocorreu no século IV, quando Constantino oficializou o *cristianismo* como religião oficial. Entretanto, em 1.517, o monge Martinho Lutero, depois de discordar de muitos pontos da doutrina da igreja católica, se revoltou e mostrou sua indignação por meio das *95 teses* que fixou na porta do Castelo de Witenberg, na Alemanha. Foi nesse momento que começou o movimento de renovação cristã, a chamada *Revolta Protestante*. Por meio do movimento de reforma protestante surgiu a *Igreja Luterana*. A partir desta, surgiram os *anabatistas*, que deram origem às instituições Batistas e a *igreja presbiteriana*, que seguia as ideias do reformador João Calvino. Foi também de grupos descontentes da igreja católica que foi criada a *igreja ortodoxa*. Em 1.534 foi fundada a *igreja anglicana*, e desta, surgiu a *igreja metodista* no século XVIII. Integrantes da igreja metodista, descontentes com questões litúrgicas da instituição cooperaram para o nascimento da igreja *Assembleia de Deus* em 1.911. A partir da *Assembleia*, surgem então inúmeras instituições pentecostais, das quais, posteriormente, brotariam as *igrejas neopentecostais*.

O que fica claro para nós é que, o líder religioso que critica um membro que quer deixar a instituição deveria ter, no mínimo, um pouco de bom senso e saber que a instituição sob sua liderança nasceu a partir da visão de algum homem que em algum momento da história

discordou de seu superior e assim resolveu fundar uma nova instituição, pois, todas as instituições religiosas nasceram dessa forma: a partir do posicionamento de alguém que saiu de uma instituição e resolveu fundar outra. É por isso que volto a relatar: não faz sentido dizer isso ao membro, é muita incoerência e contradição! A verdade é que o sujeito fica onde quiser e sai a hora que bem entender. Esse tipo de coisa é totalmente irrelevante para Deus, mas, boa parte dos líderes gosta de meter Deus e a bíblia em tudo, até em questões como esta, quando na verdade, a revolta ocorre mais por causa da possibilidade de perder um contribuinte! Assim, apelam para *hebreus 10.25*. Creio estar claro para o leitor que o apóstolo escritor aos hebreus *não estava se referindo a instituição*.



A passagem de *Hebreus 10.25* ainda é usada também para justificar a questão da tal *cobertura espiritual*, outra tolice inventada pelo sistema religioso que plagiou o *modelo judaico*, distorcendo totalmente o cristianismo puro, segundo as Escrituras. Mas vamos compreender qual o real sentido da passagem de *Hebreus 10.25*. Vejamos o texto: “Porque tendo **a lei** a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam. Então disse: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade. **Tira o primeiro, para estabelecer o segundo**. Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez. Esta é a aliança que farei com eles Depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis em seus corações, E as escreverei em seus entendimentos; acrescenta: **Cheguemo-nos com verdadeiro coração**, em inteira certeza de fé, tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa, **Retenhamos firmes a**

confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu. E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, **Não deixando a nossa congregação**, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes **que se vai aproximando aquele dia**. (Hebreus 10.1, 9, 10, 16, 22 ao 25).”

Por meio das partes que destaquei, acredito que o leitor pode observar que o contexto nos mostra que o assunto em questão é o fim do sistema judaico. O escritor aos hebreus deixa claro aos seus destinatários que, em Cristo há uma melhor, suficiente e perfeita aliança. A recomendação aos destinatários da epístola é que *deixassem se apegar aos costumes e tradições da lei mosaica*, já que estavam na condição de *novas criaturas*. É nesse sentido que a eles é dito para não deixarem a congregação, ou seja, *a nova aliança em Jesus*, a confissão da esperança, a fé que haviam abraçado.

Mas, vamos a algumas análises mais aprofundadas de entendidos no assunto acerca da interpretação correta para esse texto, começando pelo irmão César Francisco Raymundo que diz: “A questão não é deixar ou não de congregar e sim: o que é congregar?”. A palavra “congregar-nos” no grego do Novo Testamento é ‘episinagoge’ e tem o significado de “sinagoga de cima”, “o mais alto encontro”, “a mais alta reunião”. Portanto, o escritor aos Hebreus não está falando de pessoas que deixam de frequentar reuniões religiosas, mas da apostasia, que é o abandono da Fé. O livro de Hebreus do começo ao fim trata da apostasia **dos primeiros cristãos** hebreus. Por consequência, apostatar da Fé é deixar de participar da verdadeira igreja de Cristo.”

Também, de acordo o blogueiro Airton Júnior: “Não consigo ver na fala de Jesus a intenção de formalizar um lugar aonde pessoas pudessem sempre estar se reunindo e limitando toda sua vida religiosa a esse lugar, não consigo nem ver um credo a ser aprendido a não ser o amor. A congregação de Jesus não tinha paredes, nem bancos, nem credos, ela acontecia enquanto ele caminhava pela Palestina. Umás vezes no mar da Galiléia, outras vezes a caminho de Cafarnaum, outras no caminho de Cesárea de Felipe, outras vezes no templo, outras nas sinagogas, enfim, congregar pra Jesus não é ajuntamento quantitativo e sim relação pessoal no caminho. É certo que ele parava, pregava, curava, mas sempre sem fazer do lugar um “tabernáculo de fé”. Ele mesmo disse: “O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. A congregação de Jesus acontece enquanto vivemos, trabalhamos, brincamos, pecamos, é na vida. Teria outros exemplos para citar como o da mulher samaritana doida pra que Jesus dissesse aonde era o “lugar da benção”, Pedro no monte da transfiguração querendo fazer a “tenda da revelação”, enfim, a moçada tava sempre querendo que ele

fincasse o pau da institucionalização, mas Ele foi um peregrino, estava de passagem como nós também estamos, mas nós sempre queremos ter um lugar e Ele não!”

A filiação institucional, dentre vários problemas, coloca a “teologia” denominacional acima da própria Escritura: não estou generalizando, mas, muitos líderes e teólogos defendem de forma veemente a doutrina de sua instituição acima da própria Palavra por causa da fidelidade que se deve ter à denominação. Por exemplo: um adventista defende a guarda do sábado porque sua denominação a defende, assim como um pentecostal defende o dom de línguas como evidência de batismo no Espírito Santo, um presbiteriano defende o calvinismo e um metodista defende o livre arbítrio, porém, nossa filiação deve ser com a *teologia bíblica* somente, uma teologia amparada na *doutrina de Cristo e dos apóstolos*.

Como tenho dito ao longo deste ebook, não há problema no ajuntamento, o mesmo é extremamente importante para a comunidade cristã. O erro, e grave, neste caso da má interpretação de *Hebreus 10.25* é o *templocentrismo*, ou seja, fazer do local de reunião algo sagrado, utilizando a expressão “não deixe de congregar” para dizer que tal local tem de ser frequentado constantemente, porque é lá que está a “cobertura espiritual”, que lá é a *casa do Senhor*, que precisamos de um pastor que ministra a Palavra de Deus, que lá é onde se toma a ceia, lá é onde se entrega o *dízimo*, lá é onde os eventos são realizados e, assim por diante, *fazendo do templo o medidor espiritual do crente de modo que não frequentando-o, a pessoa entra em frieza espiritual e coloca a salvação em risco*. Pensar dessa forma é pensar pequeno, “não deixar de congregar” trata-se de algo muito mais grandioso, trata-se de um plano mais alto, é estar presente nos lugares elevados do Espírito e na mais elevada Verdade. Refere-se a uma reunião no Espírito (*leia Efésios 2:6*).

É preciso compreender que a intenção do escritor aos hebreus foi *alertar os primeiros cristãos sobre o perigo de voltar às práticas da lei*. Muitos estavam se embaraçando, voltando a praticar os costumes e tradições; fazendo assim estavam deixando a congregação, ou seja, deixando de andar conforme a *doutrina de Cristo e dos apóstolos*, deixando de praticar o amor e a graça, deixando de viver de acordo a *nova aliança*.

Outra colocação importante do irmão César Francisco Raymundo a respeito de congregar é a seguinte: *“Congregar é buscar viver a realidade do reino na terra entre os homens, simples assim. Portanto, eu nunca deixei a congregação de cima e nunca a deixarei, deixei a da terra, a da placa, a visível, a que tem forma. A congregação que faço parte só Jesus sabe onde fica, ela não tem lugar fixo, ela está onde estiver dois ou três. Os cristãos evangélicos de tanto tentarem se diferenciar da Igreja Católica Romana, acabaram por copiar na pratica muitas de suas ideias. Uma delas é um axioma católico antigo que diz “extra*

Ecclesiam nulla salus – fora da Igreja não há salvação. Mesmo que indiretamente é justamente isto o que muitos evangélicos pregam. Se o convite de vir para Cristo é vir para a igreja, ou estar em Cristo é estar afiliado a uma denominação evangélica, temos assim a mesma ideia de que “fora da Igreja não há salvação”. O problema aqui em questão é que a igreja-templo institucional é confundida com a Igreja de Cristo. Temos o templo chamado de “igreja” que é composto das pessoas que se reúnem em Nome do Senhor, mas, a instituição, com alvará, CNPJ etc., não é a igreja de Cristo. Alguém dirá: Por que tanta relutância para não querer estar em uma denominação evangélica? Também respondo com outra pergunta: Por que tanta relutância em não querer permitir que as pessoas estejam fora de uma denominação evangélica?”

Portanto, quando você ouvir algum líder religioso dizendo: “não deixe a nossa congregação, como é costume de alguns”, fique atento e observe se ele não está falando apenas mais uma dentre muitas bobagens dessas que são ditas por aí que tem como objetivo apenas manter a pessoa “presa” à instituição. Infelizmente, são pouquíssimos os que interpretam esse texto corretamente, pouquíssimos!

7. JUGO DESIGUAL

Outra passagem bíblica extremamente problematizada é a de *2ª Coríntios, capítulo 6*, que fala a respeito do *jugo desigual*.

De acordo alguns líderes, não se prender a um jugo desigual com os infiéis é não possuir um laço de amizade com quem não é membro da instituição religiosa, ter relacionamento ou casar com alguém que não pertence à instituição. Segundo eles, fazendo assim, o crente estará desagradando a Deus, já que estará se envolvendo com uma pessoa “impura” e “ímpia”. Mas, é isso mesmo que o apóstolo Paulo quis dizer? Vejamos o texto: “*Não vos prendais a um jugo desigual com os INFIÉIS; porque, que sociedade tem a justiça com a INJUSTIÇA? E que comunhão tem a luz com as TREVAS? E que concórdia há entre Cristo e BELIAL? Ou que parte tem o fiel com o INFIEL? E que consenso tem o templo de Deus com os ÍDOLOS? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Por isso saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei; e eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, Diz o Senhor Todo-Poderoso.*” (2ª Coríntios 6:14-18).

O texto é claro em mostrar que o assunto tratado é o *contraste* que há *entre um salvo e um perdido*, não tem nada a ver com amizade ou união de uma pessoa que faz parte de instituição religiosa com outra que não faz. Este texto fala da *impossibilidade de associação da*

luz com as trevas, do crente com o ímpio. É um erro forçar a utilização de uma passagem para criar uma doutrina.

Para construir um relacionamento com alguém, o que um cristão deve observar atentamente é se a pessoa a qual ele tem interesse é alguém convertido a Cristo, de bom comportamento, de boas preferências, se honra os pais, dada ao respeito, se ama os irmãos, entre outras características dessa natureza. É evidente que deve ficar bastante atento às aparências, no entanto, como já foi dito, esse é um assunto que vai muito além de fazer parte ou não de uma denominação religiosa. O problema é que os crentes se prendem demais à questão do “local sagrado”, tudo gira em torno disso.

8. DEIXAI OS MORTOS ENTERRAR OS MORTOS

Essa passagem de *Lucas, capítulo 9, versículos 59 e 60*, é frequentemente usada por alguns religiosos no sentido de que não devemos deixar os compromissos relacionados à pregação do evangelho para participar de um velório ou reservar tempo para dar apoio a quem perdeu um ente querido. Por mais tenebroso que possa parecer, é assim mesmo que muitos interpretam.

Para compreendermos a resposta que o Senhor Jesus dá ao homem que queria sepultar o próprio pai antes de segui-LO, é preciso ler o *contexto*; neste, vamos perceber que aparecem três tipos de pessoas se candidatando a serem discípulos de Jesus: o auto-confiante, cujo coração o Senhor sabe que está preocupado com o conforto material; o dedicado às tarefas e responsabilidades lícitas, porém, que coloca o Senhor em segundo plano, e aquele cuja senda da fé acaba sendo comprometida pelos laços familiares e por sua preocupação em não desapontar parentes e amigos.

No caso do homem ao qual Cristo deu a resposta de que deveria deixar os mortos enterrar os seus mortos e ir anunciar o reino de Deus, *Jesus está apenas mostrando que ele tinha algo para resolver antes*: o sepultamento do próprio pai. A resposta dá uma clara indicação de suas prioridades. Seguir a Jesus era a segunda coisa em sua vida. Devemos ter em mente que *Jesus deve ser a prioridade*, se de fato somos cristãos como professamos. Esta é a lição.

Portanto, pregue o evangelho e faça a obra de Cristo com fervor, mas, quando algum conhecido seu falecer, deixe tudo e vá ao velório, aliás, vá, apóie e fique por ali o máximo que puder, pois, esta é uma grande demonstração de amor, respeito e solidariedade ao seu próximo.

9. NÃO DÊ LEGALIDADE AO DIABO

A questão da *legalidade ao diabo* é outro assunto bastante difundido por muitos pregadores neopentecostais. Asseguram que os resultados de nossas falhas e pecados dão aval ao diabo para agir em nossas vidas. A *legalidade espiritual* é outro mecanismo oriundo do movimento de *batalha espiritual*. É evidente que a bíblia nos orienta a resistirmos ao diabo, porém, isso não significa que se pecarmos o inimigo terá campo para embaraçar nossas vidas.

Existem alguns questionamentos: *como explicar casos de possessão demoníaca? Por que algumas pessoas que se dizem cristãs sofrem demais, é por causa do pecado?* A verdade é que, tudo que acontece, seja bom ou ruim, é porque *Deus permite*.

Satanás não necessita de legalidade para agir sobre a vida de alguém, ele necessita da permissão de Deus, o que é bem diferente. Algumas pessoas chegam ao ridículo de dizer que determinados objetos podem atrair a presença de demônios para seus lares e conceder legalidade ao inimigo. Não estou aqui negando a existência de coisas consagradas ao diabo, porém, *nada pode atingir aquele que é vencedor, que nasceu de novo* e, não são atitudes legalistas como queimar ou quebrar coisas em casa por achar que são consagradas ao diabo que vai resolver a questão.

Fato é que o diabo não tem poder algum sobre nós quando pecamos e, essa suposta legalidade não lhe dá o direito de agir em nossa vida. *O diabo não é um ser autônomo*, assim como nenhum ser humano é autônomo. Todos — anjos, demônios e humanos — são criaturas de Deus. *O diabo não pode se apropriar daquilo que não lhe pertence*. A vida dos crentes (e dos descrentes) pertence a Deus; Ele é o Senhor e só Ele pode dispor da nossa vida como lhe aprouver.

Essa “legalidade”, segundo aqueles que defendem esse ensino, está baseada no *livre arbítrio* que, diferentemente do que se ensina no meio neopentecostal, o homem não tem. O homem é um agente livre, *mas não tem livre arbítrio*, pois, livre arbítrio significa: “capacidade de tomar decisões livremente” — e isso o homem não tem mais (Adão teve e usou mal). A nossa inclinação é para o pecado, ou seja, somos livres para pecar; não somos livres para *não* pecar, pois, não temos mais essa capacidade do homem original.

Adão e Jesus eram livres para pecar e para não pecar, ou seja, tinham livre arbítrio, capacidade de tomar decisões livremente. Adão usou o livre arbítrio para mergulhar seus descendentes no pecado e na condenação; Jesus o usou para resgatar os eleitos de Deus, os quais, quando receberem o corpo glorioso, após a ressurreição, terão de volta a liberdade e a capacidade de não pecar, pois o pecado terá sido erradicado.

Muitos usam textos como *Isaías 59.2*, por exemplo, para justificar essa suposta legalidade, mas isso é fazer uma hermenêutica totalmente dissociada da verdade bíblica. O texto citado diz: *“As suas iniquidades fazem divisão entre vocês e o seu Deus, e os seus pecados encobrem o rosto dele de vocês, para que ele não os ouça”*. Aqui não tem nada a ver com o diabo, mas com a condição pecaminosa do ser humano. Para nós, salvos, o que a Bíblia diz é: *“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito”* (*Romanos 8.1*). Embora ainda pequemos, nós não andamos mais segundo a carne; o pecado agora é acidental, não intencional; por isso não há condenação para nós. Se o diabo pudesse fazer alguma coisa contra nós, isso seria uma espécie de condenação, seria uma consequência do nosso pecado e anularia a obra expiatória de Cristo.

O nosso acerto de contas é com Deus, de quem virão as possíveis consequências da nossa desobediência. Outro texto usado é *1ª Pedro 5.8*: *“Sejam sóbrios, vigiem. O adversário de vocês, o Diabo, anda em derredor, rugindo como leão, procurando a quem possa devorar”*. Ele não é um leão; ele apenas imita um leão a rugir, tentando intimidar. Mas, o versículo seguinte diz claramente: *“... ao qual resistam firmes na fé”*. Ou seja, podemos e devemos resistir-lhe, e ele fugirá!

Quando a nossa deficiência nos leva ao pecado, somos confortados pela Palavra de Deus, que diz: *“Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Se, porém, alguém pecar, temos um Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo. Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo”* (*1ª João 2.1-2*).

10. O OBREIRO É DIGNO DE SEU SALÁRIO

Muito bem. Vamos tratar agora de mais um caso de passagem sem contexto que é utilizada de forma isolada pelos religiosos para justificarem algo que está, na verdade, mais para interesses próprios do que qualquer outra coisa.

O texto em questão se refere ao que o apóstolo Paulo escreveu ao irmão Timóteo: *“Porque diz a Escritura: Não ligarás a boca ao boi que debulha. E: Digno é o obreiro do seu salário.”* (*1ª Timóteo 5:18*). O referido versículo geralmente é utilizado para afirmar que um líder religioso deve ser assalariado e que pregadores itinerantes e missionários devem, do mesmo modo, receber dinheiro (ou oferta, como chamam) pelo fato de realizarem a obra de Deus. Mas, será que é isso mesmo que o texto quer dizer? Aqueles que possuem *títulos* e *cargos* eclesiásticos devem receber valores pelos serviços prestados à comunidade cristã? Vamos à

análise: em primeiro lugar, precisamos entender que o contexto do capítulo em questão (*capítulo 5*) da carta que Paulo escreveu ao jovem Timóteo se trata de uma série de conselhos cujo objetivo do apóstolo era *mostrar* ao jovem estudioso das Escrituras *como deveria ser o comportamento da pessoa nascida de novo*.

Paulo estava instruindo Timóteo a como agir para com o seu próximo por meio do amor, respeito, compaixão, vigilância e dedicação à obra do evangelho e, dentro desta temática, Paulo falou a respeito da *necessidade de honrar aquele que faz a obra de Cristo*. Assim, no caso específico do verso 18, o assunto é *honrar aquele que divulga as boas novas*. Todavia, isso não significa dizer que essa honra e retribuição seja, necessariamente, dinheiro, não significa também que o texto se refere àquelas pessoas que possuem algum cargo eclesiástico, de forma nenhuma. De igual modo, também não está insinuando que o sujeito detentor de cargo ou título eclesiástico deve, por causa disso, usar sua posição fazendo dela uma profissão para receber honorários por conta de seus serviços prestados.

Observe que o apóstolo Paulo faz menção de um texto que se encontra no antigo testamento, no livro de *Deuteronômio, capítulo 25*, sobre o fato de não ligar a boca do boi que debulha. A ideia no texto de Deuteronômio é enfatizar que *o boi precisa de sustento para realizar o trabalho, por isso, a alimentação deve ser permitida na medida em que trabalhe*. Esse mesmo *princípio* foi usado pelo apóstolo para ensinar que *o servo de Cristo, anunciador das boas novas do evangelho tem o direito de esperar a compensação daqueles que se beneficiam do seu ministério, direta ou indiretamente*. É claro que isso consiste em ser apoiado por ofertas do povo de Deus, mas, o que temos visto no “evangelho” atual é completamente ultrajante e nunca deve ser tolerado por aqueles que reivindicam o nome de Jesus Cristo.

Outra pergunta que poderia ser feita é: a que obreiro Paulo se refere? Em relação à obra de Deus que Jesus veio realizar, Ele mesmo certa vez declarou: *"E dizia-lhes: Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara."* (*Lucas 10.2*). Jesus assim falou por causa da grande necessidade de se ter homens capacitados e vocacionados para darem continuidade à grande obra que Ele mesmo iniciou. Em seu ministério terreno, Jesus precisou de colaboradores. Quando iniciou seu ministério, precisou passar uma noite inteira em oração para poder escolher aqueles que iriam lhe auxiliar (*Lucas 6: 12 ao 16*). Tal atitude do Mestre nos mostra que não é fácil encontrar homens com total dedicação e desprendimento para a obra, por isso, pediu que orássemos para Deus enviar obreiros à Sua seara, entretanto, contrariando essa lógica, nunca na história da igreja existiram tantos obreiros como na atualidade. Diferente dos tempos de Jesus e da igreja do primeiro século, a coisa mais fácil nos dias de hoje é encontrar em

qualquer lugar alguém que ostenta um título eclesiástico como: padre, pastor, apóstolo e bispo. Até “pastoras” “apóstolas” e “bispas” já se pode encontrar por aí.

Desde que aconteceu a institucionalização da igreja por parte de Roma no século III, a igreja do Senhor como corpo orgânico, formado de pedras vivas que é o verdadeiro templo e morada do Espírito Santo, perdeu o seu devido valor e assim foi esquecido o motivo pelo qual Jesus a estabeleceu neste mundo que é viver uma vida de santificação, ganhar almas e prepará-las para o reino dos céus. *Roma não apenas institucionalizou a igreja, como também criou as diretrizes para que ela fosse regida e dominada por homens.*

Ao institucionalizar a igreja, Roma estabeleceu o sistema clerical copiando o modelo do sistema sacerdotal levita do antigo concerto, onde Arão era o sumo-sacerdote, sendo auxiliado pelos filhos e os demais levitas. Como o modelo de hierarquia foi copiado do sistema levítico, Roma também estabeleceu seus ministros e, para sustentá-los, criou o sistema de manutenção de obreiros conforme era no antigo concerto – em dízimos e ofertas.

É bom ressaltar que no sistema levítico os dízimos (sobre os quais falarei no próximo capítulo) eram em mantimentos e as ofertas em animais; e em casos específicos, dinheiro para a manutenção do templo de Jerusalém que na época era a casa do Senhor. Porém, Roma, estabelecendo suas próprias regras, converteu tudo para dinheiro na época da nova aliança (tanto os dízimos como as ofertas). Ao longo dos séculos, esse modelo foi mantido e, após a reforma protestante no século XV, continuou sendo praticado e defendido pelas igrejas protestantes e evangélicas.

Em relação aos ministros, mudaram-se apenas os títulos ou as nomenclaturas dos obreiros, mas, *conservou-se o mesmo sistema e ordem hierárquica como Roma criou*, assim como a manutenção dos mesmos. Depois da reforma, essa institucionalização abriu espaço para que novas igrejas fossem criadas de acordo com a conveniência e o desejo das pessoas (*2ª Timóteo 4:3*).

Aos irmãos de Corinto, cidade da Grécia Antiga, Paulo demonstrou preocupação com a possível divisão da igreja como corpo de Cristo. *"Está Cristo dividido? foi Paulo crucificado por vós? ou fostes vós batizados em nome de Paulo?" (1ª Coríntios 1.13)*. Mas o que o apóstolo tanto temia, Roma conseguiu fazer e hoje, quase que todo dia nasce uma nova igreja com sua nomenclatura e doutrina peculiar. Cada uma com seu regimento interno, regras e estatutos específicos. Porém, o mais controverso de tudo isto é que todas reivindicam para si o título de ser a “igreja do Senhor”, ainda que, muitas delas sejam exclusivistas não permitindo que seus membros tenham qualquer tipo de comunhão com membros de outras. Quando ganham um adepto, batizam-no para o tornarem membro e mantenedor daquela instituição.

A institucionalização da igreja também resgatou o modelo de congregar-se em um templo *como foi praticado no antigo concerto*. Templos esses que também são chamados de “casas de Deus”, ignorando o que está escrito: que *Deus não habita mais em templos feitos pelas mãos dos homens (Atos 7:48; 17:24)*. Assim, tal doutrina exige que sejam separados homens para oficiarem nestas “casas de Deus”. Alguns fundadores de igrejas institucionais se auto intitulam *pastores, apóstolos, bispos*, entre outros, enquanto outras mais “organizadas” criaram suas convenções particulares, elegendo seus presidentes e dando autonomia a estes para escolher e separar seus obreiros.

Com toda essa confusão formada, muitos obreiros separados (por homens) se acham no direito de abandonar seus empregos para viverem “exclusivamente da obra” *como eram os levitas da antiga aliança*. E esse ‘viver da obra’ significa que a igreja tem a obrigação de pagar por seus honorários de obreiro.

Para resumir e concluir a questão referente à fala do apóstolo Paulo: uma assembléia deve reconhecer aqueles que foram chamados para a obra do Senhor e que deixaram oportunidades de ganho para se dedicarem a isso, todavia, *não se trata de um emprego, e sim, um reconhecimento*. O sentido aí é tanto de serem duplamente honrados como duplamente recompensados, em especial os que trabalham na obra do Senhor, pois, a continuação fala de sustento material. *Não tem nada a ver com salário de pastor ou oferta para pregador como vemos nas denominações*. Nas coisas de Deus não há empregados, mas, pessoas que servem e dependem dEle.

11. RESTITUIÇÃO / QUERO O QUE É MEU / SETE VEZES MAIS...

“Res-ti-tui, eu quero de volta o que é meu, sara-me...” Quem não conhece esse trecho de uma certa música que é entoada, sem dúvida, em quase todas as igrejas evangélicas do Brasil? Esse “louvor” é altamente herético, desprovido da mensagem do evangelho e, totalmente alinhado à filosofia humanista. O termo “restitui” já é o suficiente para nos mostrar que a mensagem central desta música é o próprio homem, ou seja, um louvor antropocêntrico. A ideia da expressão *restitui* utilizada nessa canção é mais que uma busca ou um pedido, é uma ordem. Como já disse em capítulos anteriores, é possível perceber o quanto esta filosofia maligna (o evangelho humanista) está ‘encharcada’ hoje em dia na música considerada cristã. O referido louvor, por ser uma melodia lenta, pode ser confundido com cântico de adoração, mas, perceba que *em nenhum momento a música adora a Deus*. Esta é uma das características da música com mensagem humanista: ela é disfarçada de adoração, mas na

verdade, é *antropocêntrica*, isto é, o ser humano é o centro das atenções e Deus apenas um mero coadjuvante para realizar suas vontades.

Citei essa música apenas para introduzir o tema em pauta: *a restituição*. Não há amparo bíblico para se dizer que Deus repõe aos seus servos um bem que foi perdido ou, que Ele tenha alguma obrigação de restaurar a saúde, situação financeira ou qualquer outra coisa do tipo a quem quer que seja. Deus faz o que quer em favor de quem quiser e quando quiser. É evidente que a oração de um justo é poderosa, mas, isso não significa que tal pessoa sempre será atendida em seus pedidos. Quando se diz que a oração é poderosa é no sentido de que ela visa a glorificação de Deus, não o merecimento de quem ora. Trocando em miúdos, se eu oro a Deus pedindo-lhe um carro novo e uma cura para alguém de minha família, não significa que Ele me atenderá pelo simples fato de que eu seja um crente.

Outro ponto que precisa ficar bem claro sobre essa questão da *restituição* é que *pedir* e *reivindicar* são coisas completamente diferentes. *Reivindicar, determinar* e “*chamar à existência*” são mecanismos da heresia chamada *batalha espiritual* e não encontram amparo nas Escrituras. Também não se pode dizer que, tudo que um servo de Deus perde é por causa do diabo. Há sim uma obra de restituição da parte de Cristo para conosco, porém, ela já aconteceu, foi na cruz do calvário! Estávamos destituídos da glória de Deus e Ele, por meio de Sua morte e ressurreição, nos deu a oportunidade de sermos alcançados por Sua graça. (Leia *Romanos 3.23,24*).

Neste mundo estamos sujeitos a tudo de bom e ruim, mesmo sendo justos. Portanto, é necessário que os filhos de Deus amadureçam e parem com essa bobagem de ficar ‘*encostando Deus no canto da parede*’ reivindicando isso ou aquilo, ordenando a Ele que restitua coisas que foram perdidas ou ainda, acreditando que serão recompensados sete vezes mais em relação àquilo que perderam, pelo simples fato de serem crentes, como se a obra da cruz tivesse esse propósito, quando na verdade, tal propósito é outro completamente diferente. (Leia *João 3.16 / 2ª Coríntios 5.15 / Gálatas 2.19,20 / Romanos 5.10 / 1ª Pedro 3.18*).

Cresçamos e amadureçamos!

12. VAMOS MARCHAR PARA JESUS

Há um evento cristão evangélico realizado em muitos lugares do Brasil desde o ano de 1993, chamado *Marcha para Jesus*. Seus idealizadores são os líderes e fundadores da *Igreja Renascer em Cristo*.

Um dos objetivos do evento é o fato de ver no mesmo uma forma interessante de divulgar o evangelho de Cristo: os evangélicos se reúnem e saem pelas ruas da cidade

entregando panfletos, fazendo orações, expondo mensagens reflexivas e encerrando a caminhada em um local, geralmente, uma praça pública ou quadra esportiva, onde ocorre a pregação da Palavra. Nas grandes metrópoles acontece de maneira um pouco diferente: os evangélicos lotam as avenidas e acompanham os *artistas gospel* que, geralmente se apresentam em trios elétricos.

De início, o leitor pode estar fazendo o seguinte questionamento: *há algum problema nisso? Não é uma boa estratégia para anunciar o evangelho?* Pois é, há problemas e, não são poucos. Vou te mostrar agora. O estudo das Escrituras nos traz o conhecimento e, o conhecimento nos liberta dos erros.

Durante mais de uma década fui um dos organizadores do evento *Marcha para Jesus* em minha cidade, tenho um pouco de propriedade para discorrer sobre o assunto. Nesse período, acreditei que estava fazendo algo produtivo e cooperando com o reino de nosso Senhor e Salvador, embora, não nego que possa ter havido alguns pontos positivos em todo o esforço que depus ao lado de alguns amigos na realização dessas atividades. Quero ressaltar que eu fazia tudo com muito empenho e dedicação, acreditando, como já disse, estar fazendo a obra, mas, quando a ignorância vai embora e adquirimos conhecimento, uma posição precisa ser tomada e, foi exatamente o que fiz. Assim, embasado pelas Escrituras, percebi que a *marcha para Jesus* nada mais é que mais uma, dentre tantas práticas sem sentido que ocorrem no *meio gospel*, que imita os costumes do *judaísmo*, tendo sua origem proveniente do movimento de *Confissão Positiva*.

Que fique bem claro que não sou contra o evangelismo de rua, sou contrário *ao evento da marcha*. Não vou entrar em detalhes acerca da questão histórica do evento, recomendo ao amigo leitor que busque informações a respeito do assunto. O *google* é uma grande ferramenta. Você saberá com mais detalhes sobre como surgiu, o propósito e pano de fundo da *marcha para Jesus*, evento nascido nos EUA e implantado no Brasil pelo casal Estevam e Sonia Hernandes, bispos da *Igreja Renascer*, contudo, vou abordar algumas questões para o leitor: a *marcha para Jesus* é oriunda do movimento de *batalha espiritual*, que, por sua vez, está atrelado à *Confissão Positiva*; aquele movimento que ensina, erradamente, à pessoa *reivindicar, tomar posse, determinar, profetizar*, entre outras heresias.

As *marchas vetero-testamentárias*, que são usadas por alguns para justificar a realização de *marchas para Jesus*, eram, na verdade, marchas de guerra ou para conquistas de territórios. *Não há recomendação na doutrina de Cristo e dos apóstolos para que a igreja realize marchas*. O ato de marchar está diretamente ligado com a ideia de *protestar, lutar por*

algo e reivindicar. Tudo isso é desnecessário em se tratando da igreja. A igreja é estranha e peregrina neste mundo, não faz sentido ela reivindicar território, protestar ou fazer propaganda.

Outro ponto que, particularmente, vejo como impróprio para a igreja e que também está atrelado ao evento *Marcha para Jesus* é o fator *aliança com o sistema*. Geralmente, para realização de eventos como a *marcha, shows gospel e Dia do Evangélico*, os líderes de instituições religiosas fazem acordos com os poderes governamentais, o que apenas evidencia muito mais ganho de notoriedade e visibilidade do que, propriamente, a divulgação do evangelho. A grande maioria dos governos existentes no Brasil, seja estadual ou municipal, é composta por homens corruptos que não cooperam para o desenvolvimento dos territórios sob suas lideranças e não se importam de forma alguma com o povo, apenas usa-o como massa de manobra, mediante o poder econômico, para terem a eleição garantida. É o popular *voto de cabresto*, método muito eficiente nas eleições municipais e estaduais deste país. Tais governos constroem seus impérios à custa do dinheiro público enquanto o povo padece sem saúde, educação e segurança. Não há como alguém que diz ser do corpo de Cristo subir em um palco para elogiar e “rasgar seda” para esses governantes, é algo incompatível, todavia, é o que mais presenciamos em eventos religiosos, como a *marcha*, em qualquer lugar onde ela é realizada.

Nas marchas “para Jesus” também é possível vermos os líderes fazendo longas orações em praças públicas pelas autoridades e pelo local. As Sagradas Escrituras recomendam que oremos pelas autoridades, entretanto, não diz que a oração precisa ser na presença das autoridades e em praça pública. Levantar a voz em praça pública amparado por um bom aparelho de som é tudo que um religioso precisa para exibir sua oratória no intuito de agradar a massa. Pelo menos em meu ponto de vista, esse tipo de atitude está mais para *farisaísmo* do que para objetivo de divulgar as boas novas, até porque, em noventa e nove por cento de situações como estas (eventos religiosos bancados pelo sistema), aqueles que usam do microfone fazem de tudo: elogiam políticos, fazem propaganda para os mesmos, pregam autoajuda e mensagens motivacionais, entre outras coisas do tipo; falar da cruz e confrontar os políticos e o público à necessidade de arrependimento é coisa rara.

Duas perguntas: *por que não vemos em eventos religiosos patrocinados pelo poder público os líderes religiosos advertirem os homens do sistema por seus crimes de corrupção como nosso Senhor fazia? / Será que esses líderes religiosos que gostam de orar por autoridades (prefeitos, vereadores e governadores) nestas marchas oram por elas em seus aposentos onde ninguém os vê?* Apresentações em praça pública é uma forma de se aparecer, ganhar notoriedade e destaque, mostrar que tem talento, retórica e que é um “grande homem

de Deus”, como se diz atualmente. Leia os textos de *Marcos 12. 35 ao 40 / Mateus 6.2 e Mateus 23. 5 ao 10*, por exemplo, e analise.

Há uma análise do irmão Mário Persona que considero interessante a respeito da *Marcha para Jesus*: “E o cristão, vai marchar para quê? Para mostrar poder no mundo, cujo príncipe é Satanás e onde sua luta não é contra carne e sangue? Para mostrar que é influente numa sociedade que certamente rejeitaria o Messias novamente? Para protestar contra perseguições ou reivindicar direitos em um lugar onde ele é estrangeiro? Isso faria tanto sentido quanto um brasileiro querer reivindicar direitos no Afeganistão. A idéia de reunir muita gente para causar impacto ou influência pode funcionar em outras áreas, mas que resultado tem nas coisas de Deus? Muito bem, vamos imaginar que uma marcha dessas realmente impressione as pessoas e as autoridades e todos venham a achar que o cristianismo é uma coisa para ser levada a sério. Aí, temos um problema, porque o Senhor mesmo disse aos discípulos (aqueles que estabeleceram os alicerces da igreja) que no mundo iriam sofrer perseguições. Teria o Senhor se enganado ou se esquecido de contar que haveria um dia quando os cristãos ganhariam tapinhas nas costas por causa de sua fé? Se o mundo, como uma instituição, aceitar o cristianismo, é porque há algo de muito errado com o evangelho que esse cristianismo está pregando ou com o próprio mundo. Sim, porque como alguém (ou o sistema) vai gostar de algo que prega que o homem é pecador, que há uma condenação esperando por ele, que precisa crer nAquele que o próprio mundo rejeitou? Por essas e outras é que entendo não haver sentido em se realizar marcha para Jesus. Não é característica da igreja de Cristo determinar, reivindicar, tomar posse, reverenciar artistas e políticos...

Portanto, amigo leitor, quando alguém lhe disser: “*Vamos marchar para Jesus?!*”, diga a ele: “Vamos! Vamos amar mais, vamos agir em prol dos necessitados, visitar os carentes e oprimidos levando as boas novas do reino, vamos ser cristãos de verdade em casa, nas ruas, no dia a dia e, principalmente, onde ninguém nos vê e não apenas dentro dos templos, pois, esses espaços o que mais as pessoas fazem são exibir seus talentos; vamos testificar que somos, de fato, novas criaturas em nossos locais de trabalhos e na roda de amigos, vamos pregar o evangelho de Cristo de maneira fervorosa e convicta diante das autoridades governamentais, sem titubearmos, repudiando e denunciando todos aqueles que negociam com as mesmas usando o nome de nosso Senhor e Salvador, vamos ser mais autênticos e menos hipócritas a cada dia, vamos ser menos fofoqueiros, menos religiosos, deixando de lado os rituais como votos, jejuns, barganhas; vamos ser mais atuantes na prática do amor a Cristo e ao próximo. Certamente, essa é a melhor forma da gente marchar!”

13. CAIR NO ESPÍRITO

Aqui está outro assunto diante do qual não vou me alongar na explicação, nem mesmo me preocupar em apresentar textos bíblicos para refutá-lo pelo fato de entender não haver tanta necessidade nesse sentido. Ato bastante presente no meio neopentecostal, o *cair no espírito* é uma prática amparada na *confissão positiva* (só podia ser) que tem como propósito mostrar a ação de Deus na vida de alguém, entretanto, não há base bíblica alguma para esse tipo de coisa que, aliás, considero uma grande bobagem. Geralmente funciona assim: o pregador, “profeta” ou “grande homem de Deus” assopra sobre o indivíduo ou toca-lhe com seu paletó derrubando-o no chão; isso seria a evidência do poder de Deus.

É lamentável ver o grande número de pessoas que se submetem a isso em muitos templos por aí. Totalmente condicionadas, ao serem tocadas ou receberem sopros dos supostos homens de Deus, elas caem no chão: umas entram em êxtase, outras simplesmente se apagam, mas, em ambos os casos, acreditam estar recebendo poder do Espírito Santo, uma cura, renovação espiritual, dons do Espírito, entre outras coisas. Na verdade, tudo não passa de emocionalismo e ignorância bíblica!

A bíblia não dá margem para o *cair no espírito*, mas, ela fala sobre o *andar em Espírito*, que é bem diferente: *andar no Espírito* é guardar os mandamentos de Cristo e fazer a vontade do Pai, refere-se a um estilo de vida, não tem nada a ver com *cai cai* dentro de templos...

Alguns textos para análise: *Colossenses 1.17 / Romanos 6.11-14 / Filipenses 1.27 / Gálatas 5.22 e 23 / Colossenses 3.16 / Efésios 5.18 ao 20, entre outros.*

14. SONHOS DE DEUS

Sobre esta expressão, quero apenas salientar que em nenhuma parte das Escrituras há uma afirmação sequer neste sentido. Não consigo ver na bíblia, nem mesmo nas entrelinhas, a ideia de que Deus sonha. O Criador não sonha e nem precisa sonhar, fantasiar ou imaginar nada.

Apesar de encontrarmos na Palavra de Deus algumas passagens que apresentam *antropopatismo* (Deus demonstrando sentimentos humanos – veja *Gênesis 6.6 / Êxodo 4.14 / Jonas 3.10 / Amós 7.6*) e outras com *antropomorfismo* (declarações que comparam Deus a um homem – como *Provérbios 15.3 / Isaías 59.1*), precisamos entender que Deus não é um ser humano, não age como nós. O ser humano imagina, sonha ou fantasia coisas em sua mente, o Todo Poderoso não. Não há respaldo para se afirmar que Deus sonha. Ele apenas determina e faz acontecer.

Dentro de boa parte das instituições religiosas é comum ouvirmos coisas do tipo: “Deus sonhou algo a teu respeito”, “os sonhos de Deus são maiores que os nossos”, “os sonhos de Deus não morrem”, entre outras declarações dessa natureza. Alguns podem argumentar que se trata de uma figura de linguagem, uma forma figurada de dizer que Deus tem planos a nosso respeito e os executa, porém, mesmo assim, a colocação é falha, pois, tal afirmação vai ao encontro do *evangelho humanista*, já que, ao afirmar que Deus sonha a nosso respeito, o foco passa a ser a necessidade humana e não o evangelho de Cristo (anúncio das boas novas), de modo que, nesse caso, o Criador acaba sendo apenas um servo ou mordomo deixando de ser o alvo principal da mensagem, como já discorri.

Segundo Daniel Conegero, “em seu sentido primário, a palavra “sonho” designa parte da atividade cerebral de um indivíduo adormecido. Esse fenômeno é estudado pela neurociência que ainda não conseguiu responder todas as perguntas sobre esse tema. Sigmund Freud, considerado pai da psicanálise, até enxergava os sonhos como sendo um tipo de conexão entre o inconsciente e o consciente do indivíduo. Em seu sentido figurado, a palavra “sonho” pode se referir a desejos, anseios e aspirações que são na maioria das vezes inatingíveis. Esses sonhos ficam, quase sempre, no campo da imaginação, pois são utópicos. Então é fácil perceber que nenhuma dessas duas aplicações principais faz sentido com relação a Deus. Obviamente os sonhos de Deus não existem simplesmente porque Ele não sonha. Em primeiro lugar, no sentido primário, Deus não sonha porque Ele não nunca dorme. Num salmos de romagem, o salmista diz: “Ele não permitirá que os teus pés tropecem; não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel” (Salmo 121:4). Em segundo lugar, a Bíblia jamais aplica a palavra “sonho” no sentido figurado para falar de Deus. Ao contrário disso, as Escrituras falam que Deus tem planos, desígnios, propósitos e pensamentos. Deus não sonha e nem imagina ou fantasia coisas como os homens; Ele decreta e determina.”

O certo é o cristão “cortar o mal pela raiz” e parar com essa conversa de que Deus sonha. Ele não sonha ou faz planos para nós, na verdade, Ele já fez o que tinha de ser feito ao ofertar Seu Filho Jesus na cruz do calvário. É isso que todos precisam compreender, pois, na morte e ressurreição de Cristo está o cerne do evangelho. Nosso papel é crer, adorar e reconhecer a Jesus como Senhor de nossas vidas ignorando todo tipo de heresia que transforma o evangelho em uma mensagem de *auto-ajuda* como essas que faz de Deus alguém que vive correndo atrás do ser humano, preparando projetos para o mesmo e sonhando que possa receber sua devoção. Há, inclusive, algumas canções evangélicas que insinuam que o Criador vive implorando ao homem a sua atenção.

O Criador é Onipotente e Onisciente e, Sua forma de agir vai muito além de nossa compreensão. Deus não sonha, Ele faz, Ele é, Ele opera! Ponto.

15. LER UM SALMO

É hábito de muitas pessoas tratarem os salmos da bíblia como se fossem textos mágicos atribuindo, dessa forma, um sentido místico aos mesmos. Em muitas denominações há o costume de sempre se iniciar o culto com a leitura de um salmo. Naquelas famosas caixinhas de surpresa, uma espécie de *sorte do dia*, os textos mais presentes ali, ao lado dos provérbios, são os salmos, claro, devidamente selecionados: aqueles que transmitem mensagens de esperança, ânimo e sucesso.

O povo brasileiro é, por característica, supersticioso e apegado às credices populares e, infelizmente, a maior parte das pessoas, mesmo tendo se “convertido” ao cristianismo, seja católica ou evangélica, não deixa esses hábitos supersticiosos. É o que acontece, por exemplo, em relação aos salmos da bíblia. Há também aqueles casos em que a pessoa sempre lê um salmo antes de dormir porque acredita que só assim dormirá em paz e, outras situações mais extremas onde o sujeito abre a bíblia em um salmo, geralmente o 23 ou o 91, e a coloca em determinado lugar da casa acreditando que isso lhe trará sorte. Superstição pura!

O conjunto dos salmos compõe um dos livros da bíblia, por nome *Salmos*, com 150 capítulos, onde cada capítulo corresponde a uma canção. Os 150 salmos se referem, provavelmente, aos cânticos que eram entoados pelo antigo Israel como hinário no templo de Jerusalém. A maioria composta pelo rei Davi, outros compostos pelos filhos de Corá, alguns por Asafe, dentre outros autores. Muitos salmos são canções que tem o intuito de louvar ao Criador por Sua grandeza, poder e misericórdias. Tem aqueles salmos que são *messiânicos*, pois, apontam para o Messias, Rei dos judeus, que nasceria em Belém e viria para salvar o mundo. Há ainda os salmos que possuem uma relação com algo específico vivido por seu autor como, por exemplo, o salmo 51, onde o rei Davi expressa seu *arrependimento* diante de Deus por conta das transgressões cometidas e o salmo 59, que tem a ver com a ocasião em que o rei Saul teria enviado homens à casa de Davi para prendê-lo.

Dito isto, é preciso que a pessoa leia os salmos com esta consciência, deixando todo misticismo de lado.

16. GALARDÃO

A palavra *galardão*, que aparece em algumas passagens como *Apocalipse 22.12* e *1ª Coríntios 3.8-14* significa *recompensa, prêmio*. No texto do Apocalipse está escrito que Cristo

dará galardão a cada um de acordo as obras praticadas. Trata-se de algo bem simples e que também foi deturpado pela religião. Muitos líderes religiosos ligam a questão do galardão com a salvação. Dizem que aqueles que se empenham na realização dos trabalhos denominacionais e cooperam para o bom funcionamento da instituição são os que receberão esse prêmio da parte de Cristo. Afirmam que aqueles que realizam tais obras serão recompensados com a salvação e, ao chegarem aos céus, Cristo reconhecerá o esforço e bom trabalho e lhes dará galardões. A velha história da *barganha* e *meritocracia*: fazer para ser reconhecido. Não é assim que funciona!

Mesmo Deus tendo decidido dar recompensas por causa de Seu amor e graça, o *galardão não deve ser um objetivo*. Ainda que na Palavra haja recomendações sobre ficar atento para não perder a recompensa (como *Apocalipse 3.11*), o importante é que compreendamos o contexto dessas passagens e que vivamos sem a preocupação de mostrar que merecemos algo de Deus, porque não merecemos nada. O essencial é que cada um de nós viva o amor de Cristo até que chegue o dia em que partiremos deste mundo. Este amor nos move e nos constrange a fazer algo por Ele, para Sua glória (*ver 2ª Coríntios 5.14*).

Nada podemos fazer de nós mesmos para receber a salvação ou para nos manter de posse dela. Não merecemos nada, portanto, entenda que o *galardão nada tem a ver com esforço humano*. Quando o texto bíblico fala de *obras*, refere-se a obras praticadas com base no amor, na divulgação das boas novas visando o crescimento do reino, *obras que realizamos movidos pelo Espírito Santo, não por imposição de homens*. Se não acontece assim, nada mais é que exibicionismo pessoal e não condiz com as boas obras na visão bíblica.

17. A LETRA MATA

Dentre muitas aberrações, bobagens e falas carregadas de ignorância que já ouvi por parte de líderes e irmãos evangélicos, esta certamente é uma das principais: *a letra mata!*

Com base nessa expressão, alguns asseguram que não se pode estudar a bíblia. É isso mesmo que você acabou de ler: associam essa passagem com aquela outra que fala que *o estudar é enfado da carne (Eclesiastes, capítulo 12)* e afirmam que não é bom que o cristão questione muita coisa acerca da Palavra ou estude demais a mesma. Dizem que o estudo deve ser pouco e, caso surjam dúvidas, elas serão eliminadas pela iluminação do Espírito Santo. É por isso que a situação está como está em muitas instituições consideradas cristãs: total desconhecimento das Escrituras, pessoas que tomam como verdade absoluta tudo que o líder religioso diz sem questionar nada.

Pois bem, ao dizer que *a letra mata*, conforme registro de *2ª Coríntios, capítulo 3*, o apóstolo Paulo estava apenas fazendo uma referência à *Lei de Moisés* que foi dada a Israel. Paulo quis mostrar que a lei tinha o propósito de provar e condenar o homem, de forma que este, por mais esforço que fizesse não conseguiria se tornar alguém livre. A Lei servia apenas para mostrar que não havia nada que o homem pudesse fazer por seu próprio esforço que tivesse como resultado a conquista da salvação. Era extremamente necessária uma intervenção divina, uma obra de Deus. É aí que entra a graça: Cristo morrendo no lugar do pecador.

Portanto, quando o apóstolo escreveu "a letra mata", ele estava esclarecendo que *a lei tinha o papel apenas de condenar*, não podia dar vida. Leia o contexto e se inteire a respeito do assunto. Leia também *Romanos, capítulo 7, versículos 5 a 13*.

18. LÍNGUA DOS ANJOS / ANJO DE LUZ

Outras duas passagens mal interpretadas por muitos líderes do sistema religioso são aquelas relacionadas aos anjos, encontradas nos textos de *1ª Coríntios 13*, que fala sobre a *língua dos anjos* e *2ª Coríntios 11.14*, onde relata que satanás pode *se transformar em um anjo de luz*. Com base no primeiro texto, é dito no sistema religioso que existe uma língua própria dos anjos. Em muitas instituições, inclusive, afirmam que as línguas ditas pelos irmãos (no momento que entram em transe e começam todos a falar ao mesmo tempo, o popular *reteté*, como dizem alguns pentecostais) são as mesmas línguas dos anjos, uma linguagem celestial.

Já em relação ao segundo texto, alegam que as pessoas precisam ter muito cuidado com satanás porque ele tem poder para se passar por um ser celestial e aparecer para nós. Também dizem, com base na passagem, que ele pode atuar na vida de uma pessoa fazendo se passar por alguém confiável e amigo, ou seja, um anjo de luz, para depois dar o 'bote' e atacar.

Em ambos os casos as análises estão totalmente distorcidas e não correspondem à exegese bíblica. O que apóstolo Paulo quis dizer aos irmãos de Corinto foi o seguinte: no texto de *1ª Coríntios 13*, o tema abordado por Paulo é o *amor*; essa passagem, inclusive, assim como os salmos, é recitada por muita gente e pode ser vista em algumas músicas também. Paulo está mostrando aos irmãos a principal e maior característica que testifica alguém ser um cristão: o *amor*. Ele esclarece todos os pontos que comprovam que uma pessoa realmente possui o amor *ágape*, o amor que vem de Deus. Esses pontos são: a *paciência*, a *alegria* com a verdade, o fato de *suportar o sofrimento* por amor a Cristo, *não guardar rancor*, *não se irar*, *não ser orgulhoso* ou invejoso, a *bondade*, *não buscar interesses próprios*, entre outras coisas.

No início do texto (*versículos 1 a 3*) o apóstolo deixa claro que de nada adianta para o crente possuir alto grau de intelectualidade, vários dons e uma falsa compaixão se não tiver amor. Na sequência da análise ele esclarece que, ainda que o indivíduo saiba falar a língua dos anjos, se não tiver amor, esse talento não terá valor algum diante de Deus. Nesse caso, o apóstolo usa uma figura de linguagem chamada *hipérbole*, que tem por função provocar um exagero. Paulo deu um exemplo de algo inimaginável e extraordinário apenas para enfatizar que ainda que alguém consiga realizá-lo, de nada adiantará se não tiver amor. Simples assim.

Portanto, o foco do texto é a mensagem do *amor*, foi o que Paulo quis transmitir. Você vai observar que o apóstolo utiliza outras hipérboles no texto como, por exemplo, ao falar sobre *transportar montes*. Você já viu uma montanha mudar de lugar? Certamente que não. Da mesma forma, também não pode afirmar que existe uma língua especial dita pelos anjos. Se existe, isso é o que menos importa, não é o que interessa ali no texto.

Já em relação ao segundo texto, em que Paulo fala sobre *satanás se transformar em anjo de luz*, também é um caso de figura de linguagem, uma *comparação*. Já discorri a respeito desse assunto no capítulo anterior: o contexto vai mostrar que o assunto em pauta são os *falsos mestres* da época. Paulo usa a figura do próprio satanás para mostrar o quanto esse tipo de gente é hipócrita e capaz de fazer de tudo para conseguir seus objetivos, ainda que, para isso, tenham que se passar por piedosos e amantes do evangelho de Cristo, ou seja, se “transformam em anjos de luz”.

19. É COISA DO INIMIGO

Vamos esclarecer mais uma expressão inapropriada bastante utilizada pelos cristãos evangélicos, católicos e pessoas em geral. Tal expressão não possui uma referência bíblica específica como base, é mais um tipo de clichê ou dito popular. Sempre que acontece uma tragédia ou alguém faz algo ruim que prejudica o outro ou a si mesmo vemos, frequentemente, nestas ocasiões, algum indivíduo dizendo: “*isto foi coisa do inimigo*”, atribuindo assim a satanás a responsabilidade pelo ocorrido. Como disse acima, é um típico clichê, pois, as pessoas dizem isso de forma repetitiva sem ao menos terem consciência do que estão falando.

Há algo muito sério nesta frase e que precisa ser analisado: dizer “*isso foi coisa do inimigo*” é, ao mesmo tempo, inocentar a pessoa que faz o mal ao seu próximo, é tirar dele ou dela a responsabilidade pelo ato que cometeu. Como já mencionei, Deus não deixou satanás solto por aí para corromper Suas criaturas toda vez que lhe der vontade. Se tudo de ruim que acontece for culpa de satanás, o ser humano está isento de suas maldades sendo apenas uma vítima do diabo.

Atribuir tudo a satanás é o mesmo que negar a natureza pecaminosa do homem e a necessidade que o mesmo possui de fazer um auto-exame diariamente, analisar seu comportamento e se arrepender de seus pecados. Aquele que tem um encontro real com Cristo sempre busca a ação voluntária e consciente da prática das boas ações. Da mesma forma, quem faz o contrário, ou seja, más ações, é responsável por seus atos. A culpa é dele e não do inimigo. Se eu concordar que as pessoas só fazem coisas más por causa do diabo ou influência demoníaca estou abrindo um leque para que todos possam questionar a Deus no dia do juízo reivindicando assim suas inocências por conta de suas más ações; poderão muito bem dizer que foram usados. Não faz o menor sentido.

É evidente que satanás é nosso adversário e tentador, procura influenciar os homens por caminhos tortuosos, isso é fato, todavia, não é motivo para que tudo de ruim seja atribuído a ele. O homem é total responsável por seus atos. É preciso separar uma coisa da outra.

Alguns textos para reflexão sobre o assunto são *Efésios 6.12 / 2ª Coríntios 2.11 / Tiago 4.7 / Efésios 6.18 / Tiago 1.14,15 / Eclesiastes 7.20 / Gálatas 6.7 e Romanos 14.12.*

20. OS SETE ESPÍRITOS / ÚLTIMO ESTADO PIOR QUE O PRIMEIRO

Baseado na passagem do evangelho de *Lucas 11.23-26*, há outro ensinamento que foi passado de maneira totalmente errada por parte de muitos líderes religiosos ao longo dos anos culminando em mais um caso de distorção bíblica. É o texto em que Jesus fala a respeito de um espírito imundo que sai de um homem e, depois de um tempo, volta trazendo consigo outros sete espíritos, fazendo com o estado desse homem, que já era ruim, se torne pior do que o primeiro.

Geralmente, os pregadores usam esta passagem para afirmar que, se uma pessoa se converte ao Senhor (aceita a Jesus na igreja/templo) e depois se torna um desviado (deixa de frequentar a igreja/templo), o espírito ruim que ela possuía antes de ir para a igreja/templo voltará acompanhado de outros sete para perturbar a vida desta pessoa que enfrentará sérios problemas como: ser atormentada, ter problemas financeiros, perecer nas drogas ou até ser possuída. Tudo isso por ter deixado a “casa do Senhor”. Tenho certeza que você já ouviu algo do tipo: *“fulano só está passando por tudo isso porque deixou a igreja. A bíblia fala que quem abandona a Deus recebe o espírito ruim de volta acompanhado de outros sete...”*.

Pois bem, é mais um típico caso daqueles em que a pessoa não sabe o que está dizendo; apenas repetindo o que ouve dos outros. Vamos esclarecer o texto por meio do contexto e entender o que o evangelista Lucas quis dizer: *“Pelo que eu vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á; pois todo o que pede, recebe; e quem*

busca acha; e ao que bate, abrir-se-lhe-á. E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente? Ou, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem? Estava Jesus expulsando um demônio, que era mudo; e aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou; e as multidões se admiraram. Mas alguns deles disseram: É por Belzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios. E outros, experimentando-o, lhe pediam um sinal do céu. Ele, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo será assolado, e casa sobre casa cairá. Ora, pois, se Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso dos demônios por Belzebu. E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam os vossos filhos? Por isso eles mesmos serão os vossos juízes. Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus. Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança estão os seus bens; mas, sobrevindo outro mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a armadura em que confiava, e reparte os seus despojos. Quem não é comigo, é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha”. (Lucas 11:9-23).”

O que vemos aqui é nosso Senhor Jesus falando que Deus, o Pai, estava disposto a dar o Seu Espírito a todos que pedissem. Os líderes israelitas, porém, eram maus e, em vez de agradecer a Cristo por expulsar os espíritos imundos pelo poder do Espírito de Deus, diziam que isso era feito pelo poder de Satanás. A expulsão de demônios por Cristo em Israel era um sinal de que o Reino de Deus estava sendo estabelecido. Jesus, então, contou uma parábola para ilustrar o que estava acontecendo e o que aconteceria com Israel: “Ora, havendo o espírito imundo saindo do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso; e não o encontrando, diz: Voltarei para minha casa, donde saí. E chegando, acha-a varrida e adornada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem vem a ser pior do que o primeiro”. (Lucas 11:23-26). A passagem mostra Jesus explicando que o fato de alguém ter um demônio expulso de seu corpo não significa que esta pessoa tenha se convertido. Jesus relata que o espírito imundo havia saído do homem, mas ele não se tornou habitação do Espírito Santo. A casa estava varrida e adornada, porém, “desocupada” (v. 44). Sendo assim, o demônio voltou acompanhado por outros e aquele homem se tornou ainda pior do que era antes do demônio ser expulso dele (v. 45). Isso é um princípio universal que se aplica a todos que passam por uma conversão externa e aparente, mas que não passam por uma conversão genuína. Mas Jesus explicou que

isso é o que aconteceria coletivamente com a nação de Israel naquela mesma geração. O Evangelho de Mateus ainda vai deixar mais claro (ler *Mateus 12:43-45*).

Jesus, durante Seu ministério terreno, e os apóstolos, depois dEle, passaram anos limpando Israel de espíritos imundos, mas, ainda assim, a maioria não creu e, porque não creram, demônios ainda piores voltaram para atormentar a nação. Foi o que aconteceu com Israel quando a nação foi destruída pelos romanos: “o último estado desse homem veio a ser pior do que o primeiro”. (ver *Mateus 21.41,43*). É por isso que, logo depois, Cristo fez a comparação entre os gentios justos com os judeus incrédulos de Sua própria geração (veja *Lucas 11:29-32*).

Em resumo, a questão dos espíritos que retornam para atormentar a casa vazia não tem nada a ver com frequentar uma instituição religiosa e depois abandonar essa prática; na verdade, é uma referência à desobediência da nação de Israel e seu último estado (a destruição e julgamento divinos que viriam sobre si no ano 70 d.C) que, sem dúvidas, seria pior que o primeiro (quando rejeitaram o Messias e seus apóstolos).

21. AS PEDRAS CLAMARÃO

A referida passagem se encontra no evangelho de *Lucas 19.40*, trata-se de uma fala de Jesus: “*Eu digo a vocês: se eles se calarem, as pedras clamarão.*”

No sistema religioso muitos utilizam essa expressão dizendo se referir a uma mensagem que Jesus deixou para Sua igreja advertindo-a para que não fosse omissa na missão de divulgar o evangelho e, caso Seus servos viessem a agir de maneira negligente nesta missão, Ele faria com que as pedras cumprissem a tarefa. Alguns pregadores dizem se tratar de pedras no sentido literal, outros afirmam que é uma referência às pessoas “duras de coração”, ou seja, como pedras. O problema é que se trata de mais uma interpretação fora de seu contexto. Na verdade, o sentido da passagem nada tem a ver com essas maneiras de pensar.

Mais uma vez eu reforço aqui a importância de não utilizar um texto, isoladamente, para embasar uma ideia. Lembremos da importância de se analisar todo o contexto e questões básicas que são imprescindíveis para a leitura das Escrituras como: *Quem escreveu este livro (ou carta)? - Para quem escreveu (público alvo) - Qual o significado desse texto para o público original? - Qual a relação de tais palavras com a cultura da época? - Há alguma mensagem para nós do século XXI inserida neste texto?* Dentre outras perguntas semelhantes. A Palavra de Deus deve ser lida por meio de estudo sistemático.

Assim, deixando a fantasia de lado e analisando o contexto, vamos compreender que Jesus afirmou que as pedras clamariam se seus seguidores se calassem *naquele momento* em

que Ele estava a caminho de Jerusalém. Aquela era a sua entrada triunfal na semana da paixão. A Bíblia diz que, enquanto Jesus cavalgava sobre um jumentinho rumo a Jerusalém, a multidão o aclamava dizendo: *“Bendito é Aquele que vem, o Rei, no nome do Senhor! No céu paz, e glória nas alturas!”* (Lucas 20:38). Lucas diz que as pessoas estavam maravilhadas pelos milagres que tinham presenciado. Foi neste momento que alguns dos fariseus pediram que Jesus repreendesse o povo que o aclamava. A maioria dos fariseus odiava o Senhor Jesus. Então, não surpreende o fato de alguns deles terem ficado incomodados diante do louvor direcionado a Cristo.

Os Evangelhos registram que a multidão aplicava a Jesus palavras messiânicas presentes nos salmos. Eles o saudavam como o Filho de Davi, e exclamavam: *“Hosana nas maiores alturas!”* (Mateus 21:9). *Aquele apelo popular evidentemente intimidou e incomodou os fariseus. Eles próprios não ousaram tentar silenciar o povo, mas pediram que Jesus fizesse isso por eles. Foi aí que Jesus respondeu: “Se estas pessoas se calarem, as pedras clamarão”.* A frase *“as pedras clamarão”* parece ser um dito proverbial. Talvez, Jesus tivesse em mente as palavras do profeta Habacuque (ver Habacuque 2.11). Quando Jesus disse que as pedras clamariam, *Ele não estava dizendo exatamente que um milagre aconteceria e literalmente as pedras iriam falar. Obviamente que Deus é poderoso para fazer isto, se assim o quisesse.* João Batista certa vez disse que das pedras, *“Deus pode suscitar filhos a Abraão”* (Mateus 3:9).

Quando Jesus disse que se a multidão se calasse as pedras clamariam, *Ele estava dizendo que aquelas palavras de louvores eram inevitáveis.* Havia chegado o momento de Ele se revelar da forma mais explícita em Seu ministério como o Messias enviado por Deus, o cumprimento das Escrituras. Ninguém seria capaz de esconder isto. Ele iria ser adorado e exaltado naquele momento e nada iria impedir isto! *Naquele momento a voz que aclamava Jesus como o Messias jamais poderia ser silenciada, nem que as próprias pedras tivessem de clamar.* É mais um caso de uma *linguagem figurada* nas Escrituras, trata-se de uma *prosopopeia*, quando há atribuição de ações, qualidades ou sentimentos humanos a seres inanimados ou irracionais (uma *pedra* clamar). Também conhecida como *personificação*, a *prosopopeia* é considerada uma figura de pensamento, pois está ligada à compreensão do texto.

Para interpretar as Escrituras corretamente é necessária a compreensão das diversas linguagens existentes, como, por exemplo, a *literal*, a *simbólica* e a *figurativa*. No caso desta última, ela aparece com bastante frequência na Palavra de Deus e, por isso, precisamos ficar atentos para não interpretar como literal ou real aquilo que é, na verdade, apenas uma comparação, por exemplo.

Para melhor compreensão acerca da *exegese* bíblica e das *figuras de linguagem*, busque conteúdos que tratem do assunto. Indico esses dois links:

<https://www.repensandoafe.com.br/news/exegese-figuras-de-linguagem/>

<http://pregandoaverdadeirafe.blogspot.com/2013/04/figuras-de-linguagem-na-biblia.html>

22. POSSO TODAS AS COISAS / SOU MAIS QUE VENCEDOR

Já disse ao longo desse *e-book* que o brasileiro possui como característica o apreço pela superstição e pelo místico e, infelizmente, mesmo afirmando ter deixado a religião e encontrado a Cristo, boa parte das pessoas nas instituições religiosas gostam de decorar uma série de versículos adequando-os àquilo que lhes interessam e desprezando todo o contexto e a interpretação correta dos mesmos.

Duas frases de efeito muito faladas na maioria dos templos são: *“Posso todas as coisas naquele que me fortalece!”* e *“Irmão, você é mais que vencedor!”* Essas frases geralmente são ditas em tonalidade mais forte de forma a dar uma “injeção de ânimo” nos ouvintes, mostrando-lhes que Cristo está com eles e lhes ajudará em qualquer situação, por mais adversa que seja pelo simples fato de serem crentes. A impressão que dá é que Cristo tem a obrigação de socorrer os crentes em todos os momentos e fazer com que sejam prósperos e vivam em abundância. Mas, será que essas duas falas do apóstolo Paulo têm mesmo alguma relação com auto-ajuda e ‘foro privilegiado’ cristão?

O primeiro texto, *Filipenses 4.13* (tudo posso naquele que me fortalece), é usado de modo *triumfalista*, no sentido de que alguém pode conquistar todos seus objetivos, que pode obter todas as coisas. Por esta razão, é uma das passagens mais repetidas pelos pregadores da *Teologia da prosperidade*, transmitem a mensagem do ‘*super crente*’. Dizem: “Você pode ter saúde, dinheiro, sucesso, pode tudo naquele que te fortalece!” Agora vejamos o contexto: *“Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece. Todavia, fizestes bem, associando-vos na minha tribulação.”* (*Filipenses 4:11-14.*) Paulo estava simplesmente dizendo que, mesmo sendo humilhado, honrado ou não, tendo fartura ou passando fome, vivendo em abundância ou na escassez, o que importava para ele era a fé que possuía em Cristo, seu Salvador, e que o mesmo *lhe fortaleceria para poder suportar* todas essas coisas. É como se ele tivesse dito: *“tudo posso suportar”*. Essa é a mensagem aos irmãos de Filipos.

No caso do “*somos mais do que vencedores*”, extraído de *Romanos 8.37*, usam-no de modo distorcido para transmitir a falsa idéia de que a vida do crente “é só vitória”, como costumam dizer alguns. O texto completo diz o seguinte: “*Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou.*” (*Romanos 8:37*). “*Em todas estas coisas...*” Quais coisas? A resposta, bem como o entendimento para este versículo, está em seu contexto, veja: “*Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou.*” (*Romanos 8:35-37*). Ao contrário de uma vida isenta de lutas e sofrimento, o apóstolo Paulo declara que *somos mais do que vencedores nas seguintes circunstâncias: tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, ou espada*. E, qual a nossa vitória, em meio a tantas adversidades? Novamente, o contexto nos responderá: “*Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!*” (*Romanos 8:37-39*.) *A nossa grande vitória é não duvidar deste amor que Deus tem por nós, provado em nosso Senhor Jesus Cristo. A nossa vitória está no sacrifício da cruz, a nossa vitória está naquilo que Ele já fez por nós*, não se trata de materialismo ou prosperidade financeira. Ainda que venha tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, ou mesmo a morte, nada poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!

23. SAI DELA, POVO MEU!

Apesar de se colocarem como cristãos e possuírem algumas coisas em comuns como: um líder/sacerdote à frente da comunidade, corpo de obreiros, recolhimento de dízimos e ofertas, uso de música para louvar, crença no *criacionismo* e no *futurismo*, dentre outras, *católicos* e *evangélicos* apresentam algumas divergências. Os católicos, por exemplo, têm como parte de sua liturgia a veneração aos santos e utilização de imagens de escultura, prática abominada pelos protestantes.

Na rivalidade existente entre as religiões, cada uma entende que é detentora da verdade e que suas práticas são as que estão de acordo a Palavra. Usam como argumentos diversas passagens bíblicas para embasar suas teses. No caso dos evangélicos, há alguns chavões que são ditos, com base em determinados textos bíblicos, cujo intuito é mostrar que a bíblia

condena a religião católica. É o caso, por exemplo, da expressão sai dela povo meu, que aparece no *capítulo 18* de *Apocalipse*, onde afirmam se tratar de advertências da parte de Deus para que as pessoas fujam da *igreja católica*. Dizem que a passagem em questão se trata de um aviso do Criador para que ninguém faça parte da igreja católica. A alegação se dá pelo autor do texto se referir à *Babilônia*, antiga cidade da mesopotâmia, onde a idolatria, em todos os sentidos, inclusive, às imagens de escultura, era muito forte; daí, fazem essa comparação: *lugar de idolatria = igreja católica*.

Vamos observar o que realmente é abordado no texto e conferir se os evangélicos que pensam assim têm razão: *Apocalipse 18.4* diz assim: “*Ouvi outra vez do céu dizer: Sai dela, povo meu, para que não sejais participantes dos seus pecados e para que não incorrais nas suas pragas*”. Como já esclareci por diversas vezes nesta obra, ao ler a bíblia, *devemos sempre ter em mente a análise do contexto*, bem como, *saber quem escreveu, para quem escreveu e em que época* escreveu para obtermos uma interpretação correta. O estudo sistemático, alinhado à escatologia preterista são muito importantes para compreensão das Escrituras. No caso do *Apocalipse*, se trata de um livro que tem como destinatário as igrejas da *Ásia Menor* e, o contexto vai deixar claro que povo meu se refere ao povo de Deus, ou seja, cristãos gentios e judeus convertidos que habitavam em Jerusalém naqueles dias que antecederiam a vinda de Cristo em juízo. Babilônia é uma referência à Jerusalém, já que os judeus, seus habitantes, negaram e rejeitaram o Messias prometido e estavam em atitude de apostasia. Certamente, *o aviso de Deus era para que a igreja primitiva fugisse de Jerusalém*, ou seja, da Babilônia, e escapasse do julgamento divino que viria através do Império Romano.

Para melhor compreensão do livro do *Apocalipse*, recomendo a leitura do *Comentário Preterista sobre o Apocalipse*. É fundamental! Esse e outros arquivos muito importantes você encontra no site revistacrista.org.

Portanto, quem quiser criticar a doutrina católica e qualquer outra questão ligada a essa religião, que o faça com respeito e com *argumentos válidos*. É fato que o Criador abomina adoração a imagens e qualquer outro tipo de idolatria, porém, partir para o ataque chamando a igreja católica de Babilônia sem ter certeza do que está falando não é o melhor caminho. Lembre-se: debater religião é algo sem proveito algum. Pregador o Cristo ressuscitado deve ser o nosso foco.

24. O PASTOR VAI APRESENTAR A IGREJA A DEUS

Não! O pastor não vai apresentar a sua denominação a Deus!

Se você é cristão evangélico, certamente já ouviu algum líder religioso, ou até mesmo o seu, dizer que ele apresentará a igreja sob sua responsabilidade para Deus.

Essa afirmação é feita por muitos líderes com base no texto de *Hebreus 11.17*, que diz: “Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que não de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil.”.

Pois bem, acredito já ser de conhecimento do amigo leitor que a carta aos hebreus foi escrita *para os judeus do primeiro século* que haviam se convertido ao evangelho e, quando o autor menciona a necessidade de obediência aos pastores *ele não está falando de pessoas que são líderes de denominações* como são os pastores de hoje, mas, se referindo aos *pastores, presbíteros, anciãos e bispos da época*, homens provavelmente designados pelos apóstolos, que eram *responsáveis localmente* por uma comunidade cristã. O papel deles consistia em supervisionar administrativamente a assembleia local e animar os judeus novos convertidos para que se firmassem na fé e deixassem os rudimentos da lei para trás. *A função "pastoral" de um só homem à frente de uma congregação não tem respaldo bíblico.* Em uma comunidade cristã não deve haver um pastor líder, mas, vários homens com o dom de pastor para transmitir os ensinamentos da palavra e ajudar os inexperientes e iniciantes no evangelho. Não há essa coisa de hierarquia ou submissão a um “líder espiritual”. Cristo é a cabeça da comunidade cristã.

Esclarecido este ponto, vejamos a questão do ‘apresentar as almas a Deus’: indo direto ao ponto, a verdade é que *nenhum homem apresentará ninguém a Deus e, muito menos terão que dar conta de nossas almas.* O texto de *Hebreus 11.17* é interpretado incorretamente por quem pensa assim. Na carta aos *Romanos 14.12* a passagem é clara em afirmar que *cada um de nós dará conta de si mesmo* a Deus. Então, se cada um dará conta de si, como poderia o pastor prestar conta de nós? O fato é simples: ao usar a expressão *como*, o escritor aos hebreus está fazendo uma *suposição*, mostrando que o fato dos pastores cuidarem dos irmãos na fé é *como se eles fossem dar conta dessas almas*, ou seja, *o escritor está relatando a grandeza da responsabilidade para aquele que tem o dom de pastor.* Portanto, há dois pontos de destaque na passagem: primeiro: mostra a importância do dom de ser pastor; segundo: mostra que os novos na fé devem obedecer e seguir as orientações desses homens, porém, reafirmo que não há nada no texto que transmita a ideia de que existem homens com funções especiais que apresentarão a igreja a Deus.

Conforme o indicativo em *Romanos 14*, se há algo pelo qual os pastores irão prestar contas a Deus, não é pela alma de ninguém, mas sim, pelo trabalho que realizaram aqui na terra.

Seja qual for o dom ou ofício que uma pessoa exerça, ela não vai apresentar outras pessoas para Deus. Todos devem obedecer aos seus pastores ou guias porque o *amor* deles é grande por nós ao ponto deles velarem por nós *como* aqueles que vão dar conta de nossas almas, mas, *a salvação é individual*; claro que não estou me referindo a *individual* no sentido de que é obtida por meio de esforço próprio, mas, no sentido de que cada um é responsável por seus atos e, por conta dos mesmos é que será julgado.

Em fim, Tudo fica esclarecido a partir da compreensão do significado da expressão como que é utilizada no texto analisado. Simples assim.

Hebreus 4:13 diz: “*E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de prestar contas.*”

25. A LOUCURA DA PREGAÇÃO

A expressão *loucura da pregação* encontrada no texto de *1ª Coríntios 1.21*, ao contrário do que pensam alguns, não se refere ao ato de pregar. A religião distorce quase tudo na Palavra de Deus e esta passagem é mais um exemplo disso.

Muitos acreditam que a *loucura da pregação* se refere ao ato de pregar a palavra de forma eloquente e com bastante fervor. Mas, não é nada disso. A *loucura da pregação* à qual Paulo se refere é apenas uma forma de dizer que a sabedoria humana é incapaz de fazer com que o homem conheça a Deus. Nenhum sistema filosófico humano pode prover uma solução para o problema do pecado e ressuscitar o pecador de seu estado de morte espiritual. O apóstolo esclarece aos irmãos que, de acordo com os padrões de sabedoria do mundo, o evangelho de Cristo é uma loucura. A pregação do Evangelho não se baseia em sabedoria de palavras humanas, mas inteiramente na cruz de Cristo.

Resumindo: a “loucura da pregação” não tem nada a ver com práticas estranhas ao ensino bíblico que consistem em verdadeiros espetáculos com a finalidade de atrair pessoas e nem com a tarefa do pregador. O que é loucura para os homens é o conteúdo da genuína pregação, isto é, *a mensagem da cruz de Cristo*.

Outros textos: *1ª Coríntios 2.14 / Gálatas 2.20 / Romanos 10.9 / Gálatas 6.14 / Romanos 10.13 / 2ª Coríntios 4.10,11 / Gálatas 3.27 / Hebreus 5.9.*

26. O FILHO DO HOMEM ACHARÁ FÉ NA TERRA?

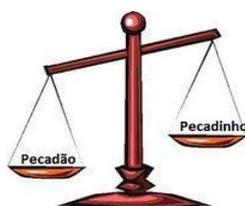
Essa expressão é extraída da passagem de *Lucas 18.8*. Muitos interpretam equivocadamente a passagem associando-a à volta de Jesus no final dos tempos. De acordo os que assim pregam, Jesus voltará numa época em que será o limite para encontrar salvos na Terra, dando a entender que foi por este motivo que Cristo fez essa indagação. Ou seja, segundo essa leitura, Cristo quis dizer que chegará um tempo em que a apostasia tomará conta da igreja de modo que a fé das pessoas na terra vai diminuir a tal ponto que Ele terá que intervir e antecipar sua aparição em resgate dos Seus para não correr o risco de que todos os seres humanos estejam sem fé.

É mais uma interpretação futurista que chega ao ponto de colocar nosso Salvador como alguém sem atrativos aos olhos humanos, além de ser uma mensagem de pessimismo. Se Jesus não vai encontrar fé na terra, o que Ele vai encontrar? Temos que concordar que seria uma espécie de viagem perdida. Mas vamos à análise do texto: *“E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer, Dizendo: Havia numa cidade certo juiz, que nem a Deus temia, nem respeitava o homem. Havia também, naquela mesma cidade, certa viúva, que ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário. E, por algum tempo não quis atendê-la; mas depois disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens, todavia, como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte, e me importune muito. E disse o Senhor: Ouvi o que diz o injusto juiz. E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles? Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?”* (Lucas 18.1 ao 8).

Pois bem, o assunto na parábola contada por Jesus não é sobre a Sua Vinda, mas sobre a *resposta à oração de alguém que tem sede de justiça*. Na história, uma viúva que clamava pela intervenção de um juiz iníquo não obtinha resposta. De tanto insistir, sem esmorecer na fé, ela acabou sendo atendida. Segundo Jesus, Deus está sempre disposto a fazer justiça aos Seus escolhidos, mesmo que os faça esperar. É neste contexto que vem a pergunta: Quando vier o Filho do homem, achará fé na terra? Ou seja, quando Sua justiça se manifestar, a pessoa que a buscou se manterá firme na fé?

Em resumo, o assunto da parábola é o dever de orar sempre.

27. PECADINHO E PECADÃO



Outro clichê que muitos gostam de utilizar é: “*não existe pecadinho e nem pecado. Pecado é tudo a mesma coisa!*”, entretanto, eu convido o leitor a pensar comigo: já que todos pecam, será que o pecado do crente (que acontece por acidente e não por prática habitual) é visto aos olhos de Deus como os pecados dos ímpios? Aquele tipo de pecado que acreditamos ser leve, como uma mentirinha, ou aquele que consideramos grave, como um assassinato, são vistos por Deus da mesma forma? Quem defende que todos os pecados têm o mesmo peso afirma isso por que acredita que qualquer pecado ofende a Deus. De fato, o pecado, aos olhos do Criador, é uma ofensa à Sua santidade. Sabemos que foi por causa do pecado que a morte veio sobre o homem. Desse ponto de vista, Deus trata o pecado de maneira uniforme.

Se observarmos, por exemplo, as advertências registradas na epístola de Paulo aos *Gálatas, capítulo 5*, que fala sobre as obras da carne, a *glotonaria* (comer de forma exagerada) aparece na lista ao lado de outros pecados como *feitiçaria* e *prostituição* (*Gálatas 5.19-21*). Então, comer demais tem a mesma gravidade que um ato de prostituição e praticar bruxaria?

Pois bem, nosso entendimento a respeito desse assunto deve ser o seguinte: qualquer tipo de pecado fere a santidade de Deus, isto é fato, ENTRETANTO, *há sim pecados maiores e menores aos olhos de Deus*. Devemos considerar que alguns pecados têm circunstâncias agravantes que os fazem mais odiosos aos olhos do Criador. São pecados que trazem em si agravantes que pesam no julgamento de Deus que é justo. Por exemplo: um pessoa ignorante e sem experiência que comete um pecado da sua tenra idade tem o mesmo menos odioso aos olhos de Deus do que um homem maduro que já sabe o que deve ou não fazer. Outro exemplo: uma pessoa que tira a vida de outra por vingança comete pecado mais odioso perante Deus do que aquele que proferiu uma mentira. Um último exemplo: um religioso que conhece a Palavra e a descumpra, tem pecado mais odioso do que alguém que peca, mas que ainda não conhece os preceitos de nosso Senhor. É uma questão de justiça.

Na passagem de *João, capítulo 19*, Jesus fez diferenciação de pecado em maior ou menor quando do seu encontro com Pilatos. O Mestre disse que Pilatos não tinha nenhuma autoridade sobre Ele, se de cima não lhe fosse dada; Jesus completou afirmando que, quem lhe entregou ao governador *tinha maior pecado*. Ou seja, Cristo estava se referindo ao traidor (Judas) e aos Seus acusadores: os fariseus e boa parte do povo judeu, sumo sacerdotes e religiosos da época, conhecedores da Lei. Eles tinham um pecado muito maior do que o de Pilatos, pois, fecharam seus olhos para a Lei e para os sinais rejeitando o Filho de Deus. Pilatos, não conhecedor profundo da Lei de Deus, foi covarde em seu julgamento, pecou, *mas tinha um pecado menor* do que o deles nessa condenação. Por isso, esses mesmos

acusadores de Jesus sofreriam anos depois um terrível juízo por terem cometido esse pecado imperdoável (*Mateus 12.31*).

Leia os seguintes textos das referências a seguir e comprovarás que a Palavra de Deus considera alguns pecados terem mais gravidade que outros: *Levítico 20.10 ao 16 / Êxodo 32.30 / Números 15.30 / Ezequiel 8 / Mateus 23.23,24 / Marcos 12.28 ao 31 / 1ª Coríntios 3.10 ao 17 / 1ª João 5.16,17*.

Portanto, a conclusão é que, para determinados tipos de pecado há consequências mais sérias que para outros, que podem ser considerados menos graves. De qualquer forma, o importante é lutarmos para evitar todo tipo de pecado, pois, tudo que é errado traz problemas para nós e ofende ao nosso Deus. As coisas que escolhemos fazer afetam as nossas vidas e as vidas das pessoas em nosso redor de várias maneiras. Quem vive para Deus se incomoda com o pecado e quer retirá-lo de sua vida, por menor que seja, para agradar ao Pai Celestial em todo tempo.

Todos os grifos são meus.

Comentário 13 – Dízimos e ofertas

“A contribuição precisa ser espontânea e generosa, sem ser tratada como uma obrigação, não há percentuais e nem pode haver cobranças.” (Ed René Kivitz)

Neste capítulo vou, em fim, comentar a respeito de *dízimos e ofertas*. Talvez seja um dos assuntos mais polêmicos, hoje em dia, no meio religioso.

Atualmente, muitos líderes de instituições religiosas se encontram irritados pelo fato de que muita gente tem se esclarecido acerca do assunto *dízimos* e, por conta disso, não está entregando mais *dez por cento* de suas rendas, mensalmente, para investimento naquilo que chamam de “obra do Senhor”. A verdadeira obra de Deus aqui na terra, que se refere à *pregação das boas novas*, precisa de fato, do envolvimento das pessoas no tocante a contribuição em dinheiro, entretanto, validação do dízimo veterotestamentário, exploração financeira, desafios e uma série de golpes que se fazem presentes em muitas denominações intituladas cristãs, arquitetados por muitos “apóstolos” e líderes religiosos do século XXI não encontram respaldo nas Escrituras. E é justamente esse ponto que pretendo aclarar ao amado leitor.

Como várias outras passagens das Escrituras que são amplamente deturpadas, distorcidas, mal interpretadas e, colocadas pelo sistema religioso aos fiéis como mandamentos, imposições e ordenanças, sem dúvida, o texto de *Malaquias 3, versículo 10*, que fala sobre o *dízimo*, é um dos mais lidos e trabalhados nas denominações com o propósito de transmitir uma mensagem no sentido de que todo membro deve, obrigatoriamente, entregar todo mês dez por cento de sua renda mensal para o sustento do ministério e da obra do Senhor, no caso, a manutenção do templo. Dizem ainda, com base nesse mesmo texto, que essa prática é um ato de adoração.

Por se tratar, como já disse, de um tema bastante controverso, reservei todo um capítulo para fazer a análise do mesmo e esclarecer você, meu leitor, que porventura ainda tenha alguma dúvida a respeito do assunto.

Pra início de conversa, quero dizer que, em meu ponto de vista, não vejo problemas no fato dos irmãos de uma determinada comunidade cristã contribuírem em dinheiro, mensalmente, para que a igreja local possa se manter, afinal de contas, além das despesas de manutenção como contas de água, de luz, limpeza e acessórios, as atividades missionárias e ajuda a irmãos necessitados também carecem de dinheiro, todavia, o grande problema em boa parte das instituições religiosas é a *validação* do dízimo, *transformando-o num elemento de prática obrigatória*, uma vez que o mesmo *pertencia à Lei*. Isso sem falar na intimidação

psicológica a que o membro é submetido, já que, se ele não entregar mensalmente os dez por cento de sua renda ou, como dizem estrategicamente: ‘*devolver o que é de Deus*’, certamente ficará em dúvida até no que diz respeito à sua salvação, pois, ainda que alguns líderes não falem isso abertamente, deixam nas entrelinhas a possibilidade de perda da salvação ao mencionar que o fiel está sendo desobediente à palavra.

As pessoas que não possuem conhecimento e, infelizmente, são muitas, são capazes de deixar um filho sem alimento para poder entregar o bendito dízimo na “casa do Senhor”, acreditando que estão fazendo a vontade de Deus. Lamentável, desumano e desonesto.

Vamos então compreender o dízimo bíblico. Primeiro: *o dízimo pertencia à Lei, e esta, foi abolida, portanto, não faz mais sentido sua prática*. O texto das Escrituras que nos esclarece acerca da instituição do dízimo se encontra em *Deuteronômio, capítulo 14, versículos 22 a 29*. Diz o seguinte:

22 "Separem o dízimo de tudo o que a terra produzir anualmente. **23** Comam o dízimo do cereal, do vinho novo e do azeite, e a primeira cria de todos os seus rebanhos na presença do Senhor, o seu Deus, no local que ele escolher como habitação do seu Nome, para que aprendam a temer sempre o Senhor, o seu Deus. **24** Mas, se o local for longe demais e vocês tiverem sido abençoados pelo Senhor, o seu Deus, e não puderem carregar o dízimo, pois o local escolhido pelo Senhor para ali pôr o seu Nome é longe demais, **25** troquem o dízimo por prata, e levem a prata ao local que o Senhor, o seu Deus, tiver escolhido. **26** Com prata comprem o que quiserem: bois, ovelhas, vinho ou outra bebida fermentada, ou qualquer outra coisa que desejarem. Então juntamente com suas famílias comam e alegrem-se ali, na presença do Senhor, o seu Deus. **27** E nunca se esqueçam dos levitas que vivem em suas cidades, pois eles não possuem propriedade nem herança próprias. **28** "Ao final de cada três anos, tragam todos os dízimos da colheita do terceiro ano, armazenando-os em sua própria cidade, **29** para que os levitas, que não possuem propriedade nem herança, e os estrangeiros, os órfãos e as viúvas que vivem na sua cidade venham comer e saciar-se, e para que o Senhor, o seu Deus, os abençoe em todo o trabalho das suas mãos.

A partir da análise desse texto, temos dez observações importantes, acompanhe:

1ª) O dízimo não era dinheiro, mas, todo fruto de toda semente (leia também *Levítico 27.30 ao 34*);

2ª) Era para o agricultor – teria que separar o melhor da colheita;

3ª) O dízimo era algo para se comer;

4ª) Era anual;

5ª) Realizava-se seu uso no templo (o local que Deus escolheu como habitação - *versículo 23*). Detalhe: O templo de Jerusalém não existe mais, e, se existisse, quem entende que o dízimo ainda deve ser praticado *deveria ir todo ano a Israel*.

6ª) Significava a melhor parte da colheita, não dez por cento, necessariamente;

7ª) A questão que envolve dinheiro está esclarecida no versículo 24, quando fala sobre *aqueles que moravam bem distante de Jerusalém* e que pretendiam também levar o dízimo ao

templo. Por conta da grande distância que certamente impediria que levassem o gado, a lei permitia que essas pessoas de terras longínquas pudessem vender os dízimos e levassem o dinheiro para o templo, seria mais prático. Detalhe: esse dinheiro não era para o sacerdote. Essas pessoas poderiam comprar bois, ovelhas, vinho ou o que bem quisessem e assim se alegrarem perante o Senhor seu Deus. *O objetivo do dízimo era a celebração.*

8ª) Parte do dízimo deveria ser ofertada aos levitas;

9ª) Havia também um dízimo especial a cada três anos que deveria ser *destinado aos levitas, estrangeiros, viúvas, órfãos e necessitados*;

10ª) O dízimo também tinha como característica fazer justiça;

Segundo: o texto de *Malaquias 3.10*, principal passagem utilizada pelos líderes religiosos como referência para que os fiéis entreguem dez por cento de suas rendas, mensalmente, na denominação, na verdade se trata de uma *advertência da parte de Deus aos praticantes da lei de Moisés e, principalmente, aos sacerdotes da época*.

Quero mais uma vez esclarecer, como venho fazendo em quase todos os capítulos, que não podemos ler as Escrituras utilizando apenas um texto isolado para enfatizar determinado assunto, aplicando-o às nossas próprias interpretações. É necessário entender *quem escreveu, em que época, pra quem, qual o contexto*. Geralmente, a religião não faz este tipo de análise e, isso prejudica as pessoas na compreensão da Palavra de Deus.

Portanto, o texto de *Malaquias, capítulo 3, versículo 10, não é uma determinação* de Deus no sentido de que os integrantes da igreja precisam entregar dez por cento de suas rendas todo mês na denominação. Há também de se esclarecer que o *gafanhoto devorador não é um demônio* que prejudica a finança da pessoa que não “devolve” o dízimo e, *roubar ao Senhor não tem nada a ver com deixar de entregar os referidos dez por cento*, aliás, de onde saiu essa ideia de que o Criador dos céus e da terra precisa de dinheiro? A verdade é que muitos líderes inescrupulosos e, outros sem conhecimento, utilizam essas táticas de pressão psicológica “encurralando” os fiéis que, dotados de ignorância bíblica acabam se sujeitando a tudo que lhes dizem.

Agora observe atentamente o texto a seguir; ele deixa claro o objetivo e propósito da escrita do livro de Malaquias: “**Peso da palavra do SENHOR contra Israel, por intermédio de Malaquias**”. (*Malaquias 1.1*). “**Agora, ó sacerdotes, este mandamento é para vós**”. (*Malaquias 2.1*)

Percebe-se que a mensagem designada da parte de Deus para que o profeta a transmitisse tem nada a ver com a igreja, o corpo de Cristo, que só seria revelada após Sua morte, conforme relato de *Atos 2*. Entendido que a mensagem do livro de Malaquias foi para os

sacerdotes, analisemos agora o texto específico do *capítulo 3* com as devidas explicações que destaquei de vermelho entre parênteses.

“Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim (*referência ao profeta João Batista*); e de repente virá ao seu templo, o Senhor, a quem vós buscais; e o mensageiro da aliança, a quem vós desejais, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas quem suportará o dia da sua vinda? *E quem subsistirá, quando ele aparecer? (chegada de Jesus Cristo no templo, após a sua entrada triunfal, para debater publicamente com os líderes de Israel e anunciar o juízo de Deus sobre eles – pode também ser uma referência ao juízo divino sobre Israel no ano 70 d.C)*. Porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-se-á como fundidor e purificador de prata; e purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata; então ao Senhor trarão oferta em justiça. E a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos, e como nos primeiros anos. E chegar-me-ei a vós para juízo; e serei uma testemunha veloz contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que defraudam o diarista em seu salário, e a viúva, e o órfão, e que pervertem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos. (*continua a mensagem de advertência reforçando que haveria um juízo da parte de Deus contra Israel, em especial, aos sacerdotes e líderes da época*). Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos. Desde os dias de vossos pais vos desviastes dos meus estatutos, e não os guardastes; tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós, diz o Senhor dos Exércitos; mas vós dizeis: Em que havemos de tornar? **Roubará o homem a Deus? Todavia vós (os sacerdotes) me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, sim, toda esta nação. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro (antigo templo de Jerusalém), para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal (*chuva*) até que não haja lugar suficiente para a recolherdes. E por causa de vós repreenderei o devorador (*tipo de gafanhoto que atacava as plantações*), e ele não destruirá os frutos da vossa terra; e a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. E todas as nações (*países vizinhos a Israel*) vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos.** As vossas palavras foram agressivas para mim, diz o Senhor; mas vós dizeis: Que temos falado contra ti? Vós tendes dito: Inútil é servir a Deus; que nos aproveita termos cuidado em guardar os seus preceitos, e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos? Ora, pois, nós reputamos por bem-aventurados os soberbos; também os que cometem impiedade são edificados; sim, eles tentam a Deus, e escapam. Então aqueles que temeram ao Senhor falaram freqüentemente um ao outro; e o Senhor atentou e ouviu; e um memorial foi escrito diante dele, para os que temeram o Senhor, e para os que se lembraram do seu nome. E eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos; naquele dia serão para mim jóias; poupá-los-ei, como um homem poupa a seu filho, que o serve. Então voltareis e vereis a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que não o serve. (*Malaquias 3.1 ao 18*).

É evidente que eu poderia fazer uma análise ainda mais detalhada do texto em pauta, todavia, pontuei apenas aquilo que considero ser relevante e suficiente acerca do que estamos tratando, que é mostrar ao amigo leitor que a palavra dada ao profeta Malaquias não pode ser aplicada como sendo para a igreja de Jesus. Há aqueles que afirmam que Israel é uma representação da igreja e, diante disso, tudo que foi falado pelos profetas pode sim ser aplicado à igreja, porém, a exegese bíblica comprova que tal afirmação não possui

fundamento, a igreja não é uma continuação de Israel e usar este artifício é simplesmente ‘forçar a barra’ para encaixar algo à sua interpretação tendenciosa. A verdade é que o dízimo foi um preceito da Torá (Lei de Moisés), *abolido* na cruz e, que *não se aplica* à igreja. Simples assim.

Ainda assim, o amigo leitor pode estar questionando: “*mas, o próprio Jesus falou sobre o dízimo no evangelho de Mateus!*” Sim, de fato nosso Senhor falou sobre o dízimo. Isso está registrado em *Mateus capítulo 23, versículo 23*, aliás, é um texto bastante usado por muitos pregadores e pastores da *Teologia da Prosperidade* para justificar que Jesus não só defendeu a ideia, mas ordenou que se entregassem dez por cento das rendas na “casa do Senhor”. Pois bem, o que acontece na narrativa de Mateus 23 é que o contexto ali ainda se refere ao *judaísmo*. Muitos não entendem que a Nova Aliança só começa depois da morte do Messias, portanto, nos dias de Jesus a Lei de Moisés ainda estava em evidência e o próprio Cristo não desprezou isso. Em *Mateus 23 Jesus está tratando com os judeus acerca da hipocrisia, e não sobre o dízimo*.

Outro texto usado por alguns que defendem o dízimo véterotestamentário como prática apoiada por Jesus está em *Marcos 12.40*, que fala sobre a oferta da viúva. Neste episódio, Jesus ficou de fato maravilhado com a contribuição da mulher ao depositar o dinheiro na caixa de ofertas do templo, porém, o que precisa ser dito é que o foco da mensagem que Ele quis passar ao elogiar a mulher que deu tudo o que tinha foi sobre o não apego da mesma ao dinheiro. A mensagem extraída desta passagem é o princípio da *generosidade*. Tal texto não é base para se dizer que o crente tem que dar muita grana ou tudo que possui, como sutilmente é dito por alguns líderes: ‘*dê o seu melhor!*’ Mais uma vez vale observar que, naquele momento, tanto o templo quanto a Lei de Moisés ainda estavam em vigor.

Precisamos entender que o novo testamento *só começou a partir da morte de Cristo e a igreja só se iniciou a partir do ocorrido no dia de pentecostes*, conforme registrado em *Atos capítulo 2*, portanto, a prática do dízimo era válida nos dias de Jesus. Tanto é que vamos encontrar Jesus fazendo menção a outros assuntos relacionados à Lei de Moisés de forma respeitosa e orientando pessoas a praticá-los. Leia as seguintes passagens: *Lucas 11.42, Mateus 8.4 (Ele manda o leproso ir ao templo oferecer sacrifícios ordenados pelos sacerdotes)*.

Outro ponto defendido por muitos no que se refere a essa questão de *dízimo e ofertas* nas instituições religiosas é a chamada *lei da sementeira*. Trata-se de mais uma interpretação mal feita. No caso em questão, o texto é o de *2ª Coríntios, capítulo 9*. Dizem que esse texto dá base para a lei da sementeira, ou seja, quanto mais eu contribuir na “casa do Senhor”, mais eu

serei abençoado financeiramente, porém, é apenas mais uma estratégia de *barganha com Deus*, prática de destaque nos templos neopentecostais. Vamos analisar o texto:

“Quanto à administração que se faz a favor dos santos, não necessito escrever-vos; Porque bem sei a prontidão do vosso ânimo, da qual me glorio de vós para com os macedônios; que a Acaia está pronta desde o ano passado; e o vosso zelo tem estimulado muitos. Mas enviei estes irmãos, para que a nossa glória, acerca de vós, não seja vã nesta parte; para que (como já disse) possais estar prontos, A fim de, se acaso os macedônios vierem comigo, e vos acharem desapercibidos, não nos envergonharmos nós (para não dizermos vós) deste firme fundamento de glória. Portanto, tive por coisa necessária exortar estes irmãos, para que primeiro fossem ter convosco, e preparassem de antemão a vossa bênção, já antes anunciada, para que esteja pronta como bênção, e não como avareza. E digo isto: Que o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância ceifará. Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria. E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra; Conforme está escrito: Espalhou, deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre. Ora, aquele que dá a semente ao que semeia, também vos dê pão para comer, e multiplique a vossa sementeira, e aumente os frutos da vossa justiça; Para que em tudo enriqueçais para toda a beneficência, a qual faz que por nós se dêem graças a Deus. Porque a administração deste serviço, não só supre as necessidades dos santos, mas também é abundante em muitas graças, que se dão a Deus. Visto como, na prova desta administração, glorificam a Deus pela submissão, que confessais quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade de vossos dons para com eles, e para com todos; E pela sua oração por vós, tendo de vós saudades, por causa da excelente graça de Deus que em vós há. Graças a Deus, pois, pelo seu dom inefável. (2ª Coríntios 9).”

As partes destacadas acima são aquelas que a maioria dos líderes religiosos dá ênfase para justificar a questão da sementeira na área financeira. É verdade que, lendo sem uma análise cuidadosa, iremos concordar que o texto passa a impressão de que Deus propõe uma barganha com os seus servos, todavia, se observarmos o contexto, entenderemos qual a mensagem que o apóstolo dos gentios quis transmitir aos irmãos de Corinto. De qual sementeira Paulo estava falando?

A "Lei da Sementeira" da passagem de 2ª Coríntios 9 não se trata de uma garantia de que o cristão obediente se torne uma pessoa rica, enquanto que os desobedientes vivam em dificuldades financeiras, conforme apregoado pela "teologia" da prosperidade e pelo evangelho humanista. Há de se ressaltar que o homem mais caridoso e obediente que já pisou neste mundo era pobre e os únicos bens materiais que deixou foram suas vestes. Em vez de chamarmos de *lei da sementeira*, o mais correto seria dizermos lei do amor.

A ênfase nas palavras do apóstolo está nas bênçãos espirituais, e não materiais. Não esqueçamos que *Cristo abençoou a Sua igreja e a enriqueceu com bênçãos espirituais nos lugares celestiais*. Vou repetir: **LUGARES CELESTIAIS!** (Efésios 1.13). O que Paulo estava querendo dizer é que os irmãos generosos, citados na passagem, que estavam semeando com fartura para o suprimento das necessidades dos mais pobres, receberiam galardão de justiça que permaneceria para sempre. É disto que a passagem fala, e não do enriquecimento pregado pelos mercadores da fé.



A esse respeito, *William McDonald* argumenta: “Aqui na passagem de 2ª Coríntios 9, temos a promessa de que se alguém realmente deseja ser generoso, Deus providenciará para que tenha oportunidade para isso. A expressão “abundar em toda graça” (9:8) é usada aqui como sinônimo de recursos. Deus é capaz de nos suprir com recursos de modo que não tenhamos apenas o suficiente para nós, mas para sermos capazes de compartilhar o que temos com outros e assim superabundar em toda boa obra. Ao citar o Salmo 112:9, “Espalhou, deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre”, mostra um homem que tem sido generoso em sua sementeira, ou mais particularmente **em seus atos de bondade**. Essa bondade específica era dando aos pobres. Sua justiça permanece para sempre. Isto significa que se distribuirmos bondade como o semeador espalha sua semente, estaremos depositando tesouros no céu para nós. Os resultados de nossa bondade permanecerão para sempre.”

Os coríntios estavam sendo justos ao darem para os santos em Jerusalém. Como resultado de sua bondade eles receberiam fruto na forma de uma recompensa eterna. À medida em que Deus aumentava sua capacidade de dar, e eles aumentavam sua generosidade, as recompensas aumentariam na mesma proporção. De acordo o irmão Mário Persona, “Deus não promete enriquecer o cristão como prometia enriquecer o israelita, cujas bênçãos eram terrenas. À igreja foram asseguradas “todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo” (Ef 1:3), e não na terra.”

Que fique bem claro também que realizar atos de bondade, conforme dito pelo apóstolo Paulo, não se trata de barganhar a salvação por meio de obras. Já mencionei em capítulos anteriores que *não existe salvação por merecimento*; a salvação é por graça, somente. Realizar atos de bondade é algo intrínseco ao homem nascido de novo.

Alguns textos para apoio: (*Mateus 6:19-21 / Mateus 6. 28 ao 34 / Lucas 16.8 ao 12 / 1 Timóteo 6. 5 ao 10 / 2 Timóteo 3.2 ao 5 / Filipenses 4.11 ao 13 / Efésios 1.3 e 4, entre outros*).

Acontece que, com muita gente sendo esclarecida ultimamente a respeito do assunto *finanças/contribuição*, muitos líderes, inclusive, alguns famosos e conhecidos nacionalmente, declaradamente adeptos da *Teologia da prosperidade*, têm se posicionado contra quem os combate afirmando (e insistindo) que o dízimo é válido para os tempos atuais. A questão é que além de não conseguirem provar que o dízimo é válido (porque não há como provar), suas atitudes e falas comprovam que utilizam sim os dízimos e ofertas como mecanismos de barganha.

Às vezes, o método da barganha ocorre de forma sutil em muitas denominações, em situações aparentemente simples que passam despercebidas dos expectadores. Vou dar um exemplo: quem não já viu na hora em que é anunciado o momento dos dízimos e ofertas, enquanto as pessoas levam as contribuições, o líder da congregação ou o obreiro durante a oração utilizando expressões como: *“Senhor, que jamais falte o pão na casa desse teu filho”, “Pai, sustenta o teu filho que tem sido fiel...”, “teus filhos cooperam com tua obra neste momento, não lhes deixe faltar nada...”*, entre outras coisas do tipo? É uma barganha ou não? É evidente que se trata de um *toma lá dá cá*, e não é por aí, não é assim que a coisa funciona com Deus.

Mesmo depois dos esclarecimentos feitos aqui, vou responder a uma última indagação que também é utilizada como subterfúgio pelos defensores do dízimo: *como uma igreja vai se manter sem os dízimos e ofertas?*

Pois bem, como relatei lá no início, uma comunidade cristã tem despesas e necessita do empenho dos irmãos para que as mesmas sejam sanadas e, neste sentido, é fundamental a contribuição monetária por parte dos fieis. Não somente no que se refere a investimento material, mas, para a própria obra missionária, atividades de evangelismo e ajuda aos necessitados faz-se necessário o uso do dinheiro. Diante disso, é altamente normal que haja arrecadação entre os irmãos. E digo mais, pode até ser uma arrecadação estipulada, desde que seja devidamente esclarecido aos irmãos que não se trata de algo obrigatório, que não é dízimo, que contribua quem puder e é claro, que todos estejam de comum acordo.

O que não pode haver e que não encontra amparo algum nas Escrituras é a pressão feita pra cima do crente ao “forçar a barra” e dizer que ele tem que “devolver” o que é de Deus, mensalmente, e que essa devolução corresponde a dez por cento daquilo que ele ganha, isso não existe. Os líderes religiosos que assim comportam deveriam, em vez de tentar arrancar a qualquer custo dinheiro das pessoas, orientá-las no tocante à arrecadação com a maior discrição possível, sempre buscando embasamento bíblico, explicando que não existe mais o dízimo e nem casa do tesouro, que não estamos mais no tempo da Lei, que dízimo *não é mandamento* e, o principal, não pregar o ‘terror’ dizendo que Deus pune quem não contribui, pois, isso é uma grande mentira.

É muito simples fazer a coisa de maneira correta e mostrar para os irmãos que, o que ficou para a igreja foi a *contribuição voluntária*, mecanismo importante e necessário para a comunidade; e como ela funciona? Simples: não há valores estipulados e a pessoa contribui com quanto quiser e puder. Alguém pode ainda questionar: “*Mas assim pode ser que ninguém queira contribuir*”. Errado! A contribuição demonstra o aspecto da *generosidade*, ou seja, quem é cristão de verdade não é mesquinho, avarento ou apegado ao dinheiro, certamente vai contribuir: com um, cinco, dez, vinte ou trinta por cento do que ganha. Não importa! Ele contribuirá dentro das suas possibilidades, sem nenhuma avareza, sabendo que não é barganha e, o principal: com muita alegria no coração!

De vez em quando certos líderes de algumas “igrejas” conhecidas no território nacional inventam coisas como *trízimos, desafios da melhor oferta*, períodos longos e insistentes de *petição de dinheiro*, entre outras atitudes realmente lamentáveis em que se apropriam da ingenuidade de muita gente ao usar estrategicamente a fé alheia e o nome de Deus para seus objetivos que consistem em enriquecimento financeiro. Estes homens alcançam a riqueza material e financeira, contudo, estão longe de serem ricos de espírito, pelo contrário, são verdadeiros *sepulcros caiados*, demonstram aparência de piedade, mas, totalmente podres em seu interior.

A questão monetária, como já disse, deve ser trabalhada com bastante discrição. Trata-se de algo que deve ser colocado em pauta apenas internamente, entre os membros, e não precisa ser, necessariamente, nos momentos de culto. Particularmente, penso que uma das coisas que tem se tornado um grande empecilho para o avanço do evangelho e que provoca a indiferença de muitos para com o meio religioso, além de ser objeto de escândalo, é a petição de dinheiro nas denominações. Aquele negócio de: “*agora é o momento das ofertas*”, “*chegou o momento da sua contribuição*”, “*essa obra não anda se você não cooperar*”, entre outras

falas do tipo, só servem para afugentar quem entra em um lugar desses almejando ter um encontro com Deus.

Vale também salientar que *um dos principais objetivos da contribuição na igreja do Senhor Jesus é a ajuda ao irmão carente e necessitado*. O exemplo dos apóstolos e irmãos da igreja primitiva vai totalmente de encontro ao que faz a maioria das denominações de nossos dias que arrecada para investir em templo de pedras visando luxuosidade e ostentação e assalariar líder da instituição. Recomendo que leia *Atos, capítulo 2, versículo 45* em diante, que aborda algo a esse respeito. Para complementar, vale registrar que *nenhum apóstolo* ensinou, recomendou ou incentivou a prática do dízimo.

Outro detalhe que precisa ser esclarecido é que o *dízimo* como *décima parte*, da forma que é praticado hoje nas instituições religiosas, ainda que usem textos bíblicos para justificá-lo, *foi instituído por volta dos anos 580 d.C pela igreja católica*, mediante o *Concílio de Macon*, em Gália. Tal prática se ramificou chegando às igrejas protestantes históricas tempos depois. Não entrarei em detalhes acerca do contexto histórico do dízimo institucional, deixo o amigo leitor à vontade para pesquisar a respeito, entretanto, vou expor um registro que considero interessante para reforçar esse fato. É do historiador Diego Omar Silveira, que diz assim: “O *dízimo existe há muito mais tempo que o cristianismo. Templos no antigo Egito, Grécia e Roma, por exemplo, cobravam tributos desde 1.500 a.C. Eram doações de qualquer coisa que pudesse ser usada como dinheiro na antiguidade, como animais, armas, frutas e água. A Igreja Católica institucionalizou a cobrança no Concílio de Macon, em 585, estabelecendo a quantia de 10% das posses dos fiéis. Mas, foi Carlos Magno, rei dos francos, que expandiu a prática: conforme alargava seu império no século IX, difundia a cobrança nas regiões conquistadas. Com o tempo, os governos entraram na jogada. A Igreja permitiu reis a cobrarem o dízimo, mediante o compromisso de expandir a fé cristã. Com a separação entre Igreja e Estado, a partir do século XVIII, o dízimo voltou a ser um tributo exclusivamente religioso. O termo Pagamento inspirou o verbo “dizimar”. O verbo dizimar, que hoje é sinônimo de exterminar, surgiu como uma punição do exército romano em caso de insurreição das tropas. O castigo era sangüinário, e estatístico. Ele consistia em matar um em cada dez soldados, aleatoriamente. Por que 10%? Além da mística envolvendo o número, usamos o sistema decimal, então é mais fácil dividir algo por dez do que por sete, por exemplo. Países islâmicos, que também usam o sistema, têm alguns ramos em que o dízimo é de 20%.*”

Muito bem, para concluir este capítulo, o resumo de tudo é o seguinte:

1º) *A doutrina do dízimo pertence à religião judaica, não à igreja;*

2º) Mesmo sendo uma prática ancestral (época de Abraão, antigo Egito, China...) *não há base para que a igreja a realize*. Ela foi incorporada à *Torah* (Lei de Moisés);

3º) *O dízimo da religião judaica tinha a finalidade de sustentar os levitas, cuidar dos pobres, viúvas e estrangeiros e realizar celebrações periódicas;*

4º) *Jesus fala do dízimo, porém, o contexto de sua mensagem naquela situação específica diante dos fariseus era a hipocrisia*. Ele não critica a religião judaica. Além disso, como Ele ainda não havia morrido, *tal prática estava em vigor e aceita até aquele momento;*

5º) *A palavra de Malaquias 3.10 é para os sacerdotes da época em questão (anos 400 a.C) e não para a igreja de Cristo.*

6º) *O dízimo como prática religiosa institucional onde cobra-se dez por cento das rendas do membro foi sancionado pela igreja católica em 580 d.C.* Não há amparo bíblico que justifique essa prática;

7º) *No Novo testamento não há um caso sequer, de qualquer apóstolo, ensinando a prática dos dízimos;*

8º) A mensagem que pode ser extraída sobre a prática do dízimo veterotestamentário para a igreja é o *princípio da contribuição* que, por sua vez, é altamente *voluntária!* No *judaísmo*, não importava se a pessoa tinha ou não, ela tinha que dar aquilo que era ordenado, era a lei, já no caso do *cristão*, ele *coopera com o que vem do coração e não de uma imposição legal*. A contribuição livre e espontânea, conforme relatos de *2ª Coríntios 8 e 9*, expressa a comunhão entre os membros do corpo de Cristo, se torna algo abundante, demonstra a realidade do amor cristão, ajuda os necessitados e gera nos outros ações de graça.

Apesar de várias atividades do *judaísmo* serem realizadas em muitas instituições religiosas, os líderes que afirmam que o dízimo deve ser praticado deveriam dar uma explicação (e muito satisfatória, por sinal) e esclarecer por que em seus templos não são exigidas, por exemplo, práticas como a *circuncisão*, *sacrifícios de animais*, *a guarda do sábado*, *as liturgias*, *as festas hebraicas*, *o exílio*, *o apedrejamento*, entre outras, pertencentes à lei. De acordo as Escrituras, quem quer praticar algo relacionado á lei, deve cumprí-la por completo. (Leia *Gálatas 5.3*). Ou seja, quem quer praticar o dízimo, deve fazê-lo como nos moldes da *Lei Mosáica* e ainda realizar os outros inúmeros mandamentos da *Torah* (são 613 no total).

Encerro com um comentário de Mário Persona: “*A grande confusão em relação ao dízimo é que muitos cristãos ainda não entenderam que este assunto assim como vários outros são questões para Israel na época da Lei. Para a igreja, o que fica relacionado a estes assuntos são os princípios a serem aplicados, apenas isso. Não há obrigatoriedade,*

imposições e muito menos, barganha com Deus, no que se refere às contribuições. Tudo é voluntário e espontâneo. Para igreja, a “lei” em vigor é o amor.”

Tudo deve ser feito na base do amor, sem pressão ou acusações. O foco deve ser a contribuição voluntária, e não o valor!

Outros textos para análise: *1ª Corintios 16 / Colossenses 2.14 / João 3.16 / Gálatas 5.1 ao 25 / Hebreus 7.11 a 19 / 1ª Corintios 15.1 / Mateus 10. 7 ao 10 / Mateus 15. 19 e 20.*

Comentário 14 – Legalismo

“O legalismo vem disfarçado de evangelho para enganar os servos de Deus. Desde os primeiros séculos a igreja já lutava contra esse exagero religioso.” (Jackson da Mata)

Discorrerei agora sobre um tema, assim como outros aqui tratados, bastante corriqueiro no meio religioso: o *legalismo*.

Antes de adentrar na questão do *legalismo religioso*, vou abordar o assunto no âmbito geral fazendo uma ilustração a respeito: imagine uma pessoa que só come vegetais, outro que sempre acorda antes das seis da manhã, ou ainda um sujeito que fala inglês de forma fluente. Vamos concordar que são três características muito boas para quem as possui; o problema é se essas pessoas se acharem melhor que as outras por conta disso e, a todo o momento, relatar aos amigos e conhecidos essas suas virtudes. Assim, estarão agindo como legalistas. Não vamos negar que quando praticamos coisas que consideramos serem grandes virtudes ou o fato de possuímos talentos nos impulsiona a querer compartilhar tais coisas com os demais, corrigí-los e até mesmo nos amostrar para eles. Assim ocorre igualmente nas coisas de Deus: muitos que se consideram os referenciais *sentem a necessidade de mostrar isso* aos irmãos.

Pois bem, seja no catolicismo romano ou no meio cristão evangélico, a presença do *legalismo* é notória. É triste saber que inúmeras pessoas dentro dos templos citam a passagem do livro do profeta *Oséias* que diz: *“o meu povo se perde por falta de conhecimento”*, sendo que essas mesmas pessoas agem de um modo terrivelmente ignorante em suas posturas, demonstrando muita falta de conhecimento em relação às coisas de Deus.

Dito isto, vamos à definição do termo: a palavra *legalismo* tem origem no latim (*legal + ismo*) e significa *aplicação rigorosa da lei*. Trata-se de uma valorização da aplicação dos códigos penais e defesa das instituições onde não se leva em conta os direitos naturais, ou seja, uma fidelidade ao império das leis. A palavra ganha alguns outros aspectos e variações.

No contexto religioso, o que nos interessa aqui, o *legalismo*, em resumo, *é o ato de colocar a Lei (de Moisés) acima do evangelho de Cristo*. Mas, além desse aspecto, *legalismo* no meio religioso também diz respeito ao ato da *auto justificação*, ou seja, quando o indivíduo tem o hábito de apontar seu semelhante e criticá-lo, afirmando que por conta de seus erros não é alguém digno de ser considerado cristão como ele é. Não se trata de julgamento segundo a reta justiça, mas, a atitude que alguém toma em colocar a si mesmo na condição de ser mais justo e reto que seu semelhante, soberbo.

Para dar um exemplo bem simples: quem não já ouviu alguém dizer coisa do tipo: *“Como a irmã afirma ser cristã e usa calça jeans? Deve usar somente saia!”* – *“Como pode aquele irmão ter cabelo comprido e tatuagens? Não é de Deus!”* – *“Aquele irmão só frequenta os cultos nos fins de semana, é um relaxado na obra do Senhor!”* – *“Se você escuta música do mundo e assiste filme de terror está em pecado!”*, entre outras falas semelhantes. Antes de continuar, vale um esclarecimento: o desejo pela justiça, apontar o que é certo e errado e a busca pela piedade são práticas cristãs, coisas que Jesus fazia o tempo todo e que também devemos fazer. Por diversas vezes Jesus advertia seus seguidores e deixava claro também para seus perseguidores que as pessoas nascidas de novo deveriam ter novos posicionamentos como não adulterar, não roubar, não cobiçar coisas alheias, entre outras recomendações. O dever faz parte da graça. A graça de Jesus não nos isenta de obrigações. Todos nós temos obrigações para com Deus e para com o nosso próximo. Colocar isso em prática é extremamente saudável e louvável.

Voltando ao *legalismo*: é a atitude que o sujeito tem de se comparar com outros e se auto justificar. *É um posicionamento do indivíduo que consiste em ‘abraçar’ uma atitude doutrinária que enfatiza um sistema de regras e regulamentos para alcançar salvação e crescimento espiritual.* Esse é o grande problema, pois, se somos salvos pela graça, não podemos justificar a nós mesmos, não há merecimento algum em nós para recebermos qualquer coisa que seja da parte de Deus, inclusive a nossa salvação. Deus nos aceitou porque é Misericordioso! Aquele que se considera cristão deve apenas expor o que ele é em Cristo, naturalmente e sem exibicionismo.

O legalista passa mais tempo preocupado em descobrir erros nos outros do que levar uma vida de devoção ao Criador e aperfeiçoamento da prática cristã. O legalista vê demônios em tudo: nas marcas de refrigerantes, cosméticos, desenhos animados, brinquedos, times de futebol, diz que não se pode assistir TV, comer gordura, usar bermuda ou tênis, jogar bola, ouvir *rock in roll*, entre outros. Há também os absurdos como dizer que a mulher não pode usar anticoncepcional e nem maquiagem ou que um casal não pode ter relações totalmente despido e nem com a luz acesa. Tudo isso na visão do legalista é pecado.

Agora observe os seguintes relatos (verdadeiros absurdos) que extraí da internet onde algumas pessoas testificam situações de legalismo pelas quais passaram e que, infelizmente, são comuns em muitas igrejas/templos.

Relato 1: Um dos diáconos de minha igreja me contou que estava trabalhando numa obra em sua casa e precisou ir a uma loja de construções comprar alguma coisa. Devido à correria, ele saiu de casa sem camisa, quando no caminho encontrou uma irmã em Cristo,

membro de outra igreja que lhe disse: "Irmão! Você sem camisa na rua? Cuidado hein, porque se Jesus voltar agora, você não vai subir. Arrependa-se imediatamente."

Relato 2: Outro dia acompanhei uma discussão pelo FACEBOOK de alguns irmãos queridos que com veemência criticavam os pastores que tinham por hábito pregar o Evangelho usando um Tablet. Segundo estes a Bíblia não deve ser lida no púlpito através do IPAD. Para estes, Bíblia que é Bíblia só pode ser lida no papel e o fato de alguém fazê-lo de modo digital o torna uma pessoa desrespeitosa com a Palavra de Deus o que implica em pecado grave e perda da salvação.

Relato 3: Ano passado ao final de um culto fui abordado por um irmão numa igreja da Baixada Fluminense que me perguntou o que eu achava de um cristão ir a um estádio de futebol. Eu respondi que não havia nada demais desde que o futebol não fosse o Deus do torcedor. O irmão, se sentindo contrariado com a minha resposta replicou dizendo: Quem vai a um estádio de futebol caminha a largos passos para o inferno.

Relato 4: Há pouco soube do caso de um irmão que costumava tomar banho vestido de bermuda e camisa, para que caso Jesus voltasse não o pegasse desprevenido.

Para concluir, de acordo o texto de *Filipenses 3*, Cristo deve ser o nosso foco. Se tirarmos nossos olhos dEle, por mais piedosa que seja a razão, estaremos glorificando a nós mesmos, e isso é legalismo. O mesmo texto vai dizer que o regozijo tem que ser no Senhor.

Aquele que considera estar vivendo uma vida de obediência a Deus, que continue vivendo assim, porém, sem querer se amostrar.

Outros textos de apoio: *Colossenses 2.6 ao 14 / Colossenses 2.20 / Jeremias 9.23 e 24 / 1ª Coríntios 1.31 / Salmo 106.5 / Romanos 5.11 / Romanos capítulo 2.*

Comentário 15 – Marxismo “cristão”

“... e fez Deus separação entre a luz e as trevas.” (Gênesis 1.4b)

Talvez a expressão *marxismo* seja estranha para você, leitor. Caso não seja, de repente você pode estar se perguntando: o que isso tem a ver com as Escrituras, foco desse *ebook*?

Pois bem, achei interessante reservar uma seção para tratar desse assunto por conta do movimento *marxismo cultural* existente em nosso país; um mecanismo nefasto que visa destruir a ordem, a liberdade, a vida, a família, o patriotismo, a lei, a moral e o cristianismo, por meio da subversão e implantação do caos, inversão de valores, rebaixamento da capacidade racional e desmoralização da sociedade por meio de vulgaridades diversas. O intuito do *marxismo cultural* é instaurar a revolução proposta pelo marxista italiano *Antônio Gramsci*, líder do *Partido Comunista Italiano*, nos anos 1920. Essa revolução visa estabelecer uma nova sociedade, um novo homem, um novo mundo.

Vou fazer um resumo a partir desse momento de modo que você compreenda onde pretendo chegar: a expressão *marxismo* refere-se à ideologia dos filósofos alemães *Karl Marx* e *Friedrich Engels*, uma teoria que, segundo eles, visava trazer a igualdade plena para a humanidade e que daria sentido à existência do homem. A questão é que para o alcance desses objetivos, que no papel aparentavam ser bons, Marx tinha em mente a ação por meio da revolução e divisão de classes, não importando quais pudessem ser as consequências, tanto que, mesmo que indiretamente, Karl Marx acabou matando mais pessoas que todas as guerras que já aconteceram na história; essa visão de Marx recebeu o nome de *comunismo*.

Durante anos Marx concentrou suas forças difundindo sua teoria pelo mundo por meio de vários escritos e da *revolução do proletariado*, que tinha como foco destruir o *capitalismo*, que ele considerava ser o maior culpado por toda a pobreza e desigualdade existentes no mundo. Além do capitalismo, Marx era contrário à ideia de que as pessoas buscassem a Deus ou praticassem qualquer tipo de culto religioso, já que, para ele, a religião trazia uma sensação de conformismo fazendo com que as pessoas se sentissem satisfeitas mesmo em situações de pobreza. Marx era contra a ideia do indivíduo ter esperança em uma vida eterna sem sofrimento. Marx não era ateu, pior que isso: era anti-Deus, e batalhava pela extinção de qualquer ato religioso por parte dos homens, pois isso atrapalhava, de acordo seu entendimento, a revolução comunista.

Todas as obras e ensinamentos de Marx são denominados *marxismo* e todos aqueles que se deixam influenciar ou são adeptos de tais ideias são chamados de *marxistas*. Pois bem, sabendo em que consiste e qual o propósito do marxismo, eu pergunto: há como alguém ser

cristão e defender os ideais de Karl Marx? Obviamente que não, impossível, contudo, como estratégia para se alcançar a revolução, o *marxismo cultural*, que mencionei no início do comentário, tem como um dos vários propósitos escusos de sua cartilha, a infiltração no meio cristão evangélico e católico. O objetivo é influenciar as igrejas, promovendo doutrinação ideológica, de forma que os membros dessas instituições se tornem verdadeiros alienados e consintam com a revolução de *Gramsci*. E isso, infelizmente tem acontecido em muitas denominações religiosas do Brasil que se consideram cristãs.

Dito isto, volto a mencionar o *marxismo cultural*, uma teoria que surgiu por volta da década de 20. Alguns marxistas deslocaram o sentido econômico do marxismo clássico para a esfera cultural, cujo objetivo é reinterpretar o marxismo clássico de acordo as transformações sociais. O representante dessa corrente foi Antonio Gramsci, que dizia que as instituições e valores ocidentais deveriam ser destruídos para que fosse possível a revolução. Assim como seu mestre, acreditava na criação de um 'novo homem'.

O *marxismo cultural* desencadeou um verdadeiro ativismo cultural ao promover os movimentos do *politicamente correto*, a criação de *grupos raciais*, *doutrinação de crianças*, defesa do *aborto*, *liberação das drogas*, *ideologia de gênero*, *homossexualismo*, *feminismo moderno*, *aquecimento global*, além de propagar várias mentiras sobre o *desarmamento*, *sistema de cotas*, *pobreza*, *igreja católica*, dentre outras, no intuito de cauterizar a mente das pessoas tornando-as verdadeiras massas de manobra na busca pela implementação da revolução de Marx.

No Brasil, o *marxismo cultural* ganhou força após o fim do período do *Regime Militar*. Os marxistas ocuparam os mais importantes postos relacionados à educação e à mídia, subvertendo, a partir de então, a história e os rumos da nação. Dentre esses locais visados pelos marxistas para difusão do *ativismo cultural* no objetivo de corromper as mentes e provocar o caos social, não ficaram de fora as instituições religiosas. Antonio Gramsci foi bem claro com seus seguidores a respeito de como alcançar a revolução cultural: tomar as principais instituições sociais: mídia, universidades/escolas e igrejas, convertendo seus integrantes em "intelectuais da revolução". Esclarecido mais esse ponto, vamos adentrar à questão do *marxismo "cristão"*.

Se você observar atentamente as Escrituras, ao ler o livro de *Josué, capítulo 2 e versículo 10*, verá um exemplo claro de pessoas que foram 'aculturadas'. No caso em questão, os israelitas. Esse e vários outros exemplos na Palavra de Deus nos deixam atentos quanto à necessidade e responsabilidade que temos como cristãos de estarmos firmes a cada dia no *exame das Escrituras* de forma que não sejamos levados por qualquer ensinamento contrário aos princípios de nossa fé. Só dessa maneira poderemos pregar a palavra com segurança e ensinar as próximas gerações a trilharem pelo Caminho sem maiores problemas. No exemplo acima, as

consequências foram terríveis: os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos do Senhor chegando ao ponto de sacrificarem seus próprios filhos aos demônios! Infelizmente, no cenário atual, não são poucas as denominações religiosas que possuem à frente líderes com total desconhecimento das Escrituras, falta de dedicação no estudo da Palavra, religiosos, simpatizantes de políticos pessoas da elite, apegados a costumes e tradições e que podem, facilmente, por conta disso, serem envolvidos por vários “ventos” contrários; e o *marxismo cultural* é um desses ventos.

As muitas denominações evangélicas, bem como a igreja católica, além de todos os problemas que já citei ao longo desse *ebook*, têm sofrido com a influência cultural, o que pode levar aqueles que não estão bem estruturados na fé à apostasia, ou seja, abandono dos princípios morais cristãos.

Que as ideias de Antonio Gramsci têm fluído na sociedade há décadas, não é novidade, porém, vou citar alguns exemplos que provam que elas também estão ocorrendo em muitas denominações: já existem por aí alguns movimentos intitulados ‘*união dos evangélicos para combate ao preconceito nas igrejas*’, ‘*evangélicos na luta pela intolerância no respeito ao Estado laico e aos direitos humanos*’, ‘*grupos de estudo sobre raça e evangelho*’, ‘*teologia feminista*’, ‘*movimento Jesus cura a homofobia*’, entre outros. Quem tem o mínimo de sensibilidade, certamente percebe que se trata de ações carregadas de ideologia cultural mescladas com *interpretações deturpadas* da Palavra.

Aqui no Brasil, são dois os principais grupos que têm infiltrado em muitas instituições religiosas com o objetivo de disseminar o *ativismo cultural* de Antonio Gramsci, evidentemente, de maneira sorrateira e silenciosa: a *Teologia da Libertação*, que comanda o sindicato dos bispos católicos (CNBB) e a *Teologia da Missão Integral* (TMI), que tem como um dos líderes, o pastor e escritor Ariovaldo Ramos. A TMI usa como um de seus falsos argumentos, ao se colocar como importante para o meio evangélico, o fato de que propõe o debate teológico, algo, segundo ela, necessário, principalmente, neste momento em que a igreja brasileira é bastante vilipendiada por causa de maus exemplos e acossada por tantos ventos doutrinários. Fábio Blanco escreveu, certamente, a respeito da TMI: “*Muitas pessoas me pedem para escrever sobre a Teologia da Missão Integral, desejosas que estão de entender melhor o que é esse movimento dentro das igrejas evangélicas. Confesso que este não está entre meus assuntos favoritos, e se comento sobre ele é apenas por uma questão de responsabilidade e necessidade. Isso porque considero a TMI como o maior perigo à igreja brasileira da atualidade, por trazer para dentro do ambiente eclesial uma visão contaminada de marxismo, esquerdismo e toda sua retórica materialista*”.

A triste realidade é que, se não bastasse todos os males e heresias oriundos da *Confissão Positiva*, *Teologia da Prosperidade* e *evangelho do entretenimento* presentes em boa parte das instituições que se denominam cristãs, muitas estão abrindo suas portas para o *marxismo cultural*. Vários padres e líderes evangélicos estão se simpatizando com a *Teologia da libertação* e com a *Missão Integral*, sem saber que são verdadeiros ‘lobos’ trajados de ‘cordeiros’ com um único objetivo: introduzir a ideologia marxista para alienar as massas (nesse caso, as massas religiosas). E pasmem: fazem isso usando a temática do *amor*, o maior e principal mandamento a ser praticado pelo cristão. Obviamente, que eles deturpam o ensinamento, de modo que as pessoas não percebem que o amor de Cristo não é sinônimo de permissividade. Todas essas aberrações e heresias vão, sem dúvida alguma, de encontro à *sã doutrina de Cristo e dos apóstolos*. Cristão de verdade não compactua com a propaganda marxista. Amar ao próximo não significa ter que se submeter a ideias contrárias às Escrituras e aos princípios cristãos para não ter que desagradá-lo, porém, infelizmente isso tem acontecido.

Os seguidores de Jesus devem ser fiéis à Verdade e não podem se amedrontar ao ser tachado de machista, homofóbico, sexista, racista, fundamentalista, entre outros rótulos que os marxistas gostam de lançar contra aqueles que os contrariam. Jesus é o nosso modelo maior e referência em tudo. As Escrituras mostram que Ele sempre foi firme e nunca negociou com o pecado para não ter que desagradar quem quer que fosse. Nosso Senhor ama a todos os homens, sem acepção, porém, a relação entre duas pessoas do mesmo sexo, o aborto, a divisão racial e o “empoderamento” da mulher, por exemplo, são coisas abomináveis aos Seus olhos e à Sua santidade. São PECADOS GRAVES!

Portanto, nosso papel como cristão é tratar o pecado pelo nome e pregar a mensagem da *necessidade de arrependimento* a todos os homens, independente se isso vai contrariar governos, doutores, a mídia e até líderes religiosos, pois, ser cristão e marxista ao mesmo tempo é algo incompatível, inconciliável, incombinável.

Para concluir, deixo os seguintes textos para sua meditação e análise: *Colossenses 2.8 / 1ª Tessalonicenses 5.21 / Salmo 14.1 / Romanos 1.17 ao 32 / Amós 3.3 / Salmo 49. 7 e 8 / Efésios 2.14 a 16 / 2ª Coríntios 5.17 / Atos 3. 19 ao 21*. Evidente que a respeito do assunto *marxismo cultural* há muito o que ser falado, e digo mais: é necessário que o leitor estude e busque aprender a respeito do mesmo; é necessário que estejamos informados acerca de tudo que nos rodeia e quais os intentos dos adeptos de Karl Marx (boa parte da grande mídia, a grande maioria dos políticos, economistas, os movimentos sociais, o esquerdismo, diversos professores e influenciadores em geral, entre outros), porém, o intuito aqui foi somente trazer um alerta a respeito da estratégia marxista cultural no sentido de querer confundir e, conseqüentemente,

destruir a religião cristã. Não aprofundei no contexto histórico e político do marxismo, mas, recomendarei algumas boas obras na seção *bibliografia* para que você possa adquiri-las e lê-las.

Comentário 16 – A esperança do cristão: o arrebatamento? Não, a ressurreição!

“A ressurreição é o alicerce da esperança do crente diante da morte”. (Franklin Ferreira)

Talvez a maioria daqueles que se consideram cristãos, tanto no Brasil quanto no resto do mundo, veja no *arrebatamento secreto* a principal fonte de esperança no que se refere ao encontro com Jesus no futuro depois que deixar este mundo. Para o cristão, neste mundo cósmico a vida é passageira, feita não somente de alegrias, mas, de dores e sofrimentos e no encontro com Cristo (vê-lo face a face) está o consolo para o coração do crente.

A questão é que acreditar que Jesus raptará a igreja da terra secretamente implica em um problema, algo que não condiz com o relato bíblico e que acaba causando confusão para muita gente. Conforme mencionei no capítulo sobre a *segunda vinda de Cristo*, não haverá *arrebatamento secreto* da igreja; essa é uma interpretação incorreta que o *dispensacionalismo* faz acerca da escatologia bíblica.

O *arrebatamento secreto* é uma ilusão que mais está para ficção de *Hollywood*; o cristão precisa entender que, em relação ao seu encontro com Cristo no futuro após ser revestido por um novo corpo, a promessa dEle nesse sentido é que isso ocorrerá no *dia da ressurreição* (João 5.28,29). A *Segunda Vinda* no final dos tempos será um evento único onde ocorrerá, concomitantemente, a *ressurreição* e o *juízo final*.

Desde o antigo testamento vamos encontrar referências que são claras a respeito do ensino da *ressurreição*. *Salmo 16.10, Oséias 6.2, Ezequiel 37.1-14, Isaías 26.13-19, Daniel 12.2 e Salmo 49.14 e 15* são alguns textos que confirmam isso. Vale salientar que nosso Senhor Jesus e os apóstolos, autores do novo testamento, afirmaram que o Antigo Testamento ensina a respeito da *ressurreição* (*Marcos 12.24-27; Atos 2.24-32; 13.32-37 e Hebreus 11.9*, por exemplo).

Já no Novo Testamento, a *ressurreição* foi uma das doutrinas mais tratadas, principalmente nos escritos do apóstolo Paulo (*1ª Coríntios 15.1-58; 2ª Coríntios 5.15-17 e 1ª Tessalonicenses 4.16*, por exemplo), sendo mencionada em quase todos os escritos (*Atos 1.22; 2.24, 32; 3.15; 13.29s; Hebreus 6; Hebreus 11.19,35; 1ª Pedro 1.3,4; 3.19 e Apocalipse 1.5; 5.9, 10; 20.5-15*). As Escrituras afirmam categoricamente que *Deus ressuscitará os mortos* (*Atos 26.8*). As palavras de Franklin Ferreira a respeito da *ressurreição* são bastante esclarecedoras. Ele diz: *“A realidade de nossa ressurreição é ensinada por dois fatos. O primeiro é que Jesus foi ressuscitado no mesmo corpo no qual Ele morreu. Em Lucas 23.39, vemos que Jesus não ressuscitou apenas na forma do espírito, mas fisicamente. O segundo é que nós teremos corpos iguais ao corpo de Cristo. Ele é “as primícias dos que dormem” (1ª Coríntios 15.21). A ressurreição implica uma continuidade*

entre o corpo físico que temos agora e o corpo que teremos no futuro. Os próprios santos martirizados serão incluídos na ressurreição (Apocalipse 20.5) e haverá mútuo reconhecimento (Mateus 8.11; Lucas 13.28). Quanto a outros benefícios que os crentes recebem de Cristo na ressurreição, o Breve Catecismo de Westminster (1647) afirma: 'Na ressurreição, os crentes, sendo ressuscitados em glória, serão publicamente reconhecidos e absolvidos no dia do juízo, e tornados perfeitamente felizes no pleno deleite de Deus, por toda a eternidade'. A continuidade entre o corpo presente e o futuro é também marcada por algumas mudanças. Mateus 22.30 diz que no céu seremos como os anjos, não casados. É discutível se isso quer dizer que não existirá macho e fêmea no céu, mas as relações sexuais não continuarão. O corpo ressuscitado de Cristo tinha o poder de aparecer de repente entre os discípulos (Lucas 24.36), mas era ainda um corpo físico (João 20.24-28). O corpo no estado futuro terá capacidades além daquelas que tem agora. O corpo será próprio para a existência celestial que teremos. Serão corpos perfeitos, sem corrupção, poderosos e gloriosos (1ª Coríntios 15.35-58). Estaremos livres das imperfeições e das necessidades que temos na terra. Em 1ª Coríntios 15.50, Paulo diz que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, mas isso não elimina a possibilidade de uma ressurreição física. O corpo pode ser diferente do que é agora e ainda ser composto de matéria física. Como o erudito puritano Richard Sibbes (1577-1635) disse: 'Deus prepara nossa alma aqui para possuir um corpo glorioso no porvir e preparará o corpo para receber uma alma gloriosa'. Também é importante dizer que todos os membros da Trindade estão envolvidos na ressurreição dos crentes. Em alguns casos, se diz simplesmente que Deus ressuscita os mortos, sem especificar nenhuma pessoa (Mateus 22.29; 2ª Co 1.9). Mas a ressurreição é também mencionada como obra do Pai por meio do Espírito Santo (Romanos 8.11). Mais particularmente, porém, a obra da ressurreição é atribuída ao Filho (João 5.21, 25, 28, 29; 6.38-40, 44, 54; 1ª Tessalonicenses 4.16), sendo destacado que há uma ligação especial entre a ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição (1ª Coríntios 15.12-14)."

Há algo importante que todo crente deve saber sobre a ressurreição: há dois tipos de ressurreição: a primeira e a segunda! O texto de Apocalipse 20 nos fala a esse respeito. O crente participa das duas enquanto o perdido não conhece a primeira ressurreição. Vamos entender como funciona: a primeira ressurreição é aquela que livra a pessoa da condenação eterna, é a ressurreição do espírito, acontece no momento em que o indivíduo crê em Jesus e é salvo. É chamada de primeira porque todo ser humano nasce morto espiritualmente em delitos e pecados e é necessário que nasça de novo. Ao nascer de novo, pela fé, o ser humano está ressuscitando para uma nova vida (Leia João 5.24 e 25, Romanos 6.13, Efésios 2.1-6). Como consequência da ressurreição espiritual, o crente passará pela ressurreição do corpo (João 5.28,29). Já para os

incrédulos e descrentes não haverá outra alternativa a não ser a *ressurreição do corpo* (a *segunda*), aquela pela qual todo ser humano passará, os justos para a glorificação e os ímpios para a condenação eterna.

Conforme descrito por João em seu evangelho, *no capítulo 5*, todos (justos e injustos) serão ressuscitados ao mesmo tempo e estarão de pé diante do trono. Da mesma forma, a *parábola do joio e do trigo*, registrada em *Mateus 13*, mesmo sendo associada à queda de Jerusalém no ano 70 d.C, pode também ser aplicada à separação que Deus fará entre os maus e os bons no final dos tempos, uma clara alusão à ressurreição física e final, ou seja, a segunda ressurreição. Leia também *Mateus 25.32*.

De acordo o comentário de Ronald Hanko: *“Aqueles que creem na ressurreição assim o fazem, não somente porque ela é prometida na Escritura e porque Cristo, em nossa carne, já ressuscitou (1ª Coríntios 15.19,20), mas também porque o poder da ressurreição já foi revelado neles. Eles já foram ressuscitados, na alma ou espírito, da morte espiritual pelo poder da ressurreição de Jesus Cristo, e estão esperando agora que Deus consuma essa obra ressuscitando-os: alma e corpo. A ressurreição já começou acontecer para eles! Há uma hora vindoura na qual os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e viverão (João 5.28,29), mas há uma hora que já chegou na qual os mortos ouvem sua voz através do evangelho e vivem nEle pela fé (João 5.25). tendo vivido por sua voz na hora da ressurreição espiritual, que é a regeneração, eles esperam agora pela hora da ressurreição corporal.*

A mensagem do *arrebatamento secreto* causa confusão, desesperança e frustração. Imagine, por exemplo, aquela pessoa que frequentava uma igreja evangélica nos anos 70 e ouvia os pregadores dizerem: “prepare-se porque Jesus está voltando, em breve acontecerá o arrebatamento!” Hoje, mais de três décadas depois, essa mesma pessoa entra em um templo evangélico apegado ao *dispensacionalismo* (ou seja, quase todos) e ouve a mesma coisa. Que crédito essa pessoa dará à nossa pregação? Como exigir que alguém nessa condição acredite nesse tipo de mensagem? Não podemos ser irresponsáveis ao ponto de transmitir esse tipo de ensino na mente das pessoas: um Jesus que há mais de dois mil anos disse que voltaria “em breve” e, este “em breve” nunca chega! Não faz sentido!

Qualquer expressão encontrada nas Escrituras onde Jesus declarou que viria “em breve” é uma referência direta à Sua vinda em juízo sobre todos aqueles que O traspassaram, fato que ocorreu no ano 70. O autor João Pedro Robalo, em seu artigo ‘*Jesus não irá voltar em breve*’ afirma o seguinte: *“passagens da Palavra deixam esta afirmação enfática e clara, que Jesus promete vir no mais breve curto espaço de tempo, como no livro do Apocalipse, referido pela expressão “cedo”. Kenneth L. Gentry Jr. Define esta palavra com o significado de: “Rapidamente”,*

“depressa”, “imediato” “agora”. Se Jesus está a deixar este aviso tão sério aos seus primeiros ouvintes, não será o mais correto aplicar este sentido de cedo, para cada época ou tempo que nos pareça mais apropriado. Antes, pelo contrário, devemos perceber em primeiro lugar, a quem estava esta carta sendo dirigida e quem o primeiro público alvo que foi destinada. Não será muito honesto a apropriação da frase e aplicá-la consoante o interesse de cada um ao momento que lhe parece mais sugestivo. Jesus escreveu primariamente para os cristãos de sete igrejas da Ásia, próximo do ano 70, preparando-os para as coisas que brevemente devem acontecer. (Ap.1.1.) Todo o teor desta carta deve subscrever-se à intenção original do autor, tanto em temporalidade como geográfico. Afinal, a minha afirmação inicial não será assim tão descabida quando a colocamos na análise crítica da revelação bíblica, em contraste com alguma tradição recente que nos quer fazer crer numa vinda eminente de Jesus cíclica em todas as décadas desde à século e meio para cá. Creio que Jesus voltará para a Sua igreja, será o momento mais importante da História depois da sua primeira vinda na plenitude dos tempos. Mas, quando se referiu à sua vinda “breve” não estava a prometer ou a exigir que em todas as épocas os cristãos vivessem manietados com uma inquietação de não poder desenvolver uma perspectiva transgeracional da implantação do reino de Deus na terra, porque não haveria tempo, tudo teria de ser feito com urgência e não valeria a pena investir em projetos de longo tempo; porque a Sua vinda estaria para breve. Este é o meu ponto principal: uma expectativa errada causa motivações erradas e interfere com tudo o que estamos a construir para o futuro. Cristãos que aguardam a eminência da vinda de Jesus a todo o momento não constroem um futuro, não semeiam com esperança e vivem sempre em sobressaltos.”

O irmão César Francisco Raymundo afirma que “pelo fato do tempo de Deus ser diferente do tempo humano, a grande maioria dos crentes evangélicos acreditam que quando a Bíblia diz que algo será “em breve”, este “breve” pode demorar milhares de anos do ponto de vista de Deus, o que é um grande equívoco, pois, quando Deus faz menção a espaço de tempo nas Escrituras Ele não usa pesos e medidas diferentes dos nossos. A profecia de João era para aquele tempo, para a época do apóstolo. Tal entendimento errado a respeito do trato de Deus para com os homens transmite-nos a ideia de que houve um atraso de dois mil anos na volta de Jesus.”

Portanto, esse tipo de mensagem que tanto é propagada em muitos púlpitos no sentido de que todos precisam estar em alerta e preparados para o arrebatamento secreto por conta dos “sinais proféticos” que estão se cumprindo e que a qualquer momento a besta emergirá do mar, o Anticristo subirá ao trono, e terá início à grande tribulação, não faz sentido algum, por mais bem intencionados que estejam esses pregadores. Interpretam incorretamente o texto de *Mateus 24*

associando os 'sinais do fim dos tempos', ali descritos, com acontecimentos recentes como as articulações da *União Europeia*, quebra das bolsas de valores em todo o mundo, a globalização, o avanço tecnológico, a clonagem de animais, os cataclismos naturais, a violência, entre outras coisas. A mensagem do evangelho não é uma mensagem de pessimismo a respeito do fim do mundo.

A verdade é que Cristo irá retornar à Terra um dia, em um futuro que não sabemos quando (*Atos 1.9 ao 11*). Neste grande dia haverá arrebatamento porque vai ter pessoas vivas na Terra (*1ª Coríntios 15.50 ao 57 / 1ª Tessalonicenses 4.13 ao 18*). Jesus vai encontrar uma Igreja viva e poderosa, que há de recebê-lo nos ares, como o grande Imperador do Universo, Rei dos reis, Senhor dos senhores. É por isso que este evento é chamado em grego de *parousia* (esta palavra era usada para definir a chegada triunfal de um imperador romano quando ele estava às portas, chegando de uma batalha ou de uma viagem, seu povo saía ao seu encontro para recebê-lo com vivas e júbilo). Do mesmo modo, quando nosso Senhor vier para assumir pessoalmente os reinos deste mundo, nós O receberemos nas nuvens com júbilo e gozo. Essa deve ser a nossa esperança: a *ressurreição do corpo* no grande dia da volta de Cristo ao mundo! Até lá, sigamos proclamando Seu reino, engajados na luta por um mundo mais justo e pregando a mensagem do *arrependimento*, não na base da pressão psicológica afirmando que nosso próximo deve se arrepender para não ser pego de surpresa por um tal raptó (que não acontecerá), mas, pregando o arrependimento pelo fato de que ele é uma necessidade para todo ser humano que deseja ser salvo e nascer de novo (Leia *1ª João 1.9 / Atos 3.19 / Mateus 3.8 / 2ª Crônicas 30.9 / Tiago 4.8 / Apocalipse 3.19 / Joel 2.13 / Ezequiel 18.32 / Lucas 5.32*).

Não deixe de ler: 'A verdade sobre o arrebatamento' (César Francisco Raymundo); 'Sem arrebatamento secreto' (Jonathan Welton); 'Em breve, de acordo Deus' (César Francisco Raymundo); - todos disponíveis em: revistacrista.org. Esses materiais são de suma importância para entendimento acerca do assunto.



Comentário 17 – “Rasgando” o *Antigo Testamento*

“Não é o que queremos ou sobre o que fomos ensinados que deve prevalecer, mas, sim, o que realmente é o significado das palavras contidas nas Escrituras!”

(César Raymundo Francisco)

Muitas pessoas, quando são confrontadas pelo fato de praticarem determinados costumes que são idênticos aos rituais que eram realizados na época da lei de Moisés e que são incentivados nos dias atuais por seus líderes religiosos, dizem que não há nada demais nisso e que o *antigo testamento* deveria ser rasgado, uma vez que as referidas práticas devem ser ignoradas. É uma forma de dizer que quem se posiciona contra o *dízimo*, o *uso do shofar*, a *guarda do sábado*, o *canto dos salmos*, a *celebração de festas judaicas*, o *uso de símbolos*, a *reverência ao líder como sacerdote*, o *templocentrismo*, a *utilização de termos como “casa do Senhor” e “levitas”*, os *atos proféticos*, *cerimoniais* e outras práticas inteiramente judaicas está desconsiderando a bíblia na sua totalidade.

Mesmo com tudo muito bem esclarecido em cada capítulo, meu propósito neste penúltimo comentário é fazer uma espécie de resumo mostrando para o leitor que o entendimento da maioria das questões que foram tratadas neste *ebook* passa diretamente pela compreensão de qual é a função do *antigo* e *novo* testamentos para o crente nascido de novo em Cristo Jesus. Quando alguém se propõe a ler as Escrituras precisa ter alguns cuidados que são imprescindíveis, e um destes, é saber qual a importância a *antiga aliança* teve no passado e em que consiste a *nova aliança*, ou seja, a atual.

Pois bem, quando alguém diz: “*então rasgue o velho testamento*”, penso que se trata de duas questões bem simples: para uns, essa fala funciona como uma “válvula de escape” pelo fato de não possuir argumento que refute quem contesta as *práticas judaizantes* na igreja, enquanto que, para outros, a referida expressão mostra que preferem viver condicionados e obedecer cegamente a tudo que é dito por seu “líder espiritual”. Mas, uma coisa é certa: nos dois casos é nítido que se trata de pessoas que desconhecem as Escrituras.

Como sempre externei ao longo desta obra, para a compreensão da Palavra de Deus é necessário que entendamos que há um “pano de fundo” a ser analisado por cada um dos sessenta e seis livros: *o que seus autores quiseram dizer e para quem estavam transmitindo a mensagem do livro*; portanto, *nem tudo que está escrito na bíblia, ainda que se trate de uma ordem direta de Deus, significa que deve se aplicar para a igreja*. Desse modo, não se trata de rasgar o velho testamento, mas, de compreender qual o seu propósito e em que sua mensagem se aplica à igreja de Cristo.

Então, qual a importância do *antigo testamento* para a igreja? De acordo o texto de *Colossenses 2.17*, o *antigo testamento* se refere a sombras das coisas que haviam de vir, ou seja, uma clara referência ao nosso Senhor Jesus. O *antigo testamento* apresenta figuras e tipos que apontam para a pessoa de Jesus Cristo. Jesus é o tema de *toda a Escritura*, não somente do novo testamento. A *lei* dada a Moisés incluía mandamentos e ordenanças que também eram representação do Cristo que viria para a nação de Israel. Cada oferta também remetia ao Filho de Deus, assim como os sacrifícios com derramamento de sangue que apontavam para o sangue do Cordeiro de Deus que seria derramado na cruz do calvário em prol do pecador que não podia ser salvo pela lei.

Também vale registrar que Jesus não veio para destruir a lei, mas, para cumprí-la (*Mateus cap. 5*). E mais: durante Seu ministério, o Mestre enfatizou a importância dos ensinamentos do antigo testamento (*Mateus 4.4,7,10 / Mateus 5.17, 18 / Mateus 22.29 / Mateus 12.40 / Mateus 24.37,38 / Marcos 13.19 / Mateus 23.35*).

Portanto, quando o bom obreiro, aquele que maneja bem a palavra, diz que não há mais sentido em se realizar práticas judaicas e que a lei não pode salvar, mas apenas revelar o pecado do homem e condená-lo, tal pessoa não está desprezando a primeira parte das Escrituras composta por 39 livros, antes, está reforçando sua importância e mostrando que, para uma clara compreensão acerca da missão do Messias, das boas novas de salvação e do papel da igreja na terra, o antigo testamento é tão importante quanto o primeiro.

O grande problema dos líderes que incentivam práticas judaizantes em suas denominações é que não entenderam ainda que a *lei* foi apenas um tutor para o homem no objetivo de conduzi-lo a Cristo. Não há mais sentido em se praticar costumes do *judaísmo*, mas, não é por causa disso que vamos concordar que o *antigo testamento* deve ser desprezado. Não sejamos ignorantes!

Alguns outros textos para análise: (*Romanos 6.14-15; 1 Coríntios 9.20-21; Gálatas 5.18; Lucas 16.16, Romanos 7.12*), *Mateus 22.37-40, Romanos 2.29, Atos capítulo 18*).

Comentário Final – Palavra do autor

(Tornei-me por acaso inimigo de vocês por estar dizendo a verdade?) Apóstolo Paulo

Quero agora me dirigir aos irmãos das instituições católicas, pentecostais e neopentecostais. Em boa parte dos comentários, duras críticas foram feitas às referidas denominações, todavia, o que abordei está relacionado à questão da liturgia, ensinamentos e doutrinas existentes em muitas dessas igrejas que vão de encontro às recomendações das Escrituras. Em nenhum momento critico a fé ou escolha pessoal dos irmãos.

Minha crítica recai, em especial, sobre as lideranças neopentecostais e aos mercadores da fé bastante conhecidos em território nacional. Não tenho nada contra as pessoas que frequentam esses ambientes. Mesmo diante das práticas voltadas para a tradição e misticismo, aqueles que são membros nestes templos as realizam por conta do ensinamento que lhes é passado, acreditam piamente que Deus está na direção daquilo que lhes é transmitido, e por falta de conhecimento e questionamento creem que estão agradando a Deus. Os líderes que conduzem pessoas a agirem dessa forma terão que acertar contas com o Pai Celestial. Deixo claro também que acredito que existem líderes que estão descobrindo as verdades do evangelho e são comprometidos com o mesmo; minha ideia não é generalizar, todavia, acredito também que esses líderes justos sofrem diante do regime estabelecido e pelo que lhes é imposto pelo sistema religioso, não podendo, portanto, atuarem na liberdade condizentes com o verdadeiro evangelho. Mas, é evidente que precisam se posicionar a favor da verdadeira prática cristã, nos moldes da doutrina de Cristo e dos apóstolos.

Mesmo diante de toda essa problemática, creio que há muitas pessoas verdadeiramente cristãs, alcançadas pelo Filho de Deus, salvas, e que fazem parte das diversas instituições religiosas espalhadas por aí, sejam pentecostais, neopentecostais ou de qualquer outro segmento. Até porque não é o fato de ser pentecostal, tradicional, adventista, dispensacionalista, pós-milenista, evangélico ou católico que vai fazer a diferença. *O que faz a diferença é se a pessoa realmente crê em Jesus como seu Salvador e persevera em Seu caminho, no caminho do amor.* Obviamente que existem muitas seitas religiosas e sociedades secretas por aí, claramente não cristãs: desde as que veem Cristo como um simples profeta até outras que escarnecem de nosso Senhor, como *grupos espíritas, Testemunhas de Jeová, Maçonaria, Gnósticos, Missão da luz divina*, entre outras. Já no caso de ambientes deste tipo acredito ser bastante complicado haver alguém verdadeiramente nascido de novo.

O que precisa ficar claro para o leitor diante de minhas colocações é que, ser um cristão de verdade independe de fazer parte desta ou daquela instituição, dar ou não dez por cento da renda mensal, possuir algum cargo, ser ou não batizado com água, ir a todos os cultos ou

não... De qualquer forma, acredito que muitos que pertencem à igreja de Cristo estão nestes ambientes: igrejas pentecostais, luteranas, presbiterianas, igreja na rua, culto em células, igreja nas casas ou mesmo entre aqueles que são vistos como desigrejados. O que faz a diferença é o conceito ou compreensão que o indivíduo tem sobre igreja, *sua postura no mundo* que comprova ou não ser ele um pequeno cristo e ter a mente de Cristo. a todos os pentecostais, neopentecostais e católicos, eu vos amo em Cristo Jesus, mas é minha função como filho de Deus expor a verdade. Sempre!

Outro ponto que quero tratar nesta última parte é a análise de algumas perguntas que talvez você esteja fazendo neste momento, como por exemplo: *'Então, qual a melhor forma de cultuar?'* – *'Qual a igreja certa?'* – *'Como deve ser a vida do cristão?'*

Penso que as respostas para essas indagações já estão claras ao longo do livro, mas, em resumo, eu coloco da seguinte forma: fazer parte da igreja de Cristo não significa, obrigatoriamente, fazer parte do sistema religioso. Como eu já disse, o importante é a postura e mentalidade. O ajuntamento é algo maravilhoso: render graças ao Criador em comunhão com os irmãos, aprender a Palavra de Deus, apresentar as necessidades em oração e celebrar ao nosso Senhor e Salvador Jesus são privilégios dos santos e, digo mais, é sim uma recomendação bíblica, pois, nosso Senhor declarou: *'onde tiver dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei presente!'*, contudo, isso não é possível acontecer apenas quando se faz parte de alguma instituição com CNPJ, com um regimento cheio de normas a serem cumpridas e que tenha um pastor presidente. No Brasil, existem hoje muitos irmãos que se reúnem em alguns formatos diferentes dos denominacionais, como igrejas orgânicas, congregados ao nome do Senhor e reunião em casas; esses três modelos nada têm a ver com a igreja institucional, como conhecemos e, particularmente, mesmo ainda fazendo parte de uma instituição denominacional, vejo esses modelos como os mais adequados ao padrão bíblico.

Os cristãos devem se reunir dentro da maior simplicidade possível como faziam os irmãos do passado: *sem clero, sem dogmas humanos, sem rituais, sem obrigatoriedades, sem entretenimentos, sem grandes oradores, sem tempocentrismo, sem adivinhações, sem eventos, sem nenhuma organização institucional por trás, sem judaísmos*, entre outras coisas do tipo. A verdade é que uma comunidade cristã não precisa de logomarcas, CNPJ, nome fantasia, metas, cargos, envolvimento político partidário, fundador, folha de pagamentos, funcionários, visão, critérios para incluir ou excluir, conta bancária, padrão visual, franquias, entre outras coisas dessa natureza. Tais características se encaixam mais para empresas do que para uma comunidade cristã.

Pois bem, o que acontece é que *Deus tem um povo, a Sua igreja*: todos os seus filhos nascidos de novo; lavados pelo precioso sangue do Cordeiro e destinados ao céu. Deus não tem mais um lugar no sentido terreno, como era Jerusalém, mas continua tendo um lugar: *"onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí, estou EU no meio deles"* (Mateus 18.20). Somente este lugar, onde Cristo é reconhecido, Sua Palavra é aceita e o *Seu Nome é o ÚNICO em evidência*, é o lugar que Deus coloca o Seu selo como sendo o Seu testemunho sobre a terra. Embora nem todos os cristãos do mundo se reúnam ao nome do Senhor, todos são representados na reunião de uma comunidade cristã compromissada, onde ali se dá testemunho da unidade e Deus é glorificado.

O Senhor conhece os que são seus e, qualquer que profere o nome de Cristo se aparta da iniquidade (leia 2ª Timóteo 2.19). Não é interessante dividir os filhos de Deus por diferentes nomes ou nos identificarmos com algum outro nome além do dEle ou ainda colocar algum homem dirigindo-nos em adoração. Devemos nos firmar na Verdade. O irmão Mário Persona diz o seguinte: "Toda essa confusão de igrejas, denominações e seitas que vemos no cristianismo é fruto da desobediência do homem. Cristo só tem uma Igreja, que é aquela que Ele comprou com Seu precioso sangue. E dela fazem parte todos os que verdadeiramente crêem. Mas o homem decidiu separar os crentes por nomes, doutrinas, líderes e costumes, criando suas próprias "igrejas" que são apenas para tristeza de Deus e escândalo para o mundo. Hoje temos um tabernáculo, um lugar para entrarmos e adorarmos a Deus. Mas qualquer cristão que considerar um edifício de pedra ou tijolo (um lugar físico, enfim) como sendo o lugar de adoração, está desprezando o que diz a Palavra de Deus; está até mesmo rebaixando o lugar de adoração. "Ora a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade, ministro do santuário, o qual o Senhor fundou, e não o homem... Tendo pois, irmãos ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é pela sua carne" (Hebreus. 8:1,2; 10:19,20). A Palavra nos exorta a sairmos a Cristo ou para estarmos com Cristo."

Em fim, essa obra foi escrita para você que se considera cristão, e meu propósito, por meio da mesma, foi o de mostrar-lhe as verdades *contidas nas Escrituras Sagradas*: questões que talvez você sempre interpretou de forma equivocada, todavia, por meio do que foi lhe apresentado aqui, você verá o outro lado da coisa, o lado correto; o *outro lado do evangelho* que nunca ninguém havia lhe mostrado.

Não precisamos de rótulos: batista, presbiteriano, assembleiano, pentecostal, católico, entre outros. A bandeira a ser defendida é a bandeira de Cristo. Viver o evangelho e ser cristão

é muito mais do que ir a uma igreja/templo. É estar em unidade com os irmãos, seja em casa, num lugar específico ou ainda prestando honra e gratidão ao Criador apenas em família, é perseverar na fé, é amar, é demonstrar o fruto do Espírito na vida.

O livro de *Atos dos apóstolos* faz menção dos bereanos (*cap. 17.11*), habitantes da macedônia, mais precisamente da cidade de Beréia, que foram visitados pelo apóstolo Paulo por volta de 52 d.C. Eles ganharam destaque na bíblia pelo fato de receberem a palavra de Deus com muita sede e por examinarem as Escrituras diariamente para ver se aquilo que os apóstolos pregavam estava realmente de acordo com as verdades da Palavra de Deus. Deixo o leitor à vontade para analisar, completar ou corrigir este trabalho, caso entenda ser necessário, desde que tudo seja feito tendo a Palavra de Deus como base. Encerro recomendando a você que leia e medite nas Escrituras constantemente. Edifique-se, persevere e honre ao Senhor Jesus cotidianamente através de sua vida!

Em Cristo Jesus: irmão Alexander.

Referências

Nicodemus, Augustus. **Apóstolos**, 2016.

Artigo: **A igreja é o corpo de Cristo, não a cabeça do mundo.** Em http://www.revistacrista.org/igreja_a_igreja_eo_corpo_de_cristo.htm#.XfF1kYnKgdV

Artigos de Frank Brito. Disponível em: www.catequesepresbiteriana.com

Bíblia Sagrada. Bíblia Sagrada versão King James – Editora Fiel.

ebooks e artigos diversos sobre pós-milenismo, preterismo e escatologia bíblica em geral, em revistacrista.org.

<https://www.gospelprime.com.br/milionarios-da-fe-conheca-os-pastores-mais-ricos-dos-estados-unidos/>

<https://youtu.be/P0kP4soTXso> - Silas Malafaia - antes e depois.

Imagens da internet: Em: www.google.com.br

Kengor, Paul. **Manual politicamente incorreto do comunismo**, 2017.

Libardi, Rafael. **Sorria você está sendo enganado**, 2017.

Nascimento, Tiago. **A verdade sobre o cristianismo**, 2015.

Raymundo, César Francisco - **Comentário Preterista sobre o Apocalipse** – Disponível em www.revistacrista.org

Reflexões de Mário Persona. Em: <https://www.3minutos.net/>

Sobre as figuras de linguagem na bíblia: <https://www.repensandoafe.com.br/news/exegese-figuras-de-linguagem/> e <http://pregandoaverdadeirafe.blogspot.com/2013/04/figuras-de-linguagem-na-biblia.html>

Taylor, Ross. A. **Uma breve introdução ao Preterismo**. Em: <http://www.revistacrista.org/>

Sobre o autor



Alexsander Joaquim de Oliveira, professor, é casado com Marli Silva, pai de dois filhos: Joabe e César. Nasceu em São Paulo - SP, em 1980.

Concluiu o Ensino Magistério em 1999. Formado em Letras – Língua Portuguesa, com Especializações em Letras – Língua Portuguesa e Coordenação Pedagógica. Além de outros títulos na área educacional, Alexsander também possui cursos no ramo da Teologia.

É cristão, conservador, seguidor da *Doutrina de Jesus Cristo e dos apóstolos*, possui aversão à religiosidade e entende que, para se alcançar o favor de Deus, nenhum tipo de sacrifício é necessário, apenas a fé em Seu Filho e Salvador, Jesus. Entende que a base para a compreensão a respeito do Criador e Sua vontade se encontra na interpretação correta das Sagradas Escrituras, a bíblia interpretando a própria bíblia.

Atua como docente na pequena cidade de Ibipitanga, no interior baiano. Trabalhou em diversos colégios do referido município, Câmara de vereadores e Secretaria de Educação. Como profissional da educação, seu objetivo maior é fazer com que seus alunos se desenvolvam no tocante aos pilares básicos e primordiais no contexto escolar: que adquiram conhecimentos e habilidades que lhe permitam viver bem, que se tornem cidadãos capazes, críticos, questionadores e de intelecto aguçado.

Atualmente, tem procurado se aperfeiçoar como escritor, atuando na área da pesquisa e informação, sendo este seu segundo *e-book*. O primeiro foi '*O que estão fazendo com a Educação?*', publicado em 2018.



Alexsander e família.